

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

PERAMBULAÇÕES DE JOÃO GRILO:
DO PÍCARO LUSITANO AO MALANDRO BRASILEIRO, AS PERIPÉCIAS DO
(ANTI-)HERÓI POPULAR

TOMO II

JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO

PORTO ALEGRE
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO

PERAMBULAÇÕES DE JOÃO GRILO:
DO PÍCARO LUSITANO AO MALANDRO BRASILEIRO, AS PERIPÉCIAS DO
(ANTI-)HERÓI POPULAR

TOMO II

PORTO ALEGRE

2014

JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO

PERAMBULANÇAS DE JOÃO GRILO:
DO PÍCARO LUSITANO AO MALANDRO BRASILEIRO, AS PERIPÉCIAS DO
(ANTI-)HERÓI POPULAR

TOMO II

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a UNEB – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

Orientador: Prof. Dr. RICARDO ARAÚJO BARBERENA

Porto Alegre

2014

APÊNDICES

[...]
Além da ponte / Eu vejo um mundo encantado
Com mil estórias e caminhos / Pra seguir
Por isso / Vou me embrenhar no meio do mundo
Trilhar caminhos / Que sempre desconheci
Fechar os olhos da razão / Por um segundo
Viver a vida sem ter regras / E seguir
(*Além da ponte*, Marcone Melo)



Crédito da imagem: Charleandro Machado.

1 DADOS BIOBIBLIOGRÁFICOS DOS AUTORES

1.1 Autores lusitanos

1.1.1 Adolfo Coelho¹

Francisco Adolfo Coelho nasceu em Coimbra, em 15 de janeiro de 1847 e morreu em Carcavelos, em 9 de fevereiro de 1919. Foi pedagogo, filólogo e escritor. Ministrou aulas de Filologia Românica Comparada e Filologia Portuguesa no Curso Superior de Letras da Universidade de Lisboa. Criou e dirigiu a Escola Primária Superior de Rodrigues Sampaio. Defendeu, em uma série de conferências, a separação entre Igreja e Estado, a fim de que houvesse a liberdade de expressão. Colaborou em diversas revistas e periódicos, como *O Pantheon* e *Serões*. Iniciou e desenvolveu os estudos de Etnografia e da Antropologia em solo português. Organizou a primeira coletânea de contos populares lusitanos, *Os contos populares portugueses* (1879). São de sua autoria: *Materiais para o estudo das festas, crenças e costumes populares portugueses* (1880); bem como *Jogos e rimas infantis* (1883).

1.1.2 Alda e Paulo Soromenho²

Paulo Gustavo Caratão Soromenho nasceu em Lisboa, em 16 de novembro de 1912, e faleceu na mesma cidade, em 14 de janeiro de 1985. Licenciou-se em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa e fundou e dirigiu estabelecimentos particulares de ensino. Foi catedrático do Ensino Superior e Investigador de Antropologia Cultural da Faculdade de Letras de Lisboa. Discípulo de Leite de Vasconcelos, juntamente com sua esposa, a etnóloga Alda da Silva Soromenho, pesquisou a cultura tradicional lusitana. Juntos, atuaram também como críticos literários e publicaram uma vasta obra acerca da cultura popular, a saber: *Etnografia portuguesa de Leite de Vasconcelos* – vol. IV a vol. X (entre 1958 e 1985); *A organização da sociedade segundo os contos populares* (1960); *Contos populares e lendas* (1964 e 1969); *Da importância dos contos populares* (1983); e *Classificação das entidades míticas* (1981), dentre outros textos.

¹ Fonte: <<http://www.jornallivre.com.br>>.

² Fonte: <<http://www.olivenca.org>>.

1.1.3 Ana de Castro Osório³

Nascida em Mangualde, em 18 de junho de 1872, foi em Setúbal que iniciou a carreira política e literária. Mesmo sem ter frequentado o ensino formal, lança a coletânea infantil *Colecção para crianças* (1897), tornando-a conhecida internacionalmente. Publicou, ainda, a *Biblioteca infantil ilustrada* (1897), com 18 volumes, quando pretendia criar uma literatura infantil de carácter nacional. Em sua carreira literária, fez recolha de contos orais e traduziu obras de escritores estrangeiros, como os irmãos Grimm, C. Perrault e H. C. Andersen. Enveredou pelo teatro infantil, lançando a peça *A comédia de Lili* (1903). Atuou como jornalista, publicando artigos sobre o mundo infantil, mas também sobre o papel da mulher e sua luta por igualdade na sociedade. Faleceu em Lisboa, em 23 de março de 1935, com 62 anos de idade.

1.1.4 António Sérgio⁴

António Sérgio de Sousa Júnior foi um escritor, pensador e pedagogo, nasceu em Damão, antiga Índia Portuguesa, em 3 de setembro de 1883, e faleceu em Lisboa, em 24 de janeiro de 1969. Em sua obra, discute a Teoria do Conhecimento, a Filosofia Política e a Filosofia da Educação e da História. Formado em Engenharia, adentrou no mundo da política, tornando-se um democrata. Trabalhou em prol de uma profunda reforma na educação em Portugal, com o advento da proclamação da República, sendo um dos fundadores da Renascença Portuguesa. Criou e dirigiu várias revistas, como *Pela Grei* (1918). De suas obras mais importantes, destacam-se: *Educação cívica* (1915); e *Ensaios* (1920-1958), em oito volumes.

1.1.5 António Torrado⁵

António Torrado nasceu em 1939, na cidade de Lisboa. Licenciou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra. Sua primeira publicação foi aos 18 anos de idade. É escritor, pedagogo, jornalista, editor, produtor e argumentista para televisão. Ministra a disciplina Escrita dramática na Escola Superior de Teatro e Cinema. Possui uma vasta obra no campo

³ Fonte: <<http://egraovascocentrep.blogspot.com.br>>.

⁴ Fonte: <<http://www.bibliotecaantoniosergio.pt>>.

⁵ Fonte: <<http://www.portaldaliteratura.com>>.

da literatura infantil, sendo bastante respeitado. A literatura popular e o humor são fortes influências em sua obra. São algumas das suas principais obras: *A chave do castelo azul* (1969); *Hoje há palhaços* (1977); *O tabuleiro das surpresas* (1981); *O livro das sete cores* (1983); *Uma história em quadradinhos* (1989); e *A donzela guerreira* (1996).

1.1.6 Ataíde de Oliveira⁶

Francisco Xavier d'Athaide Oliveira é natural de Algoz, tendo nascido em 02 de outubro de 1843. Seu falecimento data de 26 de outubro de 1915, em Loulé. Aos 17 anos, matricula-se no Seminário de São José do Faro, a fim de estudar Retórica e Física, e, aos 19, inicia o curso eclesiástico. Aos 25 anos, recebe a Ordem do Presbítero. Em 1869, inicia os estudos em dois cursos, Direito e Teologia, na Universidade de Coimbra, tornando-se bacharel em ambos no ano de 1872. Em 31 de março de 1889, funda o jornal *O algarvio*. Em 1897, aos 53 anos, publica *Contos infantis*. Em seguida, lançou *Contos tradicionais do Algarve I* (1900), *Contos tradicionais do Algarve II* (1905), *O cancionero e romanceiro do Algarve* (1905), e *História eclesiástica do bispado do Algarve* (1908), dentre outras obras.

1.1.7 Consiglieri Pedroso⁷

Zófimo José Consiglieri Pedroso Gomes da Silva nasceu em Lisboa, em 10 de março de 1851, e faleceu em Sintra, em 3 de setembro de 1910. Formou-se em Letras e tornou-se professor catedrático e diretor do Curso Superior de Letras de Lisboa. Poliglota, afirmou-se como etnógrafo, político, escritor e filólogo. No século XIX, foi um dos mais importantes nomes da Etnografia portuguesa. Publicou: *A constituição da família primitiva* (1878); em seguida, *Tradições populares portuguesas* (1883); e obras dedicadas às tradições populares lusitanas, como *Contos populares portugueses colhidos da tradição oral* (1895-1897) e *Contos populares portugueses* (1910).

⁶ Fonte: <<http://www.in-faro.com>>.

⁷ Fonte: <<http://www.matrizpci.dgpc.pt>>.

1.1.8 Glória Bastos⁸

Docente no Departamento de Educação e Ensino à Distância da Universidade Aberta, cursou o doutorado em Estudos Portugueses, com o trabalho *Múltiplas vozes*, que discutia a relação indivíduo/sociedade no teatro infantil. É membro do Conselho Científico do Plano Nacional de Leitura. Estão entre as suas publicações: *A escrita para crianças em Portugal no século XIX* (1997), livro de ensaios; *Literatura infantil e juvenil* (1999); *O teatro para crianças em Portugal: história e crítica* (2006); e *O teatro em Lisboa no tempo da primeira república* (2004).

1.1.9 Leite de Vasconcelos⁹

Museólogo, arqueólogo, etnógrafo, médico, filólogo e professor universitário, José Leite de Vasconcelos Pereira de Melo é natural da aldeia de Ucanha do Concelho de Tarouca, onde nasceu em 7 de julho de 1858. Viveu a infância e a adolescência na zona rural, mas era de família aristocrata. Durante o curso de Medicina, publicou seus primeiros livros *Tradições populares de Portugal* (1882) e *Portugal pré-histórico* (1885). Em 1888, assume o cargo de conservador da Biblioteca Nacional. Lecionou Numismática e Filosofia, doutorando-se em Filologia em 1901, pela Universidade de Paris. Contribuiu sobremaneira para a fundação do Museu Etnográfico Português, que, em 1929, passou a levar seu nome como forma de homenageá-lo pelas suas pesquisas no âmbito cultural. Faleceu em Lisboa, em 17 de maio de 1941.

1.1.10 Teófilo Braga¹⁰

Nascido em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, no Arquipélago dos Açores, em 24 de fevereiro de 1843, Joaquim Teófilo Fernandes Braga atuou nos jornais *A Ilha*, *O Meteoro* e *O Santelmo*. Já em Coimbra, inicia os estudos de Teologia, posteriormente substituídos pelo curso de Direito. Em 1872, torna-se docente da disciplina Literaturas Modernas do Curso Superior de Letras. Envereda pela política, elegendo-se deputado federal e presidente provisório da República, exercendo o cargo entre 29 de maio de 1915 e 4 de agosto do mesmo

⁸ Fonte: <<http://www2.uab.pt>>.

⁹ Fonte: <<http://sigarra.up.pt>>.

¹⁰ Fonte: <<http://www.presidencia.pt>>.

ano, mas governando até 5 de outubro, quando foi substituído. Faleceu no seu gabinete de trabalho, em 28 de janeiro de 1924. Possui uma vasta obra, da qual se destacam: *História da poesia popular portuguesa* (1867); *Romanceiro geral e cancionero popular* (1867); *Contos tradicionais do povo português* (1883); *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições* (1885) e *história da poesia moderna em Portugal* (1869).

1.2 Autores brasileiros

1.2.1 Abraão Batista¹¹

Nasceu em Juazeiro do Norte, Ceará, em 4 de abril de 1935. É poeta e xilogravador de renome. Farmacêutico de profissão, iniciou sua produção de folhetos em 1968, juntamente com a arte da xilogravura. É fundador do Centro de Cultura Mestre Noza e da Associação dos Artesãos do Padre Cícero. Viaja por todo o país, ministrando palestras sobre a cultura popular. São seus títulos: *O homem que deixou a mulher para viver com uma jumenta* (1978); *Conversa da caipora com o Saci Pererê* (1992) e *A anatomia do frevo* (2006), dentre os mais de 200 que publicou. Para esta tese, Abraão Batista cedeu o uso de sua xilogravura sobre João Grilo.

1.2.2 Antonio Lucena¹²

Poeta, cordelista e xilogravurista, Antonio Lucena reside em Campina Grande, Paraíba. Nasceu em 6 de novembro de 1931. Suas obras possuem um tom bem humorado e uma temática que se aproxima do maravilhoso. Foi o autor das xilogravuras para a série *O Auto da Compadecida* (1999), da Rede Globo. São suas publicações: *O sabiá da palmeira* (s.d.) e *As proezas de João Grilo Neto* (2003).

1.2.3 Antônio Pauferro da Silva¹³

O cordelista Antonio Manoel da Silva é também conhecido como Antonio Pauferro da Silva e Antonio Pauferro. Nasceu em Viçosa, Alagoas, em 1957. São suas principais obras: *O*

¹¹ Fonte: <www.onordeste.com>.

¹² Fonte: <www.sbpcnet.org.br>.

¹³ Fonte: Almeida e Sobrinho (1978).

satélite russo ou o disco voador visto em Maceió (s.d.); *A voz de Frei Damião e a carestia de hoje* (s.d.); *As perguntas do rei e as respostas de João Grilo* (s.d.); e *O valente sertanejo João Perigoso* (s.d.).

1.2.4 Arievaldo Viana Lima¹⁴

Nascido em Quixeramobim, em 18 de setembro de 1967, Arievaldo Viana é o criador do projeto *Acorda Cordel na Sala de Aula*, que usa a poesia popular como meio de alfabetização de jovens e adultos. Em 2000, passou a integrar a ABLC. Com uma produção bastante intensa, destacam-se os títulos: *Luiz Gonzaga: o rei do baião* (2012); *Peleja de Zé Limeira com Zé Ramalho da Paraíba* (2000); *Romance de Luzia Homem* (s.d.); *Um pagode no inferno ou a nova loura do cão* (1999); *O príncipe Natan e o cavalo mandingueiro* (2000); e *Galope para Patativa e Castro Alves* (2002).

1.2.5 Câmara Cascudo¹⁵

Luís da Câmara Cascudo nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 30 de dezembro de 1898. Fez seus estudos no Atheneu Norte Riograndense, cursou Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, mas desistiu por falta de vocação, abraçando a carreira de Direito, quando se formou em 1928, em Recife. Atuou como jornalista em diversos periódicos. Estreou como escritor, com a obra *Versos reunidos* (1920). Mas o primeiro livro integralmente seu foi *Alma patricia* (1921). Publicou mais de 200 livros, deixando explícita sua predileção pela Etnologia e pelo Folclore. Estão entre as suas publicações: *Dicionário do folclore brasileiro* (1952); *Vaqueiros e cantadores* (1939); *Contos tradicionais do Brasil* (1946); *Lendas brasileiras* (1945); *Geografia dos mitos brasileiros* (1947); *Jangada* (1957); *Ensaio da etnografia brasileira* (1971); e *Religião do povo* (1974). Realizou inúmeras palestras no Brasil e no exterior e viajou à África para realizar pesquisas. Morreu em 30 de julho de 1986.

¹⁴ Fonte: <www.onordeste.com>.

¹⁵ Fonte: <www.kantabrasil.com.br>.

1.2.6 César Obeid¹⁶

César Obeid nasceu na capital paulista, no ano de 1974. Já fora laureado como autor, escritor, educador e contador de histórias. Por todo o país, divulga a literatura infanto-juvenil em seminários, palestras. Foi o escritor homenageado, em 2010, no evento Fazer Literário, em Catanduva, São Paulo. São suas publicações: *Minhas rimas de cordel* (2005); *Rimas juninas* (2012); *Mitos brasileiros em cordel* (2008); e *Criança poeta* (2011), dentre outros.

1.2.7 Charleandro Machado¹⁷

Natural de Irecê, Bahia, Charleandro Machado nasceu em 04 de outubro de 1988. Graduado em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da UFBA, atua como professor de Artes no Ensino Fundamental I e II, no Ensino Médio e ministra aulas de História da Arte em cursinho Pré-Vestibular. Em seu currículo, constam oficinas de xilogravura, ofertadas a um público variado. Seu trabalho dialoga com temas regionais, utilizando as mais diversas técnicas, desde a pintura, passando pela escultura até a gravura. Ainda possui trabalhos na área do teatro e da música. O artista confeccionou duas xilogravuras inéditas para esta pesquisa.

1.2.8 Dante¹⁸

Antonio Dante Rocha Feitosa, o Dante, nasceu em Morpará, Bahia, em 22 de setembro de 1974, mas se mudou ainda bebê para Xique-Xique, Bahia, onde reside até hoje, às margens do Rio São Francisco. Casado e pai de uma filha, trabalha com pintura, confecção de painéis e letreiros. Desde jovem, é fã de história em quadrinhos, tendo, inclusive, um personagem de sua criação: o Lino Boy. É autodidata nas artes, criando tirinhas e desenhos. Dante foi responsável pelo quadrinho inédito e uma arte sobre João Grilo, ambos criados para esta tese.

¹⁶ Fonte: <joaopedrolaktin.blogspot.com.br>.

¹⁷ Fonte: O próprio artista.

¹⁸ Fonte: O próprio artista.

1.2.9 Doizinho Quental¹⁹

Francisco Leite Quental, o Doizinho Quental, é natural de Brejo Santo, Ceará, tendo nascido em 06 de agosto de 1946. Autor de diversos contos infantis, como *A canção dos pássaros* (s.d.), *Chico Buriti* (s.d.), *Zé Calixto* e *As lições da floresta* (s.d.), dedicou-se também ao estudo do folclore e do cangaço. Publicou os folhetos *O professor Sabe-Tudo e as respostas de João Grilo* (2009), *As crianças do Brasil conhecendo a natureza* (2012) e *Abram todas as gaiolas* (s.d.), dentre outros títulos.

1.2.10 Doralice Alcoforado²⁰

Doralice Fernandes Xavier Alcoforado é natural de Jequié, Bahia. Nascida em 21 de setembro de 1937, fez a graduação em Letras Neolatinas na UFBA, em 1963. cursou o doutorado na UFPB, defendendo o trabalho *As Belas baianas: o feminino no conto popular* (1997). Atuou como docente no curso de Letras da UFBA, onde, juntamente com Maria del Rosário Suarez Albán, criou e coordenou o Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular, com o intuito de recolher as manifestações da literatura popular no estado da Bahia. Contribuiu com a criação do GTLOP – GT de Literatura Oral e Popular, da ANPOLL, tornando-se a coordenadora para o biênio 1988-89. Também criou o projeto *Romanceiro Tradicional em Salvador*, ampliado para *Em busca do romanceiro*, quando a recolha de material expandiu-se para o interior do estado. Deixou publicadas as obras: *A escritura e a voz* (1990), *Contos populares brasileiros: Bahia* (2002) e *O romanceiro ibérico na Bahia* (1996), com Albán; *Histórias do fundo do baú* (2005) e *Contos de Dona Esmeralda* (1998), com Edil Costa, docente e pesquisadora da UNEB; dentre outros. Faleceu em 29 de novembro de 2007.

1.2.11 Enéias Tavares dos Santos²¹

Nasceu em Marechal Deodoro, Alagoas, em 22 de novembro de 1931. Filho de agricultores, não completou o ensino primário. Adulto, estudou música, desenho e pintura. É autodidata na arte da xilogravura. Teve contato com a literatura de cordel na Bahia, em 1947,

¹⁹ Fonte: <www.kantabrasil.com.br>.

²⁰ Fonte: <<http://www.uel.br/revistas/boitata>>.

²¹ Fonte: Santos (2009).

tornando-se folheteiro em seu retorno a Alagoas. Seu primeiro livro, *O cavalo Ventania*, foi publicado em 1953. E até 1973, trabalhou como servente do Conservatório de Música de Sergipe. Entre seus títulos, destacam-se: *A recompensa do Diabo* (s.d.); *O prêmio da consciência* (2013); *O homem que pagou a promessa enganando o santo* (s.d.); *O rapaz que deseja ser cachorro* (s.d.); e *A verdadeira história de Chico Xavier* (2010).

1.2.12 Gonçalo Ferreira da Silva²²

Nascido em Ipu, Ceará, em 20 de dezembro de 1937, Gonçalo Ferreira da Silva muda-se para o Rio de Janeiro aos quatorze anos. Em 1963, publica seu primeiro livro, *Um resto de Razão*, uma coletânea de contos nordestinos. Em 1978, inicia sua produção de folhetos de cordel e, em 1982, lança *A lamentação dos poetas na morte de Sebastião Nunes Batista*, como homenagem ao pesquisador da cultura popular que havia morrido. Sua obra possui uma temática variada, trazendo a cultura do sertão, mas também falando de política, biografia e fatos históricos. Presidiu a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. São suas principais publicações: *Um grande exemplo de Jesus* (s.d.); *As bravuras de Justino pelo amor de Teresinha* (1999); *Emissários do inferno na terra da promessa* (s.d.); *Lampião, o capitão do Cangaço* (1983); e *Florilégios da literatura de cordel* (1999).

1.2.13 Ivan Bichara²³

Nascido no município de Cajazeiras, Paraíba, em 24 de maio de 1918, Ivan Bichara Sobreira muda-se para João Pessoa em 1936, onde trabalha como revisor do jornal *A imprensa*. Inicia seus estudos em Direito em 1941, depois transferindo o curso para Recife – Pernambuco, quando se diploma em Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Escola de Recife. Em 1946, é eleito deputado estadual pela UDN, reelegendo-se, para o mesmo cargo, em 1950. Em 1951, ensina Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia e Letras. É professor catedrático de Direito Internacional Público na Faculdade de Direito da Paraíba, que ajudou a fundar. Em 1955, é eleito deputado federal. Publicou o ensaio *O romance de José Lins do Rego* (1971) e o livro *José Vieira e os caminhos do seu romance* (1980). Reside no Rio de Janeiro, onde escreveu o romance *Carcará* (1988) em seu sítio, em Itaipava. É membro da Academia Paraibana de Letras e da Associação Paraibana de Imprensa.

²² Fonte: <www.casaruibarbosa.gov.br>.

²³ Fonte: Bichara (1988).

1.2.14 João Ferreira de Lima²⁴

João Ferreira de Lima é natural de São José do Egito, Pernambuco. Residiu também em Caruaru. Sua obra tem temática variada. Publicou *As palhaçadas de João Grilo* que, em 1948, foi ampliado com o título de *Proezas de João Grilo*. Além de poeta, enveredou-se pelo campo da astrologia. Entre suas publicações, destacam-se: *o Almanaque de Pernambuco* (1936) e *Peleja de João Athayde com João Lima* (1921).

1.2.15 José Anchieta Dantas Araújo, o Zé do Jati²⁵

José Anchieta Dantas Júnior nasceu em Jati, Ceará, em 1956, mas se mudou para São Paulo aos 20 anos. Em 1980, retorna para o Ceará, residindo em Fortaleza, onde publica seu primeiro livro, *Nós e a Metrópole*. Posteriormente, lançou *Passageiro do Tempo* (1988) e *Rancho Nova Esperança* (2002). É comediante, tendo atuado no programa *Nas garras da patrulha*, da TV Diário, quando criou o personagem Zé do Jati, depois, apropriando-se desse nome para assinar seus folhetos, como *João Grilo e o capitão do navio* (1992), *O testamento de Zé do Jati* (s.d.), *A geografia da mulher* (s.d.), *Seu Lunga, o campeão do mau humor* (s.d.) e *Chifre é coisa do passado pro homem informatizado* (s.d.).

1.2.16 José Costa Leite²⁶

José Costa Leite é natural de Sapé, Paraíba, tendo nascido em 27 de julho de 1927. Escreve folhetos desde os 20 anos, e também exerce a arte de xilógrafo. Dentre suas obras, destacam-se: *A filha que matou o pai por causa de uma pitomba* (s.d.); *A vida de João Malasarte* (s.d.); e *O conselho da mocidade* (s.d.).

1.2.17 Klévisson Viana²⁷

Klévisson Viana, natural de Quixeramobim, Ceará, é um dos maiores expoentes da literatura de cordel contemporânea. Nascido em 1972, é cartunista, poeta, editor, ilustrador e agitador cultural. Fundou a Tupynanquim, editora que divulga os autores e textos da cultura

²⁴ Fonte: Lima (1979). Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel>>.

²⁵ Fonte: <<http://www.faelce.com.br>>.

²⁶ Fonte: <www.ablc.com.br>.

²⁷ Fonte: Haurélio (2013).

popular. Preside a AESTROFE. São de sua autoria textos infanto-juvenis e diversos folhetos, como: *Os miseráveis em cordel* (2008); *O romance da quenga que matou o delegado* (2001); *Pedro Malasartes e o urubu adivinhão* (s.d.); *O príncipe do Oriente e o pássaro misterioso* (2000); e *As proezas de Mata-Sete* (s.d.).

1.2.18 Marco Haurélio²⁸

Marcus Haurélio Fernandes Farias nasceu em Riacho de Santana, sertão da Bahia, em 5 de julho de 1974. Desde pequeno, convive com o universo do cordel por influência da sua avó Luzia. Tenta escrever seu primeiro folheto aos seis, sob a luz do candeeiro. Muda-se, em seguida, para Igaporã e, depois, para Serra do Ramalho. Ainda residiu em Bom Jesus da Lapa antes de fixar residência em São Paulo, na década de 1990. No entanto, regressa à Bahia, onde iniciou o curso de Letras na UNEB, *Campus VI*, Caetité. Em 2007, foi eleito para a ABLC. É autor de diversas obras literárias e de crítica, tornando-se um dos maiores divulgadores da cultura popular brasileira. Destacam-se aqui: *A lenda do saci-pererê* (2009); *Traquinagens de João Grilo em cordel* (2009); *Meus romances de cordel* (2010); *Breve história da literatura de cordel* (2010); *Contos folclóricos brasileiros* (2010); *Contos e fábulas do Brasil* (2011); e *Presepadas de Chicó e astúcias de João Grilo* (2007), dentre outras.

1.2.19 Maria del Rosário Albán²⁹

Maria del Rosário Suárez Albán é graduada em Letras Vernáculas pela UFBA, onde também concluiu o mestrado em Língua Portuguesa, com o trabalho *Desempenho Linguístico de Imigrantes Galegos na Bahia* (1979). Na UFBA, atuou como Coordenadora do Centro de Estudos da Língua e Cultura Galega na Bahia, ministrou cursos de extensão com enfoque em Memória Cultural e desenvolveu projetos de pesquisa, como: *Bahia: representação linguística da diversidade cultural* e *Novos caminhos do contar: a diversidade na linguagem*. Estão entre as suas publicações: *Manual de pesquisa de romances tradicionais* (1998); *Contos populares do Brasil: Bahia* (2001); e *Romanceiro Ibérico na Bahia* (1996), com Alcoforado.

²⁸ Fonte: Haurélio (2013, 2010, 2005).

²⁹ Fonte: <<http://buscatextual.cnpq.br>>.

1.2.20 Paulo Nunes Baptista³⁰

Natural de João Pessoa, Paraíba. Nascido em 02 de agosto de 1924, é filho do famoso cordelista Francisco das Chagas Batista. Residiu em diversos estados, como Alagoas, Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, mas se radicou em Anápolis, Goiás. Em 1977, formou-se em Direito, na Faculdade de Direito de Anápolis. Publicou quase duas centenas de obras, dentre estas: *Cantigas de paz* (1971); *Luz em cordel* (2005); *ABCs espíritas e outros ABCÊs* (2007); *O Cordel iluminado* (1991); *Carlos Drummond de Andrade e outros abecês* (1986); *O sal do tempo* (1996); e *Sonetos seletos* (2005).

1.2.21 Pedro Monteiro³¹

Nasceu em 1956, em Campo Maior, Piauí. Filho de lavradores, Pedro Monteiro teve uma infância em contato com os causos do sertão nordestino. Aos dezessete anos, mudou-se para São Paulo, morando na periferia da capital, no Bairro Cidade Tiradentes, onde se envolveu em movimentos sociais. É ator de teatro e poeta popular, divulgando a cultura do cordel. Atuou nas peças *Saúde! Salve-se quem puder* (s.d.) e em *Danação* (s.d.). Preside o Instituto Leandro Gomes de Barros e é um dos fundadores da Caravana do Cordel. São suas principais publicações: *Chicó, o menino das cem mentiras* (2009); *João Grilo, um presepeiro no palácio* (2011); *O triunfo do poeta no reino do cafunó* (2011); e *A volta ao mundo em oitenta dias em cordel* (2014).

1.2.22 Pedro Paulo Paulino³²

Nasceu em Vila Campos, zona rural de Canindé, Ceará, no dia 3 de setembro de 1967, filho de agricultores. Logo que foi alfabetizado, seu primeiro contato com a leitura foi por meio de folhetos de cordel que seu pai comprava na feira. Ainda muito jovem, revelou vocação para fazer versos, escrevendo cordéis sobre costumes locais, tipos populares e de circunstância. Publicou seus primeiros trabalhos no jornal católico *O Santuário*, editado em Canindé. Desde então, começou a ganhar popularidade como poeta cordelista. Tem participação em diversas publicações do gênero, especialmente no livro *O baú da gaiatice* (1999-2012), 1ª e 2ª edições;

³⁰ Fonte: <<http://academiagoianadeletras.org>>.

³¹ Fontes: <<http://acorda.net.br>>; Haurélio (2012).

³² Fonte: O próprio autor.

S. Francisco Canindé na Literatura de Cordel (2002), de Arievaldo Viana; *Gênios da cantoria* (2004), de Wanderley Pereira e Geraldo Amancio; e ainda em jornais e revistas, além de vários folhetos de sua autoria já publicados. Tem efetiva cooperação em trabalhos, em favor da revitalização da Literatura de Cordel, ao lado de outros escritores. É diagramador e redator com trajetória na imprensa interiorana. Atualmente, é servidor público da prefeitura de Canindé. Entre suas obras, podem ser citadas as crônicas: *Mandacaru, o girassol do sertão* (2013); *Era uma vez o saci* (2011); e *O baú do século* (2011). Também publicou sonetos, como: *Sexta-feira santa*, *Soneto de natal*, *A madrugada* e *O vagalume*. Estão entre os seus títulos de cordel: *Gonzagão centenário* (2012); *O meu cordel encantado* (2011); *Morte e testamento de Osama Bin Laden* (2011); *O adeus de Dominginhos* (2013); e *Cartas rimadas* (2011).

1.2.23 Ricardo Azevedo³³

Nascido em 1949, Ricardo Azevedo é natural de São Paulo, onde concluiu o curso de bacharel em Comunicação Visual e doutorado em Letras. É pesquisador da cultura popular, tendo escrito muitas obras para o público infantil, traduzidas para diversos países, como a Alemanha, a França, a Holanda, o México e Portugal. Foi vencedor do prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil ou Juvenil de 1999, com o livro *Dezenove poemas desengonçados*. Além de escritor, é ilustrador. Outros títulos publicados: *Contos de enganar a morte* (2003); *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!* (2002); *A hora do cachorro louco* (2006); *Meu livro de folclore* (2011); e *Aula de carnaval e outros poemas* (2006).

1.2.24 Suzart³⁴

Natural de Feira de Santana, Bahia, Valdiney Sousa Suzart nasceu em 10 de janeiro de 1967, mas se criou no Recôncavo Baiano, nas cidades de Cachoeira, São Félix e Muritiba. Oriundo de uma família de policiais, é autodidata das Belas Artes. Seu ateliê funciona em sua própria casa, na cidade de Muritiba. Sua pintura sofre influências da música, do cinema e da literatura. Aliando a poesia à técnica da pintura, participou de várias mostras individuais de suas obras, bem como em salões, bienais e coletivas, no Brasil, na Alemanha e em Camarões, na África. Recebeu os prêmios: Destaque Especial do Júri na IV Bienal do Recôncavo (São

³³ Fonte: Azevedo (2008).

³⁴ Fonte: <www.dicionario.belasartes.ufba.br>.

Félix, Bahia); Menção Honrosa no Salão Regional de Artes Plásticas na Bahia (Feira de Santana); e foi o vencedor do Grande Prêmio Viagem à Europa na V Bienal do Recôncavo (São Félix, Bahia). Suzart participa desta pesquisa com uma pintura inédita de João Grilo.

1.2.25 Téo Brandão³⁵

Theotônio Vilela Brandão é natural de Viçosa, Alagoas. Seu nascimento data de 26 de janeiro de 1907. Aos dez anos, muda-se, com a família, para a capital do estado e, em dezembro de 1923, transfere-se para Salvador, a fim de ingressar na Faculdade de Medicina, curso que finalizou no Rio de Janeiro, onde também se bacharelou em Farmácia. Como pediatra, abriu consultório em Maceió. Em 1931, publicou *Folclore e educação infantil*. Unindo a Medicina com a sua profissão de folclorista, passou a estudar os remédios populares. São exemplos de seus trabalhos: *Folclore de Alagoas* (1949); *Trovas populares de Alagoas* (1951); *O reisado alagoano* (1953); *O guerreiro* (1964); e *O pastoril* (1964). Em 1975, foi criado o Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, na Universidade Federal de Alagoas, que abriga a sua coleção de arte popular. Morreu em 29 de setembro de 1981.

1.2.26 Zeca Pereira³⁶

José Pereira dos Anjos, o Zeca Pereira, é natural do povoado Ilha do Vítor, município de São Desidério, Bahia, mas se radicou em Barreiras, no oeste baiano na década de 1980, onde trabalhou como folhetista nas feiras livres. Poeta e cordelista, Zeca Pereira publicou seu primeiro folheto em 2002, *Os lamentos de um ancião no asilo*. Divulgador da cultura popular, ministra palestras e oficinas em escolas particulares e públicas. A partir de 2011, juntamente com o poeta Flaviano Medeiros, tem viajado pelos estados de Tocantins, Goiás, Minas Gerais, Sergipe, Piauí, Maranhão, Ceará e Bahia, apresentando a literatura popular, valorizando os caracteres que a formam. Esse projeto já alcançou mais de 200 municípios. São exemplos de suas publicações os folhetos: *João Grilo, o amarelo que enganou a morte* (2013); *Artimanhas de uma futura sogra* (2012); *ABC do cachaceiro* (2012); *O homem que se casou com uma*

³⁵ Fonte: GASPAR, 2014.

³⁶ Fonte: o próprio autor.

égua (2010); *A confissão de um drogado* (2008); *O jogador de sinuca* (s.d.); *A romaria do cantinho do Senhor dos Aflitos* (s.d.); e *A alma de uma sogra* (2011).

ANEXOS

Assim, a meu ver, a grande importância da Literatura popular, para o Brasil, está no fato de que ela constitui uma espécie de “tradição viva”, peculiar, fecunda, abridora de caminhos e fonte para uma Literatura erudita realmente nossa. (Ariano Suassuna, grifos do autor).



Crédito da imagem: Suzart.

1 TEXTOS ANALISADOS

1.1 Compilações lusitanas

1.1.1 A guerra do grilo e do leão, de António Sérgio

A GUERRA DO GRILO
E DO LEÃO**U**

MA vez, saindo à caça, o leão encontrou o grilo, que estava na sua toca, a cantar: *rei, rei, rei, rei...*

O leão disse-lhe:

— «Olá, grilo: então tu és rei?»

— «Sou, sim senhor» (respondeu o grilo) «eu cá sou rei».

— «Qual!» (disse o leão) «eu



A GUERRA DO GRILO E DO LEÃO

é que sou rei; sou o rei dos animais. Se eu sou rei e tu és rei, como há dois reis entre nós?»

Responde o grilo:

— «Pois prepara as tuas tropas, e veremos se eu não sou rei:

Grilo é rei, rei, rei,
amanhã to mostrarei».

O leão, no dia seguinte, chamou muitos gatos, que eram seus soldados, formou com êles um exército, e mandou-os fazer guerra ao grilo, que estava numa toca, no alto de um monte. E gritavam os gatos:



A GUERRA DO GRILO E DO LEÃO

«Grilo, grilinho,
sai do buraquinho».

O grilo, lá no alto, formou um exército de môscas, e mandou-as contra os gatos. E elas eram tantas e tão más que os gatos desataram a fugir. E do alto do monte o grilo cantava:

«Rei, rei, rei, rei,
agora mesmo to mostrei».

O leão no dia seguinte formou um exército de raposas, e mandou-as fazer guerra ao grilo.

As raposas subiram ao monte, muito devagarinho, para o grilo não dar por elas; mas quando chegaram lá ao cimo,

A GUERRA DO GRILO E DO LEÃO

pensando que as não tinham sentido, caiu sôbre elas um exército de mosquitos; e os mosquitos tanto picaram nas raposas que tôdas as raposas desataram a fugir.

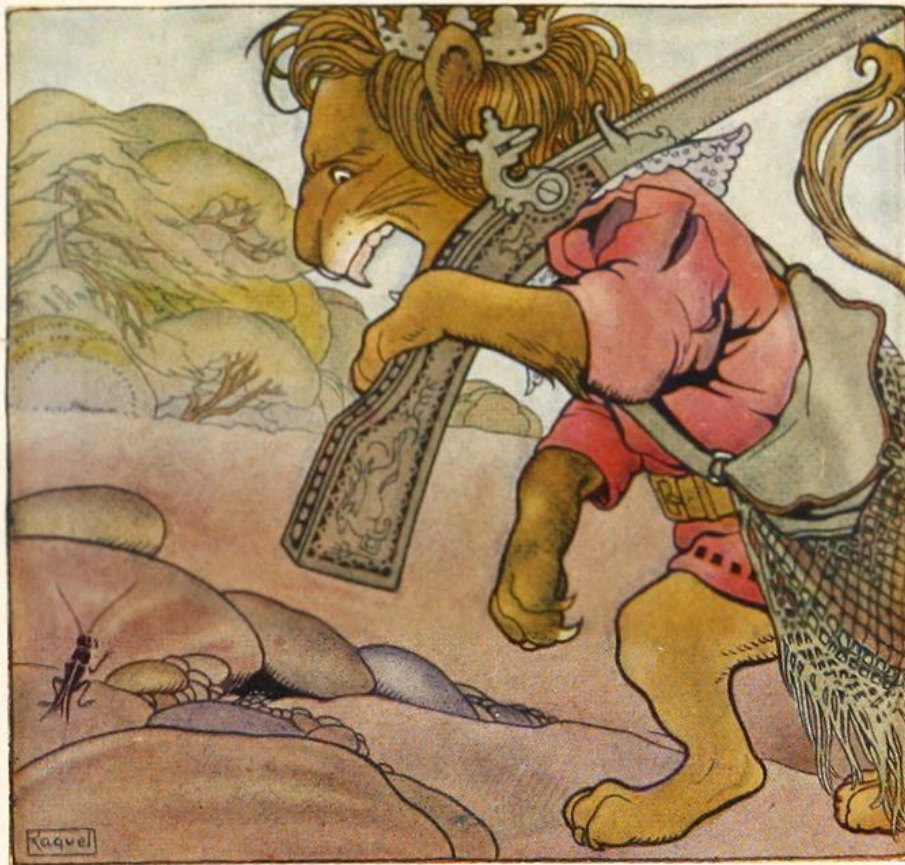
E o general das raposas atirou-se a nadar a um rio, atravessou o rio a nado, e foi para a outra margem, e ai ficou.



O grilo, lá no alto, cantava sempre:

«Grilo é rei, rei, rei,
agora mesmo to mostrei».

No dia seguinte, o leão formou um exército de lobos, e mandou-os para o monte fazer guerra ao grilo. Mas veio sôbre os lobos um



Aqui temos o rei Leão que vai para a caça. Leva espingarda, cartuchos, e o saco de rêde em que se guarda o que se caçou. Arreganha o dente para o bom do grilinho, que está à entrada do seu buraco, todo contente, a cantar: «rei, rei, rei, rei!»

A GUERRA DO GRILO E DO LEÃO

exército de abelhas, e deram-lhes tantas ferroadas que os lobos fugiram todos. O general dos lobos ia a fugir, quando ouviu a raposa, do outro lado do rio, a gritar-lhe:

— «Atire-se à água, amigo, atire-se à água!»

E o lobo atirou-se à água e afogou-se.

O leão, quando soube que se tinha afogado o seu melhor general, já não quis fazer mais guerra; e foi logo ter com o grilo, e disse-lhe assim:

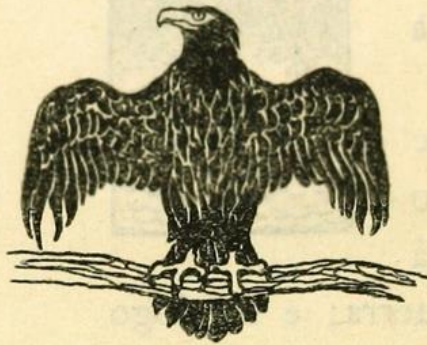
— «Grilo, grilinho, sai do burquinho. Já vejo que também és rei. Se eu sou rei, e tu és rei, como há dois reis entre nós?»



A GUERRA DO GRILO E DO LEÃO

Responde o grilo:

— «Tu, leão, não és rei dos animais todos, mas só dos animais grandes, que têm pêlo e quatro patas: tu és o rei dos *mamíferos*; a águia é o rei das *aves*, que têm penas, àsas, duas patas e bico;



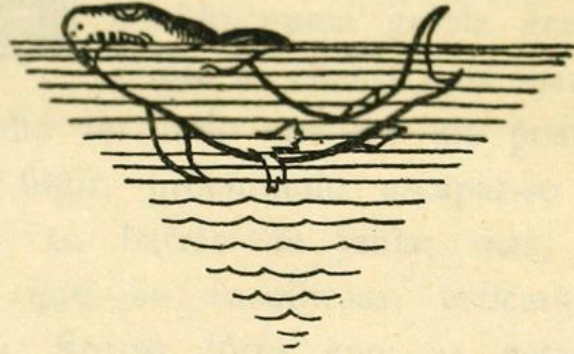
o tubarão é o rei dos *peixes*, que vivem na água do mar e dos rios; o sapo é o rei dos *batráquios*; e eu cá sou rei dos *insectos*».

E assim ficou o leão sabendo que era só rei dos mamíferos, — que até então não sabia.

O leão, desde êsse momento, procurou conhecer todos os seus colegas, todos os

A GUERRA DO GRILO E DO LEÃO

outros reis. Viu o sapo à beira de um paúl; viu a águia, a voar sôbre uma montanha alta; mas não viu o tubarão, que vive no mar, e é como aqui está nesta gravura:



(De um conto tradicional).

1.1.2 *História de João Grilo*, de Consiglieri Pedroso

HISTÓRIA DE JOÃO GRILO

Havia um rapaz chamado João Grilo, que era muito pobrezinho.

Os pais queriam a todo custo casá-lo rico, apesar da sua pobreza e falta de educação.

Um dia espalhou-se por toda a terra que tinham, desaparecido as jóias de uma princesa e que o rei seu pai daria a mão da princesa a quem descobrisse o autor do roubo; mas também castigaria com a morte todo aquele que se fosse apresentar e que no fim de três dias não descobrisse o ladrão.

Começaram os pais de João Grilo a meter-lhe em cabeça que fosse tentar fortuna, mas o rapaz não queria, vendo que já alguns tinham sido mortos por não descobrirem as jóias.

Enfim, tanto o atentaram que se foi apresentar ao rei.

Os guardas do palácio não o queriam deixar entrar por o verem muito roto, e começaram a escarnecê-lo dizendo-lhe que era doido etc.

Por fim lá o deixaram entrar.

O rei e a princesa também se riram muito dele, mas não tiveram remédio senão cumprir a sua palavra.

Meteram-no num quarto e deram-lhe três dias para pensar. Lá só um criado dar-lhe de comer, e à noite, quando esse criado lhe perguntou se queria

mas alguma coisa, ele respondeu que não, e, ao mesmo tempo, dando um suspiro, disse:

— Já lá vai um!

O criado saiu muito atrapalhado e foi ter com os outros dois, a quem contou as palavras que o João Grilo tinha dito.

Estes três criados eram justamente os que tinham roubado as jóias da princesa e julgaram que o João Grilo tinha conhecido um dos ladrões e por isso tinha dito:

— Já lá vai um!

Enganavam-se, porque ele se tinha referido a que já lá ia um dia, e ele ia caminhando para a forca.

Os criados combinaram que no dia seguinte iria outro para ver se o Grilo também o conhecia.

Assim fez; e à noite, quando perguntou se queria mais alguma coisa, respondeu João Grilo que não e repetiu:

— Já lá vão dois!

O criado ficou assustadíssimo e foi logo contar aos outros.

Imagine-se como eles ficaram.

No dia seguinte foi o outro, e quando à noite se despediu para se ir embora, diz o João Grilo:

— Está pronto; já lá vão os três.

O criado, conhecendo que estava tudo descoberto, deita-se aos pés de João Grilo e diz-lhe:

— É verdade, senhor, fomos nós três, mas peço-lhe por tudo quanto há, que não diga nada ao rei que somos nós os ladrões, porque ficaríamos desgraçados. Nós damos as jóias todas, mas há de ser com a condição de que não há de dizer nada.

João Grilo caiu das nuvens, mas fingiu que efetivamente tinha adivinhado.

Prometeu ao homem que não diria nada e mandou-lhe buscar as jóias, que ele trouxe logo.

Como tinham findado os três dias, foi o rei ter com João Grilo e perguntou-lhe:

— Então descobriste?

— Saiba Vossa Majestade que sim senhor.

O rei riu-se muito, julgando que o rapaz estava doido, mas ele apresentou-lhe as jóias, sem dizer quem tinha sido o ladrão.

Imagine-se como ficou a princesa, vendo que tinha de casar-se com aquele maltrapilho!

Chorou muito e pediu ao pai que não a casasse com tal mas ele dizia-lhe que palavra de rei não torna atrás e que era forçoso casarem-se.

A princesa não teve remédio senão conformar-se; mas João Grilo, que tinha bom coração, vendo a repugnância dela, disse que desistia do casamento.

O rei gostou muito e disse-lhe que pedisse o que quisesse, que ele tudo lhe faria.

João Grilo só pediu para ficar no palácio.

O rei consentiu e deu-lhe muitos sacos de dinheiro. Ficou o rapaz no palácio, e o rei julgava-o um adivinhão.

Um dia o rei apanhou um grilo no jardim; fechou-o na mão e chamou João Grilo.

Veio o rapaz, e o rei pergunta-lhe:

— Ó João, adivinha lá o que eu tenho fechado nesta mão?

O rapaz, coitado, começa a coçar na cabeça e a dizer:

Ai! Grilo, Grilo, em que mãos estás metido!

O rei, julgando que ele se referia ao grilo fechado na mão dele, ficou muito contente, dizendo:

Adivinhaste, adivinhaste; é um grilo! E deu-lhe muito dinheiro.

Outro dia, encontrou o rabo de uma porca, que tinham morto e enterrado no quintal.

Chamou João Grilo e pergunta-lhe:

— Ô João, adivinha lá o que está aqui enterrado?

O pobre Grilo, não sabendo o que havia de fazer à sua vida, começa a dizer:

— Aqui é que a porca torce o rabo!

O rei abraça-o, muito contente, e diz:

— Adivinhaste, adivinhaste, é o rabo de uma porca! E deu-lhe mais dinheiro.

O rapaz, vendo-se rico e temendo que não adivinhasse mais coisa alguma, ou para melhor dizer, que o acaso não o favorecesse, escreveu uma carta, fingindo ser da mãe, a pedir para que fosse imediatamente ter com ela, porque estava morrendo.

O rei custou-lhe muito a saída dele, mas não teve remédio senão deixá-lo ir.

Despediram-se. O rapaz montou a cavalo e, quando já ia longe, o rei apanhou caganitas de cabra que estavam na rua, mete-as no lenço e começa a dizer-lhe adeus com ele.

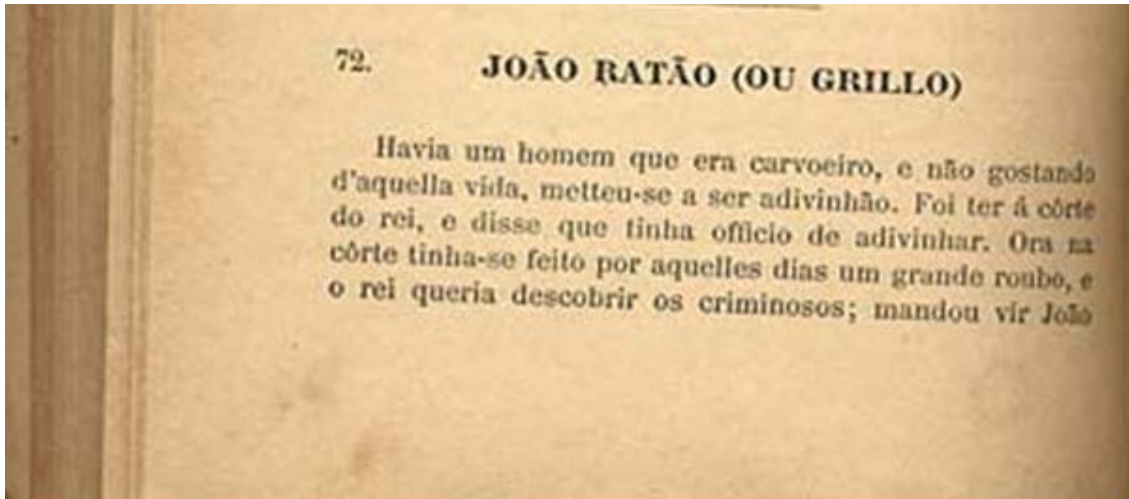
O rapaz, que ia longe e estava farto do rei, disse adeus dizendo:

— Adeus, adeus, caganitas para Vossa Majestade!

O rei ficou muito contente e dizia:

— Aquilo é que é um rapaz esperto! Como ele adivinhou que eu tinha caganitas no lenço!

E o rapaz fez a sua fortuna e assim se viu livre do rei.

1.1.3 *João Ratão (ou Grillo)*, de Teófilo Braga

Ratão á sua presença, e perguntou-lhe quanto queria para adivinhar quem eram os ladrões. Respondeu o João Ratão que queria que o rei lhe dêsse trez jantares primeiramente. O rei mandou pôr uma meza com bastantes iguarias, e os criados do palacio começaram a servir o adivinhão. Assim que João Ratão acabou de comer o primeiro jantar, pôz-se a tocar rufo com o garfo e a faca no prato, dizendo muito contente:

— O primeiro já cá está! O primeiro já cá está!

Um dos criados que o servira, ouvindo o que João Ratão dizia, entendeu que era comsigo, e que elle tinha adivinhado que estava ali um dos ladrões. Ao outro dia João Ratão comeu um segundo jantar, e tornou a bater com o garfo e faca, cantando:

— O segundo já cá está! O segundo já cá está!

O criado tinha pedido a um companheiro que fosse servir o adivinhão em lugar d'elle, e este outro percebendo que estava tudo descoberto botou-se de joelhos aos pés de João Ratão confessando tudo, e dizendo-lhe quem eram os outros companheiros, mas que só elle é que podia fazer com que o rei lhes perdoasse. João Ratão descobriu ao rei quem eram os ladrões, e ficou muito acreditado na côrte. O rei não o quiz mais deixar ir embora, e disse que lhe ia propôr uma adivinha; se elle a soubesse explicar, daria-lhe a mão da princeza, e se não acertasse o mandaria matar.

João Ratão ficou triste como quem via já o fim da sua vida; comeu á mesa com o rei. No fim do jantar trouxeram-lhe um copo cheio de mijo de porca, e elle bebeu. Perguntou-lhe então o rei:

— Adivinha o que é que agora bebeste!

João Ratão ficou todo atrapalhado, porque sabia que d'esta não escapava, e disse:

— Aqui é que a porca torce o rabo.

O rei ficou muito admirado d'elle ter adivinhado, e cumpriu a palavra dando-lhe a princeza em casamento.

1.1.4 179. *João Grilo*, de Leite de Vasconcelos

179

JOÃO GRILO

Recolhi de Vila Real um conto popular, chamado *História de João Grilo*, no qual entra o adivinhão João Grilo, que adivinha por acaso diferentes coisas. Numa terra chamaram-no e perguntaram-lhe, apertando na mão um grilo: «Que está aqui dentro?» Ele, como não sabia, disse a lastimar-se: «Ai! Grilo, Grilo, onde estás tu metido!» E assim cuidaram os outros que ele tinha adivinhado. Em pequeno ouvi na Beira Alta uma variante do conto (1).

[*Tradições Populares de Portugal*, p. 135.]

(1) Cf. *Myth. Zool.*, II, p. 49, e n. 1, e p. 50.

1.1.5 180. *João Grilo (ou Doutor Grilo)*, de Leite de Vasconcelos

180

JOÃO GRILO (OU DOUTOR GRILO)

Era uma vez dois casados que viviam pobremente. Um dia disse o homem:

— Mulher, nós morremos à fome, por isso vou por esses mundos além fazer de adivinhão, a ver se assim posso ganhar a minha vida.

Diz-lhe a mulher:

— Aonde hás-de ir, meu pateta?

— Não, não hei-de ir... arranja-me uma broa de pão, mete-ma num saco, que isso é o essencial.

A mulher assim fez. De manhã cedo, levantou-se o homem e pôs um letreiro nas costas «Adivinhão». A mulher, ao ele sair da porta, como o homem era muito estúpido, pôs-lhe o nome de «Adivinhão de m...».

Chegou o homem a uma terra, onde estava um grupo de estudantes. Chamaram-no.

— Ó homem, V. é adivinhão?

— Sim, senhores.

— Então, venha cá. Se V. adivinhar o que nós vamos dizer, V. ganha tanto.

Agarraram-no, vendaram-lhe os olhos e meteram-no na cloaca. Ele, como não sabia nada, lembrou-se do dito da mulher.

— Bem me dizia ela, que eu que era o adivinhão da m....

Depois os estudantes deram-lhe o dinheiro e ele foi para outra terra. Lá chamaram-no e meteram um grilo num canudo de cana, taparam-lhe os olhos e perguntaram-lhe:

— Que está aqui dentro?

Ele, como não sabia, disse, a lastimar-se:

— Ai! Grilo, Grilo, onde estás tu metido!

Os homens cuidaram que ele tinha adivinhado e deram-lhe dinheiro.

Chegando a outra terra, taparam-lhe igualmente os olhos, meteram um bacorito num saco e deram-lhe para adivinhar.

Diz ele, também lastimando-se :

— Agora aqui é que torce a porca o rabo (1).

Os homens cuidaram que ele que tinha adivinhado e deram-lhe mais dinheiro.

Ele, como já tinha muito dinheiro, foi-se embora. Tornou a passar pelos mesmos estudantes. Assim que eles o viram, meteram *figos de burro* num saco e perguntaram-lhe o que estava ali. O homem que já não estava para mais foi-se embora e começou a gritar :

— C... para vós, c... para vós!

E acabou a história.

(Recolhido por mim de uma mulher de Vila Real).

[Dos *E E*, iv, p. 203: «Nos contos populares acham-se a cada passo enigmas.

O conto de *João Ratão*, que o Sr. T. Braga traz no começo do seu estudo (*As Adivinhas Populares*), no citado número 6 da *Era Nova*, possui-o na minha colecção de contos com o título de *João Grilo*, e nele há outros problemas que o João adivinha por acaso. João Grilo tinha nas costas um leiteiro que dizia *adivinhão*. Numa terra chamaram-no e apertaram na mão um grilo, perguntando-lhe :

— Que está aqui dentro?

Ele, como não sabia, disse a lastimar-se e adivinhou;

— Ai, Grilo, Grilo, onde estás tu metido! (Versão de Vila Real).

Noutro conto, um carvoeiro diz que ganhava por dia um tostão com que se sustentava a si e à mulher, pagava dívidas (sustento dos pais dele) e punha dinheiro a juros (sustento dos filhos). Um rei propôs um enigma aos seus cortesãos, prometendo a mão da filha a quem o adivinhasse (2).

Igualmente noutro conto, que recolhi no Porto, análogo ao que o Sr. Adolfo Coelho traz na sua colecção, com o título de *As três lebres* (este é mais aumentado que o meu), um camponês apresenta a uma rainha o seguinte enigma: «Saí de casa com Pita e massa; massa matou Pita; Pita matou sete; de sete escolhi a melhor; atirei ao que vi; matei o que não vi; com palavras santas assei e comi; bebi água que não estava no céu nem na terra; se bom era o fruto, melhor a raiz; já vi um morto com sessenta burros em cima» (3). *A água que não estava no céu nem na terra é no meu*

(1) Provérbio português.

(2) [Vid. acima o conto n.º 175].

(3) [Vid. os contos n.ºs 169, 170 e 171 desta colecção.]

conto a água que estava debaixo do azeite da lâmpada de um templo: no do Sr. Adolfo Coelho esta água é o suor de um cavalo.

Num conto popular intitulado *Padre José Sem-Cuidados*, que já foi publicado há anos num reportório (creio que com o título de *P. Fernando ou Fernandes*), e que eu também ouvi em pequeno na Beira, o rei pergunta ao moleiro (que finge de padre):

— Quantos cestos de terra leva o Mundo?

— Mande V. M. tirar as pedras todas, diz o moleiro, que eu lhe direi quantas cestadas tem.

Pergunta mais o rei:

— Quantas estrelas há no céu?

— Há tantas (um número qualquer); se não mande V. M. contá-las.

Estas duas adivinhações assemelham-se à que vem, com o n.º 149, na colecção de *Devinettes bretonnes*, de Sauvé:

— Où se trouve le centre du monde?

— Ici. Si vous ne le croyez, mesurez. (*Revue Celtique*, vol. iv, p. 99. Cf. Eugène Rolland, *Devinettes*, n.º 353).

Nas *Tradições Pop. de Port.*, p. 173:

«No conto de João Grilo, citado a p. 135, § 264, f, perguntam ao Grilo, apertando na mão um bocado da cauda de um porco: «Que está aqui?» Ele, como não sabia, disse o adágio: *Aqui é que torce a porca o rabo*. Os outros cuidaram que ele tinha adivinhado.»

Em verbetes: «Numa versão do João Grilo, que ouvi na Beira, em criança, era um rei que falava com o adivinhão. Num dos episódios o rei apertou na mão, sem o Grilo ver, um pedaço de rabo de porco: «Aqui é que a porca torce o rabo!» E o rei observa sorrindo: «Não é porca, é porco, mas é o mesmo.»; «Conto de João Grilo. *Disparates da India*: «Aqui torce a porca o rabo,» nas *Obras de Camões*, ed. de Juromenha, iv, 43; *Trad. Pop. de Port.*, §§ 264-f, e 318-f.; *Myth. Zoolog.*, de Gubernatis, II, p. 49, e n. 1, p. 50 (1); *Era Nova*, pp. 243-244; Teófilo, *Contos Trad.*, I, n.º 72, e II, p. 212, onde aproveita o que eu dissera nas *Trad. Pop.*; Ad. Coelho, *Contos Nacionais para Crianças*, p. 47; livrinho, que tenho, do Ulrich, e cf. *Romania*, xxxi, 172; D. Ana de Castro Osório, série 12.ª, pp. 86-91 (1.ª ed.).» Este verbete serviu ao A. para escrever a nota 5 da p. 143 da sua obra *A Barba em Portugal*, onde informa do nome do livro de G. Ulrich: *Grilo Médico*, Liorne, 1901, que constitui o vol. v da *Raccolta di rarità stor. e letterarie*, e diz ter também colhido uma versão inédita (variante) em Vila Real de Trás-os-Montes. Deve ser o n.º 180 desta colecção.]

(1) [«Dans les chants populaires toscans, publiés par Giuseppe Tigri, je trouve le mot *grilli* (sauterelles) employé dans le sens d'amoureux. En italien, *grillo* signifie aussi caprice et particulièrement caprice amoureux; *medico grillo*, par exemple, se dit d'un médecin fantasque (On attribue une origine historique à cette expression; elle deriverait d'un médecin Polonais du dou-

1.1.6 181. [João Ratão], de Leite de Vasconcelos

— 305 —

181

[JOÃO RATÃO]

Esta história popular de João Ratão, vulgo o Grilo, deve ser provavelmente concebida nos seguintes termos:

Houve falta na corte de uns talheres de prata, e o rei, tendo conhecimento de João Ratão, mandou-o chamar para lhe adivinhar quem lhe tinha furtado os talheres, para o que lhe deu três dias e mandou-o enclausurar. O rei tinha três criados e cada dia lhe mandava um com a comida.

João Ratão ao terminar o dia e a refeição dizia para o criado: «Já me não faltam senão dois». Referia-se ao tempo estipulado para adivinhar, mas o criado, como estava cúmplice no roubo, julgava que era com ele e ficou muito assustado. Ao outro dia succedeu o mesmo.

Foi outro criado a quem João Ratão respondeu: «Já não me falta senão um», o que ainda mais os impressionou; e combinaram de, ao terceiro dia, aquele que fosse levar a refeição ao aludido João Ratão, lhe pedir para não dizer ao seu rei que lhe tinham tirado os talheres; foi o que ele quis ouvir. Findos os três dias veio João Ratão à sua presença para lhe dizer os ladrões, ao que ele soube responder pelo que ganhou triunfo.

O rei, não contente ainda com esta, imaginou outras para o experimentar.

O rei fechou um grilo na mão e perguntou-lhe o que ele tinha na mão. Exclamou João Ratão: «Ai Grilo, Grilo, em que mão estás metido...» Porém o rei ouvindo isto abriu a mão e disse-

zième siècle, appelé Grillo — Comp. Fanfani, *Vocabulario dell'uso toscano*, au mot «grillo»). Et cependant la sauterelle devrait être la devineresse par excellence. En Italie quand nous proposons une énigme à deviner, nous ajoutons ordinairement comme conclusion «indovinaia, grillo» (devine, sauterelle); cette expression se rattache peut-être à l'idiot supposé des contes populaires qui finit presque toujours pour donner des preuves de sagesse.»]

— 306 —

-lhe: «Adivinhou». João Ratão referia-se ao seu apelido, querendo dizer «Desta fico mal», naturalmente.

O rei ainda o experimentou doutra maneira, fechando um rabo de porca na mão e perguntando-lhe o que tinha ali. Exclama João Ratão: «Agora aí é que a porca torce o rabo».

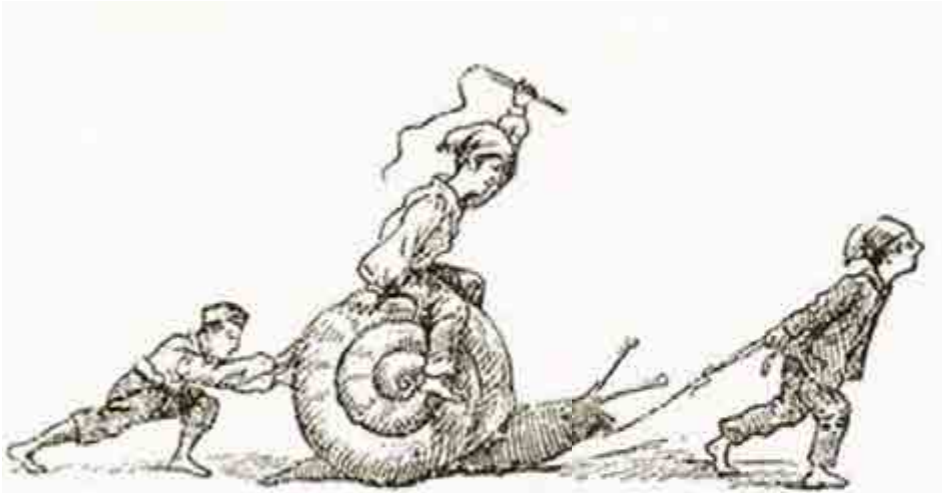
Aqui ficou o rei satisfeitíssimo, julgando ter diante de si um notável adivinhão pelo que lhe deu sua filha em casamento, em compensação dos seus prodigiosos serviços.

Se todos tivessem a convicção de que se saíam bem, naturalmente mais se proporiam ao mesmo mester, mas nem a todos a sorte é favorável; porém, diz lá o rifão:

«Quem se não aventurou,
Não perdeu nem ganhou».

(Jaime Leite Pereira de Melo).

[A este seu correspondente fez o A. uma pequena referência nos *Opúsculos*, vii, 816. Será um Jaime que o Doutor Leite cita, algumas vezes, em verbetes e apontamentos, como por exemplo, no conto número 163 desta colecção.]

1.1.7 *O Doutor Grillo*, de Ana de Castro Osório

O DOUTOR GRILLO

UM homem, que se chamava Grillo, vivia muito pobremente com a sua mulher. Vae uma vez disse-lhe :

— «Sabes que mais, vou-me fazer adivinhão!

— «Como hade ser isso? Tu, que não sabes o que se passa, como hasde adivinhar o que está para acontecer?

— «Espera, vou esconder a vaca do nosso comrade, e depois, quando elle andar muito

alicto a procurá-la, vou-lha buscar e digo que adivinhei. Assim é que se faz para ganhar fortuna.

A mulher começou a rir-se da sua ideia; mas elle não quiz saber, e foi a casa do compadre, tirou-lhe a vaca e esperou os acontecimentos. O compadre, quando deu pela falta do animal, arrepelou-se e gritou, perguntando a toda a gente se teriam visto a sua vaquinha.

— «Olhe, compadre,—disse o Grillo—eu tenho uma voz cá por dentro que adivinha tudo e então eu vou pensar e depois lhe direi onde está a sua vaca escondida.

Fingiu que estava a pensar e de repente disse o sitio em que a tinha guardada. Foram lá busca-la, o compadre deu-lhe boas alviçaras, e começou a correr logo a fama de que tinha aparecido um deutor novo chamado Grillo, que era um grande adivinhão.

Até que chegou a noticia ao palacio do rei, e, como tinha desaparecido do thezouro uma grande riquêsa, foi chamado o doutor Grillo para dizer quem fôra o ladrão-- e que se no praso de três dias não adivinhasse seria morto.

O homem dizia mal á sua vida e dava ao demonio a ideia que tivera de se fazer *adi-*

vinhão, mas era tarde para reconsiderar e já agora tinha que se calar e resignar-se a morrer.

Levaram-no para um quãrto, fecharam-no a sete chaves, e disseram-lhe que pensasse até saber o nome do ladrão.

No primeiro dia mandaram-lhe o jantar por um criado de toda a confiança do rei. O pobre Grillo, muito triste, pensando sômente na sentença de morte, disse:

— «Um já lá vai! Já não me faltam senão dois!

Referia-se aos dias que tinha de vida, mas o criado, que tinha culpas no cartorio, ficou atemorizado e foi dizer a dois companheiros seus:

— «Sempre é certo, o homem é *adivinhão*, pois disse que um dos ladrões já elle conhecia!

No segundo dia veio o segundo criado trazer-lhe o jantar, e o dr. Grillo suspirou com mágua vendo que lhe ia fugindo o tempo:

— «Dois já eu cá tenho, agora só falta o terceiro!...

O criado correu espavcrido a prevenir os companheiros.

No terceiro dia foi o terceiro criado levar-

lhe o comer, e o pobre doutor gritou, quando o viu:

— «Ai, o terceiro, o terceiro, que já eu cá tenho! . . .

O criado, ouvindo isto, cahiu de joelhos deante d'elle, pedindo por todos os santos e santas da côrte do céu para que os não denunciasses senão com a condição do rei lhes poupar a vida, pois tinham sido elles tres os ladrões do thezouro real.

O dr. Grillo, contentíssimo como se pôde imaginar duma pessoa que já contava ir á força e se vê salva, prometeu o que os desgraçados lhe pediam, e no dia seguinte apresentou-se muito soberbo deante do rei e de toda a côrte reunida.

— «Então— disse-lhe o rei—quem é o ladrão do meu thezouro?

— «Já sei quem é, Senhor, mas só o direi com a condição de que os deixareis ir em paz.

O rei prometeu, e então apresentou-lhe elle os tres criados infieis, que tudo confessaram, entregando o que lhes não pertencia. Foram expulsos da côrte, mas, cumprida a palavra real, não tiveram mais castigo.

O rei mandou uma boa somma ao Dr. Grillo, que se queria ir embora para a al-

deia, onde era esperado pela mulher e pelos filhos e onde estaria muito mais seguro, mas não o deixou, querendo experimentar melhor a sua habilidade.

Um dia levaram ao palacio, de presente, uma porca dentro dum sacco e o rei mandou chamar o *adivinhão* e perguntou-lhe se era capaz de saber o que estava ali dentro.

Olhou por um lado e por outro, mas, como não podia tocar-lhe e o animal não dava signal de si, voltou-se para o rei e disse muito atrapalhado:

— «Aqui é que a porca torce o rabo!

— «Adivinhaste, é uma porca — bradou o soberano satisfeito.

Mas ainda desta vez não ficou convencido completamente da espertêsa do homem, e um dia em que andavam no jardim, apanhou um grillo, fechou-o na mão e disse para o famoso adivinho:

— «Se me disseres o que tenho aqui dou-te muito dinheiro.

O homem, que mal podia imaginar o que era, deu tratos e mais tratos ao juizo sem ser capaz de adivinhar. Muito descoroçoado, disse para si mesmo:

— «Ai Grillo, Grillo, em que mão estás metido!

— «Adivinhaste — gritou o rei muito contente — é um grillo.

Abrindo a mão deixou fugir o pobre animal.

Então acreditou na sabedoria do Dr. Grillo, deu-lhe grande somma de dinheiro, e deixou-o ir para casa, mas com a condição de que viria á côrte sempre que desconfiasse que alguém o roubava ou lhe era infiel.

O homensinho viu-se livre daquella e não podia crêr!

Afinal não foi preciso voltar á côrte, porque dali em diante todos tinham receio de que se soubessem os seus crimes e todos se portavam com muita honradez.

E assim o Dr. Grillo viveu contente e rico o resto dos seus dias, na companhia da mulher e dos filhos que muito estimava.

1.1.8 O Doutor Grilo, de Câmara Cascudo

O DOUTOR GRILLO

ERA uma vez um camponês que tinha um filho muito ladino mas muito preguiçoso. De tanto viver deitado, sem nada fazer, irritou-se o pai e pô-lo para fora de casa. O rapaz, que se chamava João Grilo, foi parar a uma cidade. Nos arredores viu muitos cavalos amarrados aos postes, animais que traziam coisas para vender no mercado da cidade. João Grilo escolheu o cavalo mais robusto, desamarrou-o e escondeu-o num bosque. Depois foi ao mercado e disse que vivia de adivinhar as coisas perdidas. Ninguém fez reparo do que dizia. Mais tarde, na hora em que a feira acabou, os homens foram voltar e um deles não encontrou o seu cavalo e debalde o procurou pelas cercanias. Cansado, lembrou-se de João Grilo e procurou-o. Respondeu o rapaz que só adivinhava por uma moeda de ouro. O homem aceitou e o Grilo deu umas voltas, pulando, falando baixo, e saiu às carreiras como doido. Voltou e disse que o cavalo estava no bosque, preso a uma árvore. O homem achou o animal e deu uma moeda de ouro ao adivinhão.

Aconteceu que o Rei era muito rico e ciumento das jóias que possuía. Roubaram-lhe um anel, um dos mais bonitos e preciosos, e o rei ficou desesperado por não prender os ladrões. Soube que o Doutor Grilo morava na cidade e mandou-o buscar,

de carruagem, para o palácio. O Doutor Grilo veio, quasi preso, a certo de que era o fim de sua vida. Quando chegou, desceu da carruagem e levaram-no à presença do rei que lhe disse:

— *Mandei-o chamar para que descobrisse onde está o meu anel que roubaram. É anel de estimação e valia. Dou-lhe três dias para o achamento. Se o encontrar, ganhará uma bolsa de ouro, e se não o descobrir, ganhará a forca. Fique avisado.*

O Doutor Grilo ficou muito aflito. Meteram-no em um quarto muito grande e bonito e traziam-lhe comida variada. O rapaz só se lembrava de que tinha de ser enforcado ao fim do terceiro dia. Quando trouxeram os pratos do jantar, o Doutor Grilo foi comendo e dizendo: *ed está o primeiro...*

O criado ficou todo assustado e retirou-se. Era um dos ladrões do anel, ajudado por outros dois criados da copa. No jantar do segundo dia o Doutor Grilo suspirou, dizendo bem alto: *ed está o segundo. Só falta o último...*

O segundo criado, cheio de terror, correu a avisar os cúmplices do que sucedera. O Doutor Grilo adivinhara tudo e era melhor um acôrdo. Vieram os três, confessaram o furto, prometendo uma bolsa de ouro se o rei não fosse informado.

— *Onde está o anel?* perguntou o Grilo: *onde o encontraram?*

Os ladrões o foram buscar e deram ao rapaz, que o meteu debaixo de uma tábuca solta do soalho no corredor.

Pela manhã, pediu para ver o rei e foi logo dizendo onde estava o anel. O rei ficou radiante mas, como era muito avarento, quis experimentar

a sorte para ver se não pagava ao Grilo. Convidou-o para jantar em sua companhia. No fim da refeição apareceu uma terrina coberta. O rei perguntou:

— *Diga-me lá o que é que tem cá dentro?*

O rapaz, todo atrapalhado, respondeu, muito triste:

— *Ah Grilo! Onde te meteram!...*

O rei desatou a rir, dizendo: — *Acertou!*

Dentro da terrina estava um grilo.

Deu-lhe uma bolsa cheia de ouro e mandou-o embora na carruagem. O rapaz ainda recebeu outra bolsa dos três criados e foi para a companhia do pai já rico, não querendo mais fiar-se nas adivinhações.

★

Ouvi esse conto ao Antonio Portel, várias vezes. É o mesmo assunto do "Doutor Grilo" de Adolfo Coelho, "Contos Nacionais para Crianças", XVII, o "João Grilo" de Z. Consiglieri Pedrosa, "Contos Populares Portuguezes", LV, o "João Ratão ou Grillo" de Teófilo Braga, "Contos Tradicionais do Povo Portuguez", n.º 72, divulgadíssimo na literatura oral portuguesa.

Alfredo Apell, "Contos Populares Russos" (Lisboa, s. d. (1920), confronta três versões russas, "A mulher que adivinha", "As pérolas roubadas" e "O adivinhão", II, III e IV, com os semelhantes europeus e asiáticos, citando contos sânscrito (coleção de Somadeva) em calmuco, russo, lituano, alemão, francês, norueguês, italiano (siciliano), anamita, indú (dos camáonios), etc., além das facécias clássicas de Straparola e Poggio, séculos XIV e XV.

É ainda popular na Inglaterra e países da

fala alemã, *Doctor Know-All* ou *Dektor Allwissens*, Grillet, Krebs, Crab. É o Mt. 1041 de Aarne-Thompson. Os "Motif-Index" registam perfeitamente os elementos característicos da versão que recolhi no Brasil mas narrada por português. São: K. 1956.6, encontra o cavalo que éle próprio escondeu; N. 611, diz casualmente, *esta é a primeira*, referindo-se a outra coisa e o ladrão denuncia-o; N. 611.1, adivinha o que está oculto no prato, dizendo seu próprio nome, coincidindo com o objeto, caranguejo, grilo, etc. Ocorre nos "Contos" de Grimm, n.º 114 e 98, popular igualmente na Europa do norte e leste.

1.1.9 *O Adivinhão*, de Ataíde de Oliveira

O ADIVINHÃO

Havia em tempos antigos dois compadres, um rico e outro pobre. Assim como o rico vivia na abundância, o pobre vegetava na miséria. Um dia disse o compadre pobre para a mulher:

— Não temos de comer nem de onde nos venha; lembro-me de uma coisa.

— Do quê?

— Tirar a junta de bois da arramada do compadre e levá-la para um lugar oculto. Tu vais amanhã pedir fogo à comadre e ela queixa-se do furto; tu dizes-lhe em muito segredo que eu sou adivinhão; naturalmente consultam-me, eu adivinho e ganho alguma coisa; o que dizes?

— Está bem pensado, respondeu a mulher.

Nessa noite o compadre tirou a junta de bois da arramada e foi escondê-la em lugar oculto. Na manhã do dia seguinte foi a comadre pobre a casa da rica pedir umas brasas. Viu a comadre a chorar muito aflita.

— O que tem minha comadre?

— Ai, minha comadre, roubaram-me uma junta de bois que há pouco o seu compadre comprava por quarenta moedas! Estou aflitíssima!

A pobre pôs-se também a lamentar o furto até que disse:

— Olhe, comadre, vou descobrir-lhe um grande segredo: meu marido é adivinhão. Tem sido assim de pequeno e por isso o pai lhe pôs o apelido de Grilo, porque até ia dar com as coisas perdidas debaixo do chão. Pelo amor de Deus não lhe diga que fui eu que descobri isto; é capaz de me matar com pancadas.

Deu o seu recado e despediu-se da comadre.

Em menos de um quarto de hora foi o rico estar com o pobre; encontrou este ainda desitado.

— Já sabe, meu compadre?

— O quê?

— Roubaram-me os bois.

O compadre pobre pôs-se a pensar.

O rico continuou a queixar-se da grande falta que os bois lhe faziam. Então o pobre respondeu:

— Vá para casa, compadre, vou fazer umas rezaxinhas que sei de criança, e Deus nos ajudará!

Voltou o rico para casa. Dai a duas horas o pobre trazia a junta de bois.

Muitas alegrias, grandes festas, e o compadre pobre voltou para casa com grandes presentes. O nome do compadre Grilo andou nos lábios de toda a gente.

Tempos depois foi o compadre rico à corte, e falava-se ali de um importante roubo de grandes quantias tiradas do erário. Ninguém descobria onde estivesse o dinheiro. Então o compadre rico falou do furto que lhe tinham feito e que fora descoberto pelo seu compadre Grilo. Foi

isto aos ouvidos do rei que imediatamente mandou chamar à sua presença o pobre Grilo. Quando este recebeu a intimação julgou-se já dependurado numa forca.

Apresentou-se ao rei.

— És o Grilo?

— Sou, real senhor.

— Dentro de três dias hás-de descobrir onde pararam os valores roubados do erário. E para que não escapes, ficarás preso nas prisões da torre.

O homem pôs-se a chorar e lá foi para a cadeia.

Na noite do primeiro dia, quando o criado do paço lhe foi levar a ceia e se despediu, disse o Grilo:

— Lá vai um e faltam dois. (referia-se aos dias).

Saiu o criado da cadeia e foi estar com os dois criados, dizendo-lhes: estamos descobertos.

— Porque dizes isso?

— Ao despedir-me agora do adivinhão, ele disse: lá vai um, faltam dois.

— Amanhã vou eu, disse o outro.

No outro dia sucedeu o mesmo; ao despedir-se exclamou o Grilo:

— Lá vão dois, falta um.

No terceiro dia o criado ajoelhou-se diante do Grilo e pediu-lhe que os não descobrisse.

— Não os descubro, se me disserem onde estão enterrados os valores.

O criado respondeu que estavam enterrados debaixo da laranjeira grande do jardim.

Ficou o Grilo muito contente pois que ele nas suas exclamações referia-se aos dias e não aos ladrões. Descobriu ao rei onde estava o roubo, mas declarou que não dizia o nome dos ladrões porque não era denunciante. Um fidalgo pôs as suas dúvidas acerca do dom do Grilo e falou nisto ao rei.

— Experimenta-se outra vez, respondeu o rei.

Puseram numa torre um rabo de porca e perguntaram ao Grilo o que estava na torre.

O Grilo respondeu com o estribilho de uma cantiga que dizia:

— Agora é que a porca torce o rabo.

Efectivamente na torre estava o rabo da porca.

Outro fidalgo ainda não ficou satisfeito. Andava a passear com o rei e ambos viram um grilo; o fidalgo apanhou o grilo, meteu-o na mão do rei, e chamou o Grilo, que passeava perto com outros fidalgos, enfatuados da intimidade com o feliz adivinhão. Veio o Grilo.

— O que tem S. Majestade na mão? perguntou o nosso fidalgo.
O pobre adivinhão viu-se neste momento em grandes dificuldades e exclamou:

Ai Grilo, Grilo,
Nas mãos do rei
Estás metido.

O rei abriu a mão e lá estava o grilo.
Depois desta experiência, cessaram as dúvidas. O Grilo foi para a sua terra carregado de dinheiro e de... honras de grande adivinhão.
E assim se adquirem honras e glórias!

1.1.10 *O Doutor Grilo*, de Adolfo CoelhoXVII
O Doutor Grilo

Passava um dia pela ponte de Coimbra um carvoeiro, com um burro carregado de carvão; e via muitos estudantes que estavam sentados na ponte comendo bolos, rebuçados e amêndoas; o carvoeiro disse para si:

— Para comer coisas tão boas é preciso ser estudante; pois vou-me também fazer estudante.

Dito e feito. Vendeu o carvão e o burro na cidade, vestiu-se com as sacas do carvão e foi-se sentar na ponte, a comer bolos de pão de milho porque o dinheiro não dava para comprar bolos. Os estudantes estranharam o novo colega e perguntaram-lhe:

— Ó caloiro, para que estudas tu?

Ao que ele respondeu:

— Estudo para adivinhão.

Tinha-se passado alguns dias depois disto, quando contou que tinham roubado um tesouro ao rei de Portugal, e que ele premiava quem descobrisse o ladrão. Os estudantes foram então dizer ao rei que havia um estudante que estudava para adivinhão. O rei mandou-o logo chamar ao palácio, e disse-lhe que queria ver se ele já estava muito adiantado na ciência que estudava. Ora o carvoeiro chamava-se fulano de tal e Grilo. O rei chegou-se ao pé dele com a mão direita fechada e perguntou-lhe:

— Que tenho eu nessa mão?

O estudante, aflito por não saber o que havia de responder, deu um ai, e disse:

— Ah! Grilo, Grilo, em que mãos está metido!

CONTOS NACIONAIS PARA CRIANÇAS

Então o rei, que ignorava que ele se chamasse Grilo, abriu a mão e disse:

— Adivinhaste; é um grilo que eu aqui tenho.

O rei ficou satisfeito e o estudante ainda mais. Depois o rei, para ver se o estudante ainda adivinhava mais, mandou matar uma porca, encheu um frasco de sangue dela e chegou-se ao estudante e perguntou-lhe:

— De que é este sangue?

Ao que ele, por não saber de que era, respondeu:

— Aqui agora é que tocca a porca o rabo.

O rei respondeu:

— Adivinhaste, é sangue de porca que eu tenho no frasco.

E disse-lhe mais o rei:

— Agora dou-te três dias para descobrir os ladrões do meu tesouro.

Espalhou-se pela corte que estava no palácio um adivinhão, que ia já descobrir os ladrões do tesouro; e dois dos criados do rei foram-se ter com o estudante e disseram-lhe:

— Dar-vos-emos muito dinheiro se não disserdes ao rei que fomos nós que lhe roubámos o tesouro.

Foi o que o estudante quis ouvir; mandou logo chamar o rei e disse-lhe:

— Saiba vossa majestade que dois dos seus criados é que roubaram o tesouro.

O rei, conhecedor da verdade, mandou prender os criados, e eles restituíram-lhe o tesouro. Disse então o rei ao estudante que o queria premiar muito bem, e que se deixasse estar no palácio mais alguns dias. Durante estes dias sucedeu que a princesa filha do rei estando a jantar se lhe atravessou um osso nas guelras. Os médicos do palácio não se atreviam a tirar-lho e o rei foi-se ter com o estudante e disse-lhe que o premiava muito bem se desse remédio à princesa. O estudante mandou então doitar a princesa de bruços no chão, e começou a estrar-lhe bolas de manteiga para cima dela; a princesa ris-se e tornou-se a rir, até que lhe saiu o osso das guelras. Então o rei deu grandes somas de dinheiro ao estudante e disse-lhe:

— Já que tanto sabes, fica nomeado médico do hospital e da minha real casa.

Nesse tempo andava na cidade uma grande epidemia, e o médico foi fazer a sua visita aos doentes. Depois de os ter examinado e todos disse-lhes:

— Aquelle que estiver mais doente há-de ser amanhã aberto para ser examinado.

Os doentes, quando tal ouviam, levantaram-se todos das camas, uns encostados a pua, outros a muletas; foram saindo todos do hospital, e nem já pareciam doentes. Espalhou-se logo pela cidade que o novo médico sabia tanto que só com a sua vista dava saúde aos enfermos. Então o médico ao ouvir isto recolheu-se a ir estudar medicina na universidade; e enquanto algum tempo tomou capelo, ficou-se chamando o Doutor Grilo.

1.1.11 *O Mestre Grilo*, de Alda e Paulo Soromenho

189

O MESTRE GRILLO

Um tipo cá da provincia, o chamado Mestre Grilo, que era sapateiro, o gajo pôs um anúncio no jornal que adivinhava tudo quanto se passava. De maneira que — foi no tempo dos reis, é claro — o rei tinha três criados em casa e houve lá um grande roubo em casa e o tipo não sabia quem era, está claro, mas como leu o jornal e viu aquele tipo que pôs o anúncio, mandou chamá-lo ao palácio e diz pra ele:

— O Mestre Grilo, afinal fizeram-me um grande roubo cá em casa, roubaram-me uma porção de jóias e o senhor pôs um anúncio. É claro, de facto deve saber uma porção de coisas, que

— 293 —

adivinhou. O senhor, agora, tenha paciência, agora tem de descobrir quem fez o roubo.

Portanto, diz ele assim:

— Agora, de repente, não vou descobrir!

— Bom! Então, vá aqui pra este quarto e tem três noites pra descobrir sem pena de morte, hem?

— Está bem!

Bem, o homem foi lá pro quarto. Quando foi na primeira noite, vai uma das criadas pra le dar de comer, o jantar, e faz ele aqui assim, o mestre Grilo:

— Ai, que já cá está uma! Só faltam duas!

Diz a criada assim para as outras, quando lá chegou:

— Parece que o homem que adivinhou! Disse que já lá estava uma e só faltavam duas. Parece que sabe que foi a gente que fez o roubo.

Bem, pra noite seguinte, aí vai a outra e diz ele aqui assim:

— Ai, que já cá estão duas. Já falta só uma!

Ela vai daí e diz pra as colegas:

— Ai, que estamos amoladas com ele. Ele adivinha. Temos que lá dizer que le damos metade do roubo pra ele não descobrir.

Bem, o homenzinho, quando lá passou a última noite, lá chegou cá com o conser, diz ele assim:

— Ai, que já cá estão as três! Não falta nenhuma! (que era que não faltava nenhuma noite!)

É claro, diz a criada assim pra ele:

— Olhe, não descubra que foi a gente, que a gente dá-lhe metade!

Foi o que ele quis ouvir, pois claro, ele não adivinhava nada! No outro dia de manhã, chega o rei ao pé dele:

— Atão, Mestre Grilo, atão, já descobriu quem é que me fez o roubo?

— Pois já!

— Atão, quem foi?

— Olhe, foi as suas criadas que tem em casa!

Chamou as reparigas à responsabilidade e, é claro, descobriram o processo como é que tinham feito o roubo. Bem, o homem ficou convencido, como elas fizeram a verdade, ficou convencido que o homem que adivinhava!

— 294 —

No outro dia seguinte, o homem tinha morto uma porca pra comer e estava lá pendurada num prego ou numa coisa qualquer, coberta por uma coberta. Chamou o homem outra vez:

— Antão, ó mestre Grilo, é capaz de me saber o que é que está aqui pendurado?

Diz ele assim, sem saber o que ia dizer, pois, e diz ele assim:

— Agora é que a porca torce o rabo!

— O homem duma filha da puta, vá-se já embora!

Mas, quando ele abalou, andava um grilozinho ali a passear e ele meteu-o nas mãos e chamou outra vez o homem:

— Ó Mestre Grilo, venha cá! O que é isto que está aqui fechado nas minhas mãos?

E diz ele aqui assim:

— Ai, coitadinho do Ti Grilo, zonde estás metido!

Que era ele que não sabia o que se passava. Diz assim o rei:

— Vá-se embora que você adivinha tudo, seu filha da mãe!

[Serviço Cívico, Plano «Trabalho e Cultura», equipa A/1, 8 de Agosto de 1975; Tolosa, c. de Nisa, d. de Portalegre. Informante: Arminda Felício, 45 anos, natural de Tolosa, casada, trabalhadora rural, 4.ª classe. Vid. J. Leite de Vasconcellos, *OPIL*, 1, n.º 179-181; e nesta colecção o n.º 190].

1.1.12 *João Grilo*, de Alda e Paulo Soromenho

190

JOÃO GRILLO

Era um fulano que andava a vender abonos, calanca, com um burrito p'las aldeias, cujo nome era João Grilo. Vendo-se aborrecido com a rapaziada, tratou de vender o burrinho e tudo o que trazia e foi para Coimbra e pôs-se a adivinhar. Um belo dia, o rei tinha três criados, os quais se meteu na cabeça a eles que iam fazer um roubo muito importante. Depois, o rei, pollecia práqui, pollecia prácotá não havia meio de descobri-los até que encontrou um fulano, que lhe disse fosse chamar o tal Senhor João Grilo, que andava em Coimbra, que ele descobria isso. O rei mandou-o chamar e ele chegou cá, que no prazo de 3 dias que lhe havia de dizer quem é que lhe tinha roubado a tal dita fortuna. De forma que o João Grilo ficou. (E era com pena de morte). Passou-se um dia e ele disse:

— Ah! Já cá está um.

Era um, mas era um dia, que só faltavam dois para o

— 295 —

morrer, não é? Para ele descobrir, mas ele não descobria nada. No outro dia:

— Já cá estão dois. Só me faltava um.

Calhou também que ele dizia isto diante dos tais gataos. Eles, com medo, sentaram-se e foram dizer ao João Grilo que já sabiam que ele sabia quem é que tinha sido que tinha roubado. E o João Grilo, é claro, disse:

— Bom. Isso já eu sabia há que tempos!

Lá lhe estiveram dizendo onde estava o roubo, e depois, lá estava tudo... coisa, tal e qual como tinham roubado. Depois, é claro, foi ter com o rei e disse que já sabia, que escusavam até de o chamar, que podiam ter ido ter com ele a Coimbra, que ele já sabia. Acompanhou o rei, foi ao sítio onde estava o cura e lá estava. A vinda pra cá, vinha o João Grilo à frente e o rei atrás. Na altura, era na Primavera, passou um grilo e apanhou, o rei apanhou o grilo e disse pro João Grilo:

— Ó João, adivinhas tudo! Vê se lá se adivinhas o que é aquilo que eu apanhei!

Ele volta-se pra trás.

— Ah, Grilo, Grilo!

Mas era com medo de morrer. Vai etc, abre a mão e disse:

— Olha, adivinhaste. É um grilo.

Estava o homenzito com sorte. À saída daquilo tudo, ao acabar, o rei encheu-o de dinheiro e deu-lhe um bom cavalo pra ele ir a cavalo. Mas o outro montou no cavalo e, quando ia a uma distância aí de 100 metros (e os cavalos, os animais, quando nem da cavalaria, quase sempre costumam extravasar)... E o rei, vendo aquilo, volta-se pra ele e diz:

— Ó João Grilo, adivinhas tudo! Adivinha lá o que é que o teu cavalo fez, quando saiu da cavalaria.

Ele volta-se pra trás e diz:

— Atão, ainda faltava mais essa merda?

E merda é que era.

[Localidade: Bacia, e de Torres Novas, e de Santarém, Intermediário; Residência: 78 anos, estudo, 4.ª classe, ensino; tocou guitarra e bandolim; natural de Bacia, onde viveu sempre. Nota: Michel Giacometti/ José Castela/Vicente Távora; Dezembro de 1974. Transcrição: Isabel Cremosa/Cecília Amorim; Abril de 1976. Gravação original: Arquivos Sonoros Portugueses. O narrador designa o texto por «história». Vid. J. Leite de Vasconcelos, CPL, t. n.º 173-181; e nesta coleção o n.º 189].

1.1.13 *Doutor Grilo, médico de El-Rei*, de António Torrado



6

15



Um carvoeiro, que andava com um burro carregado de carvão, passou, um dia, por Coimbra. Ia a atravessar a ponte sobre o Mondego e viu, sentados nas guardas da ponte, muitos estudantes, que comiam bolos, rebuçados e amêndoas. O carvoeiro seguiu o seu caminho, atrás do burro que levava a carga, mas não deixou de comentar de si para si:

7

— Que tal está, Grilo — ele chamava-se Grilo —, agradava-te esta vida, ora pois?! Bolinhos, rebuçados, amêndoas, paparicos, que riqueza! Se para comer coisas boas é preciso ser estudante, então vou também fazer-me estudante.



Dito e feito. Desfez-se do carvão, pôs o burro a pastar e vestiu-se ele com as sacas de carvão, à maneira de capa de estudante.



Depois, foi sentar-se na ponte, a comer côdeas de pão de milho, porque o dinheiro não dava para mais. Os estudantes estranharam o novo colega e perguntaram-lhe:

— Ó caloiro, para que estudas tu?

Ào que ele respondeu:

— Estudo para adivinhão.

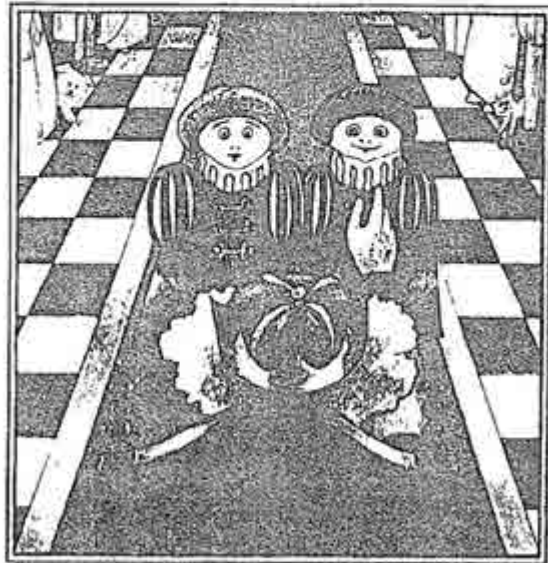
— E que adivinhas?

— Isso, por enquanto, não sei, porque ainda estou a estudar.

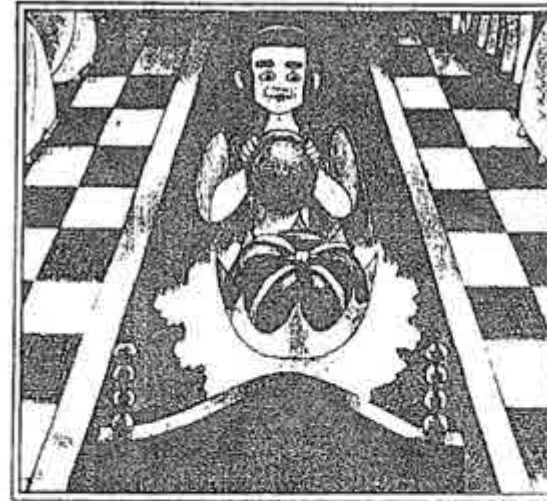
Riram-se os estudantes e foram à sua vida. Estava visto que com aquele não faziam eles farinha.

Passado tempo disto, constou na cidade que tinham roubado um tesouro ao rei de Portugal e que ele premiava quem descobrisse o ladrão. Para ver até onde ia a espreiteza do carvoeiro, e por graça, resolveram os estudantes ir dizer ao rei que havia entre eles um tal que estudava para adivinhão.

— Tragam-no à minha presença — ordenou o rei.



10



Foram buscar o carvoeiro vestido de estudante e levaram-no ao palácio. O rei começou por perguntar se ele estava muito adiantado na ciência que estudava, ao que o homem respondeu, referindo-se à sua antiga profissão de carvoeiro, que já passara o tempo de andar sempre atrás de burros. Parece que ao rei satisfez a resposta, pois, em seguida, chegando-se a ele com a mão direita fechada, lhe perguntou:

— Que tenho eu nesta mão?

11

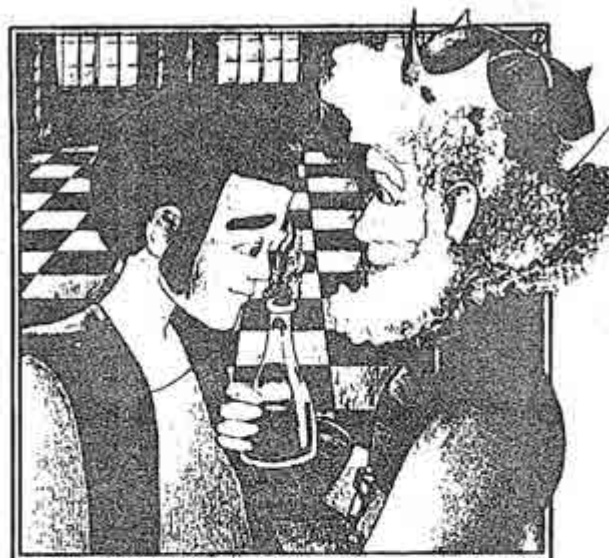
Aqui, o estudante-carvoeiro, aflito por não saber o que havia de dizer, deu um ai, e disse:

— Ai, Grilo, Grilo, em que não estás metido!



Não sei se ainda se lembram que o carvoeiro se chamava Grilo ou, para sermos mais completos, Danilo Grilo. Como o rei não soubesse o verdadeiro nome do carvoeiro, achou a resposta acertada, porque, efectivamente, era um grilo que ele tinha escondido na mão.

12



No entanto, uma só resposta não bastava para se assegurar das qualidades do adivinho. Por isso, mandou o rei matar uma porca e que enchessem um frasco com o sangue do animal. Feito isto, veio de lá o rei com o frasco e chegou-o ao nariz do carvoeiro:

— De que é este sangue? — perguntou.

Ao que ele, por não saber de que era, respondeu:

— Aqui é que a porca torce o rabo.

13

Ficou o rei muito satisfeito:
 — Adivinhaste. É sangue de porca o que eu tenho no frasco. Pelo que vejo, vais ser capaz de descobrir os ladrões do meu tesouro. Dou-te três dias para que o consigas.

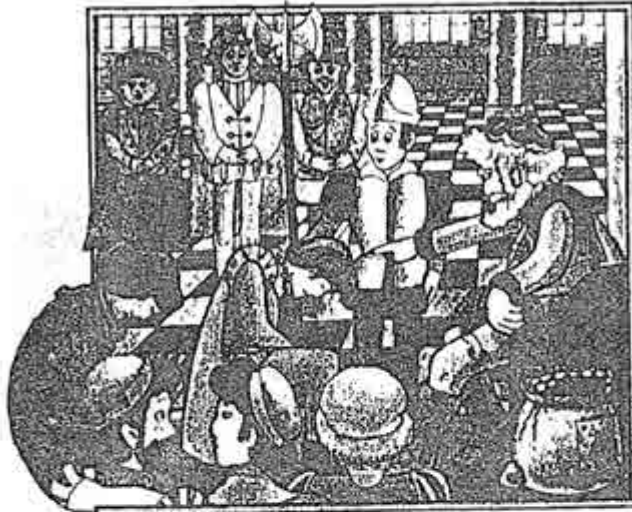


19 Espalhou-se na corte que estava no palácio um adivinho adivinhão muito fino e sabedor, que ia, num abrir e fechar de olhos, apontar a dedo os ladrões do tesouro. Então, os dois fidalgos que tinham cometido o roubo foram, cheios de medo, ter com o estudante a fingir e disseram-lhe, em segredo:



— Dividiremos contigo o tesouro, se não disseres que fomos nós.

E logo ali lhe deram um saco com moedas de ouro e uma bolsa com anéis.



Era isto o que o falso estudante queria saber. Pediu audiência ao rei, deu-lhe o saco e a bolsa com os anéis e recomendou-lhe:

— Agora, Vossa Alteza, mande chamar à sala do trono todos os seus fidalgos, um por um. Fique com o saco poisado nos joelhos e entretenha-se a brincar com os anéis, enquanto fala com eles. Os que tremerem e gaguejarem diante de Vossa Majestade, são esses os ladrões.

Assim se fez, e os ladrões foram apanhados.



O rei, cada vez mais satisfeito com o seu adivinho, prometeu que iria premiá-lo muito bem e pediu-lhe que se deixasse ficar no palácio mais alguns dias. Mas aquela corte devia ser um covil de ladroagem, porque, entretanto, desapareceram as jóias da princesa do cofre onde estavam guardadas. Como é de prever, a princesa não parava de chorar e o rei não parava de gritar.

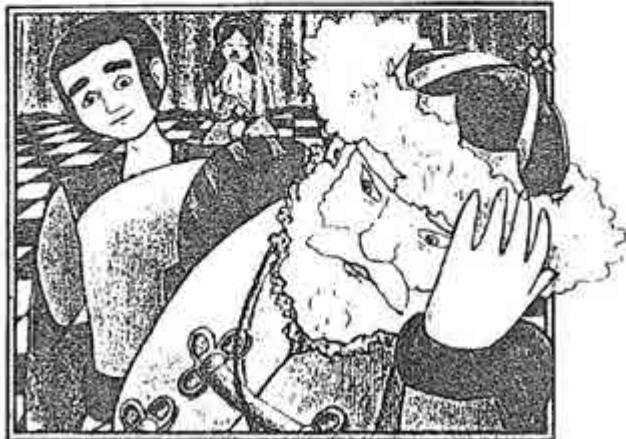
— Prendam-nos todos. Todos! — bramava o rei, de cabeça perdida.

Esses todos eram os soldados que tinham estado de sentinela ao quarto da princesa.

O Grilo, com a autoridade que lhe dava o ter descoberto os anteriores gatunos, tentou sossegar o rei, com palavras de bom juízo:

— Se Vossa Majestade manda prender todos, ficam na prisão mais inocentes do que culpados.

— Então que conselho me dás? — perguntou o rei, dominando a cólera.



Empertigou-se o estudante-carvoeiro e sentenciou:

— Saiba Vossa Majestade que o meu burro chega para esta encomenda. De tanto me suportar o peso, ao longo destes anos, já lhe passou para o corpo parte da minha sabedoria. Posso mesmo garantir-vos que o meu burro é o meu melhor discípulo.



O rei espantou-se com tamanha confiança na inteligência de um burro, mas pelo sim pelo não ordenou que soltassem os soldados e os trouxessem à sua presença. Depois de os ter diante dele, deu a palavra ao Grilo, que lhes disse assim:

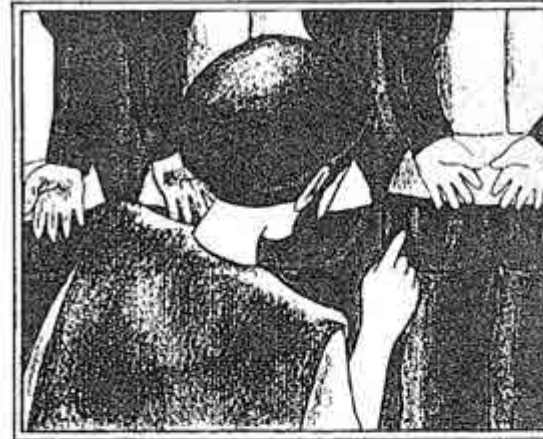
— Como acabo de explicar a Sua Majestade, o meu burro é sábio. Basta que um ladrão lhe passe a mão pelo pêlo para que ele desate a zurrar. Vamos à experiência.

Um por um, os soldados foram à cavalaria fazer uma festa ao burro do estudante-carvoeiro. Deve ter-se admirado com tantas visitas o bom do burro, mas a verdade é que esteve todo o tempo quieto e calado.



20

22



— Afinal o burro não zurrou. Que quer isto dizer? — comentou o rei, nada contente com o caso.

O Grilo tranquilizou-o:

— Espere Vossa Majestade mais um pouco, que tanto como eu ensinei ao meu burro a ciência, também ele me ensinou a paciência.

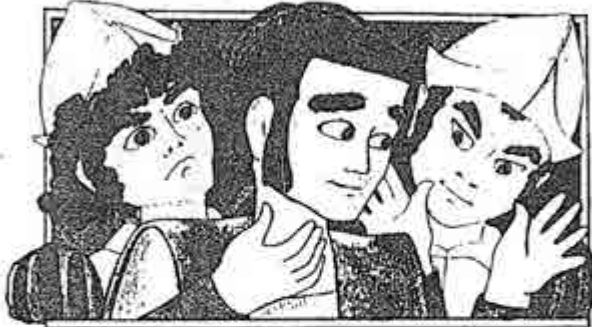
Depois, encarando os soldados que tinham estado na cavalaria, pediu-lhes, com muito bons modos, que se virassem para a parede, de mãos atrás das costas. Eles assim fizeram.

Então o Grilo passou-os em revista e apontou:

21

— Os ladrões das jóias foram este, mais este e aquele.

Os visados protestaram. Que era uma infâmia, que nada provava a acusação, que tinham as mãos limpas de qualquer malfetoria...



— Pois é — concordou o Grilo. — Mãos limpas têm vossemecês, que eu bem as vejo. Não fosse o vosso carregó de culpas e tinham-nas passado pelo pêlo do burro, como fizeram os outros, que ainda as trazem sujas do pó de carvão. Mas vossemecês temeram-se das zurradelas e resguardaram-se. Não será o meu burro um sábio ao pé destes burros que da sabedoria de um burro se arrecrearam?



Estava tudo dito. Os soldados acabaram por confessar, enquanto o Grilo, estudante-carvoeiro e adivinho, era muito felicitado pela corte, por mais este êxito da sua ciência de adivinhão.

Mas, durante o banquete, organizado para festejar o reaparecimento das jóias da princesa, aconteceu uma desgraça. Estava a filha do rei à conversa com as suas aias, quando, sem mais quê nem porquê, se engasgou. Que tinha sido, que não tinha sido? Um osso, um miserável osso, atravessara-se nas goelas de Sua Alteza.



Houve grande aflição no palácio e os médicos, chamados à pressa, não se atreveram a tirar o osso. Tinham receio de magoar a princesa. Despedidos os médicos, chamou o rei o adivinho para que lhe curasse a filha.

— Não tem dúvida, não tem dúvida — dizia o estudante-carvoeiro. — Já uma vez sucedeu o mesmo à cadela do meu tio-avô e eu salvei-a num instante.



Pediu às aias da princesa que lhe metessem bolinhas de manteiga nas goelas e mandou que a deitassem de bruços e a descalçassem. Depois, pegou numa pena de escrivão e começou a fazer cócegas nos pés da princesa, no pescoço e atrás das orelhas. A princesa ria-se e tornava-se a rir, até que botou o osso cá para fora. Então o rei abraçou o carvoeiro e disse-lhe assim:

— Já que tanto sabes, ficas nomeado médico da minha real casa. Pelos teus serviços até agora, vou dar-te parte do tesouro que me ajudaste a descobrir, e pelos teus serviços de aqui em diante, o resto do tesouro te darei.



25



Parece que nesse tempo, fosse por que fosse, muitos soldados do rei tinham caído doentes. Dizia-se que gostavam mais dos caldinhos de galinha do hospital do que do rancho e do trabalho, mas também se dizia que, a adoecerem assim tantos soldados, ficava o palácio do rei desguarnecido e à mercê dos inimigos. Chamaram então o médico da corte para que pusesse cobro à epidemia.

— Vamos já ver isso — decidiu o médico-carvoeiro.

27

E foi ao hospital. Andou por ali, passando por entre as camas, pedindo a um que mostrasse a língua, a outro que tossisse e, a certa altura, disse muito alto, para que todos o ouvissem:

— Aqueles que estiverem mais doentes não-de ser amanhã abertos para serem examinados.



Os doentes, quando tal ouviram, levantaram-se todos das camas, uns encostados a paus, outros a muletas, e correram para a saída do hospital, que nem pareciam doentes ou talvez já nem doentes fossem...



Esta cura deu grande fama ao médico, a ponto de se dizer dele que só com as suas falas dava saúde aos enfermos. Então o médico-carvoeiro, ao ouvir isto, resolveu ir estudar medicina, mesmo a sério, na Universidade; e passado algum tempo tomou capelo e ficou a chamar-se Doutor Danilo Grilo, o Sábio Benfazejo, porque curava muitas doenças e era muito bondoso para com todos os doentes que o consultavam.

É a história acaba aqui

1.1.14 *História do João Grilo*, de Glória Bastos


27

CÓNTOS CONTAS
HISTÓRIA DO JOÃO GRILO

texto
Glória Bastos
ilustrações
Cristina Sampaio



Numa aldeia pequenina,
vivia um rapaz muito
pobre, chamado
João Grilo.



O João tinha uns grandes olhos pretos, na sua boca
larga bailava sempre um sorriso e os seus cabelos cas-
tanhos estavam constantemente desalinhados.



Era um rapaz simpático,
e todos na aldeia
gostavam dele porque andava
sempre alegre
e era muito brincalhão.

Depois de teres começado a ler a história do João Grilo, faz a corres-
pondência:

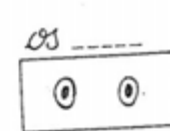


desalinhados



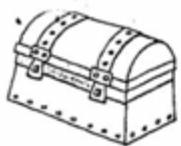
pretos

larga



sorriso

castanhos



Um dia, espalhou-se por toda a terra que tinham desaparecido as jóias da princesa.

O rei seu pai tinha então decidido que daria a mão da jovem a quem descobrisse o autor do roubo.

2-d

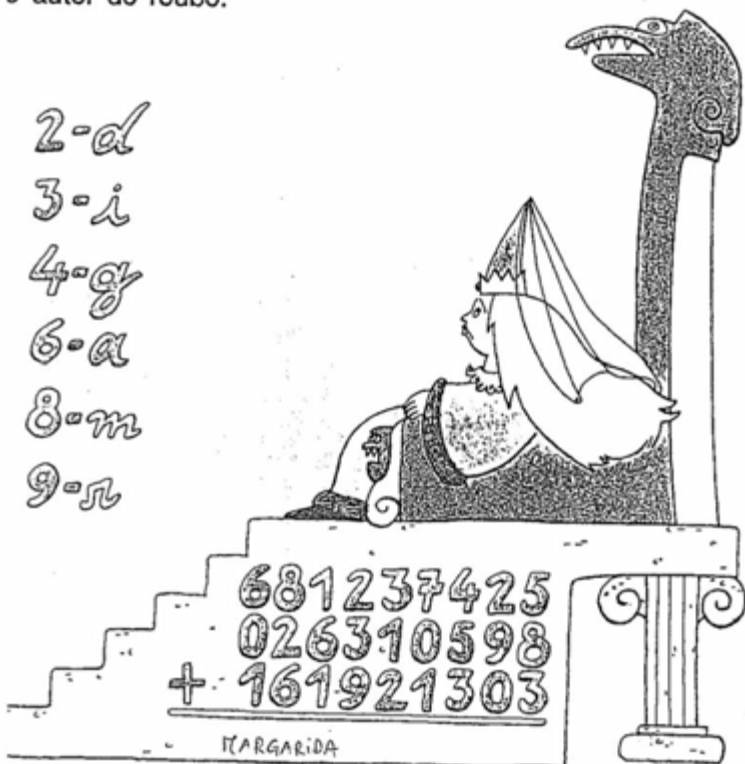
3-i

4-g

6-a

8-m

9-n



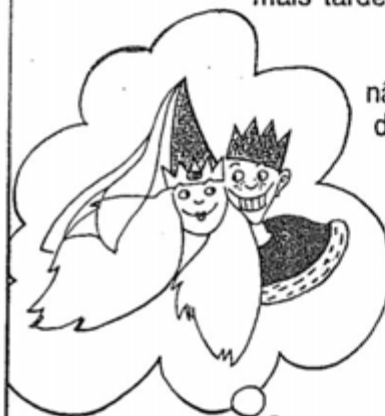
Qual é o nome da princesa?

Resolve a adição e ficarás a saber com a ajuda do código...

10

28 Era, sem dúvida, uma boa oportunidade, e muitos jovens tentaram a sua sorte. Casar com a princesa e, mais tarde, ser o rei era o sonho de quase todos os rapazes.

No entanto, para aqueles que não descobrissem o ladrão, ao fim de três dias, o rei tinha reservado um triste destino...



Ordena as palavras para construíres uma frase e conheceremos o castigo do rei...

quem não descobriu o ladrão
terá como castigo a morte

11

Os pais do João começaram logo a meter-lhe na cabeça que fosse tentar a fortuna deste modo.

Mas o rapaz não queria, pois sabia que já alguns tinham sido mortos por não descobrirem nem o ladrão nem as jóias da princesa.

E por isso repetia:



«Eu quero continuar vivo, por isso não vou lá.» ×

«Ninguém conseguirá descobrir o ladrão.»

«Eu fui ao castelo e descobri as jóias.»

«Ninguém conseguiu descobrir o ladrão.»

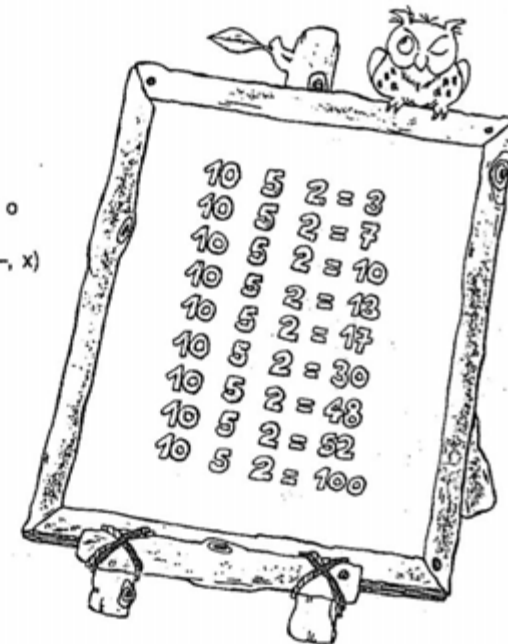
Identifica a frase que se encontra no presente e saberás o que o João Grilo disse:

29

Porém, tanto o tentaram, tantas vezes lhe disseram que era aquela a maneira de ele se tornar rico e famoso, que João Grilo lá se meteu a caminho até ao palácio do rei, para se apresentar perante ele.



Como o caminho era longo, o João, para se distrair, foi resolvendo o exercício deste quadro, colocando os sinais (+, -, x) de modo a obter o resultado indicado.

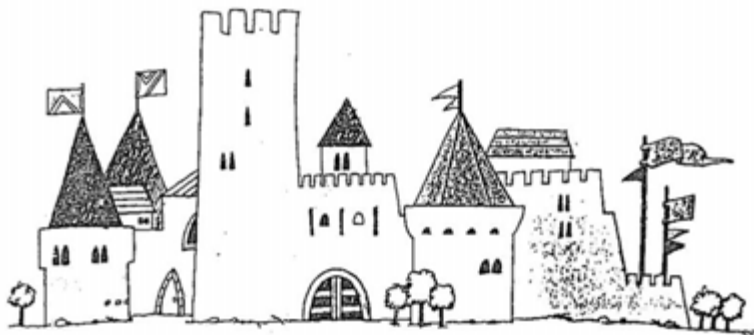


Foi num instantel
Em cinco minutos estava tudo resolvido!
E tu, quanto tempo demoras?

Finalmente, depois de muito andar por estradas para ele desconhecidas, uma vez que o castelo ficava distante, João Grilo chegou ao palácio real.

Era um castelo grande e majestoso, com uma torre tão alta que de lá se podia avistar o campo muitos quilómetros em redor!

O rapaz olhava, olhava, pois tudo aquilo era novo para ele: «Ena pá! Nunca pensei que o palácio do rei fosse tão grande! A minha aldeia até cabia ali dentro!...»



Repara nas duas imagens do castelo.
Descobre as 6 diferenças que existem entre elas.



Dirigiu-se aos enormes portões de ferro, onde se encontravam os guardas do palácio, que não o queriam deixar entrar, por o verem muito roto.

Começaram a fazer pouco dele, dizendo-lhe até que era doido. João Grilo, aborrecido, respondeu:

— Ai eu é que sou doido, não é? Mas vocês não conseguem descobrir este enigma:



«Tu tens duas lanças e o teu
companheiro tem o dobro,
mas no armazém estão agora
o quádruplo das vossas lanças.»

= 24



Os guardas ficaram de boca
aberta, sem encontrar resposta
e, por fim, lá lhe deram passagem.

... Como terão os guardas resolvido este difícil problema?

O rei e a princesa também se riram bastante dele. Contudo, não tiveram outro remédio senão cumprir a sua palavra.

— Mas já sabes: tens apenas três dias para descobrires o ladrão — avisou o rei, olhando severamente para o rapaz, que não sabia onde se meter.



— Porque depois...

Coitado do João Grilo, ele compreendeu a ameaça do rei, e pensou: «Quem me mandou sair da minha querida aldeia!»

E recordava as pequeninas casas alinhadas da sua aldeola.

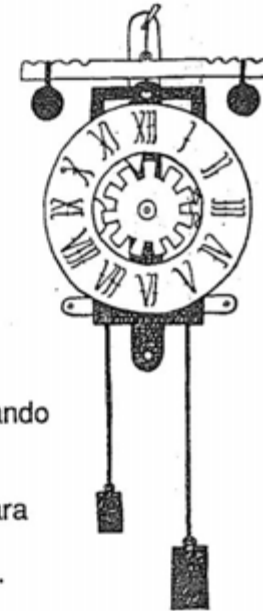
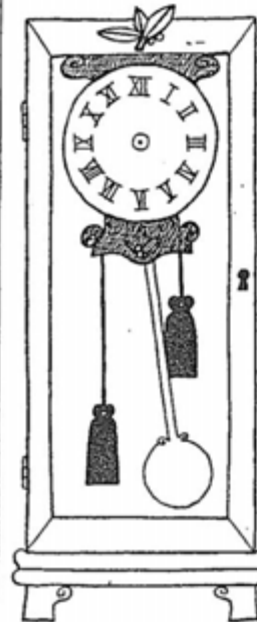


Preenche a sequência que contém os números das casas da aldeia do João.

31

Deste modo, meteram-no num quarto e deram-lhe três dias para pensar.

O pobre rapaz estava muito desanimado, pois supunha que não iria descobrir o ladrão e, assim, nunca mais regressaria à sua terra natal.



As horas iam passando e, em breve, o primeiro dia chegou ao fim, para aumentar o seu desalento.

Coloca nos relógios os ponteiros que representam a hora a que o João foi encerrado — 15 horas e 30 minutos — e a altura em que lhe foram dar de comer — 19 horas e 15 minutos.

Ao entardecer, um criado foi levar-lhe comida.
 E quando ele regressou para lhe perguntar se queria mais alguma coisa, o João respondeu que não e, ao mesmo tempo que dava um suspiro, disse:

— Já lá vai um!



O criado, ao ouvir estas palavras, saiu muito atrapalhado, e foi ter com dois companheiros, a quem contou o que ele tinha dito.



Porque pensa que o João cri lo
 ti nh a des co ber to que e le
 e ra um dos la drões.

Por que razão ficou o criado com medo?
 Preenche a frase com as sílabas
 que faltam e ficaremos a saber.

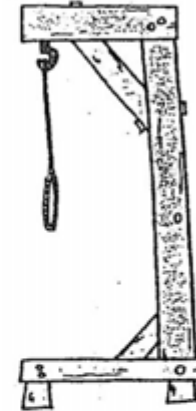
É verdade! Estes três criados eram justamente os que tinham roubado as jóias da princesa e julgaram que o rapaz tinha conhecido um dos ladrões, e por isso dissera:



«Já lá vai um!»

Enganavam-se, porque ele se referira a que já lá ia um dia, e ia assim também caminhando para a forca.

Faltavam, pois, dois dias para o prazo findar.



| | | | | | | |
|--------------|--------------|---------------|----|---------------|----|--------------|
| 1 | 2 | 3 | ? | 5 | 6 | 7 |
| 8 | * | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | ☆ | 31 | . | . | . | . |

Supõe que lhe davam o triplo dos dias que uma semana tem.
 Com quantos dias ficaria ele para encontrar o ladrão?

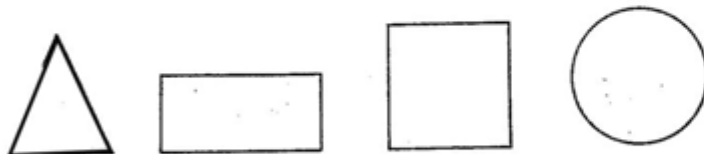


Os criados combinaram que, no dia seguinte, iria outro, para ver se o Grilo também o reconhecia.

Assim foi. Nessa noite, quando o segundo perguntou ao João Grilo se queria mais alguma coisa, ele, além de dizer que não, suspirou:



— Já lá vão dois!



O quarto onde o rapaz se encontrava tinha a forma de um quadrado. Faz corresponder os nomes às formas geométricas.

retângulo

triângulo

círculo

quadrado

33

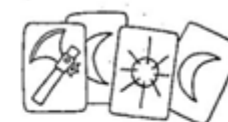


O criado ficou assustadíssimo e correu logo para contar aos outros. Imagine-se como tremiam!



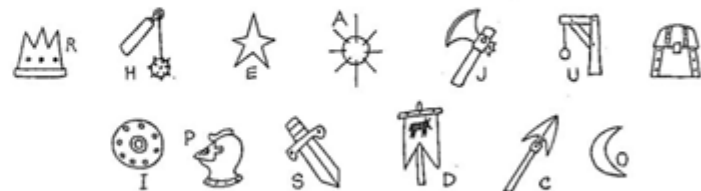
No dia seguinte, foi lá o terceiro dos ladrões, e à noite, quando se despedia do preso para se ir embora, este disse:

— Pronto: já lá vão três!



A surpresa do criado foi tão grande que...

Que reacção teve o criado?



Descodifica a mensagem e saberás. Cada sinal corresponde a uma letra.

Pois é, pensando que estava tudo descoberto, deixou-se aos pés de João Grilo e suplicou-lhe:

— É verdade, senhor, fomos nós três. Mas, peço-lhe por tudo quanto há, que não diga nada ao rei. Ficaríamos desgraçados. Nós entregamos as jóias todas, com a condição de não nos denunciar.

João Grilo caiu das nuvens, mas fingiu que efectivamente tinha adivinhado.

Prometeu ao homem que não diria nada, e mandou-o logo buscar as jóias.



Onde é que elas estavam escondidas?
Identifica as divisões do palácio e segue o caminho para encontrar as jóias.

34

Como tinham findado os três dias, foi o rei ter com João Grilo, e perguntou-lhe:

- Descobriste?
- Saiba Vossa Majestade que sim senhor.



O rei riu-se muito, julgando que o rapaz estava doido, mas ele apresentou-lhe as jóias, sem dizer quem tinha sido o ladrão.

Vitória!... Vitória!...

Mas já acabou a história?
NÃO!
Se acertares a conta...

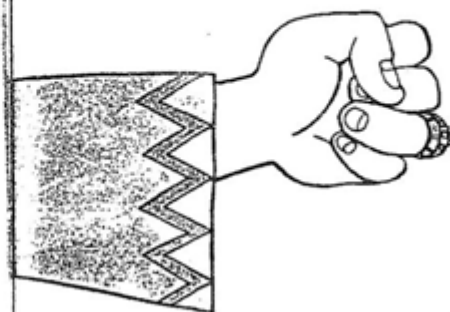


Com fama de adivinhão, o rapaz não ficou mal colocado
 E assim lá ia vivendo naquele palácio
 de salas enormes e corredores sem
 fim, que
 às vezes João Grilo
 Se perdia
 meio daquele
 Gigântico labirinto!



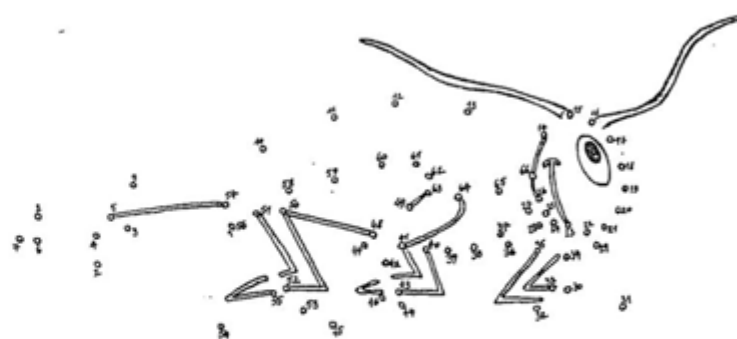
Como é que se vai para o quarto dele?

35 Um dia, o rei, quando andava a passear no seu lindo jardim, apanhou um pequeno insecto.



Fechou-o na mão e decidiu experimentar o adivinhador:

— Ó João, adivinha lá o que tenho fechado nesta mão?



Une os pontos e saberás primeiro do que o João o que o rei tinha na mão.

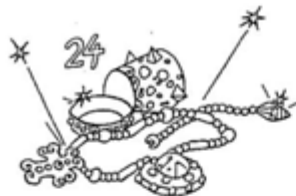
João Grilo, coitado, muito aflito, coçou a cabeça e murmurou:

Ai, Grilo, Grilo, em que mãos estás metido!

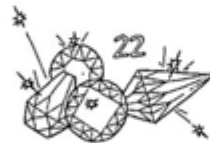
O rei, julgando que ele se referia realmente ao grilo, e a si próprio, por estar atrapalhado, ficou muito contente, exclamando:

Adivinhaste! Adivinhaste! É mesmo um grilo.

E como prémio pela sua esperteza, ofereceu-lhe bastantes presentes.



| X | 2 | 4 | 5 | 7 |
|---|---|----|----|---|
| 3 | 6 | 12 | | |
| 1 | 2 | 4 | | |
| 5 | | 20 | | |
| 6 | | | 30 | |



Os números pares que faltam no quadro indicam os presentes dados rei. Por isso, completa-o.

36

Noutra ocasião, encontrou o rei o rabo de uma porca que tinham morto e enterrado no quintal.

Mais uma vez chamou o João Grilo e disse:

— Adivinha agora o que está aqui enterrado!



O rapaz, de novo aflito, disse a medo:

— Rabo o é agora porca torce que a.



Coitado do João! Ficou tão atrapalhado, que nem conseguiu falar como deve ser, e a frase ficou toda baralhada! Tu é que vais ter de o ajudar e colocar as palavras no lugar certo.

Adivinhaste! Adivinhaste! É o rabo duma porca — e deu-lhe mais dinheiro.

O rapaz vendo-se rico e temendo não adivinhar a próxima, ou para melhor dizer, que o acaso não o favorecesse, escreveu uma carta, fingindo ser da mãe, a pedir que fosse imediatamente ter com ela, porque estava morrer.



Imagina o texto da carta inventada pelo João.

31

O rei custou-lhe muito a saída dele, mas não teve outro remédio senão deixá-lo ir.

Despediram-se. O rapaz montou a cavalo e, rico e feliz, lá foi para a sua terra, deixando muitas saudades.

FIM

1.2 Compilações brasileiras

1.2.1 *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima



FICHA

NOME – Proezas de João Grilo

TEMA – Astúcia

AUTOR – João Ferreira de Lima

LOCAL – Sem indicação

DATA – 1948

ESTROFES – 31 de seis versos de sete sílabas (sextilhas)

e 95 de sete versos de sete sílabas (septilhas).

ESQUEMA DE RIMAS – das sextilhas: x a x a x a; das septilhas: x a x a b b a (rima chamada aberta, porque o 1º e 3º versos não rimam com nenhum outro).

OBSERVAÇÃO – As letras repetidas indicam os versos que rimam entre si. Indicam-se com x os versos que não rimam com nenhum outro.

FINAL – Estrofe normal

BIOGRAFIA DO AUTOR – JOÃO FERREIRA DE LIMA nasceu no Município de São José do Egito, Estado de Pernambuco. Viveu na cidade pernambucana de Caruaru. Escreveu sobre temas variados e sua obra mais comentada é "As Palhaçadas de João Grilo", que, em 1948, foi ampliada para 32 páginas, com o título de "Proezas de João Grilo".

A personagem João Grilo foi aproveitada também pelos poetas João Martins de Ataride, Paulo Nunes Batista e Antônio Pauferrro de Silva, e adquiriu renome internacional ao ser usada pelo teatrólogo Ariano Suassuna na peça "O Auto da Compadecida".

O nome LITERATURA DE CORDEL provém de Portugal e data do século XVII. Esse nome deve-se ao cordel ou barbante em que os folhetos ficavam pendurados, em exposição. No Nordeste brasileiro, mantiveram-se o costume e o nome, e os folhetos são expostos à venda pendurados e presos por pregozinhos de roupa, em barbantes esticados entre duas estacas, fixadas em caixotes.

PROEZAS DE JOÃO GRILO

João Grilo foi um cristão
Que nasceu antes do dia,
Criou-se sem formosura,
Mas tinha sabedoria
E morreu depois da hora,
Pelas artes que fazia,

E nasceu de sete meses,
Chorou no bucho da mãe,
Quando ela pegou um gato
Ele gritou: – Não me arranhe!
Não jogue neste animal,
Que talvez você não ganhe!

Na noite que João nasceu,
Houve um eclipse na lua,
Detonou grande vulcão
Que ainda hoje continua;
Naquela noite correu
Um lobisomem na rua.

Assim mesmo ele criou-se
Pequeno, magro e sambudo,
As pernas tortas e finas,
A boca grande e baçudo.
No sítio onde morava,
Dava notícia de tudo.

João perdeu o pai
Com sete anos de idade.
Morava perto dum rio,
Ia pescar toda a tarde.
Um dia fez uma pena,
Que admirou a cidade.

O rio estava de nado,
Vinha um vaqueiro de fora;
Perguntou: — Dará passagem?
João Grilo disse: — Ainda agora,
O gadinho de meu pai
Passou com o lombo de fora!

Vaqueiro botou o cavalo,
Com uma braça de nado;
Foi sair muito embaixo,
Quase que morre afogado.
Voltou e disse ao menino:
— Você é um desgraçado!

João Grilo foi ver o gado,
Pra provar aquele ato;
Vinha trazendo na frente
Um bom rebanho de pato —
Os patos passaram nágua,
João provou que era exato.

Um dia, a mãe de João Grilo
Foi buscar água à tardinha,
Deixou João Grilo em casa
E, quando deu fé, lá vinha
Um padre pedindo água.
Nesta ocasião não tinha.

João disse: — Só tem garapa!
Disse o padre: — De que é?
O João Grilo respondeu:
— É do Engenho Catolé.
Disse o padre: — Pois eu quero,
João levou uma coité,

O padre bebeu e disse:
— Oh! Que garapa boa!
João Grilo disse: — Quer mais?
O padre disse: — E a patroa?
Não brigará com você?
João disse: — Tem uma canoa!

João trouxe uma coité
Naquele mesmo momento.
Disse: — Padre, beba mais!
Não precisa acanhamento —
Na garapa tinha um rato,
Estava podre e fedorento!

O padre disse ao menino:
— Tenha mais educação!
E por que não me disseste?
Oh, natureza de cão!
Pegou a dita coité,
Arrebentou-a no chão.

João Grilo disse: — Danou-se!
Misericórdia, São Bento!
Com isto mamãe se dana!
Me pague mil e quinhentos —
Essa coité, seu vigário,
É de mamãe mijar dentro!

O padre deu uma popa,
Disse para o sacristão:
— Esse menino é o Diabo
Em figura de cristão!
Meteu o dedo na goela,
Quase vomita o pulmão.

João Grilo ficou sorrindo,
Pela cilada que fez.
Dizendo: — Eu vou confessar-me
No dia sete do mês.
Ele nunca confessou-se,
Foi essa a primeira vez.

João Grilo tinha um costume:
Pra toda parte que ia,
Era alegre e satisfeito
No convívio de alegria;
João Grilo fazia graça
Que todo mundo sorria.

Num dia de sexta-feira,
As cinco horas da tarde,
João Grilo disse: — Hoje à noite,
Eu assombro aquele padre!
Se ele não me perdoar,
Na igreja há novidade!

Pegou uma lagartixa,
Amarrou pelo gogó,
Botou-a numa caixinha
No bolso do paletó.
Foi confessar-se João Grilo,
Com paciência de Jó.

As sete horas da noite,
Foi ao confessional.
Fez logo o pelo-sinal,
Posto aos pés do vigário.
O padre disse: — Acuse-se!
João lhe disse o necessário.

— Eu sou aquele menino
Da garapa e da coltê. . .
O padre disse: — Levante-se,
Que já sei quem você é!
João tirou a lagartixa,
Soltou-a junto do pé.

A lagartixa subiu
Por debaixo da batina,
Entrou na perna da calça,
Tornou-se feia a buzina.
O padre meteu os pés,
Arreventou a cortina.

Jogou a batina fora,
Naquela grande fadiga —
A lagartixa cascuda
Arranhando na barriga.
João Grilo de lá gritava:
— Seu padre, Deus lhe castiga!

O padre, impaciente,
Naquele turututu,
Saltava pra todo lado,
Que parecia um timbu.
Terminou tirando as calças,
Ficando o esqueleto nu.

João disse: — Padre é homem!
Pensei que fosse mulher!
Anda vestido de saia,
Não casa, porque não tem fé!
Isso que é ser caviloso,
Cara de mata-bebé!

O padre disse: — João Grilo,
Vai-te daqui, infeliz!
João Grilo dizia bravo
Ao vigário da matriz:
— É assim que ele me paga
O benefício que fiz?

João Grilo foi embora,
O padre ficou zangado.
João Grilo disse: — Ora sebo!
Eu não aliso coroados!
Vou vingar-me de uma raiva,
Que tive o ano passado.

No subúrbio da cidade
Morava um português,
Vivia de vender ovos.
Justamente nesse mês,
Denunciou João Grilo
Pelas artes que ele fez.

João encontrou o português,
Com a égua carregada
Com duas caixas de ovos.
João lhe disse: — Oh, camarada!
Deixa eu dizer à égua
Uma pequena charada.

O português disse: — Diga!
João chegou bem no ouvido:
Com a ponta do cigarro,
Solto-a dentro escondido.
A égua meteu os pés,
Foi temeroso estampido.

Derrubou o português,
Foi ovo pra todo lado!
Arrebentou a cangaia,
Ficou o chão ensopado:
O português levantou-se,
Tristonho e todo melado.

O português perguntou:
— O que foi que tu disseste,
Que causou tanto desgosto
A este animal agreste?
— Eu disse que a mãe morreu!
O português respondeu:
— Oh! Égua besta da peste!

João Grilo foi à escola
Com sete anos de idade.
Com dez anos ele saiu,
Por espontânea vontade —
Todos perdiam pra ele,
Outro Grilo como aquele
Perdeu-se a propriedade.

João Grilo, em qualquer escola,
Tinha do povo a atenção,
Passava quinau no mestre,
Nunca faltou com a lição.
Era um tipo inteligente —
No futuro e no presente,
João dava interpretação.

Um dia perguntou ao mestre:
 — O que é que Deus não vê,
 E o homem vê a qualquer hora?
 Disse o mestre: — Não pode ser,
 Pois Deus vê tudo no mundo —
 Em menos de um segundo
 De tudo pode saber!

João Grilo disse: — Qual nada!
 Que dé os elementos seus?
 Abre os olhos, mestre velho,
 Que vou lhe mostrar os meus!
 Os seus estudos se somem:
 O homem vê outro homem
 Só Deus não vê outro Deus!

João Grilo disse: — Seu mestre,
 Me diga como se chama
 A mãe de todas as mães —
 Tenha cuidado no drama!
 O mestre coçou a cabeça,
 Disse: — Antes que me esqueça,
 Vou resolver o programa.

A mãe de todas as mães
 É Maria Concebida!
 João Grilo disse: — Eu protesto!
 Antes dela ser nascida,
 Já esta mãe existia —
 Não foi a Virgem Maria.
 Oh! Que resposta perdida!

João Grilo disse depois,
 Num bonito português:
 — A mãe de todas as mães,
 Já disse e digo outra vez,
 Como a Escritura ensina,
 É a natureza divina
 Que tudo criou e fez.

Me responda, professor,
 Entre grandes e pequenos,
 Quero que fique notável,
 Por todos nossos terrenos.
 Responda com rapidez:
 Como se chama o mês
 Que a mulher fala menos?

— Esse mês eu não conheço!
 Quem fez essa tabuada?
 João Grilo lhe respondeu:
 — Ora sebo, camarada!
 Pra mim perdeu o valor —
 Tem o nome de professor,
 Mas não conhece de nada.

Esse mês é fevereiro,
 Por todos bem conhecido.
 Só tem vinte e oito dias,
 O tempo é mais resumido.
 Entre grandes e pequenos,
 É o que a mulher fala menos!
 Mestre, você está perdido!

Seu professor, me responda
 Se algum tempo estudou:
 Quem serviu a Jesus Cristo,
 Morreu e não se salvou —
 No dia que ele morreu,
 O corpo o urubu comeu
 E ninguém o sepultou?

— Não conheço quem é esse,
 Porque nunca vi escrito!
 João Grilo respondeu:
 — Foi um jumento, está dito,
 Que a Jesus servia
 Na noite que ele fugia
 De Belém para o Egito!

João Grilo olhou de um lado,
 Disse para o diretor:
 — Este mestre é um quadrado,
 Fique sabendo o senhor!
 Sem dúvida, exame não fez —
 O aluno desta vez
 Ensina o professor!

João Grilo foi para casa,
 Encontrou sua mãe chorando.
 Ele então disse: — Mamã,
 Não está ouvindo eu cantando?
 Não chore, toque mais antes,
 Pois o seu filho garante —
 Pra isto vivo estudando!

A mãe de João Grilo disse:
 — Choro por necessidade;
 Sou uma pobre viúva
 E tu de menor idade,
 Até da escola saíste!
 João lhe disse: — Ainda existe
 O mesmo Deus de bondade.

A senhora pensa em carne
 De quatro mil réis o quilo?
 Ou talvez do meu destino
 Que à força fiei de segui-lo?
 Não chore, fique bem certa —
 A senhora só se aperta
 Quando matarem João Grilo!

João chegou no rio
 Às cinco horas da tarde;
 Passou até nove horas,
 Porém foi tudo dabalde.
 Na noite triste e sombria,
 João Grilo, sem companhia,
 Voltava sem novidade.

Chegando dentro da mata,
 Quivi lá dentro um rigido;
 De lobos devoradores,
 O caminho interrompido —
 E trepou-se num pinheiro,
 Como era um forasteiro,
 Ficou calado, escontido.

Os lobos foram embora,
 João não queria descer.
 Disse: — Eu dormirei hoje aqui,
 Suceda o que suceder.
 Eu hoje imito araquã —
 Só vou embora amanhã,
 Quando o dia amanhecer.

O Grilo ficou trepado,
 Temendo lobos, leões,
 Pensando na fatal sorte
 E recordando as lições
 Que na escola estudou —
 E de súbito chegou
 Uns quatro ou cinco ladrões.

Eram ladrões de Meca,
 Que roubavam no Egito;
 Se ocultavam na mata,
 Naquele bosque esquisito,
 Pois cada um, de per si,
 Que vinham juntaf-se ali,
 Pra ver quem era perito.

O capitão dos ladrões
 Disse: — Não falta ninguém?
 Um respondeu: — Não senhor!
 Disse ele: — Muito bem.
 Cuidado, não roubem vã!
 Vamos juntaf amanhã,
 Na capela de Belém.

Lá partimos o dinheiro,
 Pois aqui tudo é graúdo,
 Temos um roubo a fazer,
 Desde ontem que estudo,
 Mas já estou preparado.
 E o Grilo ali trepado,
 Caleado, comprando tudo.

Os ladrões foram embora,
 Depois da conversação:
 João Grilo ficou ciente,
 Dizendo em seu coração:
 "Se Deus ajudar a mim,
 Acabou-se tempo ruim!
 Eu sou quem ganho a questão!"

João Grilo desceu da árvore
 Quando o dia amanheceu,
 Mas quando chegou em casa
 Não contou o que se deu.
 Furtou um roupão de malha,
 Vestiu, fez uma mortalha,
 Lá no mato se escondeu.

A noite, foi pra capela,
 Por detrás da sacristia,
 Vestiu-se numa mortalha,
 Pois a capela jazia
 Sempre com a porta aberta.
 João Grilo partiu na certa,
 Colher o que pretendia.

Deitou-se lá num caixão
 Que enterrava defunto.
 João Grilo disse: — Hoje aqui,
 Vou ganhar um bom presunto!
 Os ladrões foram chegando,
 João Grilo observando,
 Sem pensar em outro assunto.

Acenderam um farol,
 Penduraram numa cruz,
 Foram contar o dinheiro
 No claro da dita luz.
 João Grilo de lá gritou:
 — Espera por mim, que vou
 Com as ordens de Jesus!

Os ladrões dali fugiram,
 Quando viram a alma em pé.
 João Grilo ficou com tudo,
 Disse: — Já sei como é!
 Nada no mundo me atrasa —
 Agora vou para casa,
 Tomar um rico café.

Chegou e disse: — Mamã,
 Morreu nossa precisão —
 O ladrão, que rouba outro,
 Tem cem anos de perdão!
 Contou o que tinha feito,
 Disse a velha: — Está direito,
 Vamos fazer refeição!

Bartolomeu do Egito
 Foi um rei de opinião.
 Mandou convidar João Grilo
 Pra uma adivinhação.
 João Grilo disse: — Eu vou!
 No outro dia embarcou,
 Para saudar o Sultão.

João Grilo chegou na corte,
 Cumprimentou o Sultão.
 Disse: — Pronto, senhor rei!
 Deu-lhe um aperto de mão,
 Com calma e maneira doce.
 O Sultão admirou-se
 Da sua disposição.

O Sultão falou ao Grilo:
 — De onde você saiu
 E quando foi que nasceu?
 João fitou-o e sorriu:
 — Sou deste mundo d'agora,
 Nasci na ditosa hora
 Que minha mãe me pariu!

— João Grilo, tu adivinhas?
 O Grilo respondeu: — Não!
 Eu só digo alguma coisa,
 Conforme a ocasião!
 Quem canta de graça é galo,
 Cangalha só pra cavalo
 E seca é no sertão!

— Eu tenho doze perguntas
Para você responder,
No prazo de quinze dias.
Escute o que eu vou dizer:
Veja lá como se arruma —
É bastante faltar uma,
Está condegado a morrer!

João Grilo disse: — Estou pronto,
Pode dizer a primeira.
Se acaso eu me sair bem,
Venha a segunda e a terceira,
Venha a quarta e a quinta —
Talvez o Grilo não minta,
Diga até a derradeira!

— Responda qual o animal
Que mostra mais rapidez,
Que anda de quatro pés
De manhã por sua vez,
Ao meio-dia com dois,
Passando disso, depois,
A tardinha anda com três.

O Grilo disse: — É um homem,
Que se arrasta pelo chão.
No tempo que engatinha,
Depois, toma a posição,
Anda em pé bem seguro,
Mas, quando fica maduro,
Faz três pés com o bastão.

O Sultão maravilhou-se
Com sua resposta linda.
João disse: — Pergunte outra —
Vou ver se respondo ainda!
A segunda o Sultão fez.
João Grilo daquela vez
Celebrizou sua vinda.

— Grilo, você me responda,
Em termos bem divididos:
Uma cova, bem cavada,
Doze mortos estendidos,
E todos mortos falando —
Cinco vivos passando,
Trabalham com três sentidos!

— Essa cova é uma viola
Com prima, baixo e bordão.
Mortas são as doze cordas,
Quando canta um cidadão,
Canta, toca e faz o verso.
Cinco vivos, num progresso —
Os cinco dedos da mão!

Houve uma salva de palmas,
Com vivas, que retumbou.
O Sultão ficou suspenso,
Seu viva também braçou.
E, depois, pediu silêncio.
Com outro desejo imenso,
A terceira perguntou:

— João Grilo, qual é a coisa
Que eu mandei carregar
Primeiro dia e segundo —
No terceiro eu fui olhar,
Quase dá-me a titirita!
Se tira, mais grande fica,
Não mingua; faz aumentar!

— Senhor rei, sua pergunta,
Parece-me fazer guerra!
Um Grilo não tem saber,
Criado dentro da serra!
Mas diga, para quem conhece:
O que, tirando, mais cresce,
É um buraco na terra!

— João Grilo, vou terminar:
As perguntas do tratado
O Grilo disse: — Pergunte,
Quero ficar descançado.
Disse o rei: — É muito exato!
O que é que vem do alto,
Dai em pé e corre deitado?

— Aquilo que cai em pé,
Sei correndo pelo chão,
Será uma chuva grossa
Nos barros de um sertão!
O rei disse: — Muito bem!
No mundo todo não tem
Outro Grilo como João!

João Grilo você bebe?
João disse: — Bebo um pouquinho,
Uma vez que eu não sou filho
Do Baco, que faz o vinho.
O meu pai morreu bebendo
É eu, o que estou fazendo?
Sigo no mesmo caminho!

O rei disse: — João Grilo,
Beber é coisa ruim!
O Grilo respondeu: — Qual!
O meu pai dizia assim:
"Na casa de seu Henrique,
Zelam bem um alambique,
Melhor do que um jardim!"

O rei disse: — João Grilo,
Tua fama é um estrondo!
João Grilo disse: — Eu sabendo,
O que perguntar respondo.
Disse o rei enfurecido:
— O que tem o pé comprido
E faz o rastro redondo?

— Senhor rei, tenho lembrança
Do tempo da minha avó,
Que tinha ela um compasso
Na caixa do bororô.
Como ele eu também ando,
Fazendo rastro redondo,
Mexendo uma perna só.

— O João, qual é o bicho
Que passa pela campina,
A qualquer hora da noite,
Andando de lamparina?
É um pequeno animal,
E tem luz artificial —
Vejo o que determina!

— Esse bicho eu já vi,
Pois eu tinha um costume
De brincar sempre com ele.
Minha mãe tinha ciúme.
Eu achava pelo campo —
Uns chamavam pirilampo
E outros de vagalume.

O rei já tinha esgotado,
A sua imaginação.
Não achou uma pergunta,
Que interrompesse João,
Disse: — Me responda agora:
Qual é o olho que chora,
Sem haver consolação?

O Grilho então respondeu-lhe:
— Lá muito perto da gente,
Tem um outeiro importante,
Um moço muito doente,
Suas lágrimas têm paladar,
Que não deixa de chorar —
É um olho d'água vertente!

O rei inventou um truque,
De jeito que lhe convinha:
— Vou arrumar uma cilada,
Pra ver se João adivinha!
Mandou vir um alçapão,
Fez outra adivinhação:
Escondeu uma bacorinha.

— João, o que é que tem
Dentro desse alçapão?
Se não disser o que é,
É morto, não tem perdão!
João Grillo lhe respondeu:
— Quem mata um como eu
Não tem dó no coração!

João lhe disse: — Esse objeto
Nem é mariso, nem é brabo,
Nem é grande, nem pequeno,
Nem é santo, nem é diabo —
Bern que mamãe me dizia
Que eu ainda caía
Onde a porca torce o rabo!

Trouxeram uma bandeja
Ornada de muitas flores.
Dentro dela, uma latinha,
Cheia de muitos fulgores.
O rei disse: — João Grillo,
É este o último estrilo,
Que rebenta suas dores!

João Grilo, dessa vez,
 Passou na última estica —
 Adivinhar uma coisa
 Nojenta que se pratica.
 Fugir da sorte mesquinha —
 Que dentro da lata vinha;
 Um pacote de xínica.

O rei disse: — João Grilo,
 Veja se escapa da morte!
 O que tem nesta latinha
 Responda, se tiver sorte!
 Toda aquela população
 Queria ver a desgraça
 Do Grilo franzino e forte.

— Minha mãe profetizou
 Que o futuro é minha perda!
 Dessas adivinhações
 Brevemente você herda.
 Faz de conta que já vi
 Como esta hoje aqui —
 Parece que dá em merda!

O rei achou muita graça,
 Nada teve o que fazer.
 João Grilo ficou na corte,
 Com regozijo e prazer,
 Gozando um bom paladar —
 Foi comer sem trabalhar,
 Dessa data até morrer.

Todas as questões do reino
 Era João que deslindava.
 Qualquer pergunta difícil
 Ele sempre decifrava.
 Julgamentos delicados,
 Problemas muito enroscados,
 O João Grilo desmanchava.

Certa vez, chegou na corte
 Um mendigo esfarrapado,
 Uma mochila nas costas,
 Dois guardas de cada lado,
 Seu rosto cheio de mágoa,
 Os olhos vertendo água —
 Fazia pena o coitado!

Junto dele estava um duque
 Que veio denunciar,
 Dizendo que o mendigo
 Na prisão ia morar,
 Por não pagar a despesa
 Que fez por sua afoiteza,
 Sem ninguém lhe convidar.

João Grilo disse ao mendigo:
 — E como é, pobretão,
 Que se faz uma despesa
 Sem ter no bolso um tostão?
 Me conte todo o passado,
 Depois de escutado,
 Lhe darei razão ou não.

Disse o mendigo: — Sou pobre
E fui pedir uma esmola
Na casa do senhor duque
E levei minha sacola.
Quando cheguei na cozinha,
Vi cozinhando galinha
Numa grande caçarola.

Como a comida cheirava,
Eu tive apetite nela,
Tirei um tacho de pão
E marchei pro lado dela —
E, sem pensar na desgraça,
Botei o pão na fumaça
Que saía da panela!

O cozinheiro zangou-se,
Chamou logo seu senhor,
Dizendo que eu roubara
Da comida seu sabor —
Só por eu ter colocado
Um tacho de pão mirrado,
Aproveitando seu vapor.

Por isso, fui obrigado
A pagar certa quantia.
Como não tive dinheiro,
O duque, por tirania,
Mandou trazer-me escoltado,
Pra depois de ser julgado
Ser posto na enxovia!

João Grilo disse: — Está bem,
Não precisa mais falar.
Então perguntou ao duque:
— Quanto o homem vai pagar?
— Cinco coroas de prata:
Ou paga ou vai pra chibata,
Não lhe deve perdoar!

João Grilo tirou do bolso
A importância cobrada
Na mochila do mendigo
Deixou-a depositada.
E disse para o mendigo:
— Balance a mochila, amigo,
Pro duque ouvir a zoadá.

O mendigo, sem demora,
Fez como o Grilo mandou:
Pegou sua mochilinha
Com a prata a balançou,
Sem compreender o truque.
Bem no ouvido do duque,
O dinheiro tilintou.

Disse o duque, enfurecido:
— Mas não recebi o meu!
Disse João Grilo: — Sim, senhor!
E isso foi que valeu.
Deixe de ser batoteiro,
O tinido do dinheiro
O senhor já recebeu!

Você diz que o mendigo,
 Por ter provado o vapor,
 Foi mesmo que ter comido
 Seu manjar e seu sabor —
 Pois também é verdadeiro
 Que o tinido do dinheiro
 Represente o seu valor!

Virou-se para o mendigo
 E disse: — Está perdoado!
 Leve o dinheiro que dei
 Vá pra casa descansado!
 O duque olhou para o Grilo,
 Depois de dar um estrilo,
 Saiu por ali danado.

A fama então de João Grilo
 Foi de nação em nação,
 Por sua sabedoria
 E por seu bom coração.
 Sem ser por ele esperado,
 Um dia foi convidado
 Pra visitar o Sultão.

O rei daquele país
 Quis o reino embandeirado
 Pra receber a visita
 Do ilustre convidado.
 O castelo estava em flores,
 Cheio de tantos fulgores,
 Ricamente engalanado.

As damas da alta corte
 Trajavam decentemente,
 Toda a corte imperial
 Estava impaciente,
 Ou por isso ou por aquilo,
 Para conhecer João Grilo,
 Figura tão eminente.

Afinal, chegou João Grilo
 No reinado do Sultão.
 Quando ele entrou na corte,
 Que grande decepção!
 De paletó remendado,
 Sapato velho furado,
 Nas costas um matulão!

O rei disse: — Não é ele,
 Pois assim já é demais!
 João Grilo pediu licença,
 Mostrou-lhe as credenciais —
 Embora o rei não gostasse,
 Mandou que ele ocupasse
 Os aposentos reais.

Só se ouviram cochichos,
 Que vinham de todo lado.
 As damas então diziam:
 — É esse o homem falado?
 Duma pobreza tamanha
 E ele nem se acanha
 De ser nosso convidado?

Até os membros da corte
 Diziam num tom chocante:
 — Pensava que o tal João Grilo
 Fosse dum tipo elegante —
 Mas nos mandam um remendado,
 Sem roupas, esfarrapado,
 Um maltrapilho ambulante!

E João Grilo ouvia tudo,
 Mas sem dar demonstração.
 Em toda a corte real
 Ninguém lhe dava atenção.
 Por mostrar-se esmulambado,
 Tinha sido desprezado
 Naquela rica nação.

Afinal, veio um criado
 E disse, sem o fitar:
 — Já preparei o banheiro,
 Para o senhor se banhar.
 Vista uma roupa minha
 E depois vá pra cozinha,
 Na hora de almoçar!

João Grilo disse: — Está bem!
 Mas disse com seu botão:
 “Roupas finas trouxe eu,
 Dentro do meu matulão!
 Me apresentei rasgado,
 Para ver, neste reinado,
 Qual era a minha impressão!”

João Grilo tomou seu banho,
 Vestiu a roupa de gala.
 Então, muito bem vestido,
 Apresentou-se na sala.
 Ao ver seu traje tão belo,
 Houve gente no castelo
 Que quase perdia a fala.

E, então, toda a repulsa
 Transformou-se de repente.
 O rei chamou-o pra mesa,
 Como homem competente.
 Consigo dizia João:
 “Na hora da refeição,
 Vou ensinar essa gente!”

O almoço foi servido,
 Porém João não quis comer:
 Despejou vinho na roupa,
 Só para vê-lo escorrer,
 Ante a corte estarecida;
 Encheu os bolsos de comida,
 Para toda a corte ver.

O rei, bastante zangado,
 Perguntou para João:
 — Por que motivo o senhor
 Não come da refeição?
 Respondeu João com maldade:
 — Tenha calma, Majestade,
 Digo já toda a razão.

1.2.2 *Novas Proezas de João Grilo*, de Paulo Nunes Baptista



PAULO NUNES BAPTISTA

(da Associação Nacional de Trovadores
e Vioteiros)

NOVAS PROEZAS DE JOÃO GRILO

★

A João Martins de Ataíde
Peço agora permissão
Pra falar de um personagem
Que é da sua coleção:
Quero tratar de João Grilo
Se não me faltarem estilo,
Rimas e imaginação.

João Grilo, como se sabe,
Foi primeiro sem segundo:
Nas artes da malaandragem
Era um sujeito profundo;
Inteligente e sabido
Ganhava em qualquer sentido
Tapeando todo mundo.

Nas "Proezas de João Grilo"
O poeta já contou
Muita coisa, mas nem tudo
Que com o Grilo se passou;
Entre astúcias e espertezas
Contarei novas proezas
Que João Grilo praticou.

Para responder perguntas
 João Grilo estava sozinho;
 Matava qualquer charada,
 Era um completo adivinho;
 Fazia toda embrulhada
 — Na hora mais apertada
 Achava sempre um caminho.

Para enganar gente bosta
 João Grilo era professor;
 De todos os truques — era
 Um grande conhecedor;
 Era um mágico perfeito;
 Inda não houve um sujeito
 Para imitar seu valor.

Com as mulheres, João Grilo
 Nunca teve muita sorte
 Por ser feio, mesmo assim
 Não morreu sem ter consorte:
 Casou-se com Dona Berta,
 A velhota mais esperta
 Da Paraíba do Norte.

Dona Berta era viúva
 Do grande mestre Cancão
 Teve notícia que o Grilo
 Era um grande adivinhão,
 Maloral das presepadas
 Que resolvera as charadas
 E as perguntas do Sultão.

A Berta Cancão de Fogo,
 Viúva rica e sapêca,
 Aprendeu todas as manhas
 — Usava o crânio e a mumbêca;
 Gostou do Grilo, pensando:
 — "Eu com aquele me casando..."
 Todo o mundo leva a brêca..."

Para casar com a velhota
 Tinham muitos pretendentes,
 Uns tolos, outros sabidos,
 Uns fracos, outros valentes,
 Todos namorando a grana
 Dessa velha caninana
 Cega de um olho e sem dentes.

Mas Dona Berta dizia:
 — Só caso com o sabichão
 Que desmanchar dex charodas
 Armadas por minha mão;
 Se tem sabido apareça,
 Use a conversa e a cabeça
 Para ganhar na questão.

João Grilo, que era danado
 Desde o tempo de menino
 Quando enganou um vaqueiro
 E quase fica assassino,
 Disse: — Aqui ninguém me ganha,
 Na malandragem e na manha
 Defendo tése e examino.

Disse: — Eu quando era pequeno
 Embrulhei um capelão,
 Enganei um português,
 A professor del Nêço,
 Fantasiado de alma
 Roubei dos ladrões, com calma,
 — Fiz muito mais que um ladrão.

— Decifrei todo problema
 De maloral do Egipto,
 Fiz tudo como eu queria,
 E o povo disse: — Bonita!
 Pego essa tal Dona Berta
 Passo-lhe um quinau na certa
 — Vou mostrar que sou perito.

Na Capital João Pessoa
 João Grilo se apresentou,
 Dona Berta vendo o Grilo
 Dele logo se agradou.
 João disse: — “Ó velha assanhada,
 Me diga, sem faltar nada,
 O que Cancão lhe deixou”.

Fez a velha uma careta
 Pensando ser ar de riso,
 Olhou pro Grilo e falou:
 — “Digo tudo, mas preciso
 Saber sua opinião:
 Sobre a mulher, para não
 Ter mais tarde um prejuízo...”

Disse o Grilo: — “Essa pergunta
 Não deixa de ser besteira;
 Como mulher, você sabe
 Que a mulher é fuxiqueira,
 Tapeadora e manhosa,
 Egoísta e vaidosa,
 Mentirosa e traiçoeira”.

“A natureza, profunda
 Em sua sabedoria,
 Deu a cada ser um meio
 De proteção, de valia
 — Esse dom da natureza
 É nossa arma de defesa
 Na luta de esda dia”.

“O elefante tem força,
 Tem o tigre agilidade,
 A serpente tem veneno,
 O macaco — habilidade,
 Tem a preguiça — paciência,
 Tem o homem a inteligência:
 E a mulher tem falsidade”.



"O boi e a vaca têm chifres,
Tem imponência o leão,
A girafa tem altura
E um coice forte do Cão,
Tem o tamanho a baleia:
E a mulher, bonita ou feia,
Tem manha e tapenção".

"O passarinho tem asas,
A pulga tem ligeireza,
O jabuti tem seu casco
— Quanto é sábia a Natureza! —
O peixe tem barbatana:
E a mulher é soberana
Na malícia e na esperteza!"

"Portanto, você já sabe
O que eu penso da mulher
— Nenhuma delas me engana
Por má fé que quis fazer,
Pode perder a esperança!
E agora, descreva a herança
Que lhe ficou, se puder".

Disse Berta: "Herdei, de fato,
Muita coisa do Canóe:
Tenho navios no mar,
Tenho gado no sertão,
Tenho casas na cidade,
Tenho terra em quantidade,
Tenho dinheiro em montão".

"Tenho um sítio só de ertiga,
Um rogado só de spinho,
Uma criação de pulgas
E todo bicho daninho;
Tenho um produtor de briga,
Uma máquina de intriga,
Mil línguas de mau caminho".

"Tenho fábricas de vinho,
Alambiques de cachaca;
Tenho um pôço de veneno
E um fazedor de arruaça;
Um batalhão de mendigos
Pedindo aos meus inimigos...
Dinheiro — sempre de graça..."

"Um mólho de chaves falsas,
Vinte dúzias de gazetas,
Que abrem portas e janelas;
Mil pés-de-cabras e pias;
Tenho um milhão de puungoistas,
Quinhentos mil vigaristas
"Trabalhando" pelas ruas".

"Tenho um cofre de mentiras,
Um baú de perdição,
Um saco de malquerença,
Outro de malintenção;
Um batalhão de assaltantes,
Um grupo de meliantes
Na cidade e no sertão".

"Tenho um bando de esmeruchantes,
Duzentos mil descendistas,
Agindo nas capitais
Como geniais artistas;
Tenho mil ladrões de carros,
Uma escola para esparros,
Um colégio de cambistas".

"Tenho alguns especialistas
Em fabricação de notas;
Tenho inufar afamados
Como o Grande João das Botas
Mestre no conto do paco;
Tenho um "jôgo de buraco"
Para engrupir idiotas".

"Tenho "minas" professoras
Em passar "pulos dos nove";
Ninguém para mim trabalha
Sem que antes ser bamba, prove;
Toda a minha turma é bamba,
Acostumada à moamba
— Mas sem mim ninguém se move..."

"Tenho mais cem negras velhas
Todas cem catimbozeiras,
Fazedoras de despachos,
"Serviços" e outras porqueiras,
Trabalham por bom dinheiro
Cada qual no seu terreiro
— São perfeitas macumbciras".

"Tenho alguns contrabandistas
E um bando de espertalhões
— Todos trabalham pra mim,
Para aumentar meus milhões;
É bem grande o meu "negócio":
Porisso eu desejo um sócio
Pra controlar os ladrões".

"A minha sabedoria
Essa eu já nasci com ela;
Herdei do Canção de Fogo
A arte de armar esparrela;
Sou portanto "um bom partido"
É preciso de um marido
Embora não seja bela..."

João Grilo lhe interrogou:
— "É o que julga necessário
Que um homem possua, para
Ir com você ao vigário!"
Disse a velha: — "Antes de tudo
Tem de mostrar seu "estudo"
Provando não ser otário".

"Porisso mesmo eu já fiz
Uma lista de questões:
Se o cara resolver todas
Já demonstrou ser dos bons;
Casaremos sem demora
Sendo ele, desde essa hora
Herdeiro dos meus milhões".

"Aqui já se apresentaram
Uns trezentos candidatos
— Todos eles se enrascaram,
No fim mostraram ser "patos".
Acaso você tem medo
De entrar também no brinquedo?"
Disse João: — "Vamos aos fatos".

A velha disse: — "Eu lhe explico
As condições: — A primeira
É você não dizer "não"
No correr da brincadeira;
Se falar "não" — já perdeu!"
João Grilo lhe disse: — "Eu
Sou bom de toda maneira".

Disse a velha: — "Quem não sabe
Se atrapalha, fica rubro...
Eis a segunda questão:
Estamos no mês de Outubro,
Seu exame aqui se trunca
— Volte dia de "São Nuno"
Que é quando o resto en desmbro".

João Grilo se despedindo
Disse: — "Eu breve voltarei
E todo o questionário
Com calma responderei
Sem ser preciso de estrilo
— Sou o ofiebre João Grillo
Que nunca me atrapalhei".

Era trinta e um de Outubro,
 João regressou no outro dia.
 Disse a velha: — "Já voltou!"
 Ele disse: — "É o que queria!
 Um de Novembro é, portanto,
 O dia de todo o santo:
 Hoje é "São Nunes", titia!"

A velha disse: — "Perfeito,
 Apoiado, muito bem!
 Agora você responde
 Sem titubear, porém,
 O que vem a ser no mundo
 Que o homem - esse bicho imundo
 Tem, mas Deus, que é Deus não
 [tem?"]

Disse o Grilo: — "Dona Berta,
 Isto é fácil para mim:
 O que o homem tem na terra
 E Deus nunca teve, é — fim.
 Deus, sendo Deus, é eterno:
 E o homem, val para o inferno,
 Vira-se em terra ou capim".

Disse a velha: — "Agora a quarta
 Pergunta vou lhe fazer:
 Diga quando é que o Domingo
 Cai bem na Quinta, sem ver.
 Que está caído na Sexta,
 Sendo Sábado? — Só lêta
 Não saberá responder".

Disse João Grilo: — "Um sujeito
 Que por Domingo é chamado
 Val num: Sábado é passio
 À Quinta, e, por desentelada,
 Cãl numa cãta qualquer:
 — Veja direito, mulher,
 Que eu sou malandro escolado..."

A velha disse: — "Gostei,
 Vamos à pergunta quinta:
 Vaca pintada dá leite?
 Responda certo, não minta"
 Diz Grilo: — "Nenhuma vaca
 Pode dar leite, ó macaca,
 Num papel, feita com tinta".

— "A sexta pergunta, agora,"
 Disse a velha, "é de matar":
 O que o homem tem no fim...
 E a mulher no começar?
 Disse o Grilo: — "A letra "eme".
 Grilo velho jamais teme,
 Póde, à bossa, perguntar".

— "Eis a sétima pergunta:
 São sete, sendo uma só;
 Todas sete diferentes,
 Desate agora este nó:
 As sete clareiam o dia;
 Sem as sete, nada havia
 Na terra, além de água e pó".

Disse o Grilo: — "Sete cores
 Que compõem a luz solar,
 Decompostas no arco-íris
 Nós as podemos contar:
 Essa luz nos alumia
 — Sem ela, nada haveria
 Sobre a terra ou sob o mar..."

Disse a velha: — "Já chegamos
 Agora à pergunta oitava,
 Só é fácil pra quem sabe
 Mas nela você se encrava;
 Quero ligeiro a resposta:
 "Todos fazem, ninguém gosta,
 Sem "isso" ninguém "passava".

João Grilo disse: — "Está claro
Que o que todo mundo faz
Sem gostar, é ficar velho,
Ver tudo ficar pra trás...
Sem "isso", ninguém passava,
Pois todo mundo ficava,
Ninguém morreria mais..."

— "Agora a pergunta nove",
Disse a velha, "vou fazer:
Diga qual será a coisa
Que não pára de crescer,
Quanto mais se tira, cresce,
Em toda parte aparece
Conforme podemos ver".

Disse João Grilo: — "É o espaço
Que nos cerca, nos rodeia,
Tirando "tudo", ele aumenta,
O' velha de cara feia...
Estamos chegando ao fim
— Você pensa dar em mim
Mas é quem vai levar peia".

A velha disse: — "João Grilo,
Você vale mais que o ouro...
Responda à pergunta dêx
Sem me dizer desafôro:
— *Pai carne e carne é na certo,
Só vive de bôca aberta
Esperando carne e couro*".

João Grilo disse: — "Velhota,
Só pode ser um chinelo
Que foi carne e ainda é carne,
Tem bôca, mas é banguelo:
Que de bôca aberta aguarda
O pé, que é carne, e ele guarda
Seja feio ou seja belo".

Disse a velha: — "O questionário
Você todo respondeu.
Vamos tratar dos papéis,
Tudo quem paga sou eu!
Quero me casar de pressa
— Um marido é bom à bessa
E o meu primeiro morreu..."

João Grilo disse: — "Mejera,
Eu conheci o defunto,
Fui amigo de Cancão
E é por isso que pergunto:
De que morreu seu marido
Que sempre foi tão sabido
Toda a vida e em todo assunto!"

Disse a velha: — "Na verdade
Cancão morreu de atrevido,
Tomou parte com o demônio,
Não me quiz prestar ouvido,
Por mais que eu lhe aconselhava
Quando menos esperava
Tinha desaparecido..."

Disse João Grilo: — "E quem sabe
Se ele não volta, algum dia!"
Disse a velha: — "Nada tema,
Sou mestra na bruxaria,
Comigo ninguém se mete
— Se eu não puder no bofêta
Posso na feitiçaria".

João ficou de acôrdio,
Entraram em combinação,
Trataram do casamento;
Convidaram o escrivão
Que era um velho interessado
E que, pra ganhar dinheiro
Casava até mesmo o Cão...

Grilo, depois de casado
Foi tomar parte num jôgo,
— Dona Berta, impaciente,
Chamou-o com muito rôgo
Pra matar piôlho nela.
Disse o Grilo: — “Essa cadela
Vou fazer baixar-lhe o fôgo”.

A velha estava vestida
De enxoval de casamento,
Parecendo uma preguiça
Inchada, cheia de vento...
Grilo meteu-lhe a madeira
— Ela saiu na carreira
Mais veloz que o pensamento.

Grilo gritava: — “Coruja,
Arreda do meu caminho!
Quem gosta de velha é cova,
Porrête e mão no focinho”.
A velha, de lá, dizia:
— “Se você não me queria
Por que casamos, Grilinho?”

Disse João Grilo: — “Eu casei
Porque preciso de grana,
Você pode se danar,
Cara de suçarana...”
Gritou a velha: — “Bandido,
Você muda de sentido
Daqui pro fim da semana”.

João Grilo logo mudou-se
Para um bom apartamento
Onde foi gozar a vida
Sem nenhum constrangimento:
Como um grão-duque vivia
E a Berta êle não queria
Ver, nem mesmo em pensamento...

Mas a velha decidiu-se
A conquistar mesmo o João,
Foi a um Salão de Beleza
E disse: — “Eu pago um milhão
Pra me tornarem esbota
— Se eu sair daqui bonita
Vocês ricos ficarão”.

Logo a dona do Salão
Contratou especialistas,
Mandou vir cabeleiros,
Manicures, massagistas,
Professoras de beleza,
Na pericia e na destreza
Grandes e exímias artistas.

Todo esse povo estudando
O que havia de fazer
Para que a Berta pudesse
Bele e nova parecer
Igual a Vênus de Milo,
Pois somente assim João Grilo
Era capaz de a querer.

Depois de um mês de massagens
E três de banhos de luz,
Costuraram Dona Berta
Até com o tal “ponio em cruz”,
Afinaram-lhe a cintura,
Ficou feito tanajura...
Dizia o povo: — “Ai! Jesus!”

João Grilo, todo esse tempo
Levava vida folgada,
Dormindo o dia todinho,
Farreando até madrugada,
Gastando dinheiro à besa,
Dizia: — “A picada é essa,
Do mundo eu não levo nada!”

A Berta mudou seu nome
Para "Lá-Lá Melindrosa,"
Frequentava a sociedade
— Passou logo a ser famosa
Pela sua formosura;
Só luxava com fartura
E era mesmo apetitosa.

Um dia, só por capricho
Deu uma recepção
Num palacete comprado
Durante a ausência de João.
Mandou convidar João Grilo
E ele, sem saber daquilo,
Foi lá sem fazer questão.

João Grilo foi recebido
No gräfino palacete,
Levou pra dona da festa
Um vistoso ramalhete:
Deu à Lá-Lá Melindrosa
Que toda cheia de prosa
Convidou-o pro banquete.

João Grilo jamais podia
Pensar que a tal Melindrosa
Fôsse a velha Dona Berta
— Aquela estrepe horrôsa
Lá sentou-se junto dela
E afroxou logo a fivela
Que a janta estava gostosa...

Cheia de muitas mesuras,
Muitos ditos e atenção,
De ir se encostando no Grilo
Não perdendo ocasião,
Usando toda artimanha
Lá-Lá botava champanha
Para embebedar o João...



João Grilo, lá para as tantas
 Já se encontrava chumbado:
 Lá-Lá pegou na mão dele
 Com muitos dengos e agrado
 — Deu-lhe um beijo bem na boca
 E a chupada foi tão louca
 Que só deu mau resultado...

Porque Lá-Lá por demido
 Enguliu a dentadura...
 Quando João viu a marmota
 Disse: — "Ó maldita figura!
 Quase que vou no teu jôgo
 — Mataste Canção de Fogo
 Mas comigo a cana é dura..."

Disse Lá-Lá: — "Eu sou tua,
 Meu João Grilinho querido".
 Disse o Grilo: — "Quenga velha,
 Vai caçar outro marido!
 Te desilude comigo,
 Focinho de papa-figo,
 Que eu já vivo prevenido".

Lá-Lá fez-lhe uma proposta
 Mostrando ser camarada,
 Deu ao Grilo um palacete
 Completo sem faltar nada:
 Ficaram se namorando,
 A velha sempre esperando
 Sair vencendo a parada.

A velha enganou João Grilo
 Por artes talvez do Cão,
 Diz ela que teve um filho
 E que o filho era do João:
 Ensinou-lhe arte à vontade,
 Fez dele, com pouca idade,
 Um perfeito sabidão.

Grilo velho nunca soube
 Que jeito que a velha deu,
 Porque saiu de viagem
 Por lá desapareceu;
 Carregado de dinheiro
 Foi percorrer o estrangeiro
 Como era do gôsto seu.

No Japão João Grilo um dia
 Passeando em Kamakura
 Ganhou primeiro-lugar
 Num Concurso de Feitira:
 O Grilo era muito feio
 Mas foi ver qual era o meio
 De vencer em toda altura.

O Grilo entronchou a cara
 Raspou de navalha o côco,
 Passou graxa e deu um lustro
 Mas mesmo assim achou pouco:
 Bateu os dentes pra fóra
 E saiu dizendo: — "Agora,
 Quem me ver diz que eu sou louco!"

Entre cento e tantos feios
 Tirou primeiro lugar.
 Dizia sempre: — "O sabido
 Não precisa trabalhar;
 Eu já nasci vagabundo
 — Que se dane todo o mundo
 Eu que não vou me matar..."

Entre uma tribo africana
 João Grilo, uma ocasião,
 Pintou-se todo de pixo
 — Ficou preto como o Cão:
 Os negros gostaram dele
 E logo entregaram a êle
 O trono, pra ser mandão.

Havia na região
Ouro, à besou, em quantidade;
Grilo mandou juntar tudo
Com toda sagacidade
E um dia — com todo o ouro
Fugiu, levando um tesouro
De primeira qualidade.

Vestindo de Beduins
E usando palavras sábias
João Grilo dentro de Miska
Empregou todas as líbias
— Lesou árabe à vontade,
Alcançou celebridade
Como "O Grilo das Arábias".

Um dos seus golpes de mestre
João Grilo deu na Turquia,
Bem na Capital de Ankara
Roubou tureco em pleno dia...
Pintou o sete no Egito,
Fez "um trabalho bonito"
No pórtico de Alexandria.

Na Pérsia Grilo velhoco
Passou a perna em Sultão;
Das Índias saiu correndo
Levando mais de um milhão;
Foi ver como a Europa andava...
Por onde o Grilo passava
Deixava o sinal da mão...

Mas seu golpe mais famoso
Deu nos Estados Unidos,
Onde levou na conversa
Uma súcia de bandidos;
Passou por chefe do bando
No final saiu voando
Deixando todos detidos.

Entre uma tribo africana
João Grilo, uma ocasião,
Pintou-se todo de pixe
Ficou preto como o Cao:
Os negros gostaram dele
E logo entregaram a êle
O trono, prá ser mandão.



Esses bandidos formavam
Uma quadrilha de morte;
Disse o Grilo: "Eu vou mostrar-
[lhes

Que eu sou filho é lá do Norte
E o sabido não se aperta,
O fraco que vive alerta
Um dia domina o forte".

O chefe dessa quadrilha
Era um "gangster" famoso,
Cujos apelido era "O.K.",
Um sujeito audacioso:
Mostraram João Grilo à ele,
Disse "O.K.": — "Preciso dele
Pra um serviço perigoso..."

"O.K." tinha planejado
Um assalto em grande escala
A um banco da capital
— Ia haver chuva de bala:
Precisava de um sujeito
Que com muita astúcia e jeito
Levasse ao Banco uma mala.

A dita mala continha
As armas e a munição
Que os bandidos usariam
Na hora de entrar em ação,
Grilo aceitou a encomenda
Tomando parte na "renda,"
E entraram em combinação.

Para não desconfiarem
João Grilo iria na frente,
A mala não era grande
Pois continha, unicamente
Metralhadoras de mão
— Uma pra cada ladrão
Que seriam seis, sómente.

Ele, disfarçadamente
Entrariam lá no Banco
Como se fossem fregueses
Tudo calmo e tudo franco:
João Grilo abria a malêta
E a coisa ficava preta
Pois era a hora do arranco.

Cada bandido pegava
A sua metralhadora,
Demarcavam logo os guardas
E agiam sem mais demora,
Tomavam todo o dinheiro
E fugiriam ligeiro
Antes que houvesse piora.

Ah, do lado de fora
Um carro estava ligado
A espera dos assaltantes
Para sair disparado:
O dinheiro levariam
E depois dividiriam
Como haviam combinado.

Mas Grilo, que era escolado
Ficou pensando consigo:
Andar junto desses caras
É pra mim grande perigo,
Já escolhi meu caminho:
Eu roubo e fujo sozinho,
Não quero sêcto comigo.

De fato, na hora exata
Quando os bandidos chegaram
Grilo entregou-lhes as armas
Que eles com pressa empunharam,
Dentro de poucos minutos
Aqueles ladrões astutos
Todo o dinheiro juntaram.

Depois do dinheiro junto
 Pro carro foram levando,
 Quando acabou, disse o Grilo: —
 "Escutem o que eu estou falando:
 — Quem manda agora sou eu:
 Aquele dinheiro é meu
 E eu já vou me retirando!"

Grilo correu para o carro
 Com a gaita dentro da mala,
 Os ladrões deram aos gatilhos
 Mas nada de sair bala...
 — Só a dele estava cheia,
 E naquela hora tão feia
 Tinha négo até sem fala...

Pois Grilo tirara as balas
 Das armas, com precaução,
 Só não tirou as da sua
 Metralhadora de mão,
 Os ladrões, sem saber disso
 Perderam todo o "serviço"
 E ainda foram pra prisão.

Porque logo assim que o Grilo
 Tomou o carro e fugiu
 Os bandidos foram presos,
 Nenhum só não escapou,
 Grilo não foi encontrado
 Pois como um "laleu" formado
 Pra muito longe sumiu...

Durante bastante tempo
 Seu nome andou nos jornais,
 Mas o dinheiro do Banco
 E que não viram jamais...
 Grilo, vendo as coisas sérias,
 Resolveu "ficar de férias",
 Gozando a fortuna em paz.

Grilo correu para o carro
 Com a gaita dentro da mala
 Os ladrões deram aos gatilhos
 Mas nada de sair bala...
 Só a dele estava cheia,
 E naquela hora tão feia
 Tinha négo até sem fala...



Grilo pra tudo no mundo
Tinha uma definição,
A sua filosofia
Sempre lhe dava razão,
Pois seguia este ditado
Que diz: — "Está perdoado
Ladrão que rouba ladrão..."

Vivendo embora do crime
João Grilo era caridoso,
Auxiliava a pobreza,
Só furtava o poderoso,
Roubava sempre dos nobres,
Matava a fome dos pobres
Mostrando ser generoso.

João Grilo era especialista
Em truques e presepadas,
Sempre levava a melhor
Pois nunca dava mancadas,
Se alguém tentava enganá-lo
Ele fazia o "cavalo"
Passar horas apertadas.

Para que o leitor conheça
Do Grilo a filosofia,
O modo porque pensava
E a maneira como agia,
Vamos dizer as ditadas
Pelo Grilo mais usadas
Fôsse de noite ou de dia.

Como o leitor pode ver
João Grilo raciocinava,
Dar murro em faca de ponta
É coisa que ele não dava.
Dizia (e falava certo)
— Quem pensa que o céu é perto
Morre de braço esticado...

— Para quem já está perdido
Qualquer verêda é caminho.
Quem gosta de rôlo é cobra.
Desgraça pouca é tiquinha.
Enquanto há vida há esperança.
Mais vale um pinto na pança
Que um boi, sendo de vizinho.

Filho de peixe é petrinho,
Morre o peixe é pela bôca.
Para o homem subleiteiro
Toda riqueza ainda é pouca.
Dorme o justo assegurado.
Na cabeça do culpado
Quase sempre cabe a touca.

Quem tudo quer tudo perde.
Quem chora é quem sente a dôr.
Quando a cabeça não pensa
O corpo é que sofre horror.
Quem julga quer ser julgado.
Quem corre fica cansado.
Falar muito é pra doutor.

Pancada de amor não dói
Conforme seja a pancada,
A mósca, por mais ladina,
Não entra em bôca fechada.
Quem procura encontra, um dia...
Nem todo riso é alegria
Nem toda morte é chorada.

Rua só de valentão
Se existe, é no cemitério.
O ladrão, depois de rico
Se chama "um sujeito sério".
Pra quem não sabe há segredo
Mas pra quem conhece o enredo
Não existe mais mistério.

Ver, ouvir e ficar quieto,
 Não dar com a língua nos dentes,
 Pensar muito, falar pouco
 — Ficou pros inteligentes:
 Quem mais fala é quem mais erra.
 Nada é novo sobre a terra.
 Os frutos — vêm das sementes.

O hábito não faz o monje.
 Do que se cuida se usa.
 Quem nunca comeu melado
 Quando come se lambusa.
 Tudo de mais é veneno.
 Zomba o grande do pequeno
 E o forte do fraco abusa.

Quem não aguenta com o péso
 Não o ponha na cabeça.
 Quem não quer ser censurado
 Não faça porque o mereça.
 Quem planta ventos só há de
 Colher depois tempestade,
 É bom que ninguém se esqueça!

Quem não pode com a mandinga
 Não carrega patuá.
 Quem quer vai, quem não quer
 [manda
 Maior do que Deus não há.
 Coisa dada é sem valor.
 Para o bom entendedor
 Meia frase bastará.

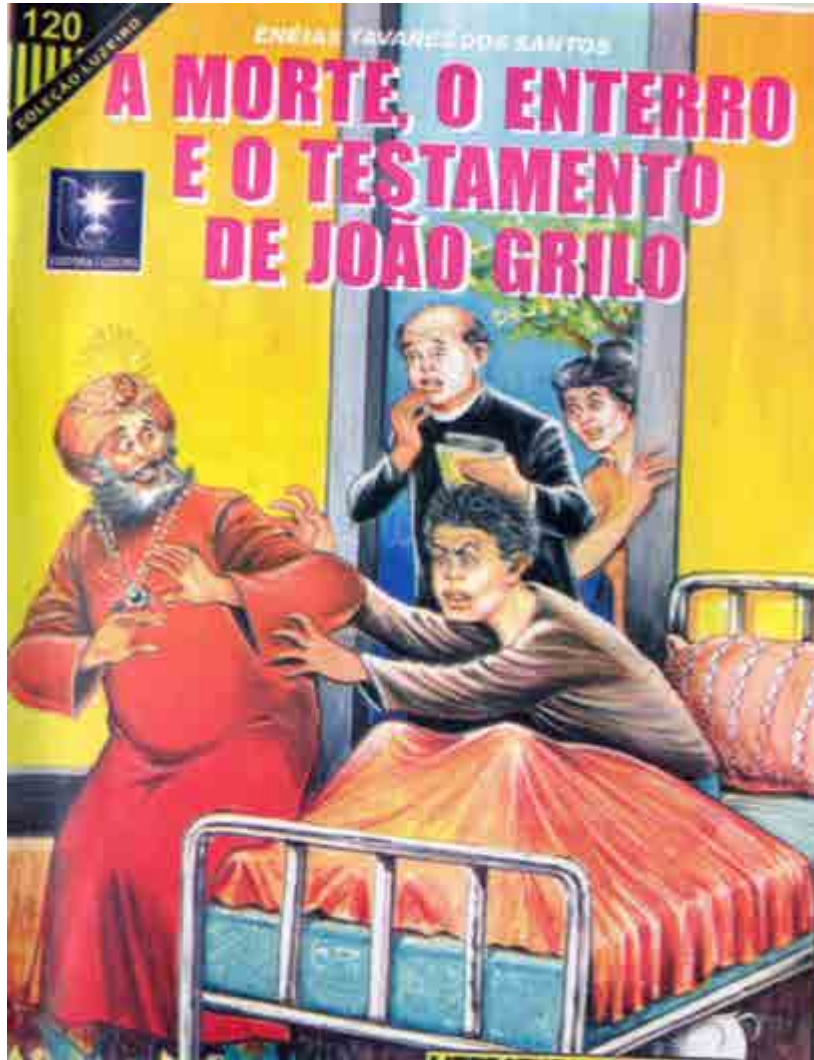
Se eu fosse descrever tudo
 O que João Grilo fazia,
 Os ditados que ele usava,
 Os léros que ele dizia
 Quando encontrava um otário
 — Nem mesmo num dicionário,
 Meu leitor, não saberia.

João Grilo mesmo escreveu
 As suas próprias "Memórias";
 Suas proezas, contadas,
 Dariam muitas histórias.
 Quando o Grilo se acabou
 O filho dele ficou
 Para cobrir-se de glórias.

Peço desculpas se acaso
 Não contei como devia:
 Um livro, se agrada a alguns
 Nem todo mundo aprecia.
 Eu quiz, leitor, divertí-lo:
 Se você riu desta "Grilo"
 Basta-me esta alegria...

*

1.2.3 *A morte, o enterro e o testamento de João Grilo*, de Enéias Tavares dos Santos



ENÉIAS TAVARES DOS SANTOS

**A MORTE, O ENTERRO
E O TESTAMENTO DE
JOÃO GRILO**

A morte é o fim de tudo,
Do boi, do burro e do rei —
Só não sei se é boa ou ruim,
Pois nunca a experimentei.
Se alguém sabe, então me diga,
Porque eu mesmo nunca sei!

O que eu sei os outros sabem:
É que a morte não perdoa;
Leva a velha encarquilhada,
Leva a moça nova e boa —
Por mais sábio que alguém seja,
Marcha na sua canoa.

Todo o mundo está lembrado
Da história de João Grilo —
Um menino magricela,
Que talvez nem desse um quilo —
Que eu não sei quem escreveu,
Se João Ferreira ou Camilo.

Sei que esse tal de João Grilo
De sete meses nasceu;
Fez travessuras diversas,
Até com padre mexeu!
Mesmo assim, endiabrado,
Por muitos anos viveu.

João Grilo chegou ao mundo
Em uma noite de escuro;
Adivinhava o presente,
O passado e o futuro,
Não haqueou um só dia,
Por mais que fosse o apuro.

Fez, num rio, um boiadeiro
Quase um dia se afogar;
Um dia, numa porteira,
Fez um doutor gaguejar;
Deu garapa a um vigário,
Na cura da mãe mijar.

A sua fama espalhou-se
Por todo aquele rincão,
Até chegar aos ouvidos
Dum poderoso sultão,
Que mandou chamar João Grilo,
Para uma adivinhação.

Sem se fazer de rogado,
João Grilo logo embarcou,
O sultão o recebeu
E dele muito gostou,
Que o Grilo respondeu tudo
Quanto o sultão perguntou.

Vendo o sultão que João Grilo
Era mesmo inteligente,
Que apesar de muito magro
Era em tudo competente,
Deixou-o no seu palácio —
Assim como um assistente.

Ele resolvia casos
Mais das vezes complicados.
O sultão e seu Conselho
Ficavam admirados
Em ver o Grilo sair-se
Bem daqueles intricados.

O sultão até buscava
Meios para o enganar,
Criava certos enigmas
Para o Grilo decifrar,
Porém não havia jeito
Dele ao Grilo atrapalhar.

Por isso, dava na corte
Dia santo e feriado;
Quem lhe desobedecesse
Era logo executado —
Achavam que fosse um deus
Que do céu tinha baixado!

Mas a morte nunca escolhe,
Se deseja alguém levar —
Ao baixar a sua foice,
Pegue lá em quem pegar,
Ela quer saber se tem
Com quem a lista aumentar.

João Grilo, muito sabido,
Também já não escapou;
Viveu muito, é bem verdade,
Porém seu dia chegou —
A morte veio buscá-lo
E ele não disse: — Não vou!

Porém, antes de morrer,
Muita presepada fez,
Porque passou acamado,
Bem doente, mais de um mês —
Aí foi que o povo viu
Quem era aquele freguês!

Quando João se viu doente,
Chamou primeiro o sultão
E lhe disse: — Sua alteza,
É triste a situação —
Parece que agora eu vou
Morar debaixo do chão!

O sultão disse: — João Grilo,
Tudo isto é sua ilusão!
João Grilo lhe disse: — É nada!
Eu já estou vendo o sultão.
Vestido noutra mortalha,
Deitado noutra caixão!

O sultão respondeu: — Vôte!
Quem está lá é o Satanás!
João Grilo disse: — Que nada!
Pois estou vendo um cartaz:
O meu caixão vai na frente
E o do sultão vai atrás!

Nisso, fez uma careta
E levantou uma mão,
Botando os dedos em riste
Na direção do sultão,
Como quem fosse pega-lo.
Foi enorme a confusão!

O sultão pulou pra porta.
Em demanda ao corredor,
Porém, bateu com a testa
Na parte superior,
Caiu do lado de dentro
Estrebuchando de dor.

João Grilo gritava: — Pega!
Não deixem ele fugir!
A morte está lhe chamando
Mas ele sem querer ir —
Quer ver eu morrer sozinho,
A fim de se divertir!

Quando o sultão levantou-se,
Saiu em toda a carreira,
Tropeçou numa criada,
Que caiu junto à lareira
E gritou: — Arre desgraça!
Arrebentou-me a traseira!

Foram buscar uma vela,
Botaram na mão de João.
Ele disse: — Esta porqueira
Está me queimando a mão!
Tirem daqui este troço —
Vão botar na mão do cão!

Atirou a vela fora,
Junto na porta caiu;
Pegou fogo na cortina,
A chama logo subiu —
Não queimou a casa toda,
Só porque o povo acudiu.

Sendo evitado o incêndio,
Deixaram no quarto o João
E foram ver o vigário
Para ouvi-lo em confissão —
E, depois de confessado,
Dar-lhe também o perdão.

Quando ele viu o vigário,
Fez uma horrível careta
E perguntou: — Quem é este,
Com esta saia tão preta?
Tendo um rabo e duas pontas,
Era igualmente ao Capeta!

Fingindo não ouvir nada,
O padre lhe perguntou:
— Algum dia em sua vida
Você já se confessou?
Ele disse: — Uma vez quis
E o padre não me aceitou!

Pois ele me pediu água
E eu lhe dei garapa fria...
O padre disse: — Isso é nada —
Até eu mesmo daria!
João disse: — Mas tinha um rato
Morto dentro lá mais de um dia...

O padre disse: — Uma destas
Nunca se faz com ninguém!
Desse jeito, o seu pecado
Subiu até o Além!
João disse: — Deite-se aqui —
Morra comigo também!

O senhor é homem santo,
Além disso é bem letrado —
Eu desejo que o senhor
Seja meu advogado!
Vamos para o céu comigo,
Para eu não ser condenado!

O padre gritou: — Não digas.
Uma tal aberração!
João Grilo disse: — Seu padre,
Mande comprar um caixão —
Vamos morar lá no céu,
Onde não há confusão!

Disse o padre: — Eu já estou
Querendo me aborrecer!
João Grilo disse: — Eu agora
Já não lhe posso entender —
Dizem que o céu é tão bom
E o padre não quer morrer?!..

Disse o padre: — Este sujeito
Não pode ser bom cristão!
Saiu doido na carreira,
Jogou o livro no chão.
João gritou: — Pega o vigário!
Bota ele num caixão!

Foram buscar um juiz,
Tendo saído o vigário —
Talvez o Grilo quisesse
Fazer algum inventário.
Aí foi que ele mostrou
Como era extraordinário.

Quando o juiz foi entrando,
Foi logo ao Grilo dizendo:
— Vim fazer seu inventário,
Por você estar morrendo!
Ele disse: — E sua boca
Pior, que está fedendo!

Disse o juiz: — Seu João Grilo,
O que é que tem a deixar?
E para quem é que deixa?
Diga para eu registrar!
Ele disse: — Espere um pouco —
Não precisa se vexar!

Pegue logo aí um lápis,
Vá cuidando de escrever —
Não vá escrever errado,
Senão, depois que eu morrer,
Venho buscar o senhor,
Para comigo viver.

O juiz disse: — Estou pronto,
Pode logo começar —
Você está muito abatido
E breve vai se finir!
Ele disse: — Então se apronte,
Pois eu vou principiar!

O que eu vou deixar primeiro
É a casa do sultão —
Vou sair já dela agora,
Para debaixo do chão...
Se o senhor quer vir comigo,
Deite aí noutro caixão!

O juiz disse: — Assim não —
Isto não é inventário!
Ele disse: — Também deixo
O livro que seu vigário
Jogou fora agora mesmo,
Sem ter sido necessário!

Disse o juiz: — Não me venha
Com frases de vagabundo!
Disse o Grilo: — Seu juiz!
Respeite a um moribundo,
Que quer partir descansado
Daqui para o outro mundo!

O juiz gritou, zangado:
— Fale, que eu quero anotar!
Grilo disse: — Tenha calma,
Pois agora eu vou falar!
E abriu o par de queixos,
Num tremendo linguajar.

Disse ao juiz: — Vou deixar
Tudo que encontrei na Terra:
A fome assolando o povo,
As nações fazendo guerra,
Cada buraco nas ruas
De caber a maior serra!

Deixo toda a mocidade
Do povo velho zombando;
Pastor pregando o Evangelho,
Padre missas celebrando —
Prostituição e crime
Cada vez mais aumentando!

Deixo a justiça da Terra
Sempre fazendo das suas;
Mulheres despudoradas,
Pelas praias seminuas;
Pobre morrendo de fome,
Maloqueiro enchendo as ruas.

Vou deixar para os banhistas
As praias todas da Terra,
Deixo a noite e deixo o dia,
Deixo vale, monte e serra —
As nações falando em paz
E fazendo armas de guerra!

Deixo na campina os pássaros,
Deixo no vergel as flores;
Os peixes, deixo nas águas,
No comércio os vendedores —
E alunos fazendo raiva
Aos pobres dos professores!

A todos os criminosos,
Deixo as grades das prisões;
Os altos funcionários
Deixo ganhando milhões —
Os pequenos se acabando,
Dentro das repartições.

Deixo a Lua no espaço —
Quem quiser vá visitar;
Quem tiver muito dinheiro,
Que nisso possa gastar,
E ache que vale a pena
Essa viagem encetar.

Vou deixar os pais de santo
Nos terreiros de xangô;
As calçadas do comércio
Tomadas de camelô —
Os processos dos Estados
De *birô* para *birô*.

Vou deixar muitas indústrias
Mar e lagos poluindo,
Matando peixe e crustáceo;
Os pescadores fugindo,
Por não pegarem mais nada —
E seus diretores rindo.

Deixo as usinas de açucar
Com as matas acabando;
Deixo o assalariado
Com a barriga murchando;
O salário resumindo
E a carestia aumentando.

Deixo os filhos de hoje em dia
Sem obedecer aos pais;
A juventude no vício
Entrando cada vez mais —
E deixo a bajulação,
Nas colunas dos jornais.

Vou deixar a loteria
Para o povo aventureiro,
Quem vai doido, na ganância
De ganhar muito dinheiro —
Sem pensar que, quando ganha,
Tira do seu companheiro.

Vou deixar os motoristas
Sempre as leis desrespeitando,
Correndo em qualquer estrada,
Pela contramão entrando,
Virando e dando batidas —
E a vida alheia tirando.

Também deixo o Comunismo
Querendo o mundo assolar
(Mas há de aparecer homem
De senso para o barrar!)
Deixo o preço do petróleo
Aumentando sem parar.

Deixo o rico em boa vida,
Quase a zombar do futuro,
Dormindo, em colchão bem fofo,
Um sono bom e seguro —
E o pobre dormindo a toa,
Numa cama de pau duro.

Vou deixar muita saudade,
Para quem me conheceu;
Deixo o céu cobrindo a Terra,
E o mar com tudo que é seu...
O juiz gritou: — Danou-se!
Esta peste enlouqueceu!

— Deixo dia, mês e ano
Marcados no calendário;
Madeira virando santo,
No ferro do imaginário —
E deixo o senhor juiz
Fazendo papel de otário.

O juiz, já quase doido
Com tamanho frascado,
Gritou: — Pessoal, me ajuda,
Que este ente endiabrado
Nem morre, nem fica bom —
Oh, ente amaldiçoado!

João Grilo, quando findou
Todo esse inventário seu,
Levantou as duas pernas,
Bateu na cama e gemeu,
Cuspiu, fez uma careta,
Soltou um "vento" e morreu.

Quando acabou de morrer,
Houve grande confusão:
O palácio estremeceu,
Reboou longe o trovão,
Quebrou-se o lastro da cama,
Rasgou-se em dois o colchão.

Perdeu-se a chave da porta,
Pegou fogo na cozinha,
Escureceu toda a casa —
Nem uma vela não tinha!
Entrou alguém no quintal,
Não deixou uma galinha.

A louça quebrou-se toda —
Um só prato não ficou.
O cavalo do sultão,
Uma serpente o picou.
Um negro caiu no rio
E a correnteza o levou.

Quando todos constataram
Que o Grilo tinha morrido,
Fizeram logo o caixão,
Mas ficou muito comprido,
Que o defunto, dentro dele,
Ficava quase perdido.

Disse o carpinteiro: — Serrem —
Eu nessa dança não entro!
Um cidadão disse: — Eu serro!
Mas serrou quase no centro —
Ficou pequeno demais,
Não coube o defunto dentro!

Perdeu-se toda a madeira.
E ainda deu confusão.
O jeito foi comprar outra
E fazer novo caixão,
Porque o caso estava
Irritando a multidão.

Para fazer-se a mortalha,
Repetiu-se a presepada,
Pois até uma costureira
Teve uma das mãos furada.
Não ficou boa mais nunca —
Ficou de mão aleijada.

Quando tudo ficou pronto
Saíram para enterrar.
O caixão ora pesava,
Do povo não suportar —
Ora não pesava nada
E um só podia o levar.

Um dos que estavam levando
Tropeçou numa raiz.
O caixão escapuliu,
Caiu nos pés do juiz
E uma voz gritou de dentro:
— Me dê cachaça infeliz!

Chegando no cemitério,
O portão "tava" fechado,
O cozeiro adoeceu,
Estava lá estirado —
Para entrarem, precisou
Quebrarem o cadeado.

No lugar da sepultura,
Alguém teve até que rir:
A cova rasa demais,
Precisou mandar abrir —
Mesmo assim, quase que a terra
Não dava para cobrir.

Depois do sepultamento,
Toda a Terra estremeceu:
Subiu voz de toda cova,
O povo todo correu —
Um rapaz ficou perdido,
Nunca mais apareceu!

O sultão ficou doente,
Passou um mês acamado —
Para onde quer que fosse,
Estava vendo o finado!
Melhorou, mas mesmo assim
Passou um ano assombrado.

Depois de toda bagunça
Voltou a calma a reinar.
Foram ver os seus pertences,
Para o preço avaliar —
Só encontraram foi dívidas,
Para o sultão as pagar.

Ele pagou com uma raiva,
Que o corpo todo tremia!
Disse que, na sua casa,
Nem mais um grilo queria —
Mandou acabar com todos
Os que em sua terra havia.

Não sei se há alguém ainda
Da família desse Grilo;
Acho que ninguém queria
Ser nem parente daquilo!
Talvez quem possa informar
Deve ser Manoel Camilo.

Você, lendo este folheto,
Guarde o caso pra si só,
Porque, se contar aos outros,
Talvez pegue um catimbó —
Pode ter algum parente
Na casa de sua avó.

Escrevi este folheto
Não querendo aparecer:
É porque quem nasce está
Inscrito para morrer —
A morte vem, leva o cabra,
Sem ninguém o defender!

FIM

1.2.4 *Encontro de Cancão de Fogo com João Grilo*, de Gonçalo Ferreira da Silva



2

O primeiro encontro foi
precisamente num bar
onde os fregueses bebiam
pra ver o tempo passar
espairecendo da luta
antes de o vento chegar

Quando João Grilo avistou
recostado no balcão
um sujeito muito vivo
prestando em tudo atenção
João Grilo disse. – É aquele
o tão famoso Cancão

E Cancão vendo João Grilo
Disse – Bom dia, amiguinho
foi o destino que quis
lhe botar no meu caminho
e como quero andar muito
não viajo mais sozinho

Cancão de Fogo levando
seu estimado canção
e João carregando o seu
inseto de estimação
seguiram tagarelando
rasgando o grande sertão

Adiante viram um ninho
de cascaveis dando botes,
a cobra velha ensinando
aos seus queridos filhotes
a lei de sobrevivência
dos ofídios nos serrotes

3

Os dois amigos pararam
e olharam atentamente
a cobra velha ensinando
de maneira inteligente
"Vou levar uma comigo"
pensou Cancão de repente

E procurou uma caixa
de papelão no local
fazendo nela um buraco
para que o animal
fosse atraído e ficasse
preso naquele local

Quando a cobrinha ficou
na caixinha escravizada
Cancão de Fogo emitiu
escandalosa gaitada:
– Vou ficar rico por conta
desta cobrinha assanhada.

Disse João – Leve esta cobra
distante da minha vista
quero cobra venenosa
por fora da minha lista,
prefiro esta lagartixa –
disse sorrindo otimista

Continuaram a viagem,
João Grilo com a lagartixa
e Cancão com a serpente
que domesticando a bicha
de quando em vez chega à boca
perto da caixa e cochicha

4

João Grilo com a lagartixa
 fez minucioso estudo
 conversou com o animal,
 pegou no dorso cascudo,
 ela balança a cabeça
 porque concorda com tudo.

Adiante havia um assalto
 de enorme proporção
 mas o saco de dinheiro
 ficou só com um ladrão
 os demais foram levados
 direto para prisão.

O que conduzia o saco
 desembestou na carreira
 Cancão de Fogo aplicou-lhe
 providencial rasteira,
 o ladrão precipitou-se
 de cima de uma ladeira.

Com o ladrão não se sabe
 o que foi que aconteceu,
 porém pela gigantesca
 ladeira que ele desceu
 o cabra mais otimista
 não tinha dúvida: morreu.

Cancão disse: - O saco é meu
 João Grilo lhe disse - É nosso
 Mais Cancão ameaçou
 - Meu caro amiguinho, eu posso
 fazer também com você
 que fiz com aquele troço.

5

Referia-se Cancão
 ao ladrão que despencou,
 João Grilo reconhecendo
 que perdía, meditou.
 Veremos a arapuca
 que João pra Cancão amou.

Enquanto isto Cancão
 inteligente e ladino
 estuda um meio eficaz
 para mudar seu destino
 Eliminando João Grilo
 sem se tornar assassino.

Só que o nosso Cancão
 não notou, não pressentiu
 pois na noite anterior
 feito um anjinho dormiu
 e o que aconteceu com ele
 adormecido, não viu.

João Grilo pegou a grana
 no saco, maço por maço,
 trocou por papel picado
 pensando num tempo escasso
 "Antes que faça comigo,
 sou eu que com ele faço.

Quando Cancão despertou
 com a brisa matinal
 viu que rigorosamente
 estava tudo normal,
 assim prosseguiu viagem
 com seu amigo leal.

6

Não poderia pensar
que caiu numa arapuca
e como já tinha o plano
elaborado na cuca
pôs em prática, em plena noite
a sua idéia maluca.

Como João grilo dormia
completamente tranquilo
Cancão abriu a caixinha
de papelão e com aquilo
a serpente se enroscou
no pescoço de João Grilo.

Cancão de Fogo pegou
a sacola de "dinheiro"
e se embrenhou no mufumbo
sorrindo do companheiro
achando-se mais esperto
do que seu velho parceiro.

Enquanto isto João Grilo
com a serpente enroscada
no pescoço, despertou
e não lhe aconteceu nada
porque a serpente era
mansinha, domesticada.

João Grilo até se espantou
com a mansidão da bicha,
enquanto Cancão de Fogo
com papel velho se lixa
João Grilo deixou a cobra
brincar com a lagartixa.

7

Cancão de Fogo pensava
rigorosamente assim:
"João Grilo não mais acorda,
minha cobra foi seu fim
e eu fico com este saco
de dinheiro só pra mim.

Assim Cancão viajava
Completamente tranquilo
com um quilo só de notas
ou muito mais de um quilo
umas dez léguas distante
de onde deixou João Grilo.

Com dez dias de viagem,
considerando-se fraco
quis descansar onde havia
um campo de paco-paco
e teve a inspiração
de querer abrir o saco.

A cor de Cancão de fogo,
ligeiramente morena,
quando só viu papel velho
ficou que fazia pena
chorando, gesticulando
e dramatizando a cena.

Horas depois, entretanto,
exclamava enfurecido:
Se João Grilo, por acaso,
não tive mesmo morrido,
eu pego aquele safado,
eu mato aquele bandido.

8

Cancão de Fogo pulou
no espinhaço roliço
dum jumento que estava
pastando sem compromisso
afim de pegar João Grilo
e completar o serviço.

Enquanto isto num quarto,
em distante povoado
João Grilo conta o dinheiro
que não tendo sido dado
a grande verdade e
que também não foi roubado.

De repente a velha porta
do pobre quarto se abria
entrando Cancão de Fogo
suado, enquanto dizia
- Maldito ladrão safado
vamos a delegacia.

O delegado escutando
do principio até o fim
o relato dos espertos
terminou dizendo assim:
- Repartam a grana no meio
e não se esqueçam de mim.

1.2.5 O encontro de João Grilo com a Donzela Teodora, de José Costa Leite



Quando encontrava um sabido
 Lhe acochava o pescoço
 Muitos ladinos ficaram
 Sem a janta e o almoço
 Deixou sujeito ladrão
 Sem ter um tostão no bolso.

Ele não se aproximava
 Para roubar de ninguém
 Mas em truques e quengadas
 Ele ia muito bem
 Deixando cabra sabido
 Assoletrando xerém.

João Grilo esteve no Brasil
 Mas um dia caiu fora
 Percorreu os estrangeiros
 Sempre atrás duma melhora
 E um dia ele encontrou
 A Donzela Teodora.

Ele estava num bar
 Tomando uma cerveja
 Uma moça no fim da janta
 Pediu suco de cereja
 E logo uma garçonete
 Saiu com uma bandeja

- 02 -

E perguntou: - Deseja mais
 Alguma coisa João Grilo ?
 Ele disse: - Outra cerveja
 A donzela ouvindo aquilo
 Olhou bem para João
 Como quem quer conferi-lo.

E perguntou: - O senhor
 É o João Grilo falado
 Que respondeu as perguntas
 Do rei Jacinto Conrado ?
 Ganhou tudo que ele tinha
 E quase leva o reinado ?

Disse o Grilo : - Sendo assim
 A senhorita me ofende
 O rei veio bem durão
 Como um boi que não se rende
 Porém eu deixei-o manso
 Que hoje já me entende.

Não procurei enganá-lo
 Algumas apostas fiz
 Respondi suas perguntas
 E fiquei muito feliz
 Que eu sou um sabichão
 Quase todo mundo diz.

- 03 -

Mas eu nunca fui sabido
 Porém tem ocasião
 Que respondo tudo certo
 Causando admiração
 Mas é quando estou com sorte
 Pois não sou adivinhão.

Sou apenas inteligente
 Mas o sujeito gaiato
 Que vem me desacatar
 Metido a sabido e chato
 Eu deixo ele rasteiro
 Que só poleiro de pato.

A moça lhe disse: - Eu sou
 A Donzela Teodora
 Que respondi as perguntas
 De um rei chato, na hora
 Fiquei famosa e meu nome
 Corre pelo mundo afora.

Mas na verdade eu não sou
 Sabida como se diz
 Sou apenas inteligente
 Em todo teste que fiz
 Sempre saí vencedora
 E fiquei muito feliz.

- 04 -

Portanto, amigo João Grilo
 Se você quer apostar
 Quem de nós dois tem mais força
 Em ciência popular
 Eu aposto qualquer coisa
 Se quiser, pode falar.

Não pense que estou pensando
 Em desfazer de você
 Vou fazer-lhe umas perguntas
 Com calma e sem fuzuê
 Dos dois quem é o melhor
 Depois o povo vai vê.

Acontece que você
 Pode também perguntar
 O que eu souber, respondo.
 Vamos vê quem vai ganhar
 Eu posso entrar no debate
 Mas se a gente apostar.

O Grilo disse: - Donzela
 Vamos entrar no traquejo
 Você é jovem e bonita
 Pra mim é mesmo que queijo
 Se você perder pra mim
 Só quero ganhar um beijo.

- 05 -

É um beijo dado na boca
 "Mesmo pra quebrar o pote"
 disse a Donzela: - Você
 Beija a boca e o "cangote"
 Mas você perdendo dou-lhe
 Dez lapadas de chicote.

João Grilo disse: - Está feito
 Escolha o ambiente
 E pergunte o que quiser
 Pra vê se sou competente
 E ali na porta do bar
 Fez uma "roda" de gente.

Pois todo mundo queria
 Vê a moça perguntar
 Para saber se João Grilo
 Ia mesmo responder
 Pra vê quem ganhava ou perdia
 Começaram a apostar.

João Grilo disse: - Estou pronto
 Já podemos começar
 Quer me fazer as perguntas
 Ou vai querer responder?
 Porém a donzela disse:
 - Sou eu quem vai perguntar.

Se nas responder você
 Começar se sair bem
 Se eu me vê esgotada
 Af é o jeito que tem
 Você vai me perguntar
 Que eu respondo também.

João Grilo disse: - Eu já vi
 Que você não é tão louca
 Para falar a verdade
 Apostamos coisa pouca
 Dez lapadas de chicote
 Contra um beijo na boca.

Disse a donzela: - João Grilo
 Atenção, muita atenção
 Responda esta pergunta
 Da minha imaginação
 No masculino contém mel
 E no feminino é grão.

João Grilo disse: - Gostei
 Por isso eu nem esperava
 Um é doce muito doce
 E o outro meu pai comprava
 Pois o favo contém mel
 E o grão pode ser fava.

Disse a donzela: - Apoiado
 Mas me diga sem demora
 Se você tem bom guardado
 Vai se saber é agora
 Quem vive dentro de casa
 Com a cabeça de fora ?

João Grilo disse: - Donzela
 Com esta adivinhação
 Você nunca me enrasca
 Quem vive na casa, então
 Com a cabeça de fora
 Só pode ser o botão.

A Donzela Teodora
 Disse consigo: - Este Grilo
 É osso duro de roer
 Prá responder tem estilo
 Se ele perder prá mim
 Meu chicote vai puni-lo.

Olhou prá João Grilo e disse:
 - Responda meu camarada
 Quem tem focinho de porco
 Tem pé de porco e rabada
 Tem orelha e não é porco
 Não me dê resposta errada.

- 08 -

Veja se responde certo
 Não precisa dá pinote
 Do lado que eu aliso
 Corto igualmente um serrote
 Se não responder-me eu vou
 Derretê-lo no chicote.

João Grilo lhe respondeu:
 - Veja se a resposta agrada
 Quem tem focinho de porco
 Tem pé de porco e rabada
 Tem orelha e não é porco
 Só pode ser feijoada.

O povo se admirou
 Com tanta imaginação
 Tinha gente que dizia:
 - Este João Grilo é o cão !
 Qualquer pergunta difícil
 Ele dá a solução.

A donzela disse: - Grilo
 Você agora se ajeita
 Prá você ficar sabendo
 Que donzela se respeita
 - Qual é o bicho pequeno
 Que vive e nunca se deita.

- 09 -

Disse o Grilo: - De ganhar
A aposta eu tanho fé
Esse bicho pequenino
Eu já sei quem é
Bicho que nunca se deita
Só é o bicho de pé.

Ela disse: - Se prepare
Que vou dar-lhe as chicotadas
- Quem tem a cintura fina
E as pernas alongadas
Vive cantando baixinho
E levando bofetadas ?

Disse João Grilo: - Achei graça
Na sua adivinhação
- Quem tem a cintura fina
E vive empurrando o ferrão
É muriçocas e o povo
Bate nelas com a mão.

Disse a donzela: - João Grilo
Sua competência é pouca
- Quero que me diga o nome
De uma coisa meia louca
Que tem uma porção de dentes
Mas não fala nem tem boca.

João Grilo disse: - Donzela
Com pouco eu dou um pinote
Para pagar minha dívida
Perfume bem o "cangote"
Quem tem dentes sem ter boca
Só pode ser um serrote.

A donzela disse: - João Grilo
Hoje eu deixo você mudo
Quero vê se você é
Preparado e tem estudo
- Diga o que é que só morre
Depois que devasta tudo?

João Grilo disse: - Donzela
Eu nunca perdi no jogo
Quero deixá-la hoje aqui
Igual um pinto com gôgo
Quem devasta tudo e morre
Depois de tudo é o fogo.

Disse a donzela consigo:
- Este Grilo é um danado
E o povo todo gritava:
- João Grilo é peso pesado
Sabe onde tem a cabeça
E não responde nada errado.

A donzela disse ao Grilo:
 - Eu vi duas moças belas
 Que são bonitas e faceiras
 E nunca saem das janelas
 Reparando todo o mundo
 E o mundo não fala delas.

João Grilo disse: - Donzela
 Não vá sofrer um enfarte
 Essas mocinhas faceiras
 Repararam tudo com arte
 São as meninas dos olhos
 Que se vê em toda parte.

Ela disse: - Agora em vou
 Vê se você tem estudo
 Me diga agora o que é
 Um negócio que é mudo
 É surdo e vive calado
 Não fala mais conta tudo.

João Grilo disse: - É um livro
 Que conta tudo na hora
 É mudo e surdo e calado
 Escute bem, Teodora
 Faça aí ponto final
 Que eu vou perguntar agora.

- Donzela você me diga
 O que é que sempre vem
 Não se sabe de onde veio
 Nem pra onde vai também
 Levando não sei o que
 Pra deixar não sei pra quem.

Disse a donzela: - É o vento
 João Grilo disse: - Está bem
 Fique sabendo que eu
 Sou pesado igual o trem
 Qual é o bicho de cabelo
 Que nenhum cabelo tem?

Disse a moça: - É o piolho
 Disse o Grilo: - Teodora
 Tenha cuidado que eu
 Vou lhe enrascar agora
 Qual é a fruta que tem
 Sua semente de fora?

A donzela respondeu:
 - Só pode ser o cajú
 - Meu pai tinha um cajueiro
 Na fazenda Caxambú
 Se eu fosse lá, tirava
 Dois pra mim e um pra tú.

Disse o Grilo: - Está danado
 É sabida esta donzela
 Mas eu sei que ela vai
 Cair na minha esparrela
 Nunca vi moça tao "viva"
 Mas hoje eu vou beijar ela !

João Grilo disse: - Donzela
 O que é que tem um nome
 É vivo e chega na mesa
 Vê a comida e não come
 Só faz cheirar e lamber
 E nunca morre de fome ?

Disse a donzela: - João Grilo
 A sua pergunta é tosca
 Para perguntar sem brilho
 A minha resposta é fôsea
 Quem lambe a comida e deixa
 Só pode ser uma mosca.

O povo todo sorriu
 E João Grilo disse: - Está bem
 De onde não se espera
 Sempre o desmantelo vem
 - Qual é o bicho de pena
 Que nenhuma pena tem ?

- 14 -

A donzela lhe disse: - Hoje
 Eu vou quebrar-lhe a mandinga
 Pois você se considera
 O valentão da caatinga
 O bicho de pena sem pena
 É cafute ou pixilinga.

João Grilo disse: - Donzela
 Você vai perder pra mim
 E pode se preparar
 Que agora chegou seu fim
 E falou pra Teodora
 Por esta maneira assim:

- Duas mulheres vão andando
 E avistam dois homens além
 Disseram: " São nossos pais
 Que para casa já vem
 Maridos de nossas mães
 E nossos maridos também".

Disse a donzela: - Espere aí
 Já viu que vergonha pouca ?
 João Grilo disse: - Não sabe
 Que toda mulher é louca?
 Vá logo se preparando
 Que eu vou beijar sua boca.

- 15 -

Disse a donzela: - Elas vivem
Com o pai delas ao lado?
Disse João Grilo: - Este enredo
É um viúvo casado
Com a filha d'outro viúvo
E fica tudo misturado.

Gritou o povo: - Beija, beija
João Grilo foi abraçando
A Donzela Teodora
E na sua boca beijando
Era o povo batendo palmas
E o beijo vadiando.

João Grilo beijou na boca
Beijou também no "cangote"
Beijou em cima dos seios
Na bochecha e no decote
Mas se ele fosse bobo
Tinha levado chicote.

João Grilo deu mais um beijo
Que passou quase uma hora
O povo gritava: - Será
Que vai ter casamento agora?
Dizem que depois João Grilo
Casou-se com Teodora.

 FIM 

ATENÇÃO!!!

*Todos os direitos autorais e patrimoniais
deste romance e de mais onze obras do mesmo autor,
pertencem legalmente a Antônio Klévisson Viana*

1.2.6 *A professora indecente e as respostas de João Grilo*, de Arievaldo Viana Lima

A PROFESSORA INDECENTE



Ilustração do AUTOR

Literatura
de Cordel

Literatura de Cordel

Autor - Arievaldo Viana

**A PROFESSORA INDECENTE E
AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILLO**

Todos conhecem João Grilo
Um menino diferente
Pequeno, magro e sambudo,
Porém muito inteligente,
Passou quinau em doutores
E também fez professores
Perderem a sua patente...

Foi um quengo muito fino
Legítimo cabra da peste
Existiu outro na Europa
Esse viveu no Nordeste
O de lá era um lesado
O daqui era um danado
E não há quem me conteste.

A PROFESSORA INDECENTE

O João Grilo português
 Meteu-se a decifrador
 Rei das adivinhações
 E só saiu vencedor
 Devido um golpe de sorte
 Assim escapou da morte
 Recebendo algum louvor.

Nosso Grilo foi criado
 Com tareco e mariola
 Nunca se viu outro cabra
 Com tão medonha cachola
 Não se meteu com sultões
 Mas nas adivinhações
 Foi ele quem fez escola.

Nasceu lá na Paraíba
 Criou-se em Taperoá
 Foi camelô em Sergipe
 Fez carimbó no Pará
 E foi encontrar a sorte
 No Rio Grande do Norte
 Fronteira com o Ceará.

E AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILLO

Sua grande inteligência
 Causava admiração
 O espiritismo assegura
 Ser a reencarnação
 De um monarca fabuloso
 Muito sábio e glorioso
 O famoso Salomão.

Já na infância João Grilo
 Deu mostras do seu saber
 Com sete anos de idade
 Foi para escola aprender
 Com doze dias de estudo
 João Grilo sabia tudo
 Ler, calcular e escrever.

Todo mundo admirou-se
 Do amarelinho sabido
 João Grilo sabendo disso
 Quis logo ser promovido
 Passar para o Ensino Médio
 E após um ano de tédio
 Ver o curso concluído.

A PROFESSORA INDECENTE

A professora então disse
 Que assim não podia ser
 Mas viu que o Grilo era o cão
 Tudo queria aprender
 Coisas difíceis e novas
 E quando chegavam as provas
 Mostrava um grande saber.

Ao diretor do colégio
 O menino foi levado
 Era um caso extraordinário
 Que logo foi comentado
 Química, física, biologia,
 História e geografia
 De tudo estava inteirado.

O diretor e a mestra
 Fizeram uma bateria
 Dos testes mais complicados
 De tudo o Grilo sabia
 A professora irritada
 Como era muito safada
 Apelou pra putaria!

- 06 -

E AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILLO

A professora gostava
 De enigma embaraçado,
 Andava de saia curta
 Ou de short bem cavado
 Com inveja do menino,
 Quis mudar o seu destino
 E inverter o traçado.

A mestra disse: - João Grilo
 Tenho algo a acrescentar
 São apenas dez perguntas
 Cuide em se preparar
 Preste atenção nas querelas
 Pois se errar uma delas
 Não pode se adiantar.

Disse o menino: - Está bem
 Pergunte o que bem quiser
 Filosofia ou gramática,
 História, se lhe aprouver...
 Disse a mestra: - Inda mais esta
 Isso pra você é festa
 São coisas sobre a mulher.

- 07 -

A PROFESSORA INDECENTE

O diretor protestou
 Querendo mudar os planos
 Dizendo: - Não é assunto
 Pra um jovem de sete anos...
 Mas João Grilo foi na onda:
 - Pergunte, eu talvez responda;
 Direi tudo sem enganos!

Disse a professora: - Grilo
 Sustente as empáfias suas
 O que vou lhe perguntar
 Só se aprende nas ruas:
 Essa primeira é bem fraca
Quatro ficou para a vaca
Mulher só pode ter duas.

O diretor pensou logo
 São as tetas, com certeza,
 Porém o Grilo sabido
 Respondeu com mais firmeza:
 - **São as pernas** professora!
 A parte locomotora
 Faz a vaca ter destreza.

E AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILO

Disse então a professora
 Essa também é fraquinha
O que tem na sua calça
Que eu não tenho na minha?
 O diretor deu um estrilo...
 - São **os bolsos**, disse o Grilo
 Digo e não saio da linha.

Esse menino é o diabo,
 Parente de Lúcifer
Me diga o que é que entra
Na frente em toda MULHER
Mas só entra atrás no HOMEM
 Por imoral não me tomem
 Mas responda se souber..

Disse o Grilo: - Professora,
 Minha perna nunca treme,
 Sou uma "mala sem alça"
 Carro de boi que não geme
 Essa pergunta é tão tola
 Essa não entra em BAITOLA
 Na certa é **a letra M!**

A PROFESSORA INDECENTE

O diretor abismado
Prendeu a respiração
A professora indecente
Prossegue a argüição
Confundindo o linguajar
A fim de embaraçar
João Grilo numa questão.

João Grilo tu és o demo
Vejo que estás decifrando.
Na certa é o "coisa ruim"
Que vive te ajudando
Nessa eu lhe deixo em apuro
Diga **o que é que entra duro**
Porém sai mole e pingando?

João Grilo dessa vez
Respondeu com gozação:
- Essa daí é pergunta
Pra menino do buchão
Pra encerrar a novela
É macarrão na panela
Vai comendo, Raimundão!

E AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILLO

Raimundão, o diretor,
Já estava preocupado...
Marinete, a professora,
Carrega o palavreado
Perguntando com desdém:
**- Onde é que a mulher tem
Cabelo mais enrolado?**

O Grilo fazendo pose
De quem havia estudado
Põe a mão sobre a cabeça
E diz com ar de enfadado:
- Essa não enrola ninguém...
**Lá na ÁFRICA a mulher tem
Cabelo encaracolado.**

Diz então a professora
Mirando "aquele lugar"
- Me diga qual é a coisa
Que faz a gente suar
**No começo tem um "B"
Lá no meio tem um "C"
E serve pra se montar...**

A PROFESSORA INDECENTE

...Termina com T-A "TA"

E quem monta não se aquieta;
Responda logo João Grilo
Quero a resposta completa!
Disse o Grilo: - Minha tia,
Monto nela todo dia,
Sou doído por **BICICLETA!**

Nisso a mestra Marinete
Quase tinha uma AVC...
Disse: - **Qual o monossílabo
Que começa com um "C"**
Tem um buraco no meio
Não é bonito nem feio,
E eu nunca dei a você???

Disse o Grilo: - **É um CD**
Da Banda "Calcinha Preta"
Eu vi a senhora dando
Esse disco e uma caneta
Ao diretor Raimundão
O resto eu não digo não,
Penso que era a... **LUNETAI!**

E AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILLO

A professora queria
Ver do Grilo o desmantelo
E disse: - Qual é a coisa
Que por ela eu tenho zelo
Pode ser clara ou escura
Tem um palmo e é bem dura
Rodeada de cabelo!!!

Disse logo o diretor:
- Mas que pergunta indecente!
Disse o Grilo: - Nada disso
Essa até que é inocente
Marinete não é louca
Vive com uma na boca...
É uma **ESCOVA DE DENTE!**

A professora então volta
Com outra bem complicada:
- Me diga qual é a "coisa"
Da pontinha avermelhada;
Tem um cacho pendurado
Já vi duro e amolegado,
E serve pra ser chupada

A PROFESSORA INDECENTE

João Grilo de prontidão
 Provou ser o maioral,
 Disse logo: - Professora
É uma fruta tropical
A castanha é o seu cacho
É o CAJU, eu digo e acho
 Seu sabor fenomenal.

O diretor Raimundão
 Já estava suando frio
 E aquele Grilo danado
 Superando o desafio,
 Toda questão decifrando
 E a professora apelando
 Viu que estava por um fio.

João Grilo és um cavador;
 És pior do que tatu...
 Diga qual o monossílabo
Que termina com um "U"
É um monossílabo tônico
Começa com "C" de crônico;
 Dessa vez eu lasco tu!!!

E AS RESPOSTAS DE JOÃO GRILLO

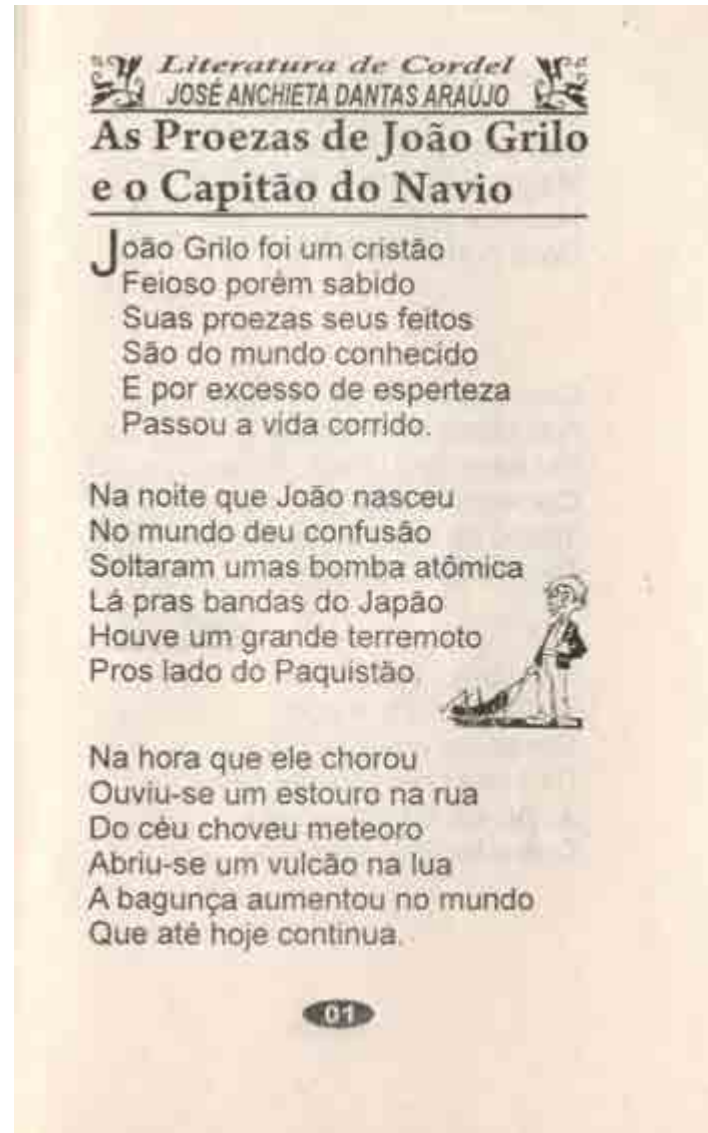
... Tem vezes que está limpo
 Tem hora que está sujo...
 João disse: - Professora
 Já me disse um caramujo
 Que nas árvores vive ao léu
 Que essa palavra é **CÉU**
 Dessa pergunta eu não fujo!

A professora com essa
 Quase tem um estupor,
 O Diretor Raimundão
 Deu-lhe votos de louvor;
 - O seu saber não tem soma
 Tome logo o seu diploma
 Vá embora, por favor!

Leitores o meu folheto
 Eu já dou por terminado
 Pois já mostrei que João Grilo
 Respondeu tudo acertado
 Compre logo o folhetinho
 O preço é bem baratinho
 Eu só não vendo é fiado!

FIM

1.2.7 *As proezas de João Grilo e o capitão do navio*, de José Anchieta Dantas Araújo, o Zé do Jati



João Ferreira de Lima
 O caracterizou beijudo
 Das pernas tortas e finas
 Magro, pequeno e sambudo
 Mas que por onde passava
 Dava notícia de tudo.

Com catorze anos de idade
 Nas terras de Portugal
 Foi parar no Cais do Porto
 Comendo e bebendo mal
 Tratou de arrumar emprego
 De vendedor de Jornal.



Uns cinco dias depois
 Sua presença marcou
 Nesse dia em todo o Cais
 De outra coisa não se falou
 A não ser da presepada
 Que o tal Grilo aprontou

02

Ao passar um português
 Com cara de distraído
 João Grilo não se conteve
 Gritou-lhe ao pé do ouvido:
 -Seu Manoel sua mulher
 "Estais a correr perigo!"

E continuou gritando
 Pro gajo se apressar:
 -Manoel sua mulher no Brasil
 Tá querendo se matar
 Corra se movimente
 É preciso lhe salvar!



O Português agiu rápido
 Ligeiro pulou no Mar
 Só aí é que se lembrou
 Que nunca quis se casar
 Se chamava era Joaquim
 E não sabia nadar!

03

Tiraram o Português da água
 Mas deu grande confusão
 Os policiais do Cais
 Tentaram prender o João
 E assim lhe incriminar
 Por conduta de indução.

João Grilo se defendeu:
 -Eu tô vendendo jornal
 E papel do jornaleiro
 Aqui e no discambal
 É gritar para quem passa
 A manchete principal.



-Tá aqui na primeira página
 Graúdo e fácil de ler:
 Portuguesa no Brasil
 Diz que pretende morrer
 Porque o marido em Portugal
 Jura não querer mais lhe ver.

04

-Inda mais sou de menor
 Não tenho pai nem irmão
 Até mesmo a minha mãe
 Foi pra uma outra nação
 E depois desse argumento
 Os homens soltaram João.

Diante desse episódio
 O João se desempregou
 Mas com dinheiro no bolso
 Novo plano arquitetou
 Ir embora pro Brasil
 E ali no porto embarcou.



Escondido num navio
 João Grilo pôde viajar
 Alimentando a pretensão
 De muito dinheiro ganhar
 So deram por sua presença
 Com o navio em alto mar.

05

Logo João fez amizade
Com tudo que é marinheiro
Dizia que sua vocação
Era correr o mundo inteiro
E o seu forte era apostar
Pois tinha um tino certo.

Várias foram as apostas
Que no navio João ganhou
Durante toda a viagem
Desafios não faltou
Com João papando todas
Sua fama se espalhou.



Certo dia o comandante
Soube da presença de João
Era muito respeitado
Esse bravo capitão
Pelos marinheiros temidos
E por toda a embarcação.

06

João Grilo foi escoltado
Pra sala do comandante
Que exigiu ficar a sós
Com o tal Grilo Falante
E perguntou como João
Se tornou um tripulante.

João disse como se escondeu
Pra no navio embarcar
O comandante então disse:
-Eu posso lhe perdoar
Porem tem uma condição:
-É você comigo apostar.



João Grilo se surpreendeu
Não podia imaginar
Pensou que o capitão fosse
Mandar jogá-lo no mar
No entanto o seu chamado
Era querendo apostar.

07

E mandou João escolher
 O que queria apostar
 João disse: -seu capitão
 Dei-me um "tempin" pra pensar
 E amanhã lhe procuro
 Com um "dinheirim" pra casar.

No outro dia bem cedo
 João tratou de retornar
 Foi dizendo ao capitão:
 -Eu vim disposto a apostar
 Que o sr. Tem hemorróidas
 Trouxe "vintim" pra casar!



O capitão disse: -Tá feito
 Passe os vinte pra cá
 Eu nunca tive hemorróidas
 Posso muito bem provar.
 João Grilo falou: _mas primeiro
 E tenho que examinar.

08

Diante do combinado
 O capitão falou: -tá feito
 Disse: João, vou passar a mão
 -Digo com todo respeito
 Tiro logo a conclusão
 E me dou por satisfeito.

Uma hora e meia depois
 O capitão convocou
 Todos os seus marinheiros
 E a eles comunicou
 Que derrotara João Grilo
 E todo empolgado falou:



-Quem disse falou besteira
 Que esse João Grilo é sabido
 Há pouco ganhei uma aposta
 Desse moleque atrevido
 Só não entendo por quê
 Perdeu e saiu sorrindo!

09

Um marinheiro pergunta:
 -O que João Grilo apostou?
 -Disse que tenho hemorróidas
 O capitão revelou.
 -Eu lhe provei que não tenho
 Nessa João Grilo dançou.

Outra pergunta foi feita
 Ao valente capitão:
 -Nesse esclarecimento
 Com o apostador João
 Não diga que naquele canto
 Ele colocou a mão?



O capitão confirmou
 Que o João passou a mão
 Na sua parte mais íntima
 Pra tirar a conclusão
 Se o dito comandante
 Tinha hemorróidas ou não.

Disse um marujo ao capitão:
 -Esse João é um traiçoeiro
 Apostou com toda a turma
 Mais de duzentos dinheiro
 Que sem sua objeção
 Alisaria o seu traseiro!

O capitão furioso
 Mandou que prendessem João
 Pagassem o que ele ganhou
 Sem faltar nenhum tostão
 E o levassem direto
 Para as grades da prisão!



Depois mudou de idéia
 Diante da humilhação
 Disse: -ele abusou da esperteza
 Humilhou um capitão
 Irá pagar com a vida
 No jogo de adivinhação.

Se o João responder
E conseguir acertar
As perguntas que farei
Mandarei lhe libertar
Porem se errar qualquer uma
Mando jogá-lo no mar.

Trouxeram o grilo ligeiro
E começou a sessão
Num jogo de vida ou morte
Sem ter dó ou compaixão
Sete perguntas foram feitas
Tentando uma condenação:



O capitão disse: -João
Tu és um mala sem alça
Responda com precisão
Com essa cara lisa e falsa
Qual a grande diferença
Entre a bota e a calça?

12

Disse João: -seu capitão
Nunca fui mala sem alça
Responderei a pergunta
O trocadilho realça
É que a calça a gente bota
E a bota a gente calça.

Falou o capitão pra João:
-Preste atenção no que falo
Senão vai pra contramão
Vê se não perde o embalo
Diga qual a semelhança
Que há na carta e o cavalo?



João Grilo disse: -é difícil
Mas, não vou titubear
Tanto faz cavalo ou carta
Na hora de viajar
Tem-se a consciência plena
Que é necessário selar.

13

Um marinheiro falou: -capitão
 Esse não é um João-Mané
 Faça pergunta difícil
 Pois fácil é o que ele quer.
 Pergunte: qual o 1º bicho a descer
 Lá da Arca de Noé?

Disse o capitão: -tá valendo
 A pergunta é inteligente
 João falou: -seu capitão
 Vou acertar novamente
 Pois o primeiro a descer
 Era o que tava na frente.



Veio a quarta pergunta
 Uma verdadeira armadilha
 O capitão disse a João:
 -Nessa você sai da trilha
 E mando ti jogar no mar
 A mais de duzentas milhas.

14

Reforçou o capitão:
 -Garanto, tu vai perder
 Responda João Grilo agora
 Esta que é de doer:
 O que é que o homem faz
 Que Deus não sabe fazer?

Falou João: -seu capitão
 Eu não vou nem me alterar
 Essa resposta é fácil
 Deus está em todo lugar
 O que o homem faz e ele não
 Sem dúvida alguma é pecar.



A essa altura a platéia
 Já estava dividida
 Cada resposta de João
 Começou ser aplaudida
 Talvez por saber que errando
 O João perderia a vida!

15

Foi quanto o capitão falou:
 -A coisa encurtando vai
 João quer ser muito sabido
 Mas, nessa aqui, ele cai
 O que faz a vaca João
 No momento que o sol sai?

No momento que o sol sai
 Na terra surge um clarão
 É um espetáculo bonito
 O nascer do sol disse João
 E o que a vaca faz nessa hora
 É sombra seu capitão.



Essa é muito mais difícil
 Afirmou o capitão
 Mas se esse João acertar
 É porque tem parte com o cão
 Responda João quem tem poder
 De parar um trem com a mão?

Quem desenvolve o repente
 Na viola é repentista
 Nas alturas caminhar na corda
 É coisa pra equilibrista
 Já parar um trem com a mão
 Só quem pode é o maquinista.



A sétima pergunta João
 Quem usa é porque consome
 Toda casa tem que ter
 Pronunciar o seu nome
 Que se compra pra comer
 Mas, certo é que não se come?

João Grilo apavorado disse:
 Me valha um santo qualquer
 Essa resposta é difícil
 Pra qualquer homem ou mulher
 Mas, como sou destemido
 Respondo que é a colher.

O capitão reconheceu
A sapiência de João
Os marinheiros aplaudiram
Soltaram até foguetão
E assim João Grilo livrou-se
Da grande condenação.

E João Grilo, humildemente
Pedi desculpas ao capitão
Disse que a brincadeira
Não foi por má intenção
Apenas um espírito forte
De um menino brincalhão.



Essa foi a grande estória
De João Grilo e o capitão
Mas antes que eu me despeça
Desta minha narração
Vou lhe contar uma curtinha
Do menino sabichão:

18

João Grilo se tornou rapaz
Feioso mas, bem sucedido
Visto como inteligente
Alegre e descontraído
Com isso apesar de feio
Tornou-se um grande partido.

Arranjou uma namorada
De classe e muita decência
Moça de família nobre
Mas, João tinha consciência
Que apesar desses tributos
Lhe faltava inteligência.



Disse ela certo dia: -João
Não será nenhuma surpresa
Que venhamos a ter uma filha
Com tua inteligência e destreza
E ainda herdando de mim
O meu encanto e beleza!

19

E João: -Meu medo querida
É que o inconsciente me disse:
-Já pensou se a natureza
De repente decidisse
Que nasça com minha feiúra
E com a tua burrice?



De todos me despeço
Agradeço a atenção
Aos patrocinadores
Toda a minha gratidão
Outras de João Grilo eu conto
Em uma próxima narração.

Fones: (85)3253.4586
(88)8848.0288

1.2.8 João Grilo, um presepeiro no palácio, de Pedro Monteiro



João Grilo
Um Presepeiro no Palácio
Autor: Pedro Monteiro

Quero aqui contar em versos
Uma aventura engraçada,
Sobre um bom adivinhão
De astúcia comprovada,
Fazendo revelação
Com uma ave encantada.

- 01 -

O mestre Câmara Cascudo
Fez a catalogação
Desta pérola recolhida
Na fonte da tradição,
Fincada lá nos guardados
Da nossa imaginação.

Vem da tradição oral,
Presente em forma de conto,
Atravessando fronteiras —
Pois quem conta aumenta um ponto!
E gente de toda idade
Aplaude e pede reconto.

Para narrar em sextilhas,
 Confesso aqui que inventei,
 Refazendo a narrativa,
 Muito lhe acrescentei,
 Mas, por não ser todo meu,
 Assim me justifiquei.

Quando separei João Grilo
 Do seu parceiro Chicó,
 Foi como se dividisse
 A ventania do pó,
 Já que nesta ligação,
 Tem corda, laçada e nó.

- 02 -

Vem da cultura do povo,
 Trazida de além-mar,
 E entre o céu e a terra
 Arranjou o seu lugar,
 Aqui contida nos versos
 Do poeta popular.

E assim, o joguei na pele
 Deste bom adivinhão,
 Pensei selar um acordo
 Dentro desta convenção,
 E se ele lhe agradar,
 É minha a satisfação.

Certa vez, um amarelo
 Que não tinha eira nem beira,
 Enfrentando crise braba
 Naquela terra roceira,
 Fugiu da seca medonha,
 Saindo pela porteira.

Morava com sua mãe,
 De nome dona Maria,
 Levando vida pacata
 Numa pobre confraria,
 Porém, aquilo não era
 A vida que ele queria.

- 03 -

E por ser muito franzino,
 Com seu esquisito estilo,
 Rebento de sete meses,
 Nascido com meio quilo,
 De serelepe que era,
 Foi chamado de João Grilo.

Era bastante aguçado
 Seu tino de danação!
 Dono de um faro ardiloso,
 Presepeiro como um cão,
 Mas, às vezes, parecia
 Que tinha bom coração!

Pensando numa maneira
 Que pudesse por em prática,
 Um plano bem orquestrado,
 Logo arrumou uma tática,
 Buscando precisamente
 Resposta na matemática:

— Quem tira de vinte e oito,
 Vinte e sete têm clareza,
 Que só vai lhe sobrar um,
 E por essa natureza,
 Só conto mesmo é comigo!
 E disso eu tenho certeza.

- 04 -

Por viver como agregado,
 Já não tinha vida boa,
 Com o castigo da seca,
 Nem sequer uma garoa!
 Cuidou em fazer a trouxa
 Pra vagar no mundo, à toa.

Se plantasse, não nascia
 Naquele torrão em pó;
 Caçar não adiantava,
 Só via peba e mocó,
 Tinha até gente comendo
 Rapadura com jiló!



- 05 -

Não tendo mais que fazer,
 Frente à secura danada,
 Disse: — O mundo é minha casa...
 Pensou em nova empreitada,
 Abraçou a sua mãe
 E bateu em retirada.

Por apego àquela terra
 E ao povo que lá deixou,
 Aquela triste partida
 Seu coração apertou,
 Foi somente a inteligência
 A bagagem que levou.

Largando-se mundo afora,
Com seu pobre matulão,
Pensando vencer na vida
Inventou a arrumação,
De oferecer serviços
Dizendo-se adivinhão.

Depois de andar mil léguas,
Um palácio ele avistou,
Pedi para pernoitar,
O Rei de pronto aceitou.
Foi então que o João grilo
Ligeiro se apresentou.

- 06 -

Como um bom astucioso
Passou-lhe logo a conversal
O Rei ficou inseguro
Não vendo ali controversa;
Mesmo se achando cercado
De muita gente perversa.

Prontamente acreditando
Ser ele um adivinhão,
Disse-lhe: — Meu bom rapaz!
Vens em boa ocasião;
Vejo que este palácio
Está cheio de ladrão.

Tenho notado o sumiço
De joia e de muito ouro,
Diamantes dos mais raros
Avaliado um tesouro,
Eles não têm dado tréguas
Nem pros tapetes de couro!

E ordenou a João Grilo:
— Você não entre em dilema,
Descobrirá os larápios,
Desvendará seu esquema.
Se não descobrir, verá
O tamanho do problema!

- 07 -

Porque se não o fizer,
Não sairá daqui vivo...
E trate de adivinhar
Se não, terei um motivo
Pra querer sua cabeça,
Ou tomá-lo por cativo.

O Grilo naquele instante
Sentiu um frio na barriga,
Sabia que se falhasse
Entraria numa intriga,
Daria o pescoço à força
Em pagamento da briga.

No primeiro dia, João,
Coisa alguma adivinhou.
Comeu do bom, do melhor.
E nada ali desvendou,
Mas, falando a um criado,
Este quase desmaiou.

Foi na hora do café
Esta grande agitação.
Quando o criado chegava
Com a bandeja na mão:
— O primeiro já está visto!
Disse-lhe o adivinhão.

- 08 -

Este falava do novo
Dia que tinha chegado,
Mas, pensando ser com ele,
E por ser mesmo culpado,
O criado amarelou
Dum jeito desesperado.

Chegando o segundo dia
Logo ao amanhecer,
Outro criado trazia,
Para não desmerecer,
Mais uma farta bandeja
Querendo lhe oferecer.

E o João Grilo lhe disse:
— O segundo já está visto!
Acometido do susto,
Pois se julgava benquisto,
O criado quase rende
A alma pra Jesus Cristo.

E gritou: — Sou o ladrão!
Que merece ser punido!
Fui pego pela mandinga
Desse amarelo enxerido.
E apontou o seu comparsa,
Que com ele foi detido.

- 09 -

João ficou muito assustado
Com a repentina sorte,
Por seu motivo de crença,
Recorreu à reza forte,
Dizendo: — Eu hoje escapei
De ver a cara da morte.

O Rei ficou satisfeito
Com a sua habilidade,
E pediu que ele ficasse,
Pois tinha necessidade
De um bom adivinhão
Com sua capacidade.

E depois de sete meses
Desfrutando vida boa,
No conforto do palácio,
Não sendo mais um atoa,
Houve a maior confusão
Com o roubo da coroa.

Aquela coroa era
Para o Rei tão importante
Quanto a sua própria vida,
Pois, além de dominante,
Tinha o símbolo das lutas
De dinastia distante.

- 10 -

Então, chamou o João Grilo
E depressa foi dizendo:
— Se você recuperá-la,
É bom que fique sabendo,
Dar-lhe-ei grande tesouro
Para não ficar devendo!

Mas, ouça bem o que digo:
Para você se safar
Dessa tremenda enrascada,
Terás de me comprovar;
Se não for bom adivinho,
Eu mandarei te matar!

Naquela hora, João Grilo,
Temendo por sua sorte;
Perdeu a respiração,
Sentiu o braço da morte,
E então dos seus fundilhos
Recendeu um cheiro forte:

Mas pra não perder o tino
De olho na empreitada,
Invocou sabedoria
E numa grande sacada:
Ele transformou um galo
Em uma ave encantada.

- 11 -

Botou o bicho num cesto
E pôs-se a recomendar:
— Zé Quixaba, fique atento,
Pra poder denunciar,
Só quando a mão do ladrão
O seu topete tocar.

Organizou os criados
Postos à disposição,
De maneira enfileirada
Para esfregar a mão
Na crista do velho galo
(A sua grande armação).

Garantindo que o galo
Era quem denunciava.
Sentindo a mão do ladrão
Ele logo se ouriçava,
Esticava o seu pescoço,
Batia asa e cantava.

Mas olhava como quem
Quisesse pôr a cangalha,
E quando alguém punha a mão
Dentro do cesto de palha,
Tocando as costas do galo
Debaixo de uma toalha.

- 12 -

E com embargo na voz
Ele fez uma oração:
— Oh! Meu galinho encantado,
Tu que és adivinhão,
Diz agora para mim
Qual é a mão do ladrão!

Ao terminar o serviço
O João Grilo ordenou
A abertura das mãos
E ligeiro observou:
— Temos aqui dois culpados
Que o galo denunciou.

Prendam depressa estes dois!
Disse isso e foi explicar:
— Os verdadeiros ladrões,
Para tentar despistar,
Nem tocaram a mão no galo
Com medo dele cantar...

Para que compreendessem,
Ele emendou dizendo:
— Eu passei tigna no galo,
Quando não estavam vendo,
E por serem os culpados
Só fingiam estar fazendo.

- 13 -

Recomendando que todos
Passassem a mão no galo,
Na cabeça de quem deve
Ressoou dando um estalo!
Como se fossem garrafas,
Os peguei pelo gargalo.

O Grilo ainda explicou
Aquela feliz manobra,
Melar de tigna o seu galo
Fez parte daquela obra:
— Só põe a mão na cumbuca
Quem tem coragem de sobra!

Os larápios foram presos,
 Recuperou-se a coroa,
 Voltou a paz no reinado
 Com uma festança boa,
 E o João Grilo ali era
 A mais querida pessoa.

Passada a noite da festa,
 O Rei o chamou e disse:
 — Amigo, eu lhe prometi,
 Sem que nada me pedisse,
 Que me apontasse o ladrão
 Antes que o cabra fugisse.

- 14 -

Você fez tudo direito,
 Cumprindo bem seu dever,
 Agora grandes riquezas
 Também irá receber,
 Pois do que foi combinado
 Eu não posso me esquecer.

Por isso que lhe ofereço
 Toda minha lealdade,
 Se você ficar aqui,
 Não usarei vaidade:
 Vou lhe conferir o título
 De segunda majestade.

Porém João Grilo lhe disse:
 — Vossa alteza, eu lhe agradeço.
 Também tenho no senhor
 Muita estima e grande apreço,
 Porém, quero armar a rede
 No meu antigo endereço.

Senhor Rei, preciso ir
 Fazer uma boa ação
 Em favor daquele povo
 Que vive na exploração.
 Perdoe, mas vou lhe dizer:
 Meu lugar é no sertão!

- 15 -

E assim, João Grilo voltou
 Rico para sua terra.
 A fortuna que ganhou
 Ele não gastou em guerra:
 Distribuiu entre os pobres!
 Do seu velho pé de serra.

A todos eu agradeço
 A estimada atenção,
 Na história que narrei
 Deste bom adivinhão,
 Adaptada em cordel
 Pra esta publicação.

FIM

1.2.9 *Artimanhas de João Grilo*, de Arievaldo Viana Lima

Literatura de Cordel
Autor: Arievaldo Viana

ARTIMANHAS DE JOÃO GRILLO

TODOS conhecem João Grilo
Um menino diferente
Pequeno, feio e franzino
Porém muito inteligente,
Uma mente talentosa,
Bem dotada e engenhosa,
Sagaz e irreverente.

Quando nasceu esse ente
Caiu neve em Teresina
E detonou um vulcão
Pras bandas de Petrolina
De Fortaleza a Belém
Os carros correram sem
Precisar de gasolina!

Ele tinha a perna fina
E a boca de 'Mãe-da-lua'
Nunca gostou de cantar
A cantiga da peruá,
Tudo na vida enfrentava
E satisfeito gritava:
- Manda brasa! Senta a pua!

1

Foi um quengo muito fino
 Legítimo cabra da peste
 Existiu outro na Europa
 Esse viveu no Nordeste
 O de lá era um lesado
 O daqui era um danado
 E não há quem me conteste.

O João Grilo português
 Meteu-se a decifrador
 Rei das adivinhações
 E só saiu vencedor
 Devido um golpe de sorte
 Assim escapou da morte
 Recebendo algum louvor.

Nosso Grilo foi criado
 Com tareco e mariola
 Nunca se viu outro cabra
 Com tão medonha cactiola
 Encantou até sultões
 Pois nas adivinhações
 Foi ele quem fez escola.

Nasceu lá na Paraíba
 Criou-se em Taperoá
 Foi camelô em Sergipe
 Fez carimbó no Pará
 E foi encontrar a sorte
 No Rio Grande do Norte
 Fronteira com o Ceará.

2

Com cinco anos já era
 Sagaz, astuto e ladino
 A mãe não se descuidava
 Daquele cabra "malino"
 Às vezes lhe castigava
 Pois ninguém agüentava
 As "artes" do pequenino.

Certa feita, a mãe do Grilo
 Foi visitar a vizinha
 Deixou o peralta em casa
 Porque assim lhe convinha
 Chegou o padre Rufino
 Pedindo água ao menino
 Mas na ocasião não tinha...

João fingia agradar ao padre
 Com mesura e rapapé
 Lhe oferecendo garapa
 Do Engenho Catolé
 Depois desse lero-lero
 O vigário disse: Eu quero!
 João trouxe numa coité.

O padre muito guloso
 Bebeu com sofreguidão
 Dizendo: Oh! Garapa boa!
 Nesse momento o João
 Fingindo-se inocente
 Traz garapa novamente
 Pra ele e pro sacristão.

3

Ao receber a coité
 O vigário disse assim:
 Será que sua mamãe
 Não irá achar ruim?
 Nesse momento João Grilo
 Responde muito tranqüilo:
 Beba tudo, até o fim!

Garapa temos bastante
 Porém exposta ao relento,
 Pode beber à vontade
 Não precisa acanhamento...
 Não digo por desacato,
 Mas nela caiu um rato,
 Está podre e fedorento.

O padre ficou irado
 Rugindo igual um leão
 Começou a engulhar
 Sentindo uma convulsão;
 Pra fíndar o rapapé
 Agarrou a tal coité
 Lascou a dita no chão.

João Grilo disse: Lascou-se!
 Valei-me São Frederico,
 Pague-me um conto de réis
 Que muito grato eu lhe fico
 Pois essa coité quebrada
 Quase toda madrugada
 Nos servia de penico.

4

Com isso o pobre vigário
 Quase perdia a razão
 Só não bateu no menino
 Por causa do sacristão
 Porém saiu vomitando
 E também ameaçando
 De dar-lhe a excomunhão.

A mãe ouvindo a zoadá
 Veio saber do ocorrido
 João Grilo disse: O vigário
 É um mal agradecido
 Dei-lhe garapa à vontade
 E ele, sem piedade,
 Quis 'benzer' meu pé-d'ouvido.

Com sete anos João Grilo
 Deu mostras do seu saber
 Pegando papel e lápis
 Foi para escola aprender
 Com cinco meses de estudo
 João Grilo sabia tudo
 Ler, calcular e escrever.

Todo mundo admirou-se
 Do amarelinho sabido
 João Grilo sabendo disso
 Quis logo ser promovido
 Passar para o Ensino Médio
 E após um ano de tédio
 Ver o curso concluído.

5

A professora então disse
 Que assim não podia ser
 Mas viu que o Grilo sabido
 Tudo queria aprender
 Coisas difíceis e novas
 E quando chegavam as provas
 Mostrava um grande saber.

Ao diretor do colégio
 O menino foi levado
 Era um caso extraordinário
 Que logo foi comentado
 Química, física, biologia,
 História e geografia
 De tudo estava inteirado.

O diretor e a mestra
 Fizeram uma bateria
 Dos testes mais complicados
 De tudo o Grilo sabia,
 Em nada o embarçavam
 Tudo quanto perguntavam
 O pequeno respondia.

A professora gostava
 De enigma complicado,
 Andava de sala justa
 Ou de short bem cavado
 Com inveja do menino,
 Quis mudar o seu destino
 E inverter o traçado.

6

A mestra disse: João Grilo
 Tenho algo a acrescentar,
 Tenho algumas perguntas
 Cuide em se preparar,
 Preste atenção nas querelas
 Pois se errar uma delas
 Não pode se adiantar.

Disse o menino: Está bem
 Pergunte o que bem quiser
 Filosofia ou gramática,
 História, se lhe aprouver...
 Responde a mestra: As questões
 Serão adivinhações
 Me responda, se souber!

O diretor protestou
 Querendo mudar os planos
 Dizendo: Não é assunto
 Pra um jovem de sete anos...
 Mas João Grilo foi na onda:
 Pergunte, eu talvez responda;
 Direi tudo sem enganos!

Disse a professora: Grilo
 Sustente as empáfias suas
 O que vou lhe perguntar
 Só se aprende nas ruas:
 Essa primeira é bem fraca
 Quatro ficou para a vaca
 Mulher só pode ter duas.

7

O diretor pensou logo
São as tetas, com certeza,
Porém o Grilo sabido
Respondeu com mais firmeza:
São as pernas professora!
A parte locomotora
Faz a vaca ter destreza.

Eis a segunda pergunta,
João Grilo preste atenção:
Diga o que enche uma casa
Porém não enche uma mão?
Digo, mantendo a postura,
Pra quem vive de costura
Creio que é um botão!

João Grilo agora eu te boto
Numa baba de quilabo:
O que é melhor do que DEUS,
E pior do que o DIABO?
O pobre tem por baliza,
O rico disso precisa
E o peixe faz com o rabo?

João Grilo disse: O peixe
NADA bem numa escapada,
NADA é melhor do que Deus.
Pior que o diabo, é NADA!
Quem é pobre, NADA tem,
NADA falta ao rico e quem
Não tem Deus, cai em cilada!

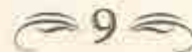


Todos se admiraram
Dessa bela explicação
Houve uma salva de palmas
Que estrondou no salão,
Mas a mestra, enfurecida
Não se dava por vencida
Trouxe mais uma questão.

Mandou trazer um barril
O qual chegou sem demora
Dizendo: Quero que enchas
Isto por dentro e por fora
De maneira que ele cheio
Depois de todo aperreio
Pese menos do que agora.

João Grilo disse: Pois não!
Eu faço a vontade sua,
Mandou buscar um formão
Um martelo e uma pua
Tirando tampo e cavacos
Encheu todo de buracos
E depois botou na rua.

Disse: Pronto, professora!
O barril já está cheio
Pois tem buracos na tampa
No fundo e até no meio,
Já me livrei dessa cruz
Porque agora entrou luz
Pra completar o "recheio".



A mestra disse: Eu agora
 Pretendo te enrascar
 Pois essa nova pergunta
 É dura de decifrar...
 Me diga o que é que vem
 De Fortaleza a Belém
 Sem se mover do lugar?

Disse o Grilo: - Professora,
 Eu não calo em enrascada
 Pergunta assim desse jeito
 É mesmo que marmelada,
 Porque quem vai, com certeza,
 De Belém a Fortaleza
 Sem se mexer é a estrada!

O diretor abismado
 Prendeu a respiração;
 Marinete, a professora,
 Prossegue a arguição
 Confundindo o linguajar
 A fim de embarçar
 João Grilo numa questão.

- Menino tuas respostas
 De fato estão se encaixando
 Os enigmas mais difíceis
 Vejo que estás decifrando.
 Diga perante o conselho
 Porque uns óculos vermelhos
 Vem o elefante usando?

João Grilo igual a José
 Perante o padeiro-mor,
 Numa prisão, no Egito
 Respondeu tudo de cor
 E disse: - O elefante
 Usa óculos nesse instante
 Na certa pra 'ver melhor!

O diretor da escola
 Já estava preocupado...
 Marinete, a professora,
 Carrega o palavreado
 Perguntando com desdém:
 Onde é que a mulher tem
 Cabelo mais enrolado?

O Grilo fazendo pose
 De quem havia estudado
 Põe a mão sobre a cabeça
 E diz com ar de enfadado:
 Essa não enrola ninguém...
 Lá na África a mulher tem
 Cabelo encaracolado!

Diz então a professora
 Querendo lhe embarçar:
 Me diga qual é a coisa
 Que faz a gente suar
 No começo tem um "B"
 Lá no meio tem um "C"
 E serve pra se montar?...

Termina com "TA-A-TA"
 Criatura irrequieta;
 Responda logo, João Grilo
 Quero a resposta completa!
 Disse o Grilo: Minha tia,
 Monto nela todo dia,
 Sou doido por bicicleta!

Note o leitor que o Grilo
 Com poucos anos de vida
 Jamais caía em cilada
 Tinha a mente esclarecida,
 Respondia de improviso,
 Se alguém fizer mau juízo
 Tem a mente poluída.

O diretor do colégio
 Já estava suando frio
 E aquele Grilo franzino
 Superando o desafio,
 Toda questão decifrando
 E a professora apelando
 Viu que estava por um fio.

João Grilo é um cavador,
 É pior do que tatu...
 Diga qual o monossílabo
 Que termina com um "U"
 É um monossílabo tônico
 Começa com "C" de crônico,
 Dessa vez eu lasso tu!

... Tem vezes que está limpo
 Tem hora que está sujo...
 João disse: Professora
 Já me disse um caramujo
 Que nas árvores vive ao léu,
 Que esta palavra é CÉU,
 Dessa pergunta eu não fujo!

A professora com essa
 Quase tem um estupor,
 O diretor satisfeito
 Deu-lhe votos de louvor,
 O seu saber não tem soma
 Tome logo o seu diploma
 Vá embora, por favor!

A velha mãe de João Grilo
 Que era humilde e sensata
 Vendeu a cabra, a galinha,
 Capote e ovos de pato,
 Comprou livros de montão
 Dessa maneira o João
 Tornou-se um autodidata.

Aprendeu tudo sozinho
 Ciência exata e oculta
 Lendo a Cabala Judaica
 O seu saber se avulta,
 História, Filosofia,
 Matemática, Astronomia,
 Tornou-se pessoa culta.

Um certo dia, João Grilo,
Foi visitar o padrinho,
Ao regressar, já bem tarde,
De casa errou o caminho,
Vendo uma árvore copada
Abandonou a estrada
E foi fazer o seu ninho.

Subiu-se na dita árvore
E fez suas orações
Estava bem distraído
Com suas reflexões
Quando viu se aproximar
Dessa árvore a conversar
Uma corja de ladrões.

João Grilo bem escondido
Escutou um bandedeiro
Dizer para seus comparsas:
A vida de cançaceiro
É boa pra se lucrar,
Vamos achar um lugar
Pra repartir o dinheiro!

Disse um sujeito amarelo
Fazendo um ar de mistério
Conheço um local decente
Discreto, e bastante sério,
Lá não se escuta novela,
É uma velha capela
Que existe no cemitério.

Um cançaceiro medroso
Disse logo: Não convém...
Capela é coisa sagrada
Isso não termina bem!
O chefe disse: Cretino,
Se és um cabra molino
Não vais lucrar um vintém!

Amanhã, à meia-noite,
Quero todos reunidos
Para contar o dinheiro
E os bens adquiridos
Em ouro, prata e latão
Cada qual leva um quinhão
Vocês estão entendidos?

João Grilo pensou consigo:
Ladrão que rouba ladrão,
Conforme vovó dizia,
Tem com anos de perdão.
Arranjou mortalha e vela
Se dirigiu à capela
E se escondeu num caixão.

Então, na data marcada,
O grupo se reuniu
João Grilo lá no caixão
Toda cena pressentiu,
Um ladrão da perna fina
Acendeu a lamparina
E o tescuro reluziu.

Tinha ouro em demasia
 Muita peça prateada
 Maços de contos de réis
 E uma belíssima espada
 Em cuja folha se lia
 Que a mesma pertença
 A um general de brigada.

O chefe quando notou
 Que havia a tal inscrição
 Disse logo: Não me serve
 Pois o nome e o brasão
 Na lâmina do objeto
 O tornam muito indiscreto
 E denunciam o ladrão!

O cabra da lamparina
 Acorreu logo pra junto
 E disse: Eu também não quero,
 Não sou tolo, nem bestunto.
 Vamos pegar esse "diabo"
 E meter até o cabo
 No "fiofó" do defunto!

Que defunto? Disse o chefe.
 Responde então o ladrão:
 Vocês não viram o presunto
 Que tem naquele caixão?
 João Grilo, morto de medo,
 Para apressar o enredo
 Fingiu-se de assombração.

Levantou-se lentamente
 Com a mão direita estirada,
 Um castiçal na esquerda,
 A fala muito arrastada,
 Lá fora relampejava
 Quem via aquilo jurava
 Ser uma alma penada.

Uma coruja piou
 O velho sino bateu
 Por causa de um cordão
 Que João Grilo escondeu,
 Ninguém julgava ser blefe
 Nesse instante até o chefe
 Abriu da perna e correu.

Na correria um dos cabras
 Caiu numa sepultura
 Outro sujou a cueca
 Pois sofria de "soltura"
 O chefe, sem ver a luz,
 Se estatelou numa cruz
 Pois a noite estava escura.

João Grilo disse: Ladrão
 Comigo vira calouro!
 Trazia um velho jumento
 E nele botou o ouro,
 O jegue saiu danado
 Com João Grilo escanchado
 Levando o rico tesouro.

João Grilo era prevenido
 E naquela ocasião
 Escondeu o seu tesouro
 Numa saca de carvão
 Na cinta pôs a espada
 Temendo uma emboscada
 De fera ou algum ladrão.

Depois de uma meia-hora
 Quando cessou a zoadá
 Os ladrões desconfiados
 Foram tomando chegada
 Viram a capela vazia,
 Defunto não mais havia,
 Nem tesouro e nem espada.

Puseram-se a praguejar
 E a proferir maldição,
 Mas o chefe ponderado
 Dizia ao bando: Um ladrão
 Tomou-se o nosso algoz...
 Quem rouba alguém como nós
 Tem cem anos de perdão!

João Grilo, perto de casa,
 Quase entrava pelo cano
 Pois no caminho avistou
 Uma tropa de cigano
 Que dele se aproximava
 Perguntando o que levava
 Naquele jegue cabano.

João Grilo disse: É carvão,
 Venho da mata fechada,
 Trabalho pro meu padrinho,
 Um general de brigada,
 Que querendo proteger-me
 Deu-me, para defender-me,
 Esta bellissima espada!

O cigano interesseiro
 Vendo a espada brilhante
 E o cabo todo coberto
 De ouro e de diamante
 Julgando-se muito astuto
 Disse logo: Esse matuto
 Vai me vender num instante!

Pensava o velho cigano
 Que encontrara um beócio,
 Mandou João Grilo appear
 E foi chamar o seu sócio
 Que cego pela cobiça
 Trouxe uma jóia maciça
 A fim de propor negócio.

Era um relógio europeu
 Cravejado de rubis
 Todo de ouro maciço
 Conforme a história diz
 João Grilo, sem mais demora,
 Pensou consigo: Eu agora
 Faço uma troca feliz!

Mas sem querer demonstrar
Que estava interessado
Tratou de se despedir
Dizendo andar apressado
E arrematou, afinal:
Meu padrinho, o general,
Deve estar preocupado...

Sai ontem de manhã
Para o carvão ir buscar
Hoje é seu aniversário
Um churrasco ele vai dar
Se eu não chegar na hora
Ele manda, sem demora,
A tropa me procurar!

A intenção dos ciganos
Era deixá-lo sem nada,
Porém ouvindo-o falar
No general de brigada
Não quiseram-no roubar
Pois todos temiam entrar
Nunia cruel enrascada.

Disseram então a João Grilo
Invente algum cambalacho,
Vá e diga a seu padrinho:
Tristonho e pobre eu me acho
Fui um tolo e imprudente
Porque seu belo presente
Eu perdi lá no riacho!

João Grilo achou muito boa
A idéia do cigano,
Porém pediu uma volta
Para acertar o seu plano.
Era um cavalo selado
Para também ser trocado
No seu jumento cabano.

Os ciganos concordaram
Acharam que era justo,
E efetuaram a permuta
Ligeiro, sem muito custo,
João Grilo, muito apressado,
Dali partiu bem montado
Temendo levar um susto.

Uns quatro meses depois
Essa dita ciganada
Por negro azar encontrou
O antigo dono da espada,
Foram todos intimados
Presos e até processados,
Caíram numa cilada.

João Grilo muito sabido
Mudou-se pra capital
Comrou um belo sobrado
De aspecto colonial
E foi viver disfarçado
Para não ser enrolado
No roubo do general.

Levou a velha mãezinha
 Deu-lhe conforto e carinho,
 Foi ela quem teve a graça
 De mostrar-lhe o bom caminho
 Nos livros que ela comprou
 João Grilo muito estudou
 E pôde aprender sozinho.

Dessa maneira João Grilo
 Começou ganhar dinheiro
 E sua fama de sábio
 Espalhou-se no estrangeiro
 Para um distante reinado
 João Grilo foi convidado
 Vou lhes traçar o roteiro.

O rei de Bambulá
 Teve a coroa roubada
 Ouviu dizer que João Grilo
 Era a pessoa indicada
 Para o furto desvendar
 Tratou de lhe convidar
 Pra decifrar a charada.

João Grilo seguiu viagem
 Levando um galo consigo
 Chegou em Bambulá,
 Sem temer qualquer perigo,
 O monarca, ao avistá-lo
 Perguntou: E este galo?
 Disse João: É meu amigo!

Esse galo, Majestade,
 Vale mais de um milhão,
 Lá no Brasil o conhecem
 Como o galo adivinhão,
 Para tudo tem um jeito,
 Descobre qualquer suspeito
 Que nele encostar a mão.

O rei muito satisfeito
 Reuniu nobre e vassalo,
 Com um manto de veludo
 João Grilo cobriu o galo,
 Dizendo a todos, então,
 Se aqui houver um ladrão
 O galo vai apontá-lo!

Traçou sinais cabalísticos
 No ar e também no chão
 De um em um os presentes
 Entravam na operação,
 Ao terminar seus engodos
 João Grilo ordenou a todos
 Que apresentassem a mão.

Todos tinham a mão direita
 De fuligem emporcalhada
 Exceto um casal de nobres
 Da classe mais elevada
 João Grilo disse depois:
 Podem prender esses dois
 Já decifrei a charada!

Lá no Brasil, essa gente,
Rouba demais hoje em dia,
Senadores, deputados,
São notícia todo dia,
Em escândalos atolados,
Embora se digam honrados
Sem merecer honraria.

O monarca interditou
O palácio do casal
E encontrou a coroa
Escondida no quintal,
Pra depois ser desmanchada
Em lingotes transformada,
Como é habitual.

João Grilo então explicou
Toda a sua operação,
Esclarecendo que o galo
Jamais fora adivinhão,
Mas estava emporcalhado,
De fuligem bem tismado,
Para pegar o ladrão.

Então o casal de nobres
Temendo ser descoberto,
Se combinou em sigilo
Para não passar decerto
A mão no galo sabido
Mas seu plano foi perdido,
O de João Grilo foi certo.

A lei em Bambulúá
Imita a de Talião,
Lá a justiça vigora
Não se protege ladrão,
Aquele casal de nobres
Rico de bens e de cobres
Foi padecer na prisão.

E lá também não existem
As prisões especiais
Seu filano, por ser pobre,
Não é o que sofre mais,
Cada um é bem punido
Pelo crime cometido
Porque todos são iguais.

João Grilo em Bambulúá
Tinha plena liberdade
Palestrava com a princesa
Que era uma linda beldade,
A filha do rei Galvão
Também consagrava a João
Algo mais que amizade...

O rei chamando João Grilo
Lhe confessou, em segredo:
Meu país está em guerra
Mas uns soldados com medo
Andam fingindo doença
Me diga o que você pensa
Pra desmanchar esse enredo.

Disse João Grilo é bem fácil
Essa trama desmanchar
Basta Vossa Majestade
Urgente me apresentar
Como médico renomado
Que irei bem preparado
Ao Hospital Militar.

Foi João Grilo apresentado
Aos doentes no outro dia
Então saiu perguntando
O que cada um sentia
Todos se punham a dizer
Que estavam a padecer
De uma estranha epidemia.

Doutor Grilo respondeu:
É preciso pesquisar
A causa desta doença
Para que eu possa curar.
Se prepararem dessa vez
Que amanhã, um de vocês
Eu irei autópsiar!

Irei fazer um sorteio
É o que for indicado
É pra ser aberto vivo
E depois esquarterado.
Depois que eu estudá-lo
Eu deixarei, sem abalo,
Qualquer doente curado!

26

Quando João Grilo saiu
Um doente, sem demora,
Gritou: Estou bem melhor.
Agora posso ir embora!
Sumiram-se os pacientes
De um em um os doentes
Saíram de porta afora...

O detradelro doente
Era doído e aleijado
Forém, ao sentir-se só,
Saiu bastante apressado
Quis o porteiro impedi-lo,
Mas ele, vendo João Grilo
Disse: Estou tão melhorado!

O rei vindo de visita
Acha o hospital vazio
Não havia um só doente
Com sezão ou calafrio
Então disse pra João Grilo
Um homem do seu estilo
Vence qualquer desafio!

Me diga qual o presente
Que de mim quer receber?
Disse João: É muito cedo
Eu vim aqui aprender.
A vida é um livro aberto
O mundo, o mestre mais certo,
Deixai o tempo correr.

27

De volta para o palácio
Viram grande confusão;
Três irmãos, por uma herança,
Travaram uma discussão
Pragas se multiplicavam
Pois os três não acertavam
Fazer justa divisão.

Brigavam os três, sem cessar,
Por trinta e cinco elefantes
Todos eles bem treinados
Vistosos e bem possantes,
João Grilo, com este caso,
Tirou os três do atraso
Com seus estalos brilhantes.

O mais velho aproximou-se
E disse então: Majestade
A causa desta porfia
Deve-se à última vontade
De meu pai, que foi expressa,
Em testamento e é essa
Nossa contrariedade.

Meu pai ordenou que fosse
Feita assim a divisão:
A metade para mim,
Um terço pra meu irmão
Do meio e o derradeiro
Só recebo, no roteiro,
Um nono desse quinhão.

A metade do total
Que é dezessete e meio
Principiou a questão
Nos pondo nesse apertado
A terça parte, porém,
Não é exata também
E o caso tomou-se feio.

É certo que a nona parte
Não é exata também
E desse modo a partilha
Se tomou um rém-rém-rém*
E lhes digo, desde já,
Que da forma que está
Não agrada a seu ninguém.

Disse o Grilo: Meus amigos,
Tenho um negócio a propor
Já que estamos diante
Do bondoso imperador.
Peço a ele nesse instante
Que nos dê um elefante
Do mesmo tamanho e cor.

Porém o rei protestou:
A solução não é justa.
Disse o Grilo: Majestade,
O problema não me assusta,
Me empreste um elefante
João Grilo é quem garante
Que isso nada lhe custa.

Mandaram buscar depressa
A montaria real
Então, depois da chegada,
Do cobigado animal,
Somaram-se trinta e seis
João Grilo disse: Vocês
Verão justiça, afinal!

O mais velho tem direito
À metade da manada...
Que agora são dezoito
Assim reza a tabuada,
Veja bem, que nesse instante,
Ganhaste meio elefante
A conta não está quebrada!

(O mais velho, satisfeito,
Recebeu o seu quinhão),
Agora chegou a vez
De dar ao segundo irmão
A herança prometida
E a sua conta partida
Foi arredondada então.

Um terço de trinta e cinco
Dá onze e algum quebrado
Mas como pra trinta e seis
O lote foi aumentado
Vai pra doze o seu quinhão...
Esse não quis mais questão
Pois saiu recompensado.

30

Então, o irmão mais moço
Julgando ter prejuízo
Se aproximou de João Grilo
E disse então: Eu preciso
Receber o que é meu
Cada qual já tem o seu
Mas eu continuo "liso".

João Grilo disse sorrindo:
Eu acabo este paleio...
Tua nona parte dava
Pouco mais de três e meio,
Agora receberás
Quatro e então ficarás
Livre de todo aporreio!

Terminada a divisão
Sobravam dois elefantes:
O do rei foi devolvido
Com elogios galantes.
E o Grilo muito contente
Ficou com um de presente
Por seus cálculos brilhantes.

Os três irmãos satisfeitos
Com a justa divisão
Deram o elefante a ele
E não fizeram questão,
E o rei admirado
Dizia muito exaltado:
És maior que Salomão!

31

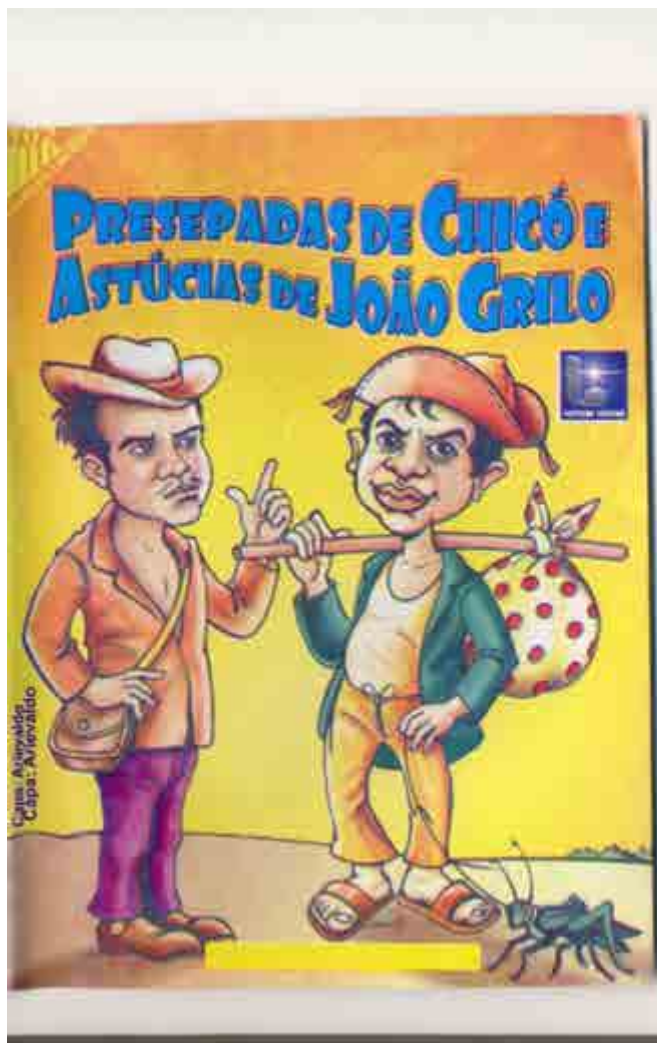
Me pede o que tu quiseres
Que com gosto eu te darei...
João Grilo disse: Eu confio
Que a palavra de um rei
Atrás não pode voltar...
Se o senhor aceitar
Com a princesa casarei.

Disse o rei: Eu já sabia
Que a ela tens amor
Fui consultar minha filha
Então fiquei sabedor
Que isto é de seu agrado
Com ela serás casado
E serás meu sucessor!

Ninguém pode calcular
O tamanho do banquete
Houve festa mais de um mês
Música, tojão e foguete.
Depois da festa acabada
João Grilo e a sua amada
Foram para um palacete.

Foi pai e depois avô
De um garoto irrequieto,
Em matéria de astúcia
Era um peralta completo.
Aguardem novas brochuras
Narrando as travessuras
Do jovem João Grilo Neto.

FIM

1.2.10 *Presepadas de Chicó e astúcias de João Grilo*, de Marco Haurélio

Marco Haurélio

João Grilo foi um menino
De grande sagacidade.
Aprimorou a esperteza
Devido à necessidade -
Enganava a todo mundo
Com muita facilidade.

Quando João era menino
Sempre ia à beira do rio,
Para poder refrescar-se
Por causa do grande estio.
Um dia, encontrou um padre
Que tinha curto pavio.

O padre vinha num jegue -
Logo que viu o menino.
Pensou: "eu vou me informar
Com aquele tipo cretino,
Mas se ele me enganar,
Vou e lhe torço o pepino!"

O padre se aproximou
E disse, com voz pausada:
— Me responda, meu menino,
Aonde vai esta estrada?
Você será castigado,
Caso me meta em armada.

(4) PRESEPADAS DE CHICÓ E ASTÚCIAS DE JOÃO GRILO

João lhe respondeu: — seu padre,
Eu não gosto de balela;
Respondo à sua pergunta,
Sem temer a esparrela:
À estrada nunca vai,
Somos nós que vamos nela.

O padre disse: — moleque,
Deixe desta amolação!
Vou celebrar uma missa
Na igreja do Capão —
E lhe peço, por bondade,
Que me ensine a direção.

Disse João: — é muito fácil,
Agora vou lhe ensinar:
Para chegar no Capão,
Basta ao rio atravessar,
Mas tenha muito cuidado
Ou poderá se afogar!

— Não me amole mais, moleque,
Pois já estou em atraso!
O povo me esperando
E você criando caso —
Ande logo, desembuche:
Onde que o rio é mais raso?

Marco Haurélio

(5)

— Vá naquela direção,
Já que está muito apressado.
O padre foi com o jegue,
Onde João tinha mostrado,
Mas era o ponto mais fundo,
Quase morreu afogado.

Ao sair na outra margem
O padre pôde gritar:
— Pode esperar, seu moleque,
Que volto pra me vingar!
E, com a batina ensopada,
Desgraçou-se a espirrar.

Quando chegou na igreja
Estava muito atrasado
O povo todo estranhou
Vendo o vigário ensopado
E xingando cada nome
De deixar o Cão corado!

Naquele tempo, a missa
Era rezada em latim
E o padre, resfriado,
Viu a coisa ficar ruim —
Abria a boca e falava:
— *Rogate nobis...* atchim!!!

As pessoas, vendo aquilo,
Danaram na mangação.
O padre os ameaçou
Até com excomunhão.
Pensou: "aquele moleque
Deve ter parte com o Cão!"

Terminou, montou no jegue,
Agora mais preparado,
Entrou num lugar mais raso
E saiu do outro lado,
Onde avistou o João Grilo
No mesmo canto, sentado.

Perguntou-lhe: — meu menino,
Onde é sua moradia?
João Grilo lhe respondeu:
— Ali, naquela enxovia...
Era a choupana mais pobre
Que na região havia.

O padre bateu na porta,
Uma mulher atendeu.
Disse: — *bença*, padre mestre...
Ele logo a bênção deu.
E perguntou: — Minha filha,
Aquele amarelo é seu?

Ela disse: — sim, senhor;
É um amarelo *malino*.
É feio que só a fome,
Contudo é muito ladino:
Mas eu não tenho recurso
Pra criar este menino.

Disse o padre: — então me dê
O menino pra eu criar...
Garanto que em minha mão
Faço ele se emendar.
A mulher chamou João Grilo,
Mandou o padre o levar.

Montaram os dois no jegue,
João na frente, o padre atrás,
Já pensando: "é agora:
Filhote de Ferrabrás,
Você vai ver que, com padre,
Nem mesmo o *demo* é capaz.

Puxou uma palmatória
De dentro duma *capanga*,
Na hora em que um roceiro
Botava fogo na *manga*.
— O que é aquilo? — indagou
O padre, cheio de zanga.

Respondeu João: — é fogo!...
 O vigário disse: — Errado!...
 Pois na minha terra aquilo
 Tem nome de *limitado*.
 E deu-lhe um bolo que João
 Quase perde o rebolado.

Seguiram... e mais à frente
 Avistaram um grande açude.
 O padre olhou para João
 E perguntou, num tom rude:
 — O que é aquilo, moleque?
 João resmungou: — Deus me ajude!

E disse: — é água, seu padre...
 Mas o bruto, com implicância,
 Berrou: — Lá na minha terra
 Tem o nome de *abundância*.
 E desceu-lhe a palmatória,
 Sem respeitar-lhe a infância.

Assim que chegou em casa,
 O padre lhe perguntou:
 — O que sou eu, seu moleque?
 João Grilo aí gaguejou:
 — Nã-não é o padre mestre?
 — Não é! *Bata-cristo* eu sou!

Pegou a mão do menino
 E mandou a palmatória.
 Todos os nomes estranhos
 João guardava na memória,
 Torcendo para o vigário
 Findar logo aquela história.

Naquilo passa uma freira
 De aparência louçã.
 — O que é aquilo, moleque?
 João respondeu: — uma irmã...
 — Irmã, não! É *Folgazona*!...
 Sua resposta foi vã.

Mais uma *palmatorada*
 Na mão João Grilo levou.
 Naquele exato momento,
 Correndo, um gato passou.
 — Responde: que bicho é esse?
 O padre lhe perguntou.

— Ga-gato, disse João Grilo,
 De medo já gaguejando.
 Gato, não! É *mata-rato*!...
 Disse o padre, já puxando
 A pesada palmatória
 E no menino baixando.

II PRESEPADAS DE CHICÓ E ASTÚCIAS DE JOÃO GRILLO

Mais tarde, o padre falou:
— Agora, a última lição:
Como é que se chama aquilo?
E mostrou a habitação.
João Grilo disse: — é casa?
O bruto respondeu: - Não!...

O seu nome é *traficância*...
Como não disse a verdade,
Vai levar mais outro bolo,
Pra deixar de falsidade. —
E desceu a palmatória
No pobre, sem piedade.

O padre disse: — amanhã
Estudaremos Latim;
Me diga logo o seu nome,
Pois se não vou achar ruim!
João Grilo lhe disse: — o meu
Nome é *Por aí assim*.

O padre estranhou o nome,
Porém nada quis dizer;
Às oito horas da noite,
Tratou de se recolher —
E João ficou matutando
No que devia fazer.

Marco Haurélio

Nisto o gato ia passando;
João calmamente o pegou,
Um pano com querosene
No rabo dele amarrou,
Apanhou um candeeiro
E fogo logo ateou.

O gato saiu a toda
Com a labareda no rabo.
João disse: — agora o vigário,
Vendo isso, fica brabo,
Mas a safadeza dele
Ainda hoje eu acabo.

E gritou bem alto: — acorda,
A boa vida abandona...
Levanta, seu *bata-cristo*
Dos braços da *Folgazona!*...
Traga logo a *abundância*
Ou tudo se desmorona.

Pois lá vai o *mata-rato*
Com o *limitado* no cabo,
Traga logo a *abundância*,
Deixa esse prazer nababo
Ou você e a *traficância*
Vão tudo para o diabol!

12 PRESEPADAS DE CHICÓ E ASTÚCIAS DE JOÃO GRILLO

O telhado era de palha,
Foi a casa incendiada,
Vestindo a "roupa de Eva",
A pobre freira, coitada,
Safu igual uma bala,
Numa louca disparada.

O padre também saiu,
Do jeito que veio ao mundo,
Gritando: — alguém dê notícia
Daquele espírito imundo.
Quem viu *Por aí assim?*
Sem-vergonha, vagabundo!

Quem viu *Por aí assim?* —
Gritou até ficar rouco,
E o povo, ao ver o padre,
Pelado, chutando toco,
Disse: — calma, padre mestre,
O padre mestre está louco!

João foi viver noutra terra,
Ali nunca mais pisou.
Desmoralizado, o padre
Também de lá se mudou.
Nunca mais bancou o esperto,
A ninguém mais maltratou.

Marco Haurélio

13

João tornou-se um rapazote
Esquisito como o rato,
Tinha pernas de alicate,
Cabeça de papagato,
Mas nunca achou sabichão
Pra metê-lo no balaio.

Lá, pelo alto sertão,
Ele arranjou amizade
Com um sujeito simpático,
De grande amabilidade —
Contava muita mentira,
Porém não tinha maldade.

Tinha por nome Francisco,
Mas o chamavam Chicó,
E, igualmente a João Grilo,
Era pobre como Jó;
Só comia com mistura
Quando matava um mocó.

Chicó contava vantagem,
Mas o povo não ligava,
Toda noite para ouvi-lo
A multidão se ajuntava,
Porém não tinha sequer
Um que nele acreditava.

João Grilo dizia sempre:
 — Chicó, tenha mais cuidado,
 Pois a sua língua grande
 Pode deixá-lo enrascado
 Se um dia se deparar
 Com algum cabra malvado.

Chicó dizia: — qual nada!
 Nunca me meto em engano:
 Já irriguei o deserto
 Com as águas do oceano,
 Mandei fazer uma ponte
 Ligando Marte a Urano!

Já matei onça de tapa
 E leão com pontapês,
 Já tirei água de pedra,
 Como um dia fez Moisés,
 Em casa tenho uma árvore
 Que produz contos de réis!

João Grilo disse: — Chicó,
 Nem mesmo lá em Pequim
 Um *pé-de-pau* dá dinheiro
 Ou a água do mar tem fim.
 Chicó respondeu: — não sei;
 Eu só sei que foi assim...

Porém, meu amigo João,
 Agora vou lhe contar
 Uma história verdadeira,
 Dessas de se admirar,
 Que mesmo o cabra incrédulo
 É forçado a acreditar:

No sertão do Ceará
 Vi três matutos correndo
 Atrás de uma tartaruga —
 Parece que inda estou vendo —
 Mas vou descrever os três
 Pra você ficar sabendo.

Cada um deles levava
 Consigo uma muleta.
 Mas o primeiro era mudo
 O segundo era perneta;
 Já o terceiro era cego,
 O quarto surdo e maneta.

E foi o cego quem viu
 A tartaruga matreira,
 O mudo falou pra ele:
 — Acabou-se a brincadeira!
 Depois gritou o perneta,
 Que se danou na carreira.

Mas quem pegou a bichinha
Foi o sujeito cotó,
Vendeu-a para um mândigo,
Ficou mais rico que Jó.
É a mais pura verdade,
Quem lhe garante é Chicó.

Mas isso, João, não é nada,
Já fiz coisa mais incrível
Que, se lhe contar, você
Pensará ser impossível.
Pra você pode até ser,
Mas não pra alguém do meu nível.

Eu tenho um grande criame
De abelhas no meu quintal.
Tentei contar as colméias —
Confesso que passei mal —
Pois nem em quinhentos anos
Descobriria o total.

Porém contei as abelhas,
Que passavam de um trilhão,
Vendo que faltava uma,
Quase perdi a razão
Mas para minha alegria,
Vi o seu rastro no chão.

Entrei mata adentro e vi
Minha abelhinha caída,
Com duas raposas velhas
Numa batalha renhida.
Saquei de grande peixeira,
Pra defender minha vida.

Rumei a peixeira nelas,
Que saíram em disparada;
A peixeira se perdeu
Dentro da mata fechada.
Então, matutei um jeito
De sair desta embrulhada.

Então peguei o meu *binga*,
Fogo na mata botei,
E desta forma, as raposas
Pra bem longe afugentei.
Quando o fogo se apagou,
Minha peixeira encontrei.

Porém sobrou só o cabo
O ferro foi derretido.
Fui correndo até o ferreiro
Contar o acontecido:
Pedi qu'ele refizesse
O ferro, que foi perdido.

Mas ele se confundiu
 Por ter cabeça de vento
 E me fez um anzol reto
 Pra eu pescar ao relento.
 Joguei o danado n'água.
 Puxei e veio um jumento.

Veio com bruaca e tudo,
 Então nele me montei.
 Os quartos da abelhinha
 Fujona, avante encontrei.
 Quando espremi, dez mil litros
 De mel bem puro tirei.

Porém não tinha os barris,
 E estando no matão só,
 Resolvi armazenar
 Todo o mel no *fiôfô*
 Do meu jeguinho, contudo,
 Confesso: fiquei com dó.

Passado algum tempo houve
 No sertão grande secura;
 Nas costas do meu jumento
 Cresceu grande matadura.
 De tanto carregar peso
 Em sua jornada dura.

O jumento carregava
 Bastante mercadoria
 E, para minha surpresa,
 Presenciei, certo dia,
 Germinando em suas costas
 Feijão, milho e melancia.

Então, peguei o machado
 E dei um golpe no centro
 Da melancia, porém
 O machado caiu dentro.
 Olhei o buraco e disse:
 — É aqui mesmo que eu entro!

Lá dentro da melancia
 Avistei em disparada
 Um vaqueiro procurando
 A sua enorme boiada.
 Pedi seu adjutório:
 Ele me deu uma escada.

Para subir os degraus
 Foi terrível o escarcéu,
 Pois saí da melancia
 E fui bater lá no céu.
 Lá Maria Madalena
 Me ocultou em seu véu.

Acabei voltando à Terra
 Cavalgando num corisco,
 Que caiu em Xique-xique,
 Nas bandas do São Francisco.
 Mas aprendi a lição —
 Hoje sou um cabra arisco.

Assim Chicó entretinha
 O povo do lugarejo,
 Mas ali morava um cabra
 De instinto malfazejo,
 Que para fazer o mal
 Agia sem nenhum pejo.

Era o chefe político
 O tal Carlos Carabina,
 Uma fera desumana,
 De natureza ferina,
 Que descontava nos pobres
 A sua índole assassina.

Só ia a algum lugar
 Por jagunços escoltado.
 Um dia encontrou Chicó
 Numa bodega, *engaizado*,
 Contando suas vantagens,
 Do mundo despreocupado.

Chicó dizia pra o povo:
 — Sei construir um castelo
 Com a cumeeira no chão
 E a base no *setestrelô*.
 Chegou Carabina e disse:
 — Isso é verdade, amarelo?

Chicó, ao ver Carabina,
 Danou-se na tremedeira.
 Disse: — coronel, bom dia!
 Eu sou mesmo uma toupeira!
 Onde já se viu uma casa
 Começar da cumeeira?!

O coronel disse: — cabra,
 A mentira é um assalto:
 Você fará um castelo
 Começando pelo alto —
 Ou vai dormir para sempre
 Numa cama de cobalto!

Amanhã, ao meio-dia,
 Lá, no Baixão do Jaó,
 Se não fizer o castelo,
 De seu couro tenho dó!
 Depois gritou ao garçom:
 — Encha o copo de Chicó.

Chicó bebeu a cachaça.
Bastante contrariado,
E foi procurar João Grilo,
O seu amigo estimado,
Implorando: — João, me acuda,
Pois eu estou enrascado!

E narrou para João Grilo
Todo o triste acontecido,
Disse: — João, por minha língua
Agora eu estou perdido,
Pois, amanhã, no curtume,
Meu couro será curtido!

João disse: — calma, Chicó,
Para tudo há solução,
Amanhã, ao meio-dia,
Eu estarei no Batxão —
Esse tal de Carabina
Merece boa lição.

No outro dia, Chicó
Foi ao lugar combinando,
Quando olhava pro relógio
Mais ficava aperreado —
Já perto de meio-dia
Disse: — agora tou lascado!...

Naquilo, chega João Grilo
Roendo uma rapadura,
Quando Chicó o avistou
Foi dizendo: — ô criatura,
Quede sua solução
Pra minha grande amargura?

João lhe disse: — Padre-nosso
Ao vigário não se ensina,
Vamos fazer o castelo
Do bandido Carabina
No dia em que marmeleiro
Botar laranja-da-china.

Mal terminou de falar,
Ouviu um grande tropel
De Carabina e seu bando,
Naquele instante cruel,
Chicó disse: — agora vou
Beber a taça de fell...

Carabina perguntou:
— Onde está o meu castelo?
Agora morrerão dois:
Você e esse amarelo...
E disse para o jagunço:
— Prepare o seu *parabelo*.

João Grilo disse: — senhor,
Parece haver confusão:
O meu amigo queria
Começar a construção,
Porém o material
Quem fornece é o patrão.

Pois eu nunca vi pedreiro
Entrar com o material.
Chicó veio trabalhar
Nesse calor infernal.
Mas quando olhou para cima
Lhe faltava o principal

O material devia
Ter sido posto no ar,
Porque um serviço desses
É impossível começar.
Por baixo, onde é o ponto
Do trabalho terminar.

Carabina disse ao Grilo:
— Agora é que eu lhe mato.
Aí chegou o juiz
E disse: — quieto, seu rato!
Foi você que não cumpriu
A sua parte no trato.

Atrás do juiz chegou
Uma grande multidão,
Que agarrou Carabina
E arrebentou no chão,
Dizendo: — chega de marra,
Cabra safado, ladrão!

Carabina e a jagunçada
Foram para o xilindrô,
Escoltados pelo povo,
Que não poupou o cipó...
E foi assim que João Grilo
Salvou o amigo Chicó.

Veio uma seca medonha
De fazer rachar o chão;
E Chicó foi obrigado
A se mudar do sertão —
Foi então se despedir
De seu grande amigo João.

Botou a trouxa no ombro
E seguiu o seu destino,
Destino comum a esse
Bravo povo nordestino,
Que cumpre desde o seu berço
O fadário severino.

Levava no seu alforje
 Farinha com rapadura
 Uma cabaca com água,
 Amarrada na cintura.
 Para quem não tinha nada,
 Aquilo era uma fartura.

O estoque de rapadura
 Acabou no quarto dia,
 Quando Chicó avistou
 U'a grande mercearia.
 Resolveu ver se ali
 Arranjava o que comia.

Entrou e viu uma senhora
 Num rutilante vestido.
 Chicó disse: — minha dona,
 Ando quase desvalido.
 O que tem para comer?
 Ela disse: — ovo cozido...

— Não tem nenhum ovo cru?
 — Não! Respondeu a mulher,
 São temos ovo cozido,
 Responde logo se quer.
 Chicó disse: - quero sim;
 De comer tenho mister.

Depois de comer, Chicó
 Explica a situação.
 Disse: — dona, estou migrando
 Por causa da precisão,
 Na volta lhe pagarei
 Esta boa refeição.

Como não tinha mais jeito,
 Fizeram um combinado.
 Chicó foi para o Recife:
 Lá trabalhou alugado —
 Com dois anos de serviço,
 Já estava equilibrado.

Então, Chicó resolveu
 Voltar para o seu sertão,
 Pois estava com saudade
 Do seu companheiro João.
 Cobriu o corpo de andrajos
 Para iludir ao ladrão.

Retornando, ele passou
 Na mesma mercearia,
 Mandou chamar a mulher,
 Disse: — sua senhoria,
 Eu hoje venho saldar
 A conta que lhe devia.

A mulher disse: — senhor,
Eu vou chamar meu marido,
Que pra tratar de negócio
É muito bem instruído —
E só ele sabe o preço
Daquele ovo cozido.

Nisso chegou o marido,
Um sujeito carrancudo,
Com cento e cinquenta quilos,
Além de feio, pançudo,
E disse: — senhor cliente,
Eu já multipliquei tudo.

O ovo que tu comeste
Se chegasse a ser chocado,
Uma galinha graúda
Ele teria gerado,
E em breve o patrimônio
Seria centuplicado.

O ovo daria origem
Muitas galinhas de raça,
E galos da mesma estirpe,
Que não se encontra na praça —
Pague dois contos de réis
Que eu ainda acho de graça!...

Chicó falou: — o senhor
Deve ter enlouquecido:
Cobrar dois contos de réis
Por um mero ovo cozido?...
Mas depois pediu um prazo
Por estar desprevenido.

Respondeu o trapaceiro:
— Dou lhe dez dias de prazo:
Por causa do prejuízo
Não permito mais atraso.
Pois se passar de um dia,
Com sua vida eu arraso!

Chicó foi pra sua casa,
Tristonho e acabrunhado,
Porque dois contos de réis
Era todo o apurado —
Não era justo perder
Tudo o que tinha ajuntado.

João Grillo foi visitá-lo
E achou-o desenxabido.
Perguntou-lhe o que é isso?
Conte-me o acontecido.
Chicó explicou a trama
Por causa do ovo cozido.

João Grilo disse: — Chicó
Amanhã cedo nós vamos
Na casa deste embusteiro
E a dívida contestamos,
Na presença de juiz,
Porque com razão estamos.

Prepararam o jumentinho,
Quando amanheceu o dia,
E foram atrás do sujeito
Na estranha moritaria;
Com quatro dias depois,
Chegaram à mercearia.

Numa mesa estava uma
Junta de advogados,
Como aves de rapina
Eles eram contratados
Para arrancar o dinheiro
Dos pobres desavisados.

Chegando à cidade, João
Pediu Chicó, com urgência,
Para buscar o juiz,
Por ser caso de emergência.
Dizendo: — hoje eu ponho fim
A essa grande indecência.

João foi à mercearia,
A tal mulher o atendeu.
Ele disse: — minha dona,
Quero um grande favor seu.
E duas grandes sementes,
Para a trambiqueira deu.

E disse: — as quero torradas.
Ela disse: — sim, senhor...
E, em sementes de jaca,
Totalmente sem valor.
A mulher foi e torrou-as,
Prestando a João um favor.

Ela torrou as sementes
E as devolveu a João.
Ele disse: — vá lá fora
E faça uma plantação.
Se elas não germinarem,
Quero indenização.

A mulher correu e foi
Buscar os advogados,
Que sabendo da função,
Levantaram-se vexados,
Para ir buscar a lá,
Mas saíram tosquiados.

João disse: — quero o valor
Que as sementes renderiam,
Pois em muitos pés de jaca
Elas se transformariam
Os meus parentes com elas
Todos enriqueceriam.

Foi entrando o carrancudo,
E disse: — cale a matraca!
Quem é que já viu semente
Torrada dar pé de jaca?
Só se for em sua terra,
Seu filhote de macaca!

32 PRESEPADAS DE CHICÓ E ASTÚCIAS DE JOÃO GRILLO

João Grilo disse: — senhor,
Nesse instante, eu lhe desminto:
A semente de que falo —
E sustento que não minto —
É da mesma terra em que
Ovo cozido dá pinto!

Naquilo entrou o juiz
E deu-lhe toda razão.
O homem pagou a Chicó
Gorda indenização,
E não lesou mais ninguém.
Pois aprendeu a lição.

Chicó dividiu com João
O dinheiro recebido
E jurou que nunca mais
Comeria ovo cozido,
Para evitar de cair
Na unha de outro bandido.

Assim, Chicó e João Grilo
Obtiveram vitória,
Mas hoje só quem estuda
Traça bela trajetória,
Superando os desafios,
Escrevendo a própria história.

Dou por finda esta história
Sobre dois grandes amigos,
Que puderam superar
Os mais terríveis perigos —
Com malícia e com astúcia
Ludibriaram a súcia
Dos seus grandes inimigos.

· FIM ·

1.2.11 *As perguntas do rei e as respostas de João Grilo*, Antônio Pauffero da Silva



Autor: Antonio Pauferro da Silva

AS PERGUNTAS DO REI E AS
RESPOSTAS DE JOAO GRILLO

Leitor leia este romance
Prestando toda atenção
Falando sobre João Grilo
Este grande advinhão
Que decifrava na hora
Qualquer advinhação

João Martins de Ataíde
Fez um romance versado
As proesas de João Grilo
Assim é intitulado
Este livro hoje pertence
Ao editor Zé Bernardo

Outro livro publicado
Por Paulo Nunes Batista
Novas proesas de João Grilo
E uma velha anarquista
A viuva de Cancão
Que foi grande vigarista

Afinal a cerca dele
Há diversas narrações
Eu também vou escrever
Porque achei condições
Para contar de João Grilo
Suas advinhações

João Grilo era franzino
Amarelo e preguiçoso
Pançudo e boca grande
Sonço e astucioso
Quando falavam em trabalho
Ele ficava nervoso

Era casado e morava
Numa pequena casinha
Levando com sua esposa
Uma vida pobrezinha
Porque para trabalhar
Coragem João não tinha

A mulher dizia João
Meu velho vá trabalhar
Para vê se arruma um meio
Que dê bem para nos passar
Que talvez esta pobreza
Se acabe de nosso lar

João sempre respondia.
Uma charada qualquer.
Dizendo desta maneira
A sua boa mulher
Eu não gosto de fazer
O que a vontade não quer.

Mas ela sempre xingando
Da preguiça de João
Que ele uma certa vez
Respondeu nesta razão
Vou ser de agora em diante
Grande mestre adivinhão.

A mulher lhe respondeu.
E's uma pessoa lerdã
Grilo o que estás dizendo.
São coisas que não se herda
Tuas adivinhações
No fim vão tornasse em merda.

João Grilo não deu ouvido
A resposta da mulher
E disse eu vou viajar
Porque meu destino quer
E largou-se pelo mundo
Enfrentando o que vinher.

Até que um dia chegou
Num reino desconhecido
E declarou-se que era
O João Grilo destimido
Advinhador das coisas
Inteligente e sabido

Todo povo admirou-se
Da conversa de João Grilo
Porque João conversava
Com muita base e estilo
Todos diziam este homem
Faz gosto a gente se ouvi-lo

Porém neste dito reino
Estava uma confusão
Porque haviam roubado
O tesouro da nação
E ninguém sabia ainda
Quem tinha sido o ladrão

E correndo a notícia
Que ali tinha chegado
Este mestre adivinhão
O rei mandou um recado
Pra João comparecer
Lá na corte do reinado

Chegando João na corte
 O rei lhe interrogou
 Quero saber com quem falo
 João assim respondeu
 Sou o Grilo mais falado
 Que este mundo gerou

E o senhor adivinha
 Lhe perguntou o sultão
 João Grilo lhe respondeu
 Conforme a adivinhação
 Que não der muito trabalho
 A minha imaginação

João Grilo você me diga
 Quem roubou o meu tesouro
 Se me disser a verdade
 Vai ganhar bastante ouro
 Mas se disser o contrário
 Eu mando tirar-lhe o côro

João disse Magestade
 Sou positivo em dizer
 Que esta sua pergunta
 E' dura de responder
 Quero o prazo de três dias
 Prá dar tempo eu resolver

Com isto o rei se sentiu
 Cheio de ódio e vingança
 E mandou prender João Grilo
 Num quarto de segurança
 Vigiado por três negros
 De inteira confiança

Pela manhã muito cedo
 Foi feita esta prisão
 Durante o dia só tinha
 Direito uma refeição
 As seis da noite um dos negros
 Leva a boia a João

Leitor eu agora aqui
 Vou dar uma explicação
 Que estes citados negros
 Cada um era o ladrão
 Foram eles quem roubaram
 O tizouro da nação.

Tanto o rei como os vassallos
 Eram bons amigos deles
 Por isto que as suspeitas
 Nem uma caía neles
 Pois ninguém não esperava
 Que os ladrões fossem eles

Falo em João que estava
 Lá na prisão em gijum
 O negro levou a ceia
 Ele comeu sem lundum
 Depois exclamou meu Deus!
 Dos três agora vi um

Porém João se referiu
 Foi a sua dura sina
 Porque de adivinhar
 Não sabia patavina
 E nos três dias entregava
 Seu pescoço a guilhotina

O negro inexperiente
 Disto não compreendeu
 Pegou os pratos e saiu
 Como quem enloqueceu
 Foi contar aos seus amigos
 Tudo que aconteceu

Chegando lá disse a eles
 A coisa não está boa
 Aquele adivinhão
 Vai deixar nós tudo atôa
 Assim que êle me viu
 Conheceu minha pessoa

Os dois negros duvidaram
 Como isto não se deu
 Então o segundo disse
 Amanhã quem vai sou eu
 Quero vê se êle adivinha
 Também o segrêdo meu

Falo no segundo negro
 Que foi na hora marcada
 Levou a ceia a João Grilo
 Com a mente perturbada
 João que estava com fome
 Da boia não deixou nada

João assim que comeu
 Exclamou logo depois
 Pensando em sua sentença
 Dessa maneira propoz
 Ha meu senhor! Grande Deus!
 Dos três eu já vi os dois

O negro sentiu um choque
 Que quase caiu no chão
 Correu e disse aos amigos
 Está feita a perdição
 Já vi que aquele amarelo
 E' um grande adivinhão

O terceiro negro disse
 Eu só creio quando eu vê
 Amanhã quem vai sou eu
 Levar o seu de comer
 Quero vê o tal João Grilo
 Comigo o que vai dizer

Afinal o negro foi
 Por certo no outro dia
 Deu o almoço a João Grilo
 Que na prisão padecia
 João nesta hora comeu
 Toda comida que ia

O negro ficou de parte
 Desconfiado talvez
 João findando o almoço
 A mesma exclamação fez
 Há meu senhor! Grande Deus!
 Dos três já vi todos os três

O negro neste momento
 Caiu nos pés de João
 Dizendo eu agora vi
 Que és grande adivinhão
 Por conhecer que roubei
 O tizouro da nação

E fazendo a João Grilo
 As maiores implorações
 Para não dizer ao rei
 Estas vergonhosas ações
 Que êles com seus amigos
 Eram os terríveis ladrões

Na hora os outros dois negros
 Chegaram num desadouro
 Caíram nos pés de João
 No mais alarmante choro
 Oferecendo ao Grilo
 Grande quantia de ouro

Disse João vão buscar
 Todo o tezouro do Rei
 Para o seu legítimo dono
 Pois isto é de para lei
 E a vida de vocês
 Vou vê se defenderei

Os negros foram e trouxeram
 Todo o tezouro real
 E entregaram a João Grilo
 O emenço cabedal
 E gratificaram a êle
 Com bastante capital

Daí a poucos momentos
O rei mandou um soldado
Dizer a João que o prazo
Já havia completado
E êle vinhesse urgente
Para a corte do reinado

Grilo trancou os três negros
Naquela mesma prisão
E saiu com o soldado
Cheio de satisfação
Levando ali a resposta
Da sua adivinhação

A corte estava repleta
Da mais alta fidalguia
Anciosos para ouvirem
O que João Grilo dizia
Já tendo quase a certeza
Que o amarelo morria

Grilo saudou ao rei
No seu trono bem sentado
E lhe entregou nas mãos
Seu tizouro desejado
O rei teve uma surpresa
Que quase cai desmaiado

E perguntou a João Grilo
Me diga os ladrões quem são?
Respondeu são os três negros
Da vossa estimação
Que me levavam o café
E vigiavam a prisão

O rei já muito nervoso
Disse assim para João Grilo
Estou muito satisfeito
Por ter prazer em ouvi-lo
E me peça alguma coisa
Que eu poderei servi-lo

João respondeu eu tenho
Dois pedidos a lhe fazer
E' perdoar os três negros
Pelo o seu mal proceder
E deixar eu ir embora
Que já comprí meu dever

O rei lhe disse eu perdoe
Aqueles negros safados
Mandou chamá-los e disse
Todos três estão perdoados
Porém se fizerem outra
Serão todos degolados

E disse para João Grilo
 Gostei das suas ações
 Quero que você demore
 Para dar outras lições
 Que eu vou lhe perguntar
 Outras adivinhações

João disse eu faço tudo
 Que sua alteza quiser
 Faça lá suas perguntas
 Como bem lhe convier
 Que garanto responder
 Na altura que souber

O rei particularmente
 Com a rainha combina
 Para ela quando fôr
 Defecar lá na latrina
 Colocar as suas fezes
 Dentro de uma terrina

Feito isto o rei botou
 A terrina numa mesa
 E na hora do jantar
 O rei cheio de aspereza
 Fez ao pobre João Grilo
 A mais tremenda surprêza

Perguntou: Grilo o que tem
 Dentro daquela terrina?
 Eu sei que você conhece
 Tudo que a gente imagina
 Pois você parece ter
 Uma inspiração divina

João disse esta parada
 Eu não sei quem é que herda
 Lembrou-se da esposa quando
 Chamou-lhe pessoa lerda
 Minhas adivinhações
 No fim se tornaram em merda

O rei disse é isto mesmo
 Que na terrina contém
 Tudo quanto eu lhe pergunto
 Você me responde bem
 Um grilo como você
 No mundo todo não tem

O rei pegou uma porca
 Que era do seu agrado
 E botou-a num barril
 bonito bem asseiado
 E depois mandou cobrir
 Deixando tudo fechado

E depois de tudo pronto
o rei bem calmo e sutil
Perante ali muita gente
Fez um pensamento vil
João: o que é que tem
Dentro daquele barril?

Grilo disse dessa vez
Parece que me acabo
Estou igual um toureiro
Enfrentado um touro brabo
Chegou agora o momento
Onde a porca torce o rabo

O rei nesta hora deu
Uma longa gargalhada
Soltando a porca que estava
Dentro do barril trancada
E disse para João
Não tem pergunta enrascada

O rei avistou um grilo
E pegou-o com atenção
Escondeu e perguntou
Na mesma hora a João
Diga o que é que tenho
Trancado na minha mão

João disse esta pergunta
Pelo o que já estudei
Parece que vai sair
Da maneira que pensei
O pobre do grilo vai
Se acabar nas mãos do rei

O rei disse muito bem
Bravo João adivinhou
E abrindo a sua mão
O grilo fora saltou
E logo outra charada
O rei assim perguntou

Mandacá porém la não
Todo gosto não se faz
Nove letras no seu nome
Em consoantes e vogais
Andando nu sem camisas
Como quem não tem bons pais

João Grilo lhe respondeu
Isto é o mandacarú
Uma planta espinhosa
E de folha todo nú.
Começa na letra m
e finda na letra u.

João Grilo você aqui
 Está sendo professor
 Onde é o meio do mundo?
 Me responda por favor
 Respondeu é onde está
 O grande rei meu senhor

Então me diga por que?
 Diz o rei todo iracundo
 Porque o Globo é redondo
 Respondeu João num segundo
 E em qualquer um lugar
 Pode ser o meio do mundo.

O rei perguntou João
 Quanto eu posso valer?
 Estude bem direitinho
 Como pode responder
 Reparo que eu sou um rei
 Que tenho um grande poder

E' 29 dinheiro
 O teu principal valor
 Jesus Cristo valeu 30
 Nosso rei e salvador
 Tu que só és rei na terra
 E' o mais inferior

Grilo eu tenho outra pergunta
 Para fazer ao senhor
 Por cima do pinho o linho
 Por cima do linho a flôr
 E a flôr é preparada
 Para receber o amor?

O pinho é uma mesa
 De madeira construída
 O linho é a toalha
 Sobre esta mesa estendida
 A flor representa o prato
 O amor é a comida

Diga qual é a mulher
 Que eu lhe tenho honraria
 Ela é irmã legítima
 Da minha legítima tia
 Porém não é tia minha
 E ninguém não desconfia

A mulher que é irmã
 Da tua legítima tia
 E' a tua própria mãe
 Que tanto te auxilia
 E assim de qualquer um
 Entenda quem não sabia

Grilo você me responda
 Nesta mesma ocasião
 Qual é a coisa no mundo
 Usada em qualquer nação
 Que dá pra encher uma casa
 E não enche uma mão?

João disse magestade
 Quem quiser faça pesquisa
 Porque isto é um botão
 Na calça ou numa camisa
 Para se abotoar
 Nas horas que se precisa

Qual é a coisa no mundo
 Mais rápida do que o vento?
 João Grilo lhe respondeu
 Isto é o pensamento
 Que percorre o universo
 Em um pequeno momento

João Grilo qual é a coisa
 Que tem aza mais não voa
 Tem bico mais não belisca
 Não é rei mais tem corôa?
 Repare bem direitinho

Senhor rei este objeto
 Existe em qualquer uma casa
 Todos conhecem é o bule
 Contendo o bico e a asa
 A tampa é a coroa
 Por onde a fumaça vasa

Me diga qual é a coisa
 Pintada como guiné
 E que fala sem ser gente
 E caminha sem ter pé
 Me der a resposta logo
 Se compreende o que é.

Disse João é uma carta
 Quando feita por alguém
 Fala quando a gente ler
 O que escrito contém
 E anda quando o correio
 Transmite ela também

Diga qual o objeto
 Que nasce todo fechado
 O qual contém duas cores
 E é muito utilizado
 E para se comprar ele
 Se enzamina com cuidado?

João Grilo lhe respondeu
 Este objeto é o ovo
 Que para se comprar éle
 Há um costume no povo
 De primeiro examiná-lo
 Se é gôro ou se é novo

João me diga o que é
 Jogo em cima da tabela
 Que toda mulher casada
 Não tem esta nem aquela
 Ela dá a qualquer homem
 E não dá ao marido dela?

João respostou isto é
 De muita comunidade
 Ela dá a qualquer homem
 Boa noite ou boa tarde
 E não dá a seu marido
 Que não há necessidade

Grilo vou lhe perguntar
 Pra você me responder
 O que é que quem não tem
 Também não deseja ter
 E quando tem só procura
 Lutar para não perder?

Isto é uma questão
 Nas barras do tribunal
 Que as vezes o homem luta
 Para evitar este mal
 Depois para não perder
 Gasta um grande capital

Grilo me diga o que é
 Já que tu conheces tudo
 Um campo grande e bonito
 Cheio de gado miúdo
 Junto uma moça formosa
 E um homem carrancudo?

Este campo é o céu
 Com toda beleza sua
 O gado é as estrelas
 Que não há quem lhe destrua
 O carrancudo é o sol
 Moça formosa é a lua

Grilo você é um homem
 Que conhece bem a lei
 Pois o que você tem dito
 Um erro não encontrei
 Responda o que é a coisa
 Que está acima do rei?

Soberano esta pergunta
 Parece ser uma lã
 Pois isto que me perguntas
 Está na vossa pessoa
 Porque acima do rei
 Só pode está a corôa

João eu sei que você
 Não se arreda da trilha
 Tudo que você me diz
 E' mesmo uma maravilha
 Me diga qual é a mãe
 Que nunca pegou na filha

João disse eu respondo
 A qualquer pergunta sua
 Esta mãe vive no mato
 E não quer morar na rua
 Uma ave conhecida
 Por nome de mãe da lua

João Grilo você me diga
 Aonde você nasceu
 Que outro igualmente a tu
 Inda não apareceu
 Disse João com este nome
 Só existe mesmo eu

João o que você diz
 Na vida muito adianta
 Qual é a coisa eu o povo
 Tem uma fé sacroçanta
 Que começa com a cinza
 E finda com uma santa

João disse é a Quaresma
 Quarenta dias marcado
 Que começa com a cinza
 Nome muito divulgado
 A santa é a semana
 Que Deus foi cruzificado

Porque é que o boi baba
 Pergunta o rei a sorrir
 Ora bolas, disse o Grilo
 Porque não sabe cuspir
 Estas perguntas só serve
 Para eu me divertir

Grilo eu vou lhe fazer
 Uma pergunta engraçada
 Um vaqueiro vai levando
 100 bois por uma estrada
 No caminho morre um boi
 Quantos ficou da boiada?

Esta é uma pergunta tola
 João Grilo lhe respondeu
 O vaqueiro continua
 Ali no trabalho seu
 Levando o resto do gado
 Só ficou o que morreu

Diga qual é a medida
 Que nunca acaba de encher
 Grilo logo respondeu
 E' a medida do ter
 Quanto mais o homem tem
 Ainda quer receber

Qual é a coisa que enziste
 Que Jesus não gosta dela?
 João disse é a mentira
 Pois não há vantagem nela
 Mais infelicamente o mundo
 Ainda se serve dela

João Grilo você aqui
 Tem sido muito feliz
 Porque já me respondeu
 Todas perguntas que fiz
 Vou perguntar-lhe outra coisa
 Pra vê se você me diz

Reservei quatro laranjas
 Sem haver dúvida nenhuma
 2 mães e duas filhas
 Ali cada chupou uma
 No fim sobrou uma laranja
 Veja lá o que arruma

Pois só eram 3 mulheres
 Já gravei isto na mente
 A avó, a filha e a neta
 Eu explico claramente
 A neta, é filha da filha
 Da avó, que estava presente

Grilo o que lhe perguntar
 Me responda direitinho
 E' um pau com 12 galhos
 Cada galho com seu ninho
 Cada ninho com seu ovo
 Cada ovo um passarinho

Magestade esta pergunta
 Tem muita sabedoria
 Decifrando nela encontra
 Quatro coisas de valia
 Que estão simbolizando
 Ano, mês, semana e dia

Grilo ainda tenho aqui
 Outra pergunta enascada
 E você preste atenção
 Prá não dizer coisa errada
 Eu quero a resposta corta
 Completa sem faltar nada

A pergunta é a seguinte
 Já fui filha hoje sou mãe
 Criando filho alheio
 Escute bem não se acanhe:
 O mesmo sendo o marido
 Da minha própria mamãe

João respondeu era um homem
 Que estava na prisão
 Sentenciado a morrer
 Na mais dura aprovação
 Era prá morrer de fome
 Sem haver apelação

Mais uma filha do mesmo
 Indo sempre o visitar
 A qual tinha um bebezinho
 Estava dando de mamar
 Levava o leite nos seios
 Para o pai se alimentar

Ela tapiava o guarda
 Todas as vezes que ia
 E nas grades da prisão
 Ela os seios introduzia
 O velho mamava o leite
 E de fome não morria

Assim livrou o seu pai
 De morrer nesta prisão
 Passando o tempo marcado
 O velho teve o perdão
 Graças os grandes esforços
 Desta filha de benção

João você está dentro
 Do mais pesado dilema
 E além de mais eu vou
 Alterar este sistema
 Eu quero vê se você
 Resolve qualquer problema

Era um homem que ganhava
 Doze cruzeiros por dia
 4 êle emprestava
 E quatro êle comia
 E 4 êle pagava
 Uma conta que devia

Magestade este homem
 Estudava o futuro
 Só queria o que era seu
 Só andava bem seguro
 Cumpria com seus deveres
 E tinha o coração puro

Quatro que êle pagava
 Entregava era ao pai dele
 Pagando assim as despesas
 Que o pai teve com êle
 Fiel com a confiança
 Que o pai empregou nele

E os quatro que guardava
 Reservava pra seus filhos
 Para poder educá-lo
 Nas profissões de mais brilhos
 Pra quando estivesse velho
 Ter direito aos seus auxílios

O rei ali quando ouviu
 Toda esta explicação
 Levantou-se do seu trono
 Todo cheio de emoção
 Quare que pega a corôa
 E oferece a João.

E disse assim para êle
 Estou muito satisfeito
 E de agora em diante
 Vou lhe tratar com respeito
 Não há dinheiro que pague
 O que João tem me feito

Com você eu arrumei
 O meu tezouro perdido
 E com as suas lições
 Vou ficar mais aprendido
 Seu nome no meu reinado
 Jamais será esquecido

E lhe entregou nesta hora
 Riquezas em quantidade
 Grilo recebeu e disse
 Adeus sua magestade
 Deixando naquela terra
 Lições, exemplos e saudades

João Grilo voltou riquíssimo
 A sua antiga nação
 Sua esposa recebeu
 Cheia de admiração
 Sua riqueza crescia
 E todo o mundo dizia
 João Grilo é adivinhão

1.2.12 *A roupa nova do rei ou o encontro de João Grilo com Pedro Malazarte*, de Marco Haurélio



As histórias de cordel
São lidas em toda parte,
Umam falam de João Grilo,
Que fez da astúcia uma arte,
E por isso é comparado
Com o Pedro Malazarte.



As façanhas destes dois
Correm por todo o sertão
Em folhetos populares,
De grande circulação,
Pois é função do cordel
Preservar a tradição.



João Grilo, considerado
O maior dos estradeiros,
Usou sua inteligência
Para enganar fazendeiros,
Comerciantes, gatunos,
Coronéis e cangaceiros.

Malazarte, nem se fala:
Era o rei das presepadas,
Suas histórias ainda
São muito rememoradas;
Pelos poetas do povo
Foram imortalizadas.



O destino porém quis
Que estes dois espertalhões
Se encontrassem no Recife,
Em difíceis condições,
Pois não era próprio deles
Guardar suas provisões.

Malazarte aproximou-se
Do colega com estilo:
— Meu distinto cavalheiro,
Você não é o João Grilo?
João respondeu: — Não, senhor.
O meu nome é Petronilo.

— Petronilo o quê, sujeito! —
Exclamou o Malazarte. —
Se você não for João Grilo,
Sou o soldado Ricarte!
Uma cabeça tão grande
Não se vê em toda parte.



João retrucou: — E você,
Eu desconfio que seja,
O famoso Malazarte,
Que nunca enjeitou peleja
E já foi muito cantado
Pela musa sertaneja.

Malazarte disse ao Grilo:
— É uma satisfação
Conhecer o amarelo
Mais famoso do sertão.
— O prazer é todo seu —
Respondeu, mangando, João.

Os dois, então, se abraçaram
E se tornaram amigos.
Pois, sozinhos, passariam
Por infundáveis perigos.
E, juntos, superariam
Os maiores inimigos.

Como os dois já eram muito
Conhecidos no Nordeste,
João convidou o Malazarte,
Dizendo: — Cabra da peste,
Vou lhe fazer um convite,
Que na verdade é um teste.

Vamos para outro país
Onde a sorte nos ajude.
Desses que só aparecem
Em filmes de Hollywood.
Malazarte disse: — Vamos...
Aqui já fiz o que pude.

Embarcaram num navio,
No rumo de onde o sol nasce.
Por estarem sem recursos,
Pra que algum cobre restasse,
Na companhia dos ratos,
Foram na terceira classe.



O navio os conduziu
Para um distante país.
João Grilo pensou: "Aqui
Na certa, serei feliz".
Já Pedro disse: — Aqui vou
Fazer o que nunca fiz.

Assim que em terra pisaram,
Procuraram um barbeiro.
Este disse para os dois:
— Vejo que vêm do estrangeiro.
E não sabem das manias
De D. Fernando Primeiro?



— D. Fernando? Quem é esse? —
Perguntou João, curioso.
— É o nosso imperador,
Um sujeito presunçoso.
Não existe nesse mundo
Ser humano mais vaidoso.

— É mesmo? — perguntou Pedro,
Mostrando-se interessado.
O barbeiro respondeu,
De modo bem educado:
— Nosso rei acha que o mundo
Só para ele foi criado.

Vive se pavoneando,
Por todos é bajulado.
Sempre recebe elogios,
Por ninguém é criticado.
João Grilo falou: — Eu quero
Conhecer esse danado!

E, chamando Pedro à parte,
Disse com convicção:
— Vamos atrás desse rei
Aplicar-lhe uma lição.
Malazarte respondeu:
— Só se for agora, João!

Antes, eles enganaram
Um malvado fazendeiro.
Não vou entrar em detalhes,
Pra não mudar o roteiro,
Pois para enganar o rei
Precisavam de dinheiro.

Procuraram uma loja
Bem ao gosto do freguês,
Pois a moda no país,
Se me acreditam vocês,
Sem dúvida parecia
Ser do século dezesseis.





Os dois saíram da loja
Com trajes de fidalguia.
Marcharam rumo ao palácio,
Já no desmaiar do dia,
Porém, antes, combinaram
O que cada um faria.

No palácio, os dois disseram,
Que queriam ver o rei.
Um soldado perguntou,
Amparado pela lei,
Por que desejavam ver
O líder da sua grei.



Pedro respondeu: — Senhor,
Nós somos dois alfaiates,
Costuramos peças finas
Que não se acham em miacates,
Gente séria como nós
Não gosta de disparates.

O soldado foi até
O salão imperial
Comunicar ao monarca
Da visita especial.
Disse o rei: — Faça-os entrar.
Quero vê-los afinal.



Os dois foram conduzidos
Até um grande salão,
Onde o rei, entronizado,
Fez um gesto com a mão,
Chamando pra perto dele
Pedro Malazarte e João.

Pedro disse cochichando:
— Esse rei não vai ser sopa!
Deve gastar uma nota
Pra manter o guarda-roupa,
E por um traje elegante
Nem mesmo um tesouro poupa.

Assim que se aproximaram
Do soberbo governante,
Disse o Grilo: — Meu senhor,
Somos de um país distante,
Mas em nenhuma outra terra
Vimos rei mais elegante.



D. Fernando ficou ancho
Quando João falou aquilo.
Pedro depois completou:
— Pense num rei com estilo!
— Nunca vi cabra mais lorde! —
Disse, apoiando, João Grilo:

D. Fernando, envaidecido,
Disse: — Obrigado, senhores.
Os conselheiros não cansam
De enaltecer meus pendores,
Afinal eu sou um rei
Digno de muitos louvores.



João Grilo, então, retrucou:
— Estou vendo em minha frente
Um rei que, além de elegante,
Refinado, competente,
Tem o maior dos triunfos:
É um cabra inteligente!

Portanto, eu e meu sócio,
Pierre de Malazar,
Far-lhe-emos uma proposta
Difícil de recusar.
Ouça com muita atenção
Porque só tem a ganhar.



João Grilo mostrou-lhe então
Um baú artesanal.
E disse: — Aqui dentro guardo
Uma joia sem igual,
Com a qual vamos fazer
Uma roupa divinal.

Propomos, então, fazer
Com o tecido invisível
Uma peça que, no mundo,
Não há outra mais incrível.
De lá faremos um traje
Do mais altíssimo nível.

Por terem sido cuidados
Por homens de sapiência,
Os tecidos do baú,
Dos quais louvo a excelência,
Só são vistos por pessoas
De provada inteligência.

Porém os tolos jamais
Enxergarão esta peça.
O rei, ao ouvir aquilo,
Pensou: "Que marmota é essa?
Como sou inteligente,
Essa história me interessa!"



É disse aos dois alfaiates:
— Vocês são meus convidados;
Nos melhores aposentos
Ficarão acomodados,
Porque para a fidalguia
Eles foram reservados.

Disponho do necessário
Para sua tecelagem.
Deixarei a seu serviço
O mais competente pajem,
E, no que mais precisarem,
Disponham da criada gem.

Os dois foram instalados
Num suntuoso salão.
Malazarte comentou:
— Éta, vida boa, João!
Para provar que é verdade,
Vou me dar um beliscão.

E depressa começaram
A trabalhar o tecido.
Se alguém os espionava
Via que algo era medido,
Mas esse algo ficava
Dos seus olhos escondido.



O tempo ia passando
Numa regalia só.
João Grilo disse: — Isso aqui,
Se eu contar em Cabrobó,
Irão pensar que é mais uma
Presepada de Chicó!

O rei, já muito ansioso,
Mas sem querer demonstrar,
Ordenou a um conselheiro
Que fosse vistoriar
A confecção do traje
Que em breve iria usar.

O conselheiro do rei,
Um ancião respeitado,
Foi ao salão, convencido
De ser privilegiado,
Mas, quando olhou os teares,
Ficou decepcionado.

Via João e Malazarte
Com as agulhas na mão,
Porém não viu o tecido
E pensou: "Quanta ilusão!
Então serei tão estúpido,
Indigno da posição?!"





Esfregou de novo os olhos,
Beliscou-se e nada viu,
Mas os homens trabalhavam.
O ministro presentiu
Que, se algum dia foi sábio,
Todo o saber se extinguiu.

Disse de si para si:
"Se eu falar que não vi nada,
Perante o rei e seus súditos,
Serei razão de piada.
Portanto, direi que vi
A roupa sendo aprontada".



E, ao retornar ao salão,
Onde o rei já o aguardava,
O honesto conselheiro,
Sem reserva, elogiava
A roupa nova do rei,
Que seu olho deleitava.

— Meu rei, — falou o bom homem —
Juro à fé de carvoeiro,
Que a roupa que contemplei
Jamais vi no mundo inteiro
Algo que possa igualar-se
Neste reino ou no estrangeiro!

É digna de ser usada
Pela augusta majestade.
O rei ficou convencido,
Pleno de felicidade,
Pois nas palavras do sábio
Só enxergava a verdade.

Passados mais alguns dias,
O rei olhou-se no espelho
E então mandou estender
Lindo tapete vermelho
Para que se convocasse
Sem delongas o conselho.





Dois honrados conselheiros,
Homens experimentados,
A pedido do monarca
Já seguiram, decretados,
Ao salão dos alfaiates
E, lá, ficaram pasmados.

Viram os dois trabalhando
Febrilmente nos teares,
Mas, por mais que procurassem
Os tecidos singulares,
Só viam os alfaiates
Ocupando os seus lugares.

Um olhava para o outro
Com cara de bobalhão,
E, pensando a mesma coisa,
Fizeram como o ancião:
Mentiram para salvar
A sua reputação.

Quando o rei lhes perguntou:
— Minha roupa, como está?
Um conselheiro falou:
— Agora que estamos cá,
Afirmamos, nesse mundo,
Peça mais linda não há!



— Então eu mesmo vou lá —
Disse o rei com soberbia. —
Vou ver como está o traje,
Feito para a monarquia. —
Porém quando entrou no quarto,
Seu queixo quase caía.

Com dois altos funcionários
E os mais nobres cavalheiros,
O rei adentrou, com pressa,
O salão dos trapaceiros,
Que, ao vê-los, se levantaram,
Mostrando-se prazenteiros.

Pedro disse: — Majestade,
Repare neste tear:
A maior das maravilhas
Que se pode contemplar.
O rei pensou: "Que tragédia!
Nada consigo enxergar!"

Serei néscio por acaso,
Pois não enxergo o tecido?!"
O Grilo disse: — Senhor,
Não fique tão constrangido
Porque amanhã estará
Com essa joia vestido.



— Que bom, meu jovem! Que bom! —
 Disse o rei com fingimento. —
 Que peça mais formidável!
 Que traje mais opulento!
 Eu a vejo bem, pois tenho
 Um vasto conhecimento!

Os funcionários da corte
 Concordaram com seu chefe:
 — Formidável! Magnífico! —
 Sem desconfiar de blefe,
 Pois ninguém admitia
 Ter a mente mequetrefe.

Quando deixaram a sala,
 Comentavam sobre o panto
 Que seria em poucos dias
 O traje do soberano,
 Que sairia em desfile,
 Sem nem pensar no engano.



E logo, à boca miúda,
 Em toda parte se ouvia
 Que na grande procissão
 D. Fernando sairia
 Com o traje mais bonito
 Que no mundo inteiro havia.

Sabiam que a roupa nova
 Só podia ser notada
 Por pessoas que tivessem
 Inteligência sobrada.
 Essas enxergavam tudo
 E os tolos não viam nada.

Enquanto isso, os dois homens
 Trabalhavam concentrados,
 Pois pelo rei do lugar
 Já foram condecorados
 Cavaleiros do Tear,
 E por todos aclamados.



Um conselheiro inda viu
O João Grilo retirar
O tal tecido invisível,
Com a tesoura o cortar.
E com agulhas sem linha
Ainda o viu costurar.

Foi à presença do rei
Para não passar por tonto
E jurou que o novo traje
Já estava quase pronto.
Pela atitude tão nobre,
Ganhou precioso ponto.



Uma hora depois se ouvia
Um grito de entusiasmo:
— A roupa está concluída! —
O rei aí ficou pasmo
E, correndo até a sala,
Foi quase tendo um espasmo.

Lá chegando, inda viu Pedro
Montando peça por peça
E dizendo: — Majestade,
Cumprimos nossa promessa.
Responda se há no mundo
Roupa mais linda que essa?



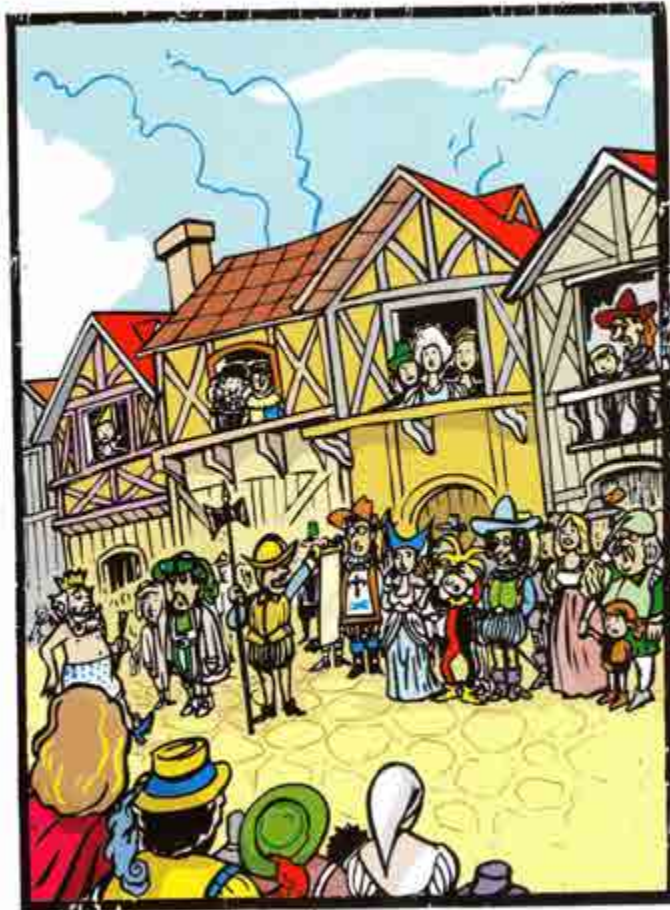
O rei já foi se despindo
Para usar a roupa nova.
Calças, casaco e um manto
Dignos da mais bela trova.
E os trapaceiros, alegres,
Superaram dura prova.

João explicou: — Majestade,
Essa roupa é tão estranha,
Pois em leveza supera
Até a teia da aranha. —
Mas quem olhasse pra o rei
Só enxergava era banha!

Um grande espelho na sala
Denunciava o malfeito,
Mas o rei, muito orgulhoso,
Procurava o melhor jeito
De demonstrar que era sábio
E, assim, manter o respeito.

Os camareiros, chamados
Para segurar o manto,
Quando não viram a roupa,
Não esconderam o espanto.
Mesmo assim, continuaram —
Ali ninguém era santo!





O rei saiu do palácio
Seguido pelos ministros,
Estes, muito envergonhados,
Trocando olhares sinistros...
Um historiador guardou
Da triste cena os registros.

Das sacadas, das janelas,
A multidão contemplava.
Quando um olhava de lado,
Outro com medo falava
Que era linda por demais
A roupa que o rei usava.

O certo é que por estúpido
Ninguém queria passar.
Aplausos e mais aplausos
Faziam o rei vibrar,
Mas um fato inusitado
Fez a história mudar.

De repente, uma criança
Causou grande sururu,
Quando apontou o monarca,
Dizendo: — O rei está nu! —
D. Fernando nesta hora
Queria ser um tatu...





— O nosso rei está nu! —
Começa a dizer o povo,
D. Fernando se sentiu
Iguar a um pinto no ovo,
Pois viu que era uma trapaça
A história do traje novo.

Mesmo assim, continuou,
Fingindo que nada ouvia.
Com a corte e os camareiros
A procissão prosseguiu.
Estes segurando um manto
Que nem sequer existia.



Quando o rei voltou pra casa,
Convocou um batalhão,
Para prender os dois homens,
Os autores da armação.
Mas a guarda não achou
Nem vestígio no salão.

Os homens tinham fugido
Levando grande tesouro
Doado por D. Fernando,
Que achou muito desaforo
E disse: — Aqueles patifes
Merecem cair no couro!





Com a lição aplicada,
D. Fernando, envergonhado,
Tornou-se até mais humano,
Depois de haver repensado.
A maneira autoritária
Como o povo era tratado,

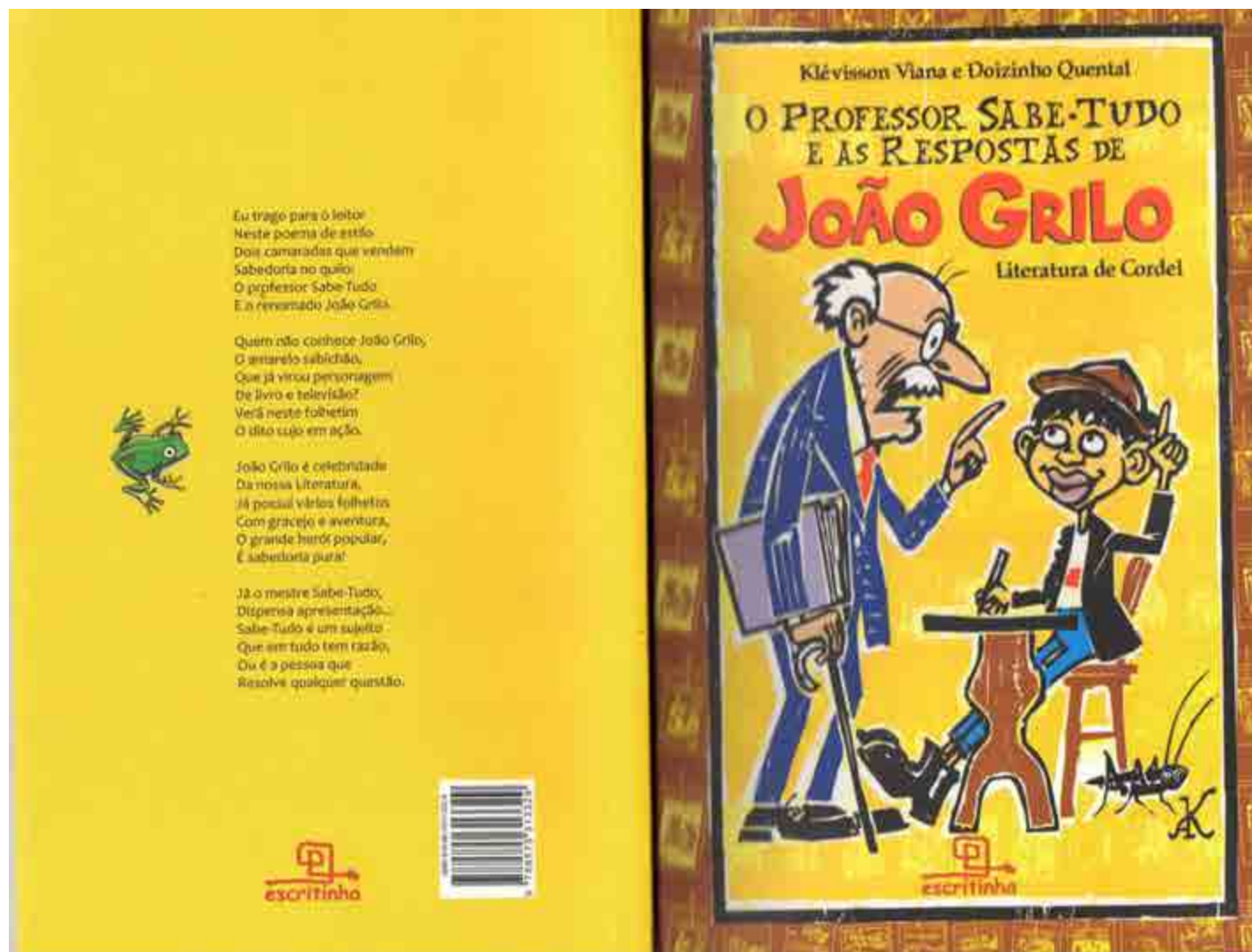


E o que terá sido feito
De Malazarte e de João?
Juntaram todo o dinheiro
Que ganharam na armação,
E, fugindo do palácio,
Voltaram para o sertão.

Cada qual tomou seu rumo,
Na volta para o Nordeste,
Com a certeza de que
Passaram num duro teste.
E assim termina a história
Destes dois cabras da peste.



1.2.13 *O professor Sabe-Tudo e as respostas de João Grilo*: literatura de cordel, de Klévisson Viana e Doizinho Quental



Eu trago para o leitor
Neste poema de estilo
Dois camaradas que vendem
Sabedoria no quilo:
O professor Sabe-Tudo
E o renomado João Grilo.

Quem não conhece João Grilo,
O amarelo sabichão,
Que já virou personagem
De livro e televisão?
Verá neste folhetim
O dito cujo em ação.

João Grilo é celebridade
Da nossa Literatura,
Já possui vários folhetos
Com gracejo e aventura,
O grande herói popular,
É sabedoria pura!



Já o mestre Sabe-Tudo,
Dispensa apresentação...
Sabe-Tudo é um sujeito
Que em tudo tem razão,
Ou é a pessoa que
Resolve qualquer questão.

O saber brota da fonte
Como água cristalina.
Aprenda lendo bastante
E siga em paz sua sina.
O mundo é um grande livro
E a vida bem nos ensina.

“O livro é o melhor amigo” –
Já diz um sábio rifão
E o cordel já educou
Milhares nesta Nação,
Pois é grande ferramenta
Para alfabetização.

Lá no meu sertão existe
Uma escola diferente;
Onde até mesmo João Grilo,
Já fez prova de “repente” –
E todo mundo aplaudiu
Esse cabra inteligente...

Olhem bem este debate
Com o mestre nordestino,
Que procurou todo jeito
Pra reprovar o menino
(Já sabendo que o danado
Tem saber e muito tino).

Tudo que João Grilo diz
Ou se mete a responder,
Tem sentido, tem visão,
É pra todo mundo ver.
(E saber que o professor
Com ele vai aprender).



Quando entra na escola,
Grilo vai se acomodando;
Bem assim, à queima-roupa,
O mestre vai perguntando
E o garoto, todo prosa,
Vai ligeiro decifrando:

– Qual o verbo que existe
É que o mesmo pode ser
Igualzinho ao seu contrário?
Tanto faz você reler,
Do começo para o fim,
Ou do fim, se pretender?

– Professor, pensei bastante!
Encontrei esta verdade:
Este verbo tem que ser
De bastante utilidade,
Pois se chama REVIVER,
Parecido com saudade!



- Qual o estado brasileiro
De cangaceiros valentes,
Que é celeiro no Nordeste
De homens inteligentes
Mas, se escreve o nome dele
Com dez letras diferentes?

- Lá tem bons atiradores
De bacamarte ou trabuco;
Foi lá que nasceu o Frevo
E o grande Joaquim Nabuco.
Não há dúvida, amado mestre,
Este Estado é PERNAMBUCO!



– Diga agora, seu João Grilo,
Quero um verso bem feliz!
Por qual motivo se fala
E o povo repete e diz,
Das letras que não têm sorte,
É o “I” a mais infeliz?

– Porque sempre está em DÍVIDA,
Nunca fora do PERIGO,
Não se encontra em BÓNANÇA,
Mas sobeja no INIMIGO...
É uma letra desgraçada,
Vive dentro do CASTIGO!

O mestre pergunta ao Grilo:
– O que existe surdo e mudo,
Que, apesar deste defeito,
É famoso e conta tudo,
É a melhor das ferramentas,
Pra quem gosta do estudo?

– Das perguntas que fizeste,
Esta mesma logo digo,
Pois ele é bom camarada;
Só vive junto comigo:
É o forte dos alunos,
E chama-se LIVRO, amigo!



- Responda agora, João Grilo,
Esta pergunta afiada:
O que possui pé de porco,
Tem focinho e tem rabada
Tem orelha e tem toucinho
E não é porco nem nada?

Disse João Grilo: - Isso é nada,
Já lhe respondo ligeiro
O que tem pé e focinho...
É nem ronca no terreiro,
São duas coisas meu mestre:
Feijoada e açougueiro!



– A pergunta que te faço,
Que parece até besteira
(Mas não pense deste jeito,
Pois não estou de brincadeira!),
O dever se faz melhor
Na segunda ou sexta-feira?

– O que ouvi neste instante
Me parece até desfeita...
Para se fazer tarefa,
Ela tem que ser perfeita;
Para isto, não importa
A data em que seja feita...



– Grilo, com esta pergunta
Talvez você esmoreça,
Não respondendo a contento
Temo agora que padeça:
Qual é o bicho que anda
Com os próprios pés na cabeça?

– Meu mestre, nesse bichinho
Eu vivo sempre de olho,
Toda mãe toma cuidado
Com a cabeça do pimpolho...
Quem bota os pés na cabeça,
É o danado do piolho!



- Quero que João Grilo diga
(Pode tocar sua trombeta!);
Que será do cruzamento
Da minhoca e a borboleta?
Diga logo, sem demora,
Me responda, sem careta!

- Esta é fácil, professor!
Tá na ponta da caneta:
Se um bicho desses voar,
Nós chamamos 'minholeta';
Se o bicho andar rastejando,
'Borbonhoca', não tem treta!



Sabe-Tudo disse: – João,
Você tem sabedoria,
Agora te embaraço
No decorrer da porfia.
Por que vegetariano
Come flores todo dia?

(Olhando a face do mestre
João Grilo deu uma risada)
Pra o senhor e meus colegas
Vai a resposta acertada:
– É para enfeitar os Vasos
Sanguíneos, meu camarada!



O mestre mordeu o bigode
E ferveu que só chaleira,
E disse: - Senhor João Grilo,
O teu quengo é de primeira!
Mas te lanço outra pergunta,
Bastante escorregadeira:

- Que diferença existe
Entre o tecido e a galinha?
Desta vez, tenho certeza
Que você não adivinha;
E teu vagão de saber,
Eu ponho fora da linha!

- Nessa não saio dos trilhos,
Pois acho fraca a lorota...
Neste caso da galinha
(Se é ovo que ela bota!),
E no caso do tecido,
É o mesmo que desbota!



Pra testar o seu saber,
Nunca me falta coragem
Estudando toda hora,
Vou lhe dar uma lavagem.
Acho que você tem sorte,
Vivendo na malandragem.

Mas João Grilo respondeu:
- Eu nunca temi afronta
E lhe digo mais ainda:
A raiva aqui não se conta
Quem nasceu pra ser espinho
De pequeno mostra a ponta.

- Esta agora é pra quebrar,
Fale certo ou lhe condeno!
Qual a cobra que engole,
Um homem grande ou pequeno,
Apesar de ser gigante,
Não conduz nenhum veneno?

- O professor me interroga,
Sobre quaisquer animais-
Estudel o ano inteiro,
Mas preciso aprender mais.
Sucuri é o nome dela,
Cobra grande, por demais.



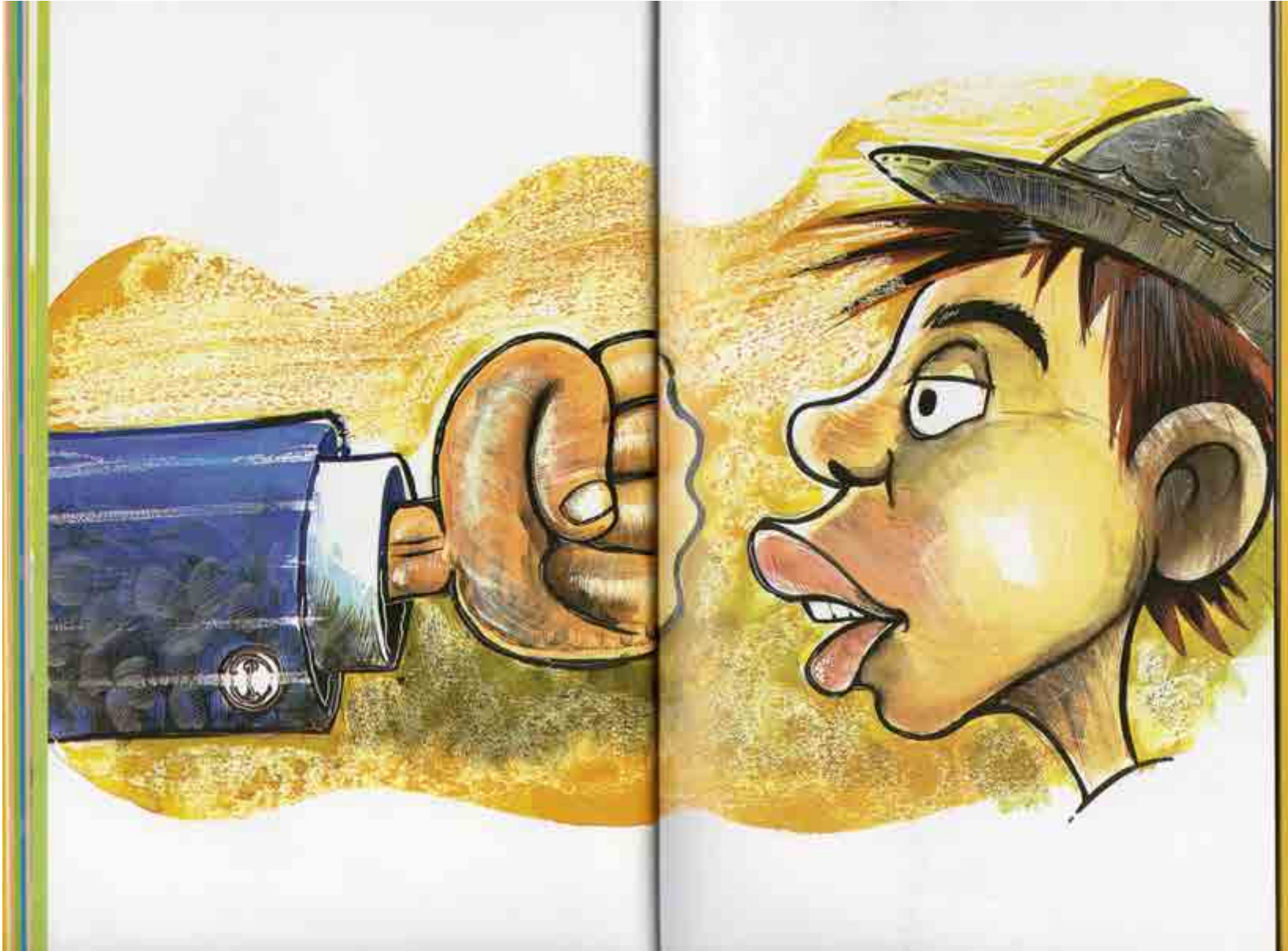
– Preste atenção, seu João Grilo,
Esta agora lhe atrasa!
Me diga o bicho que pula,
Bem mais alto que uma casa?
Acredito, desta vez,
Vou quebrar a sua asa!

– Eu lhe digo amado mestre,
Sua pergunta é bem chulã!
Pra respondê-la a contento
Não preciso nem ler bula.
Qualquer bichinho faz isso,
Pois a casa nunca pula.

Desta vez o professor,
Escondeu dentro da mão,
Uma ave bem pequena.
Perguntou de supetão:
– Está viva ou está morta?
Diga logo, amigo João.

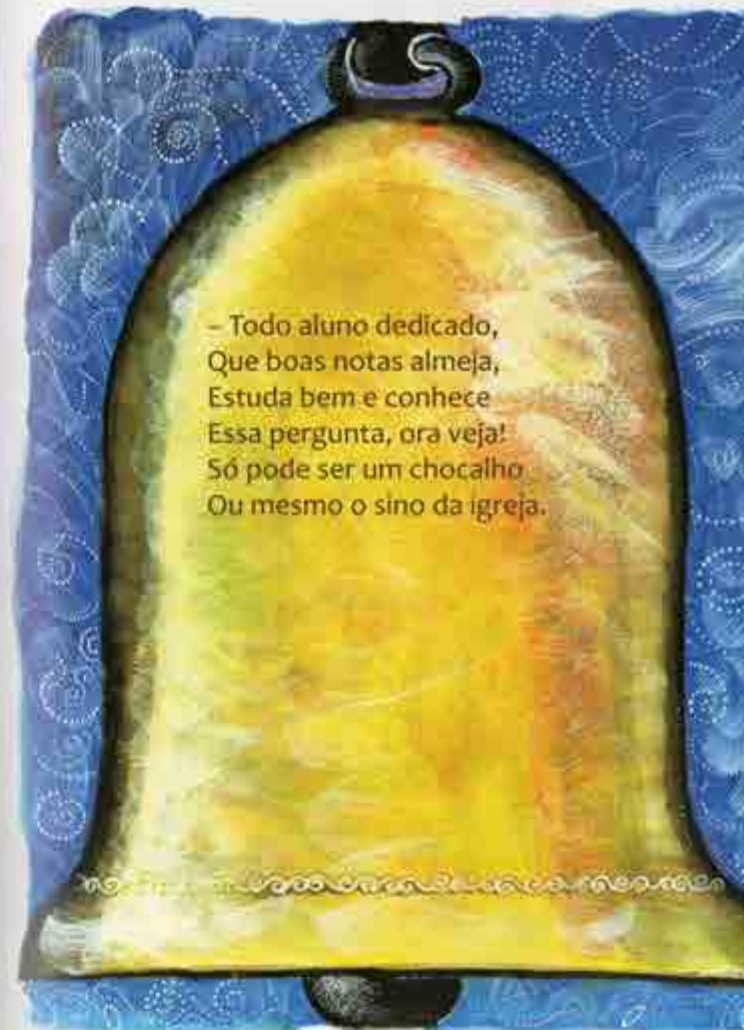
O menino analisou,
Pensou bem, ficou atento:
– Se eu disser que está viva
Ele mata no momento,
Se eu disser que está morta
Ele solta a mesma ao vento.

E falou fechando a cara:
– Professor, preste atenção
Só depende de você
O que tem dentro da mão
Se vai viver ou morrer
Esta é sua decisão.



– Grito, lhe dou um conselho:
Por ser um rapaz tão novo
Passarinho não se mata,
Nem se quebra nenhum ovo
Eles cantam todo dia,
Pra alegrar o nosso povo!

Se tu és sabido mesmo,
Decifre então a charada:
– O que tem a boca aberta
E a língua dependurada,
E se não mexer com ele
Pra gente não fala nada?



– Todo aluno dedicado,
Que boas notas almeja,
Estuda bem e conhece
Essa pergunta, ora veja!
Só pode ser um chocalho
Ou mesmo o sino da igreja.

- João Grilo, tu és um mestre,
Que tem um quengo tão fino!
Mas sou eu que dou as cartas:
É com essa te amofino:
O que é grande no Brasil
E em Cuba é pequenino?

Sendo no Brasil ou Cuba,
Pode pagar meu cachê!
Coisa grande e pequenina
Parece até um clichê.
Creio que são muitas coisas
E a primeira é a letra "B"!



Disse o mestre: – Tu tens sorte...
Mas eu te pego, seu João!
O teu balão de saber
Dessa vez eu ponho ao chão:
Me diga qual é o cúmulo
Da alfabetização?

– Vou responder, meu bom mestre,
De uma forma até poética:
Poís quem cultiva o saber
Com talento e com estética,
Toma SOPA DE LETRINHAS
Toda em ordem alfabética.



– João Grilo, cabra sabido,
Vejo que agora lhe entalo!
Com esta nova pergunta
Comigo perde o embalo!
Diga qual a diferença,
Entre a carta e o cavalo?

– Professor, esta potoca
Não me causa desmanteio,
Uma pergunta tão fraca
Respondo sem atropelo,
O cavalo leva a SELA
E a carta leva o SELO!



– O amarelo sabido,
Possui um crânio de aço!
Mas preste muita atenção
Que agora lhe embaraço!
Qual é mesmo a diferença
Entre o boi e o palhaço?

– Entre o boi e o palhaço:
Essa é bastante engraçada!
Para o mestre e meus colegas
Vou responder a charada:
Um gosta de palha crua
E outro de "palha ASSADA".



- Seu João Grilo, pense bem,
Sou homem sério e não brinco,
E quando estou trabalhando
Faço tudo com afinco.
Diga quando $2 + 2$
Na soma é igual a 5?

Com a pergunta do mestre
João deu uma gargalhada,
E falou: - Meu professor,
Respondo de uma lapada
 $2 + 2$ é igual a 5,
Quando a conta está errada!



- Responda agora, João Grilo,
Não sabe, fique calado!
Diga-me a semelhança
Entre um aluno aplicado
E um homem bem sucedido
Que vive bem empregado?

- Professor, em sapiência
Eu não calço as suas botas,
O aluno e o executivo
Se não perderem as rotas,
Quando é no fim do mês
Ambos ganham altas notas.



– Esse menino é um sábio
Não erra cálculos, nem planos,
Porém com esta pergunta
Pode cometer enganos:
O que se faz todo dia
Em algarismos romanos?

– Descasco a sua pergunta,
Pois não é abacaxi.
De Algarismos Romanos
Quase tudo eu aprendi.
O que se faz todo dia
Só pode ser o XIXI.

– João Grilo, vou lhe apertar
Agora sento-lhe a pua.
O assunto é astronomia
Com essa você recua:
Qual dos dois é mais antigo,
O astro Sol ou a Lua?

– Meu querido Sabe-Tudo,
De me apertar não carece:
O Sol, por ser bem mais jovem,
Durante o dia aparece.
A Lua, por ser mais velha,
Ela sai quando anoitece.



- Que amarelo danado,
O seu talento é fecundo!
Mas seu poço de saber
Agora chegou ao fundo.
Me responda num instante:
O que mais pesa no mundo?

- Meu mestre, preste atenção
Que minha mente não cansa,
Se eu errar que me perdoe
Pois ainda sou criança,
O que pesa mais no mundo,
Só pode ser a balança!



– Seu João Grilo, me responda
Esta pergunta sutil:
Qual foi a primeira planta
Abaixo do céu de anil
Que os patrícios portugueses
Trouveram para o Brasil?

– Professor, eu lhe respondo,
Pois pretendo tirar dez!
Chegando às caravelas
Desembarcando, ao invés
De trazer um vegetal,
Plantaram as 'plantas dos pés'!



– Responda logo, João Grilo,
Me prove o quanto é sabido!
Você é um menino esperto,
Mas eu lhe deixo espremido:
O que possui pé redondo,
Mas deixa rastro comprido?

– Professor, eu lhe respondo
Usando rima seleta.
Se eu usasse a danada,
Tinha porte de atleta:
Pois melhora de saúde
Quem pedala a bicicleta.



– Preste atenção, seu João Grilo,
Se bem souber, me explique:
Dos bichos que há no mundo
Nem um frequenta boutique,
Porém me diga, entre todos,
Qual é o bicho mais chique?

– Meu querido Sabe-Tudo
Essa eu respondo ligeiro
Olhando o reino animal
Acho o porco o mais maneiro,
Entre todos é o mais chique,
Pois só vive no CHIQUEIRO.



- João Grilo, eu crio um cachorro
Trato dele com cuidado,
Porém com a sua saúde
Ando muito preocupado,
Por que será que meu cão
Está tão desconfiado?

- Cachorro desconfiado?
Amigo é quem aconselha
Leve ao veterinário,
Pois o caso se assemelha
A meu cãozinho que andava
Com "a pulga atrás da orelha".



- Grilo, eu tenho uma palavra
Com oito letras, porém,
Tiro quatro letras dela,
Porque assim me convém
E mesmo tirando as quatro
Ela com oito inda vêm?

- Eu vou responder com calma
Porque nunca fui afoito,
O que possui oito letras;
Tiro quatro e fica oito;
Afirmo meu sábio mestre
É a palavra 'biscOITO'!



– João Grilo, eu já percebi
Que conduz grande ciência,
Mas lhe ponho no aperto
Porque não tenho clemência...
Responda agora: qual é
O cúmulo da paciência?

– O cúmulo da paciência
Essa ninguém mais aguenta
Quem vai assistir, desiste!
Sai resmungando e comenta:
É ver corrida de lesma
Registrada em câmara lenta.



- Grilo, se tem bom guardado
Responda e não dê desmaio.
Nessa disputa acirrada
Se você não cai, eu caio:
Que será do cruzamento
Da girafa e o papagaio?

João Grilo deu uma risada
E disse assim num instante:
- Vou responder direitinho,
Pois quero seguir avante:
Girafa com papagaio.
Só gera um 'alto-falante'!





– Puxa-vida, meus alunos,
Este João é de lascar!
Passei noites estudando
Pra poder lhe derrubar,
Disse o velho pensativo,
Mas eu vou continuar!...

– Agora me diga, Grilo,
(Não sabe, fique calado!):
O Batman vestiu um terno
E saiu muito apressado;
Para onde ele foi?
Diz João: — Pro BAT-IZADO!

– E depois do batizado
Ainda houve um mistério:
Batman foi pra sacristia
E lá chegou muito sério?
Responde João, apressado:
– Foi tirar o BAT-ISTÉRIO!



– João Grilo, tu és um monstro!
Do teu quengo eu já sabia,
Porém, agora, te enrolo
E te boto na enxovia;
Qual a diferença entre
A LAGOA e a PADARIA?

– Mestre, que pergunta besta!
Respondo por distração
(Pois não sou como o Seu Lunga,
Que não tem educação):
Pois na lagoa HÁ SAPINHO,
Na padaria, ASSA PÃO!



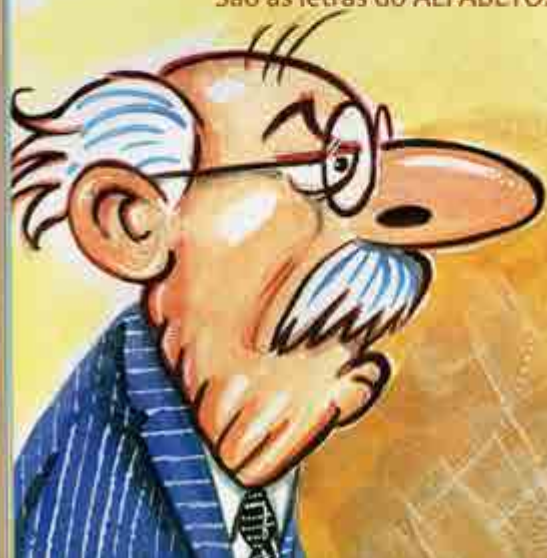
Disse o mestre: – Seu João Grilo,
Agora você fraqueja!
Encontrando a porta aberta,
Totó entrou na igreja...
E a coco por que entrou?
Decifre agora a peleja.

Falou João Grilo: – Ora sebo!
Lhe respondo num embalo,
Com esta lorota boba
Eu vou desmoralizá-lo...
A galinha entrou na igreja
Pra assistir Missa do Galo!



- Tenho vinte e seis irmãs
(Responda sem pensamento):
Separadas ou juntinhas,
Na gaveta ou ao relento,
Se acaso precisamos,
Dizem tudo com talento?

- Já começo a entender
E vou responder correto;
Mas te digo, professor,
Tu não derrubas meu teto...
As irmãs de que tu falas
São as letras do ALFABETO!



- Onde posso eu encontrar
Glória, fé, paz e amizade,
Posição, destreza e amor,
Poder e tranquilidade,
Sabedoria, inteligência,
Riqueza e felicidade?

- Não é difícil debulhar
Nas contas do meu rosário;
Pois somente nós achamos
Este bom vocabulário,
Se nós tivermos em mãos
O velho DICIONÁRIO!





– Se és mesmo sabichão,
Fale logo, neste instante:
Quantas aves podem, mesmo,
Levantar um elefante?
Se és bom, então responde;
Não passes por ignorante!

– Vou responder, com perícia,
Para lhe satisfazer;
Dentro da filosofia
(Como o senhor pode ver),
Quem levanta o elefante
Quatro PATAS têm que ser!

– Que é que cresce só pra baixo
(Você sabe me dizer)?
Tudo isto que pergunto
Faz parte do seu dever;
Portanto, é importante
Você logo esclarecer!

– A pergunta é muito boa...
Esta, nosso povo diz:
São questões pra confundir
Um garotinho aprendiz;
Mas eu vou dizer ligeiro:
RABO, BURACO e RAIZ!

- Sendo para terminar,
Em homenagem ao escritor,
Nós queremos lhe brindar
(Pois o mesmo tem valor);
Diga: como ele faz,
Pra acabar caso de amor?

- É bem fácil esta pergunta,
Pois foi tudo sempre igual
(O nosso querido mestre
É cuidadoso e leal);
Só termina o caso dele
Botando o PONTO FINAL!



NOTA DO PROFESSOR SABE-TUDO

– Ó que menino sabido!
O João Grilo do sertão
Disse tudo direitinho;
Não errou uma questão!
Eu lhe dou uma nota dez,
Com prazer e louvação...



78

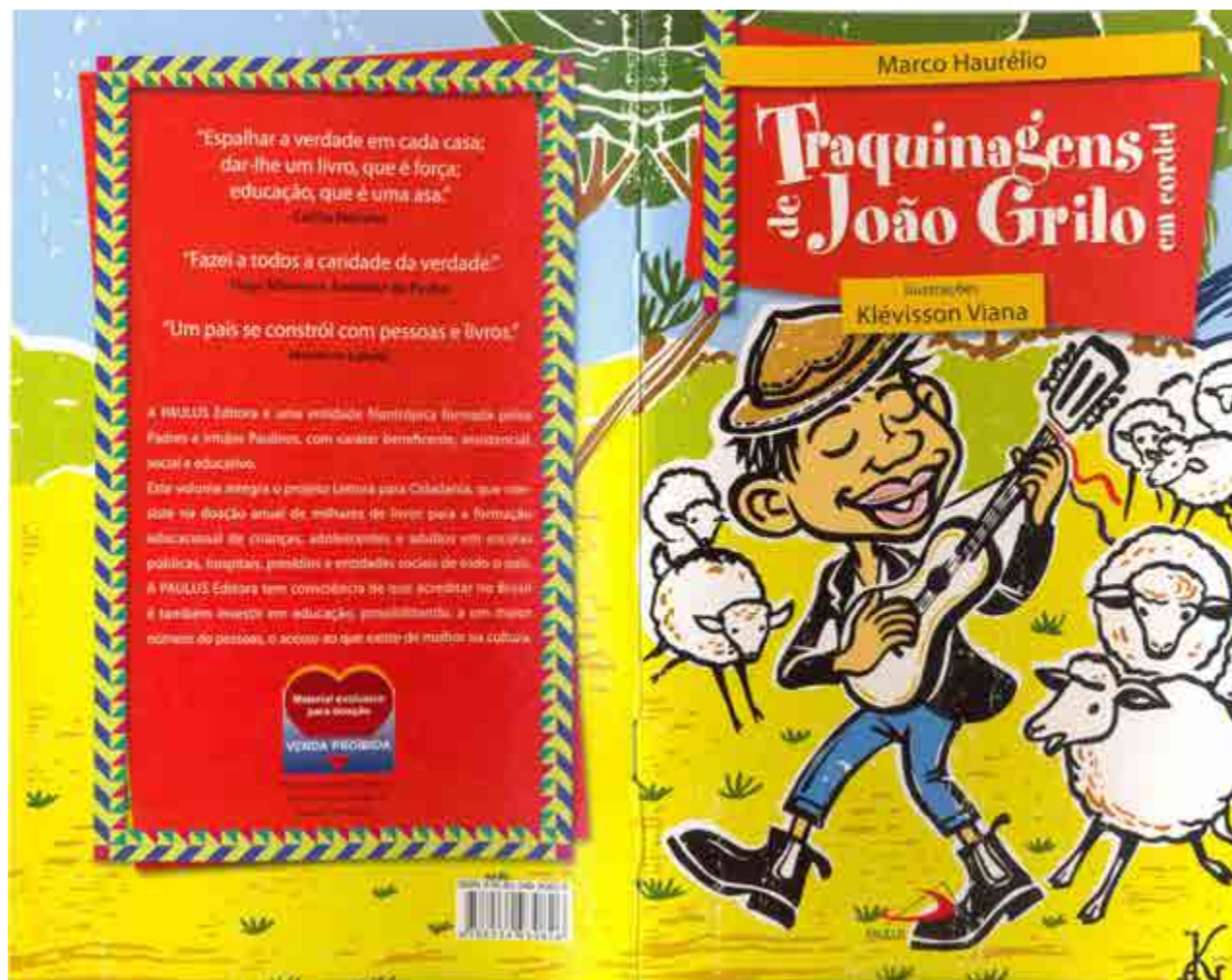


AGRADECIMENTO DE JOÃO GRILO

– Eu, João Grilo, agradeço
Dizendo: meu professor,
Tudo faço pra alegrar
O sertão com muito amor...
Estou muito satisfeito
Com a nota e o louvor...

FIM

1.2.14 *Traquinagens de João Grilo em cordel*, de Marco Haurélio





Direção editorial
 Zolfeiro Tinoni
 Coordenação editorial
 Iselson Ferreira de Almeida
 Ilustrações
 Klevisson Viana
 Produção editorial
 AQWM Artes Gráficas
 Impressão e acabamento
 PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Haurilio, Marco
 Transmissão de João Grilo em cordel / Marco Haurilio;
 Ilustrações Klevisson Viana. -- São Paulo : Paulus, 2009.

ISBN 978-85-349-3082-6

I. Literatura de cordel. 2. Poesia popular. 3. Poesia popular
 brasileira. I. Viana, Klevisson. II. Título.

09-04834 CDD-398.2

Índices para catálogo sistemático:

I. Poesia de cordel. I. Folclore :98.2

Tradução, 2009

© PAULUS - 2009

Rua Francisco Cruz, 229
 04177-091 - São Paulo (Brasil)
 Tel.: (11) 5087-3700 - Fax: (11) 5579-0627
 www.paulus.com.br
 editoral@paulus.com.br
 ISBN 978-85-349-3082-6



As tradições culturais
 Do Brasil são variadas,
 Sementes de poesia
 No nosso solo plantadas,
 Na alma do nosso povo
 Totalmente enraizadas.

Entre estas tradições,
 Se inclui a literatura
 De folhetos — ou cordel,
 Jóia da nossa cultura,
 Que o Nordeste brasileiro
 Elevou a toda altura.

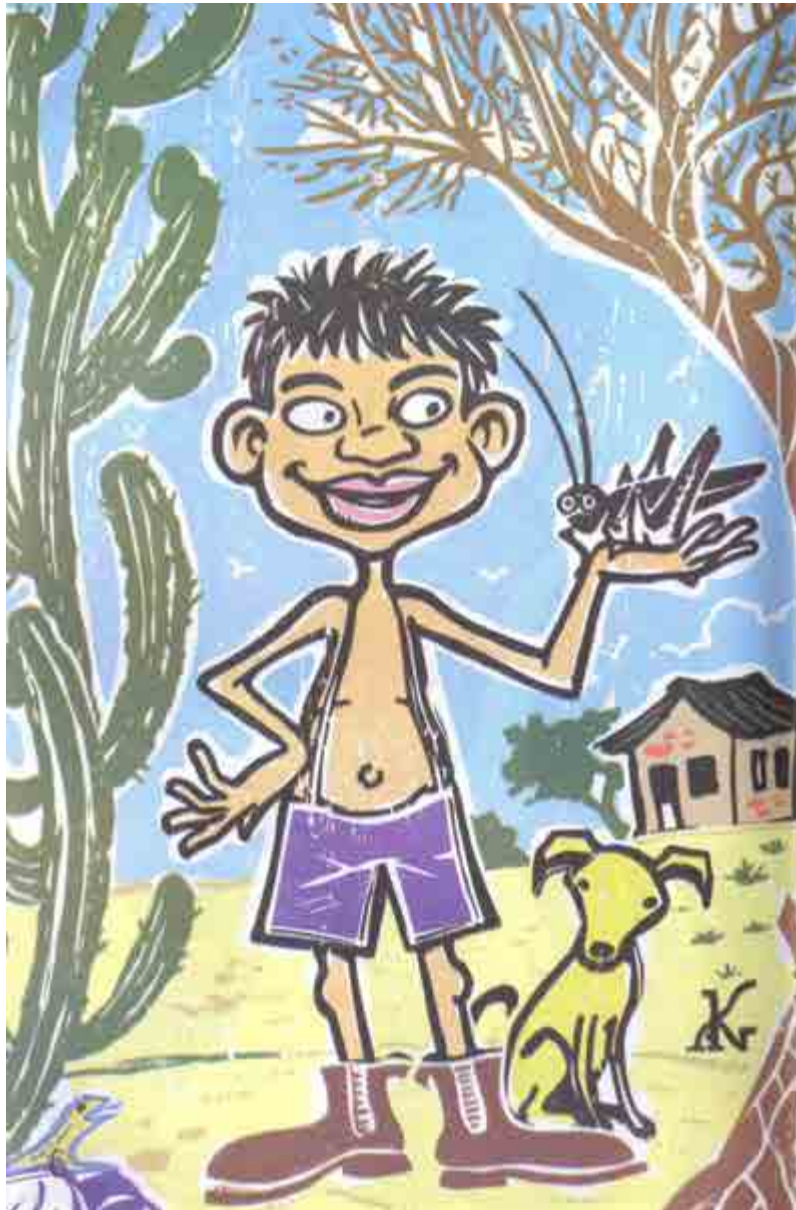
No cordel, um personagem
 Inaugurou novo estilo,
 No folheto intitulado
As Proezas de João Grilo.
 É o esperto amarelinho
 Que jamais deu um vacilo.

Quem não conhece João Grilo,
Um menino do sertão,
Personagem que hoje é
Famoso em toda a nação?
Pequeno, amarelo, frágil,
Eis o retrato de João.

Desde muito pequenino
O nosso Grilo era esperto,
Tão esperto que fazia
O errado ficar certo,
O bonito virar feio
E o longe tornar-se perto.

Sua esperteza era tanta
Que outro igual não nasceu.
No sertão da Paraíba,
Onde o menino cresceu,
Coronéis e cangaceiros —
João Grilo a todos venceu.





Porém, João Grilo jamais
 Se valeu da violência
 Vencia os seus inimigos
 Usando de inteligência.
 De truques e traquinagens
 Tinha ele toda ciência.

Quando o pai de João morreu,
 Ele era bem pequenino.
 Sua herança foi um gato,
 Que se chamava *Rufino*,
 E um cachorro pulguento,
 Por nome de Faro-fino...

Um hectare de terra
 Com algumas bananeiras,
 Urtiga, malva, jurema,
 Um **quipã**, três gameleiras,
 Um jegue já caducando
 E mais algumas tranqueiras.

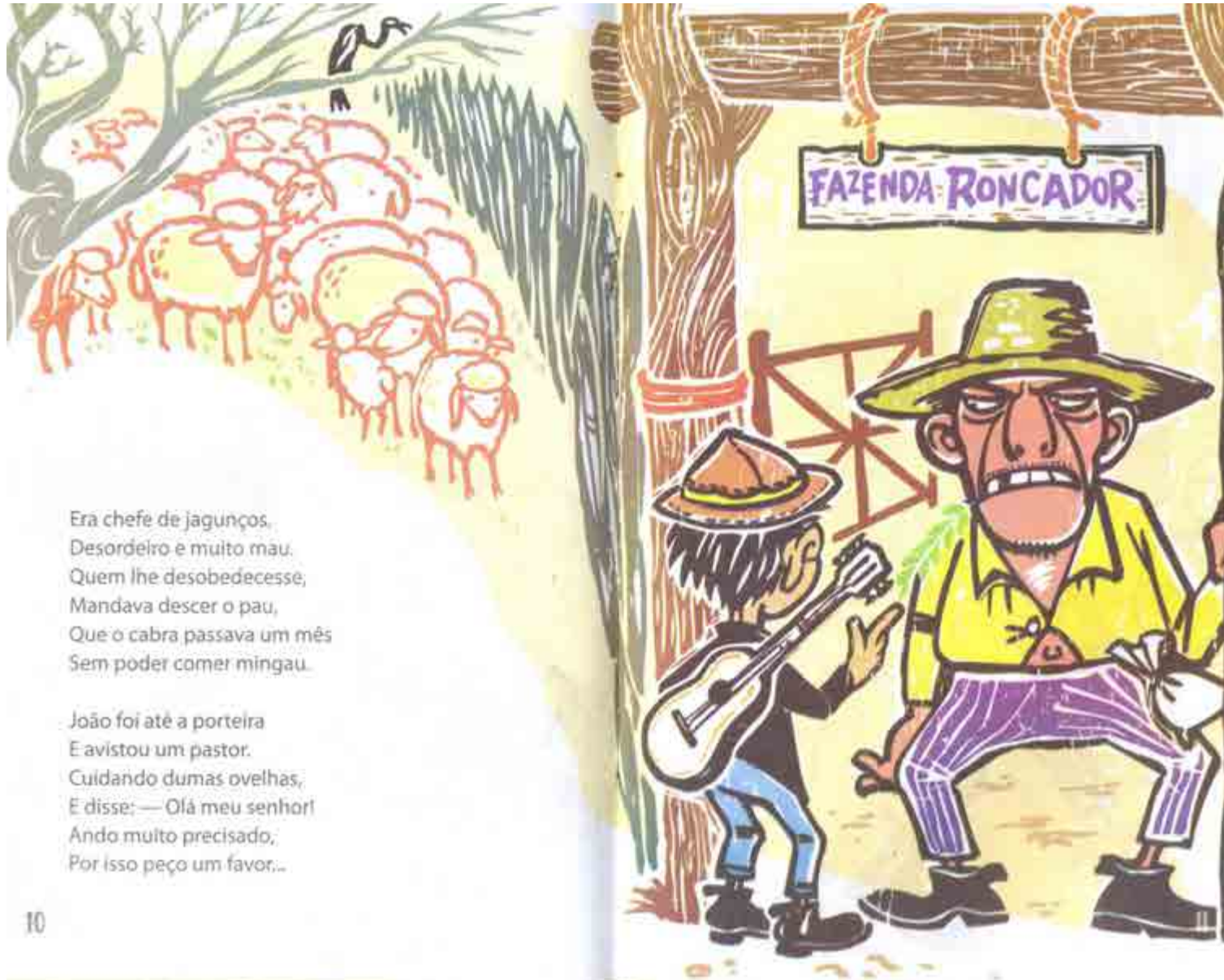
João, mesmo órfão de pai,
 Vivia bem consolado,
 Na tapera com a mãe,
 Mesmo num penoso estado;
 Por causa disto ficou
 Em esperteza escolado.

Um dia, disse pra mãe
Que queria viajar.
Ela dando a permissão,
João foi providenciar
Vender o jegue e o cachorro
Para um trocado apurar.

Com o dinheiro apurado,
João comprou uma viola,
Botou o gato num saço
Não quis saber de enrola
E pôs o pé na estrada,
Fazendo do mundo escola.

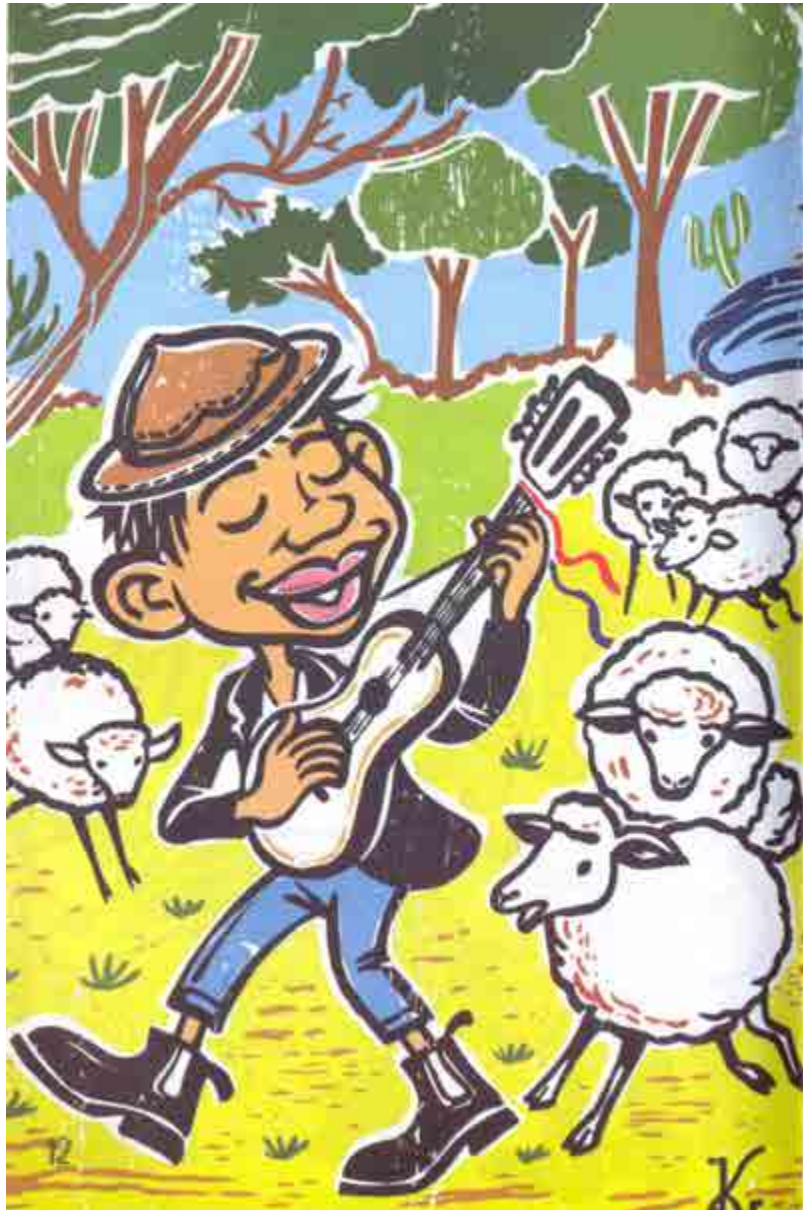
Depois de caminhar muito,
Foi bater numa fazenda
Do coronel Zé Romão,
Duma natureza horrenda,
Dono duma **sesmaria**,
Com grande fonte de renda.





Era chefe de jagunços,
 Desordeiro e muito mau.
 Quem lhe desobedecesse,
 Mandava descer o pau,
 Que o cabra passava um mês
 Sem poder comer mingau.

João foi até a porteira
 E avistou um pastor.
 Cuidando dumas ovelhas,
 E disse: — Olá meu senhor!
 Ando muito precisado,
 Por isso peço um favor...



Que avise o seu patrão
 Que estou procurando emprego.
 O pastor disse: — Nem venha
 Me tirar do meu sossego.
 Aqui não é casa velha
 Pra dar abrigo a morcego.

Pegue a reta, caia fora
 E não volte nunca mais!
 Falou e virou as costas
 E saiu queimando o gás.
 João disse: — **Cabra** da gota,
 Vou mostrar como *homem* faz!

A fazenda Roncador
 Era grande possessão,
 Composta de muitas matas,
 Barreiros e um ribeirão,
 Que despencava da serra
 Pra abastecer o sertão.

João enfronhou-se na mata,
 Com um plano na cachola
 E todo dia, bem cedo,
 Tocava a sua viola.
 Ia dar uma lição
 Naquele pastor gabola.

As ovelhas, uma a uma,
Iam se aproximando,
Quando ouviam a viola
Que João estava tocando.
Cada dia uma ovelha
Com o Grilo ia ficando.

Acostumaram-se tanto
A ouvir o tocador,
Que se afastaram de vez
Daquele bruto pastor,
Que escorraçou o João Grilo
Da fazenda Rôncador.

O coronel Zé Romão
Foi conferir o rebanho,
E quando já estava certo
Que ali tinha bom ganho,
Viu que faltavam ovelhas,
Achou tudo muito estranho.

Chamou então o pastor:
— Gabiru, se acheque cá.
Boa parte do rebanho,
Vá dizendo onde é que está.
Disse o cabra: — Coronel,
Eu não sei o que é que há...



Zé Romão disse: — Sujeito,
Pegue a reta e caia fora.
Se você aqui ficar,
A ruína não demora.
Ademais, não sou **queixada**
Para suportar **caipora!**

O coronel Zé Romão
Chamou um outro empregado,
Ordenou que procurasse,
Com todo zelo e cuidado,
Um pastor para as ovelhas,
Que não fosse descuidado.





E o criado procurou
Um pastor para a fazenda,
Foi à feira onde encontrou
Encostado a uma venda
Um rapazola franzino
Fazendo sua merenda.

Este aí era João Grilo,
Que foi à feira comprar
Alguns mantimentos para
No mato se alimentar.
As ovelhinhas ficavam
Esperando ele voltar.

E o tal criado o achou
 Justo nesta ocasião.
 Já foi dizendo: — Amarelo,
 Venho aqui numa missão;
 Encontrar um bom pastor
 Pra o coronel Zé Romão.

João disse: — Danou-se tudo,
 Agora deu o **estupor!**
 Mas que coronel é esse
 Que precisa de um pastor?
 Já vi pastor de ovelhas,
 De coronel, não senhor!

O amigo me desculpe,
 Mas isso é um dismantelo,
 Esse tal de coronel
 É de pena ou é de pelo?
 — Não é disso nem daquilo...
 Disse João: — E é de cabelo?

O criado perguntou:
 — Como o senhor é chamado?
 João disse: — Chamam a mim
 De o Menino Afortunado.
 Rufino dentro do saco
 Na hora deu um miado.





O criado retornou,
Contou tudo ao fazendeiro.
Que ordenou aos jagunços:
— Tragam já o zombeteiro.
Eles buscaram João Grilo
Já sabendo o seu roteiro.

O Grilo chegou então
Na tal fazenda escoltado.
Trazia o gato no saco
E a violinha dum lado.
Todo o povo quando o viu
Ficou impressionado.

João, dedilhando a viola,
 Começou a cantoria:
 — Deus vos salve, fazendeiro,
 Dono desta sesmaria:
 Salve a mim primeiramente,
 Depois vossa companhia.

O coronel disse: — Cabra,
 Tome tento e se comporte.
 Saiba que você está
 Já sentenciado à morte,
 Mas a proposta que faço
 Talvez mude a sua sorte.

Se você trazer de volta
 As ovelhas desgarradas,
 Talvez escape de ter
 As costas prejudicadas
 Pois da nuca ao calcanhar
 Elas serão esfoladas.





— Vixe Maria! Danou-se!
Valha-me, meu Pai celeste!
E eu vou saber de ovelha!
Embora não o conteste,
Quantas fugiram da **manga**?
Agora é que deu a peste!

O coronel Zé Romão,
Arretorcendo o bigode,
Disse: — Mais de mil fugiram
E não diga que não pode
Trazer de volta senão
Morre no pau que nem bode!

João Grião, o "Afortunado",
Na mesma hora saiu,
Foi para o mato e deitou-se,
Por muitas horas dormiu.
Ao acordar, se lembrou
Do rebanho que fugiu.

Então pegou a viola
E começou a tocar,
As ovelhas desgarradas
Começaram a chegar.
Veio até o gato velho,
Que saíra prá caçar.

E duas mil e trezentas
Ovelhas se aproximaram.
Pra casa do fazendeiro
Com o Grilo elas marcharam.
Zê Romão deu um pinote
Quando as ovelhas chegaram.

Então disse o fazendeiro:
— Você será meu pastor;
Cuidará do meu rebanho...
João Grilo disse: — Senhor,
Virei amanhã bem cedo,
Porque sou trabalhador.

No outro dia quando o sol
Inda nem tinha saído,
Na porta do fazendeiro
João fez enorme alarido,
Dizendo: — Vamos pro mato,
Que eu já estou resolvido.

O coronel disse: — Vai
As ovelhas pastorar.
Respondeu o Afortunado:
— Não saio deste lugar,
Pois, eu sendo **seu pastor**,
Também lhe devo levar.



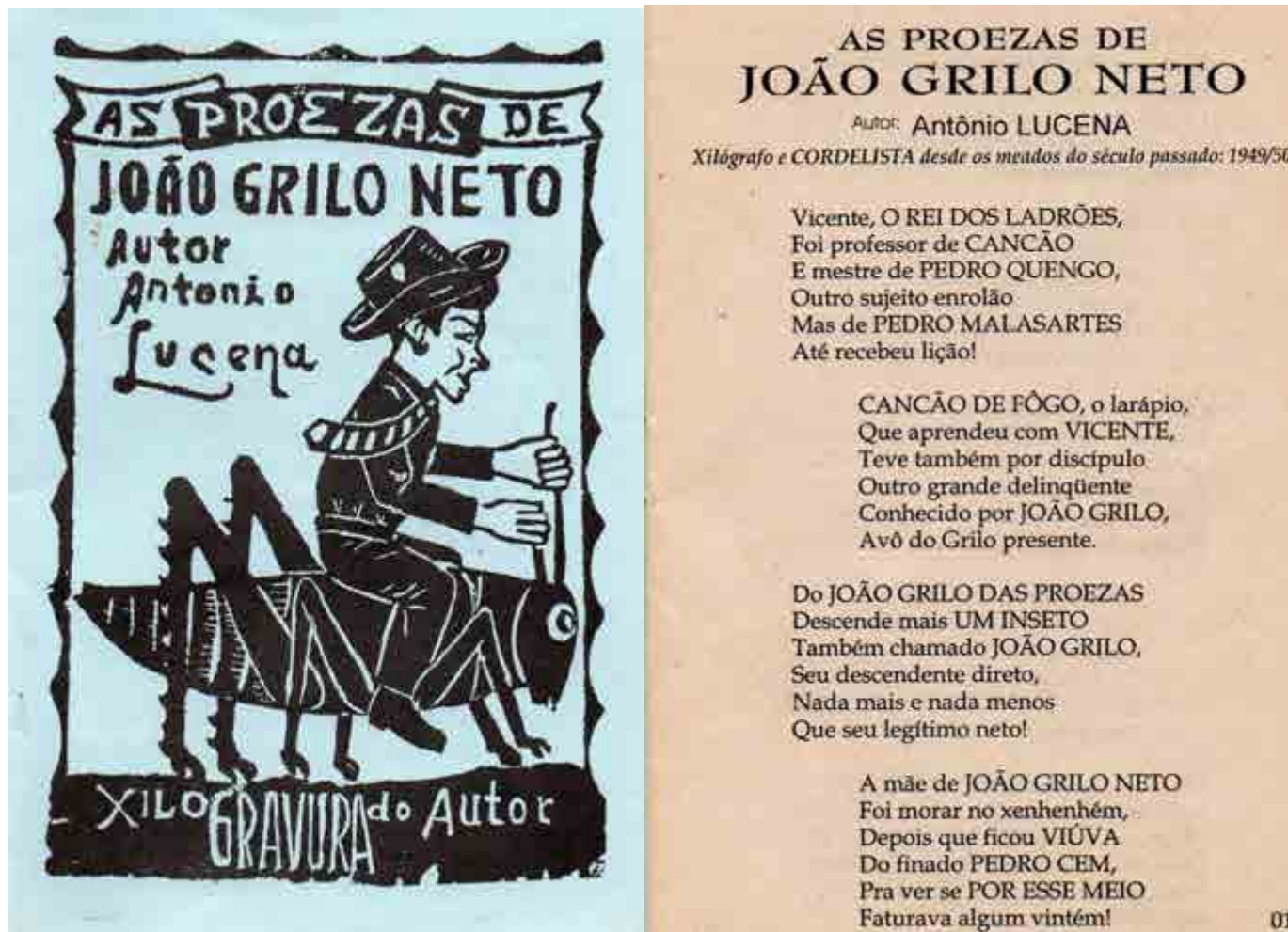
O coronel respondeu:
— Deixe desta patacoadal
Você é pastor de ovelhas,
Portanto, meu camarada,
Eu vou dobrar seu salário,
Só pra deixar de zoadá.

João Grilo disse: — Senhor,
Acabou-se o desmantelo,
Pois já vi que o coronel
Não é de pena ou de pelo,
Nem de lã. Agora sei
Que é coronel de cabelo.

Acabada a confusão,
João Grilo foi para o mato
Tocando a violinha,
Com as ovelhas e o gato,
Mostrando mais uma vez
Que era esperto de fato.



Homenageei João Grilo
Através deste cordel.
Utilizando nossa estória,
Realizei bom papel.
É essa a nossa missão:
Lavar boa diversão.
Isto é com precisão
O prêmio do menestrel.

1.2.15 *As proezas de João Grilo Neto*, de Antonio Lucena

João Grilo nasceu dum susto
E de parto **PREMATURO**.
Quando a velha foi **MIJAR**
Lá por detrás do monturo,
Em noite de lua nova,
Totalmente no escuro.

Por nascer de sete meses
Não tinha feição de gente:
Só tinha quase cabeça,
Muito pouco diferente
Dum **GERIMUM DE VASANTE**,
Na beira duma vertente!

Os olhos do prematuro
Eram ver um holofote;
As pernas como palitos
Presos ao fundo dum pote,
A mãe dizia: "Eu não sei
Pra que tive esse timote!"

Criado passando fome,
Com **ARITICA** e migalha,
Dizia: "Triste do filho
Da quenga que não trabalha
Que só quer **GANHAR DINHEIRO**
Sem levantar uma palha!"

"Ser filho de prostituta
Realmente é coisa séria!
- Dizia o João, revoltado, -
Quando ouvia uma pilhéria,
Mas dizendo sempre - "Um dia
Eu saio dessa miséria!"

02

Astuto, desde garôto,
Tinha aversão ao trabalho
Mas queda, tinha de sobra,
Para o jogo de baralho,
Poucos profissionais
Ganhavam para o pirralho!

Com suas **CAPILOSSADAS**
A mãe dizia: "Menino,
Um dia, quando eu morrer,
O mundo te dá ensino..."
Até que chegou o dia
Do **GRILO** tomar destino.

Com mais de 16 anos,
Sem nenhuma profissão,
João Grilo saiu de casa
Sem rumo e sem direção,
E adentrou-se no mundo,
Pelas brenhas do sertão.

Em todo jogo de cartas
O furiba era perito,
Como se tivesse feito
Um **PACTO** com o maldito,
Mas era apenas um dote:
O João jogava bonito!

Parecia **BURUNDANGA**,
O que na realidade
Era truques que João tinha
Aprendido na cidade
E prestidigitação,
Feita com habilidade.

03

Lá nos confins do sertão,
Para ir quebrando um galho,
Quase a trôco da comida
João Grilo arrumou trabalho
Com um fazendeiro rico,
Mas viciado em baralho.

Nessa fazenda era assim:
Todo mundo era obrigado
A todo sábado, à noite,
Ficar à mesa, sentado,
Jogando mais o patrão:
Não faltava um empregado!

Durante a noite todinha
Ninguém BATIA U'A MÃO,
Somente o velho ganhava
Toda a grana do peão
E o dinheiro voltava
Para o bolso do patrão!

Alberto Ferreira Cunha,
Esse rico ambicioso,
Tinha fome por dinheiro
E era ganancioso,
Trambiqueiro e enrolão,
Pirangueiro e invejoso.

João Grilo, o novo empregado,
Começou como leiteiro.
Depois de meses e meses
Foi promovido a vaqueiro,
Com aumento de salário,
Mas muito pouco dinheiro.

04

Como era de menor
Aquele novo empregado,
Para o jogo de baralho
Nunca era convidado,
E por causa disso mesmo
Tinha dinheiro guardado.

Num certo sábado à noite,
Rodeado de peão,
O velho disse a um deles:
"Vai aí chamar o João
Para comigo, de cara,
Jogar somente u'a mão."

Ao chegar, disse João Grilo:
"Eu só puxei ao meu pai.
Esse negócio de jôgo
Eu não sei pra onde vai,
Como é que se começa,
Como se entra e se sai."

"Meu pai dizia o seguinte:
Jogo é negócio do cão.
Quando um perde o outro ganha
E, de tostão em tostão
Um perde tudo que tem,
O outro arrasta um milhão!"

O velho disse: "É verdade
Haver isso em jogatina
Mas aqui, na brincadeira
Tudo começa e termina;
Se você não joga bem...
A gente sabe e ensina."

05

"Vá lá no quarto onde dorme
E traga todo o dinheiro,
Pra nós jogar u'as mãos,
- Disse, rindo, o fazendeiro,
Já pensando em ganhar tudo
Que tinha junto o vaqueiro.

Depressa João Grilo foi
Buscar toda a sua grana,
Dizendo: "Seu CUNHA pensa
Que eu sou algum banana,
E vai ganhar meu dinheiro,
Mas comigo ele se engana!"

De volta sentou-se à mesa,
De cara com seu patrão
Que traçou logo o baralho
Naquela primeira mão,
Pensando, com seus botões:
"Ganhei-te já, DINHEIRÃO!"

Pra tapiar o patrão,
Desde a primeira partida
João Grilo deixou o velho
Ganhar três mãos em seguida,
Daí João Grilo falou:
Mais uma, por despedida."

"Mas... O senhor é quem manda:
É como o senhor quiser.
Depois que entro no fogo
Topo o que der e vier,
Ganhar dinheiro brincando
Ora! Quem é que não quer?"

06

Daquela hora em diante
O garoto botou quente.
O patrão não ganhou mais
U'a mão daí pra frente,
Fechou a cara e calou-se
E jogava impaciente.

João Grilo sabendo tudo,
Mas se fazendo de bobo,
Já sabia quando e como
Podia fazer o roubo;
Foi quando o velho pensou:
"Caí na boca do lobo!"

João Grilo disse: "É, Patrão,
Toda a culpa é do senhor
De começo eu disse logo
Que não era jogador,
Mas tem um dia da caça
E outro do caçador!"

De manhã findou o jogo
E o garoto, cabreiro,
Lá no quarto onde dormia,
Quando contou o dinheiro
Ficou até com receio
Da mira dum pistoleiro!

Mas desse dia em diante
Nunca mais o seu patrão
Quis convidar o pirralho
Para jogar u'a mão,
Dizendo: Aquele futrica
Tem é pacto com o cão!"

07

Com suas lábias, João Grilo
Disse: "patrão, eu preciso
De visitar minha mãe,
Que se não, perde o juízo
Ou morre, e quem perde a mãe
Tem o maior prejuízo."

"Eu fiz lá UMAS BESTEIRAS
E quando fui perseguido
Tive que tirar o corpo,
Para não me ver detido,
Deixei gado e muitos bens,
E ando aqui foragido."

O patrão, admirado,
Lhe respondeu: "Está bem.
Mas veja se volta logo
Para a semana que vem,
Que agora, nesta casa,
Pra você, de tudo tem."

No outro dia, bem cedo,
João Grilo se fez no pé,
Levando, no matulão,
Dinheiro que dava até
Pra comprar uma fazenda,
Ou um carro CHEVROLET!

Em casa mandou a mãe
Guardar todo o seu dinheiro,
Contando como ganhou
A grana do fazendeiro,
E dessa vez a CORÓIA
Quase lhe mata de cheiro!

08

Depois, de volta à fazenda,
Lhe receberam contente.
De vaqueiro já subiu
À posição de GERENTE,
Para administrar tudo
Como superintendente.

Depois disso, o fazendeiro
Viajou ao PAJEÚ
E por lá, numa fazenda,
Viu um garrote zebú
Que tinha sido comprado
Na feira, em CARUARÚ.

Nesse tempo, no sertão,
Só tinha gado crioulo.
E João dizia consigo:
"Um dia eu pego esse tolo...
Só saio aqui da fazenda
Depois que lhe der um bolo!"

A fim de comprar o touro
O velho ficou maluco:
Deu quatro ou 5 viagens
Ao sertão do PERNAMBUCO
Mas a resposta era a mesma:
"Esse, aqui, morre caduco!"

Numa viagem que fez
Às regiões de PRINCESA
Avistou numa fazenda
Uma novilha holandesa
E disse, com seus botões:
"Um gado desse é riqueza!"

09

De volta à sua fazenda
Comentava, admirado:
"Agora, lá no sertão,
Tem uma raça de gado
Que vale até cinco contos
Cada garrote importado!"

Lavrada de branco e preto
Tem cada vaca leiteira
Que dá quase quinze litros,
Se tratada na coxeira,
Chegou lá há pouco tempo,
Aquele raça estrangeira."

João Grilo disse: "É o gado
Que mais tenho em meu curral.
E o velho, embasbacado,
Disse - "Me venda um casal,
Ou trinta vacas de leite,
E diga o preço total."

João Grilo disse: "E tem mais
No meio um touro zebu
Que comprei dum fazendeiro
Lá no Curimataú,
Veio direto da Índia
Pra fazenda GRAJAÚ.

O velho disse: "Me venda
Trinta cabeças de gado
E mais o touro zebu,
Que lhe pago adiantado,
A metade do dinheiro,
Que tenho todo guardado."

Joãozinho disse: "Eu lhe vendo
Somente o gado holandês:
Trinta vacas, das melhores,
Sem lhe faltar uma rês,
Mas pra receber a grana
Todinha, duma só vez!"

"O touro, eu faço questão
De lhe dar como PRESENTE
De todo o meu coração,
Que o senhor é boa gente,
Das trinta vacas eu cobro
50 contos, somente."

"- Combinado! - disse o velho.
Lhe pago quando voltar.
Tenho que ir ao Recife
E na hora que eu chegar
Lhe pago num bolo só,
Amanhã vou viajar."

No outro dia, bem cedo,
O Coronel viajou.
E João Grilo foi à rua,
Levou dinheiro e comprou
Quarenta galões de tinta,
Que foi o que encontrou.

Metade de tinta branca,
O resto preta, somente.
Comprou trinchas e pincéis
E aguarrás ou solvente,
Para pintar trinta rêses,
Que era o suficiente.

Fazendeiro caprichoso,
Em cada manga ou cercado
Tinha mandado fazer
Um curral bem reforçado,
Para prender a manada
Na vez da ferra do gado.

E foi num desses currais
Onde João Grilo juntou
Trinta vacas do patrão
E uma a uma pintou
De preto e branco, e no touro
Um mamilo colocou.

Tinha morrido uma rês
Da cor igualzinha ao touro.
Daí João Grilo foi lá,
Tirou um tampo de couro,
Dizendo: "Estou preparado
Para ganhar um tesouro.

Do couro fez um bisaco
Com o fundo arredondado
Encheu de pano e capim
E depois de costurado
Ficou igual um mamilo
Dum boi zebu importado.

Com linha urso tinginda
Na mesma cor do cabelo
Montou no touro o mamilo,
Descendo por entre o pélo
A linha dum lado ao outro,
Assim conseguiu prendê-lo.

12

Com João Grilo, na saída,
Tinha o patrão combinado:
"Quando eu chegar do RECIFE
Já quero encontrar o gado
Num dos currais da fazenda,
À minha espera, trancado."

Toda aquela mão-de-obra
João executou sozinho.
E quando o velho chegou
Em casa, um dia cedinho,
Estava o gado pintado
De preto e branco, todinho.

João Grilo, vitorioso,
Pelo truque praticado,
Disse ao patrão: Se quiser
Ir agora ver o gado,
Está preso, desde ontem,
Num dos currais do cercado."

O velho, ganancioso,
Disse: "Vamos ver agora.
Se for como você disse
Eu pago tudo, na hora,
E se você desejar...
Dessa vez pode ir embora."

Ao chegarem no curral,
O patrão, ambicioso,
Sorriu, satisfeito e disse:
"Isso é um gado mimoso
Bem que minha vó dizia:
NADA PRA DEUS É CUSTOSO!"

13

Nem sequer reconheceu
Que era o seu próprio gado!
E com o touro ZEBU
Ficou todo embasbacado:
O touro tinha um mamilo
Chega pendia do lado!

Quando fartou-se de ver
Aquela nova riqueza:
Trinta vacas escolhidas,
Tudo de raça holandesa,
Voltou pra casa mais João
E trouxe o dinheiro à mesa.

50 contos de réis
Contaram, de nota em nota,
O velho mais a patrão,
Dona Helena Patriota,
E pagou, com seu dinheiro,
A sua própria derrota.

De posse daquela grana
João disse: Agora eu regresso
À minha terra natal,
Para rasgar o processo,
E pra vocês eu desejo
Saúde, paz e progresso.

Mesmo eu soube que mamãe
Tem andado adoentada:
Chora e geme o dia todo,
Não dorme nem come nada..."
O velho mais dona Helena
Disseram logo: "COITADA!"

14

Com essa desculpa fria
Despediu-se e foi embora,
Enquanto isso, o patrão
Alegre dizia: "Agora
Realizei OS MEUS SONHOS,
Pra tudo tem DIA E HORA."

Durante o resto do dia
O Coronel, enfadado,
Foi repousar e dormir
Num dos alpendres de lado
E só no dia seguinte
Foi rever o novo gado.

Logo ao chegar no curral
Tamanha foi a surpresa:
Nenhuma daquelas vacas
Era de raça holandesa,
Daí o velho exclamou:
"Lá se foi minha riqueza!"

Do seu garrote ZEBU
Tinha caído o cupim.
Era um bisaco de couro,
Cheio de folha e capim,
E por ser de couro cru
Já tinha até cheiro ruim!

O pêlo da vacaria
Estava todo manchado
Por debaixo da barriga
E quartos todo grudado,
Coberto de folhas secas,
Capim e bosta de gado!"

15

Pensando no prejuízo,
Disse o velho: "Ah, infitete!
Mas também, quando eu pegá-lo
Lhe mato de cacetete.
Com essa, por derradeiro,
Perdi a besta e o frete!"

Pelo desgosto que teve
De repente adoeceu:
Com uma crise de nervos
E depois enlouqueceu,
Teve um derrame e, na hora,
Caiu no chão e morreu.

Enquanto isso... João Grilo,
Em casa, cheio na grana,
Comprou fazenda e casou-se
Com a prima DAMIANA,
Depois tirou a mãe dele
De dentro da CAJARANA.

Das histórias de JOÃO GRILO
Esta segunda versão
Não é plágio da primeira
Nem tampouco IMITAÇÃO
Porque João Grilo já tem
Até na TELEVISÃO:

FIM

Direitos AUTORAIS E ARTÍSTICOS reservados ao seu legítimo autor:

ANTONIO ARAUJO DE LUCENA

Rua São Jacinto, nº 154 - Rosa Mística - CEP 58102-453

Campina Grande - Paraíba

16

1.2.16 *As aventuras de João Grilo*, de Ricardo Azevedo**As aventuras de João Grilo**

João Grilo era um cabra safado demais da conta. Passava o dia deitado na rede, pensando na vida, descansando e molengando.

– Vai trabalhar, filho! – dizia o pai.

– Vai trabalhar, filho! – dizia a mãe.

E João nada, só lá no bem-bom:

– Não gosto de fazer o que a vontade não quer! – explicava ele bocejando e examinando as nuvens do céu.

Um belo dia, João Grilo deu um pulo da rede e avisou:

– Já sei. Vou ser adivinho!

Despediu-se do pai e da mãe e caiu no mundo.

Andou, andou, andou e chegou numa cidade. Viu três burros amarrados no muro do mercado. Correu, pegou os bichos e escondeu num matagal ali perto.

Depois voltou à cidade, foi até o mercado e espalhou que sabia adivinhar. Logo apareceu o dono dos burros. Estava aflito.

– Soube que você é adivinho – disse ele. – Roubaram meus três burritos. Se adivinhar onde eles estão eu pago um bom dinheiro.

– É comigo mesmo! – respondeu o malandro.

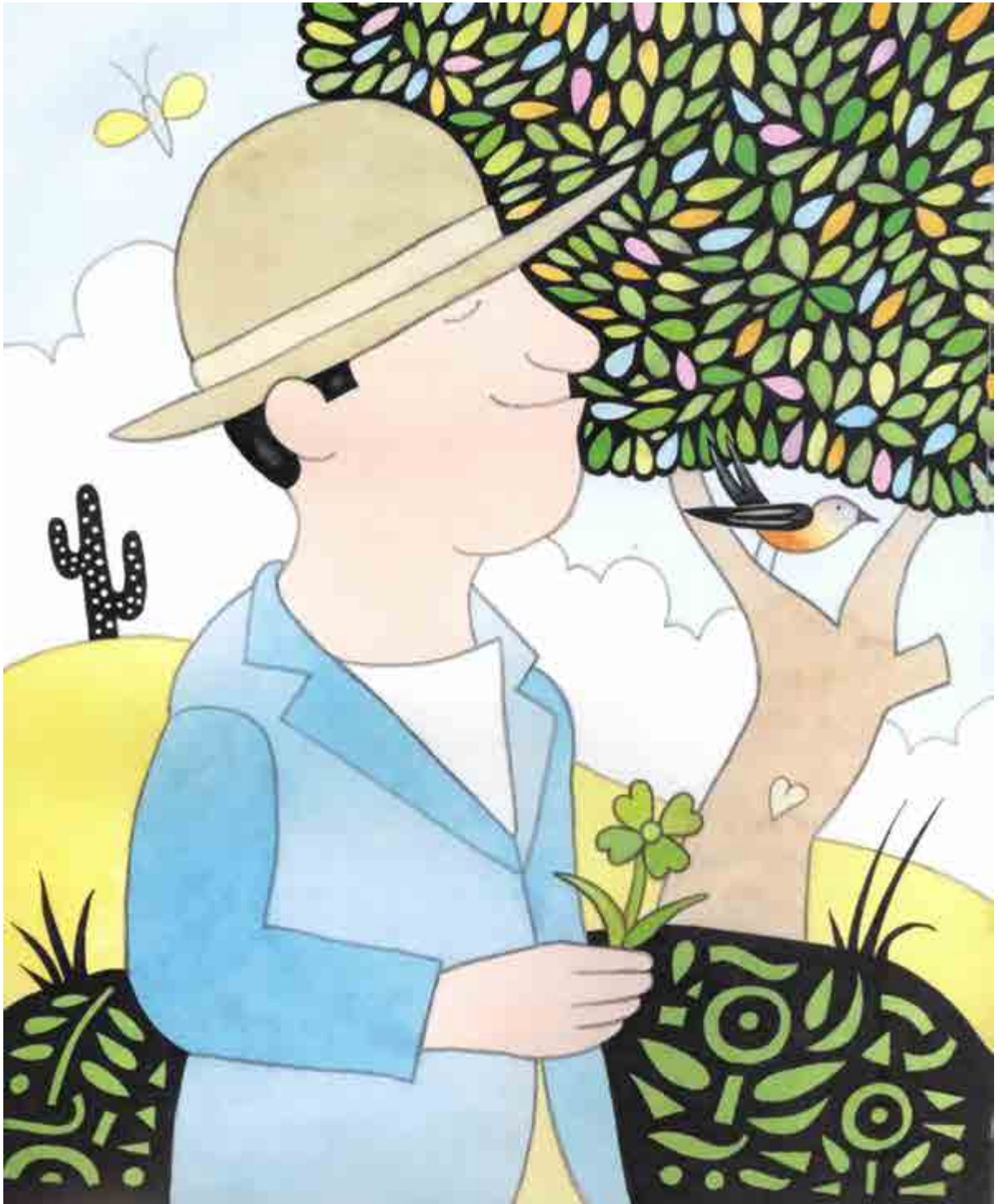
E fez cara de pensamento. E fechou os olhos. E franziu a testa. E se ajoelhou e rezou e de repente deu um pinote:

– Já sei!

Entrou no mato e mostrou onde os burros estavam.

Ganhou o dinheiro e foi embora todo risonho.

Acontece que notícia corre mais que pé de vento.



O rei daquele lugar soube que havia um adivinho de verdade na cidade e mandou chamá-lo urgente.

João Grilo foi. Encontrou o monarca muito preocupado.

– Roubaram as joias mais preciosas da rainha – disse ele. – Levaram tudo: colares, anéis, brincos e pulseiras de ouro puro.

E disse mais: se João adivinhasse onde estavam as joias, ganharia um saco de moedas de ouro. Em compensação, se não descobrisse, ia para a forca. Deu três dias para fazer a adivinhação.

João coçou a cabeça e fez um pedido. Queria passar os três dias num quarto confortável, com muita comida e bebida.

“Já que vou morrer mesmo”, pensou ele, “pelo menos passo meus três últimos dias enchendo a pança com comida e bebida da boa!”

E assim foi.

No fim do primeiro dia, quando o empregado do rei veio retirar a comida, João disse alto:

– O primeiro já passou.

Ele estava querendo dizer que o primeiro dia já tinha passado, mas o empregado saiu dali apavorado. Era um dos bandidos que tinham roubado as joias da rainha. Foi correndo avisar seus dois comparsas.

– Acho que o tal João Grilo é adivinho mesmo!

No fim do segundo dia, quando o outro empregado do rei veio retirar a comida, João disse alto:

– O segundo já passou.

Ele estava falando do segundo dia, mas o empregado saiu dali apavorado. Era o outro bandido que tinha roubado as joias. Foi correndo avisar seus dois comparsas.

– Acho que o tal João Grilo é adivinho no duro!

No fim do último dia, quando o terceiro empregado do rei veio retirar a comida e João disse alto: – O terceiro já passou –, o danado caiu de joelhos e confessou tudo. Pediu pelo amor de Deus. Que João Grilo não contasse nada para o rei. Jurou que os três iam devolver as joias.

Por dentro, João Grilo ficou surpreso. Por fora, fez cara de grande adivinhão e ainda disse:

– Combinado, mas quero as joias da rainha, agorinha mesmo, aqui na mão!

No dia seguinte, quando o rei apareceu e viu as joias, quase chorou de alegria.

– Você é adivinho de verdade!

E deu para João um saco cheio de moedas de ouro. Mas antes resolveu fazer um último teste. Foi até a cozinha do palácio e pegou o rabo de uma porca que estava sendo preparada para virar almoço. Voltou, chamou João e disse:

– Quero ver se você é bom mesmo. Adivinhe o que eu tenho na mão.

João Grilo se apavorou e respondeu:

– Agora é que a porca torceu o rabo!

O rei arregalou os olhos.

– Adivinhou!

E, assim, João Grilo pegou suas coisas e foi embora cheio de ouro e muito dinheiro.

Foi, foi, foi e chegou noutra cidade. Soube que o rei do lugar tinha uma filha muito bonita que queria se casar. Mas só casava com quem conseguisse responder quatro perguntas do rei.

João Grilo encheu o peito:

– Mas eu sou adivinhão!

E foi direto para o palácio procurar o tal rei.

Do trono, o monarca examinou João Grilo de cima a baixo e quis saber:

– Qual é seu nome?

João mentiu:

– Me chamo João Baratão.

E o rei:

– Saiba, João Baratão, que, se conseguir responder às quatro perguntas, casa com a princesa.

Mas fez cara de ameaça:

– Agora, se errar, vai direto pro cemitério!

Por dentro, João sentiu um friozinho na espinha. Por fora, respondeu com voz firme de grande mestre na arte de adivinhar:

– Vamos lá, majestade, diga logo quais são as quatro perguntas!

O rei insistiu:

– Muita gente já tentou e tive que mandar cortar o pescoço!

E João:

– Vai perguntar ou não vai?

E o rei:

– Então segura esta: qual é o peso da Terra?

João Grilo pensou um pouco e respondeu:

– Mandar tirar todas as pedras e árvores do mundo que eu peso a Terra e depois digo.

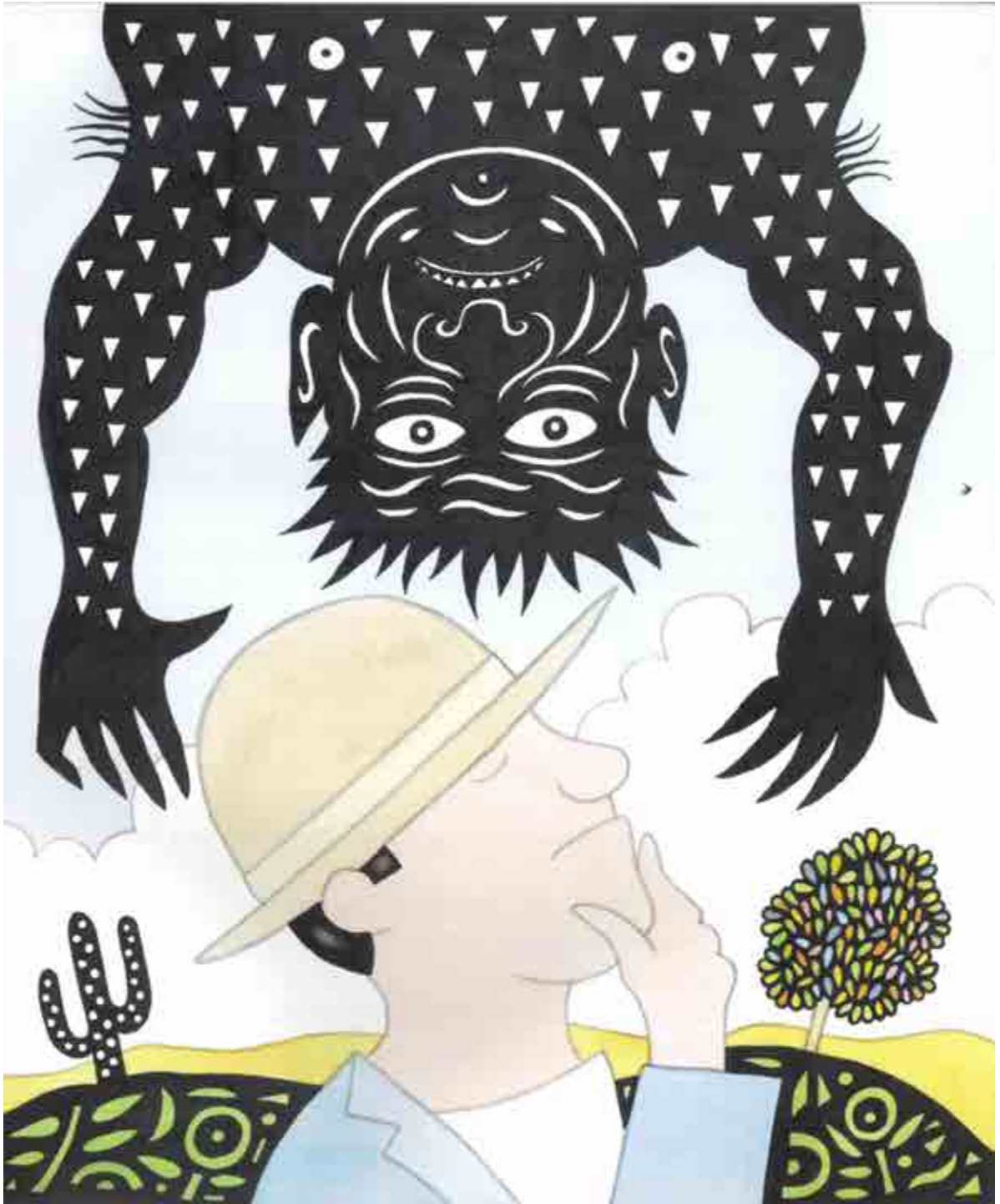
O rei gostou da resposta. E fez a segunda pergunta:

– Quanta água existe no mar?

João pensou um pouco e respondeu:

– Mandar parar todos os rios do mundo pra eu poder calcular!

O rei gostou da resposta. E fez a terceira pergunta:



– Quantas estrelas existem no céu?

João pensou um pouco e respondeu:

– Três trilhões, trezentas e trinta e três mil e trinta e três vírgula três.

O rei ficou surpreso:

– Como você sabe?

E João:

– É certeza! Pode mandar contar, ué!

O rei gostou da resposta. E fez a última pergunta. Mas antes avisou:

– É a mais cabeluda. Preste muita atenção: o que é que eu estou pensando agora?

João Grilo nem vacilou:

– Está pensando que eu sou João Baratão, mas eu sou é o João Grilo!

Todos deram risada. O rei aprovou a resposta. A princesa, que tinha assistido à adivinhação, sorriu satisfeita. Tinha adorado o jeito alegre, sabido e adivinhão de João Grilo.

O rei mandou fazer uma festa daquelas. Os pais do João foram convidados. Teve sanfoneiro, forró e tudo. Dizem que foi tanta alegria, tanta dança e tanta comilança que a festança varou sete dias e sete noites.

*Eu também fui convidado
Pra você trouxe um docinho
Mas como eu sou esganado
Comi tudo no caminho!*



1.2.17 *Adivinha, adivinhão*, de Téo Brandão

III. ADIVINHA, ADIVINHÃO

Era uma vez um homem muito sabido mas infeliz nos negócios. Já estava ficando velho e continuava pobre como Job. Pensou muito em melhorar sua vida e resolveu sair pelo mundo dizendo-se adivinhão. Dito e feito. Arranjou uma trouxa com a roupa e largou-se. Depois de muito andar chegou ao palácio de um rei e pediu licença para dormir. Quando estava ceiando o rei lhe disse que o palácio estava cheio de ladrões astuciosos. Val o homem e se oferece para descobrir tudo, ficando um mês naquela beleza. O rei aceitou. No outro dia, o homem passou do bom e do melhor e não descobriu coisa nenhuma. Na hora de ceiar, quando o criado trazia o café, o adivinho exclamou, referindo-se ao dia que passara:

— Um está visto!

O criado ficou branco de medo porque era justamente um dos ladrões. No dia seguinte veio outro criado ao anoitecer e o adivinhão repetiu:

— O segundo está aqui!

O criado, também gatuno, empalideceu e atirou-se de joelhos, confessando tudo e dando o

46

nome do terceiro cúmplice. Foram presos e o rei ficou satisfeito com as habilidades do adivinho.

Dias depois roubaram a coroa do rei e este prometeu uma riqueza a quem adivinhasse o ladrão. O adivinho reuniu todos os criados numa sala e cobriu um galo com uma toalha. Depois explicou que todos deviam passar a mão nas costas do galo. O ladrão havia de ser denunciado pelo canto do galo. Todos os criados passaram a mão. O adivinho, cada vez que alguém ia meter o braço debaixo da toalha, fazia piruetas e dizia alto:

— Adivinha, adivinhão,

A mão do ladrão!

Todos acabaram de fazer o serviço e o adivinho mandou que mostrassem a palma da mão.

Dois homens estavam com as mãos limpas e os demais sujos de fuligem.

— Prendam estes dois que são os ladrões da coroa!

Os homens foram presos e eram eles mesmos. A coroa foi achada. O adivinho explicou a manobra. O galo estava coberto de tizna de panela, emporcalhando a mão de quem lhe tocasse nas costas. Os dois ladrões não quiseram arriscar a sorte e por isso fingiram apenas que o faziam, ficando com as mãos limpas.

O rei deu muito dinheiro ao adivinhão e este voltou rico para sua terra.

Como na versão de Sílvio Romero, não ocorre o nome de João Grilo, bem assim os episódios em que o herói adivinha o grilo, a porca, as fezes etc., não obstante apareça um novo episódio — o do galo tiznado, que não faz parte de nenhuma das versões conhecidas e classificadas da facécia, e que ao próprio Câmara Cascudo (1946:287) parece convergência brasileira de outra estória francesa.

A quarta versão é versificada e é presumivelmente da autoria do célebre folhetista pernambucano João Martins de Ataíde, e leva o nome de *Proezas de João Grilo*, pois seu título não se encontra, como acontece com outras obras atribuídas a e publicadas por Ataíde, na *Bibliografia Prévia de Leandro Gomes de Barros*, de Sebastião Nunes Batista (1971). É um folheto de 32 páginas, em que alguns episódios da facécia (as adivinhações das fezes e da porca) aparecem destacados da estória, sem se acompanharem do episódio central que é o da descoberta do tesouro do rei, substituído, contudo, por uma série de adivinhações e respostas que pertencem, antes, a outros heróis e personagens de contos faceciosos e de romances populares como a *Donzela Teodora*, *O Menino Sabido* (*João Traquino*), *Camões* (o popular e anedótico, e não o clássico e histórico), todos eles, tal como João Grilo, indivíduos ardilosos, argutos, sabedores de respostas e adivinhações.

Desse folheto, muito comum nas bancas de feira, transcrevemos as quatro estrofes iniciais e, depois, aquelas em que se relatam os episódios pertinentes tradicionalmente ao raco:

1.2.18 *História de João Grilo*, de Téo Brandão**X.c. HISTÓRIA DE JOÃO GRILLO (Conto nº 7)**

Era uma vez um moço muito preguiçoso, por nome João Grilo, casado de novo, mas não queria trabalhar. A mulher apartou com ele, que precisava ganhar mais, pois eles viviam de alugar o pasto para os tropeiros, naquele tempo, a vinte por cabeça, ché o que que dava?

João Grilo pensou, pensou e falou: — Vou ser adivinhador! Pegou três cavalos, dos melhores, que estavam de pouso, levou para o meio do matão e escondeu bem.

Os tropeiros, no outro dia, procuraram que procuraram, nada de encontrarem os cavalos. João Grilo propôs a eles adivinhar onde estavam os cavalos. Aceitaram. Arranjou um pouco de cinza e traçou, traçou no terreiro, fez umas historiadas e disse: — Estão em tal e tal lugar, uma picada às direitas da estrada larga, no matão. Os tropeiros voltaram contentes com os cavalos e deram uma boa gratificação a João Grilo.

Ele foi se mostrar à mulher: — Eu não disse que arranjava o dinheiro? Depois mandou escrever um letreiro em cima da porta de sua casa: João Grilo, adivinhador.

Foram contar pro rei. O rei mandou buscar o tal para o palácio e fazer a ele umas perguntas.

Se não respondesse, a cabeça dele voava pelos ares.

Fechou uma porta num quarto e mandou que ele adivinhasse. João Grilo se viu perdido, coçou a cabeça e falou: — Agora é que a porca torce o rabo!

O rei gostou muito, pegou um grilo e fechou a mão.

— Me diga, então, o que é que eu tenho na mão?

O nosso homem lida que lida, viu que não podia adivinhar e respondeu:

— João Grilo está perdido!

O rei gostou.

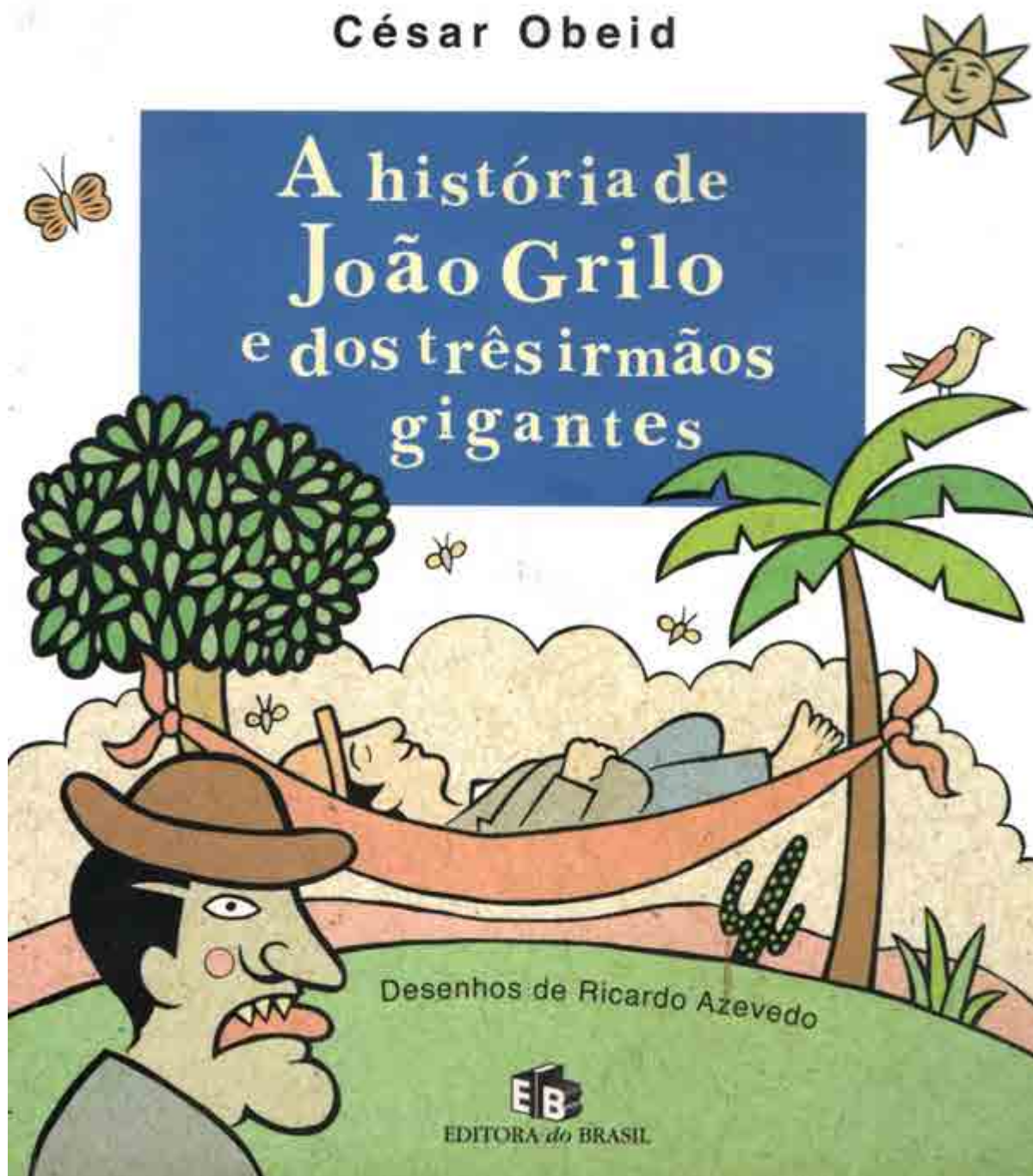
Depois, Sua Majestade mandou encher de fezes uma tigela (com perdão da palavra!) e pôr na mesa no meio de outros pratos. Perguntou o que era.

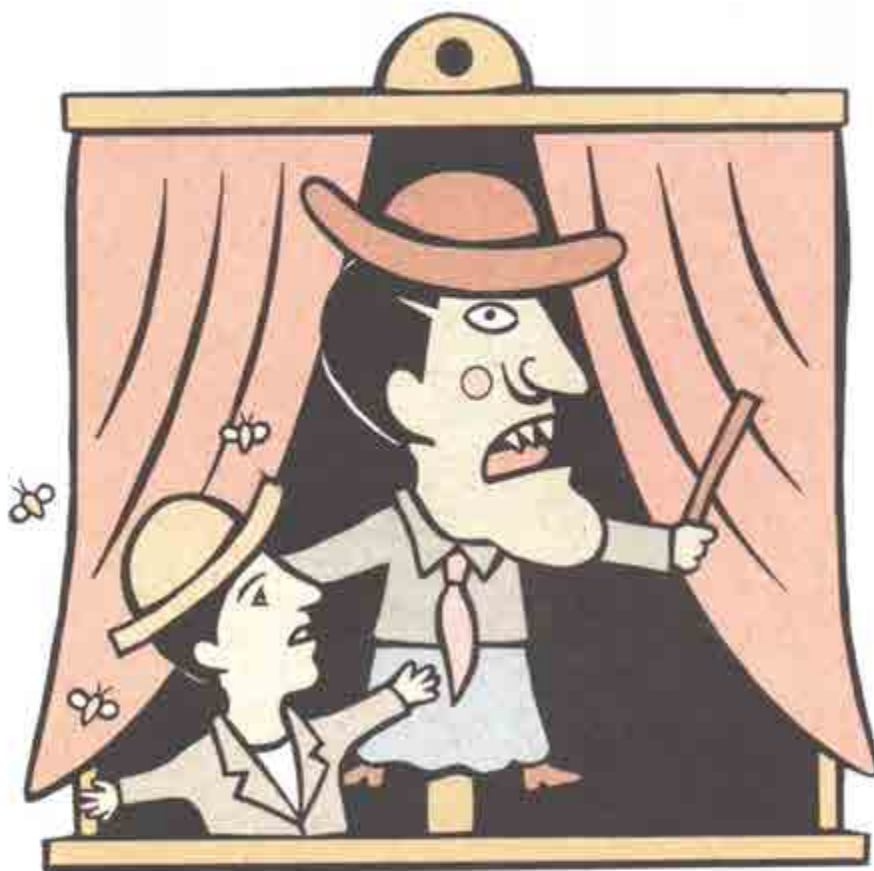
João Grilo nada de adivinhar. Só pôde mesmo dizer: — Bem minha mãe me dizia que as minhas adivinhações iam dar em fezes!

Foi perdoado e saiu muito contente.

Uma outra versão brasileira, conquanto em obra publicada em 1963, só agora

nos foi dado conhecer. Trata-se de uma versão baiana de Deoscóredes M. dos Santos (Didi) (1963:7-9), ilustrado etnólogo de Salvador, e é justamente o primeiro conto de sua obra. A versão que vai constituir a nossa redação brasileira nº XI leva o título de *O Homem Que Se Julgava Sábio* e assim reza:

1.2.19 *A história de João Grilo e dos três irmãos gigantes*, de César Obeid



*Vou fazer rimas bonitas
Em vogais e consoantes
Nas estrofes de cordel
Com os versos mais vibrantes
Apresento tão tranquilo
A história de João Grilo
E dos três irmãos gigantes.*



Numa ação tão envolvente
Vai andar nosso João
Personagem principal
Desta nossa narração
Tem um nome engraçado
Vive sempre esfomeado
Rodar mundo é a vocação.



João Grilo é sossegado
Nunca deixa a vida tensa
Nada pede a ninguém
Também nada ele dispensa
Vive a contrariedade
Ninguém sabe a sua idade
Nem tampouco o que ele pensa.

João Grilo não dispensa
Nenhum prato de comida
A barriga estando cheia
Ele nunca se intimida
Roda o mundo sem parar
Para só pra cochilar
Assim leva a sua vida.

Certo dia, caminhando
Uma fava encontrou
A guardou dentro do bolso
E uma ideia então brotou:
“Esta fava eu vou guardar
No futuro vou plantar!”
Depois logo cochilou.



Bem no meio do cochilo
 Passou por alguns tormentos
 Porque tinha em seu joelho
 Uns pequenos ferimentos
 Que atraíram alguns mosquitos
 Espantou todos sem gritos
 Que somados dão quinhentos.



- Espantei mais de quinhentos
 Hoje a sorte já chegou!
 Escreveu uma plaqueta
 No pescoço pendurou
 Escreveu assim: JOÃO
 UM GUERREIRO VALENTÃO
 QUE A QUINHENTOS ESPANTOU.



Andou ao Norte e ao Sul
 Rodou vila e povoado
 Andou tanto, mas parou
 Em um reino atordoado
 Onde três irmãos gigantes
 São malvados, são tratantes
 Deixam tudo revirado.



Matam o gado sem ter dó
 Vivem só de atazanar
 As ovelhas, as galinhas
 Nunca param de roubar
 Deixam o reino em tormento
 E maltratam o jumento
 Deixam o galo sem cantar.





João viu alguém gritar:
 - Meus cabritos, onde estão?
 Depois viu um outro alguém:
 - Os meus porcos, aonde vão?
 Uma grande gritaria
 Uma louca estripulia
 Viu ali nosso João.

E o Rei daquele reino
 Já estava enlouquecido
 Pois a farra dos gigantes
 O deixava bem falido:
 - Oh, meu Deus, o que eu faço?
 Tudo está um embaraço
 O meu reino está perdido...

Ele até ofereceu
 A mão da sua princesa
 Foram nobres e guerreiros
 Gente de força e destreza
 Pra prendê-los lá tentaram
 Mas seus atos fracassaram
 E voltaram com tristeza.

É porque os três gigantes
 Tinham força até de sobra
 O mais novo, uma criança
 Que engolia até uma cobra
 O "do meio", um ser horrível
 Que julgava impossível
 Não fazer qualquer manobra.





O mais velho era assim
 Feio, forte e terrível
 Sua altura era imensa
 Era bruto, indestrutível
 Bravo dos pés ao cabelo
 Bem difícil de vencê-lo
 Ou então algo impossível.

O Rei disse ao seu Ministro:
 – O que mais posso fazer?
 O Ministro lhe falou:
 – Majestade, eu pude ver
 Um valente forasteiro
 Que nos diz o tempo inteiro
 Que ele mata sem temer.

– Quero ver o forte homem
 Que o meu reino vai salvar
 Eu preciso de um valente
 Que não deixe se assustar
 Vamos lá, caro Ministro,
 Se o meu reino está sinistro
 Hoje mesmo vai mudar.

Foram ver o João Grilo
 Que dormia na banquetta
 Mas o Rei vendo o magrelo
 Suspirou e fez careta:
 – Ele mal consegue andar...
 Mas preciso acreditar
 No que diz sua plaqueta.



– Meu Ministro, é esse o homem?
 – Com certeza, Majestade.
 – Mas, Ministro, ele é magrelo
 Seu tamanho é a metade.
 – Majestade, a aparência
 Não comprova a experiência
 Nem a força de vontade.



– Então, meu caro Ministro,
 O acorde urgentemente.
 – Saia já desta banquetta
 Que o Rei se faz presente!
 João Grilo se assustou
 Porém calmo ele falou:
 – Sou seu servo mais contente.

– Quero que dê fim à farra
 Dos gigantes da montanha
 Como já matou quinhentos
 Fará fácil essa façanha
 Se vencer, ganha a princesa
 Se perder, tenha certeza
 Sua morte você ganha.



O João quis explicar
 Mas ninguém ouviu seus gritos
 Pois o Rei não entendeu
 O sentido dos escritos
 Ele nem pôde explicar
 Que os quinhentos do placar
 Eram só alguns mosquitos.



Num segundo já vestiram
 No João uma armadura
 Com aquele peso todo
 Ficou cheio de tontura
 Mas falou muito tranquilo:
 – Chega, meu nome é João Grilo
 Não preciso de frescura!

Retirando a armadura
 João disse: – Topo a rota
 Quero a roupa de um médico
 Um machado e uma ricota
 E uma roupa de pastor.
 O Rei disse: – És um amor,
 Que provou ser patriota.

Então digo ao meu leitor
 Que os gigantes não moravam
 Os três numa mesma casa
 Bem distantes lá ficavam
 Cada qual tinha seu canto
 Cada canto era um espanto
 Mil espantos exalavam.



João foi para a montanha
 Sem receita, sem ter bula
 Carregando um machado
 Foi à casa do caçula
 Era um bebê gigante
 Que gritou ao viajante:
 – De você eu tenho gula.

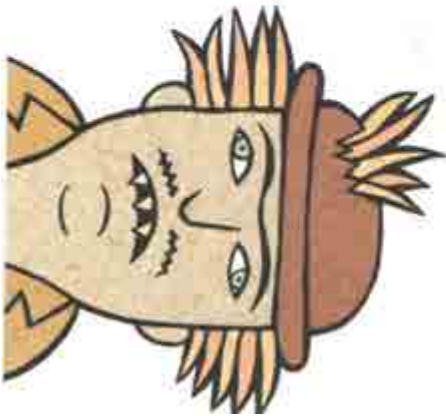




O caçula gigantinho
 Era muito engraçado
 Mal saíra de suas fraldas
 E já estava revoltado:
 – Vou agora te engolir
 Não vai dar para fugir
 Seu magrelo, seu coitado.

Mas João Grilo ficou calmo
 Disse ao moço sem ter medo:
 – Eu fabrico bons caixões
 Vim cortar seu arvoredor
 Que dá tábua boa, eu sei
 É porque o nosso Rei
 Faleceu hoje bem cedo.

O caçula amansou
 Escutando atentamente
 Sua cara emburrada
 Ficou logo diferente
 Era o que ele mais queria
 Fazer sua estripulia
 Sem o Rei ali presente.



O caçula disse alegre:
 – Só me traz felicidades
 É agora que os gigantes
 Farão mais atrocidades
 Com a morte desse Rei
 Nós faremos toda a lei
 Recheada de maldades.

Muito esperto disse o Grilo:
 – Meu caçula tão querido
 Eu não sei quais as medidas
 Do Reizinho falecido.
 O caçula disse: – Eu sei!
 Minha altura tem o Rei
 E o tamanho é parecido.



O João logo mediu
 O grandão caçula ali
 Fabricou um belo caixão
 Disse: – É o mais lindo que vi
 Meu caçula que aqui está
 Pra saber se servirá
 Por favor, entre aqui.

E depois que ele entrou
 Começou a rir João
 Que trancou o gigantinho
 Ali dentro do caixão
 Ficou bem preso o gigante
 E os guardas num instante
 O levaram pra prisão.



– O primeiro eu já peguei
 Vou pegar logo o segundo
 Visto a roupa de doutor
 De esperteza me inundo
 Daqui subo noutro trecho
 Nenhum deles solto deixo
 E respiro bem profundo.

E subiu mais a montanha
 Para a casa do "do meio"
 Um jardim horripilante
 De lixo estava cheio
 Digo que o "do meio" era
 Um caolho feito fera
 Que se achava muito feio.

O "do meio" abriu a porta
 Bruto, bravo e a berrar:
 – Olha aqui ô, rapazote
 Vou agora te matar!
 Mas sem medo disse João:
 – Vim trazer sua visão
 Sou doutor, vim pra curar.

Ao ouvir essas palavras
 O "do meio" amansou
 Sua cara emburrada
 Num segundo já mudou
 Era o que ele mais queria
 Enxergar a luz do dia
 Com o olho que apagou.

– Você veio me curar?
 – Claro, eu vim te trazer paz.
 – E eu que ia te matar..
 – Mas agora não vai mais.
 – Eu agora estou tranquilo..
 – O meu nome é João Grilo.
 – Um prazer, meu bom rapaz.





– Faça tudo o que eu mandar
 Pegue a sálvia no jardim
 Alecrim do cheiro forte
 Dente-de-leão, capim
 Com as ervas na minha mão
 Fervo tudo em caldeirão
 Com óleo de gergelim.

João, dentro da mistura
 Um sonífero ele botou
 O “do meio” bebeu tudo
 Depois logo desmaiou
 Foi levado pra prisão
 Pra ficar com seu irmão
 Que em um caixão entrou.

– Dois eu já pude prender
 O terceiro ainda falta
 O mais velho gigantão
 Mora na parte mais alta
 Eu preciso de coragem
 Levo astúcia na bagagem
 Minha vida é bem peralta.



Caminhou entre escombros
 Fedor, lixo e nevoeiro
 A ricota que ele tem
 Cumprirá o seu roteiro
 João à porta lá bateu
 O mais velho o recebeu:
 – Vou matar o forasteiro!





João Grilo calmamente
A ricota ele esmagou
Como sendo uma pedra
Pelos dedos espalhou
Disse o grande pro João:
– A minha admiração
Você agora conquistou.

João, doce, lhe sorriu
Com seu jeito mais tranquilo:
– Meu gigante mais velhinho
Sou chamado de João Grilo
Eu sou forte de nascença
Mas agora, com licença,
Vou tirar o meu cochilo.



E assim fez o João Grilo
Cochilou em um instante
Ao pé de uma grande árvore
Lá na casa do gigante
Que pensou desconfiado:
– Como pode ser mirrado,
Mas tão forte o viajante?

O gigante disse assim
Acordando o tal João:
– Eu proponho uma aposta
De lançar esse pião
Quem mais longe o atirar
A moeda vai ganhar
E será o campeão.



O João logo aceitou
 A aposta sem pensar
 O mais velho arremessou
 Muito longe foi parar
 Passou todas as montanhas
 E vibrou suas façanhas:
 – Essa aposta eu vou ganhar,

E depois foi o João
 Como sempre, muito arteiro
 Tendo tudo planejado
 Foi esperto, foi ligeiro
 Respirou profundamente
 E com um gesto somente
 Cumprirá o seu roteiro.

Tendo planos na cabeça
 Fingiu o pião lançar
 E fazia muitos gestos
 Pra um navio em alto-mar
 O gigante não entendia
 O que nosso João fazia
 Que pulava sem parar.

Digo então para o leitor
 Qual o plano do João
 O mar era muito longe
 Não iria algum pião
 Mas enquanto ele não via
 O João esconderia
 O pião em seu calção.





Disse assim para o gigante:
 – Eu sou mesmo exemplar!
 Essa aposta eu já ganhei
 Meu gigante, olhe pro mar
 Não enxerga ali o navio?
 Meu pião sem ter desvio
 Dentro dele foi parar.

Assustado, o mais velho
 Pensou: Mas que força a dele?
 Lhe entregó essa moeda
 Mas não vou temer aquele
 Que não mostra sua fraqueza
 Porque eu tenho a certeza
 Sou mais forte do que ele.

João disse ao gigantão
 Que tem voz grossa, imposta:
 – Atenção, meu caro amigo,
 Eu te faço outra proposta
 Quem mais fundo enfiar
 Dedo n'árvore secular
 Ganhará a outra aposta.

O gigante então sorriu:
 – Esta aposta eu já ganho
 Porque sou muito mais forte
 É maior o meu tamanho
 Vou meter aqui meu dedo
 Seja em árvore ou rochedo
 Eu começo, não me acanho.



Foi assim que ele fez
 O gigante sem ter medo
 Lá no tronco do carvalho
 Afundou todo seu dedo:
 – Veja só como é que faz!
 Mas o Grilo afundou mais
 Porque tinha um segredo.



Quando o dia era bem cedo
 João Grilo havia feito
 Um buraco e tampou
 Com a casca, assim perfeito
 Então pôde pôr sua mão
 Assustado, o gigantão
 Deu a prata de direito.

E não é que o gigantão
 Ficou muito assustado?
 Como ele poderia
 Forte, bravo e preparado
 Bem maior que um guarda-costas
 Perder todas as apostas
 Para um pobre João mirrado?



Umás horas se passaram
 E a noite chegou fria
 João Grilo foi dormir
 Numa cama bem macia
 O gigante amedrontado
 Foi terrível, foi malvado
 Enquanto o João dormia.



Vejam só o que ele fez
 O terrível gigantão
 Esmagou sua cabeça
 Com porrete na sua mão
 E agora eu lhe pergunto
 Será que virou defunto
 O pequeno amigo João?



A cabeça esmagaria
 Se João fosse um otário
 Mas convém saber, leitor
 Que dormia ele ao contrário
 Onde era o travesseiro
 Pôs uma abóbora ligeiro
 E livrou-se do calvário.



Na manhã o João falou:
 – Um bom dia, queridão!
 O gigante se assustou:
 – Como está vivo, João?
 O seu rosto não marcou
 Na cabeça que apanhou?
 Isso não é homem, não!

Disse o grande ao João Grilo:
 – Outra aposta vou fazer
 Uma aposta de corrida
 Vamos ver quem vai vencer
 João disse: – Eu aceito
 Mas pro trato ser perfeito
 A vantagem eu quero ter.



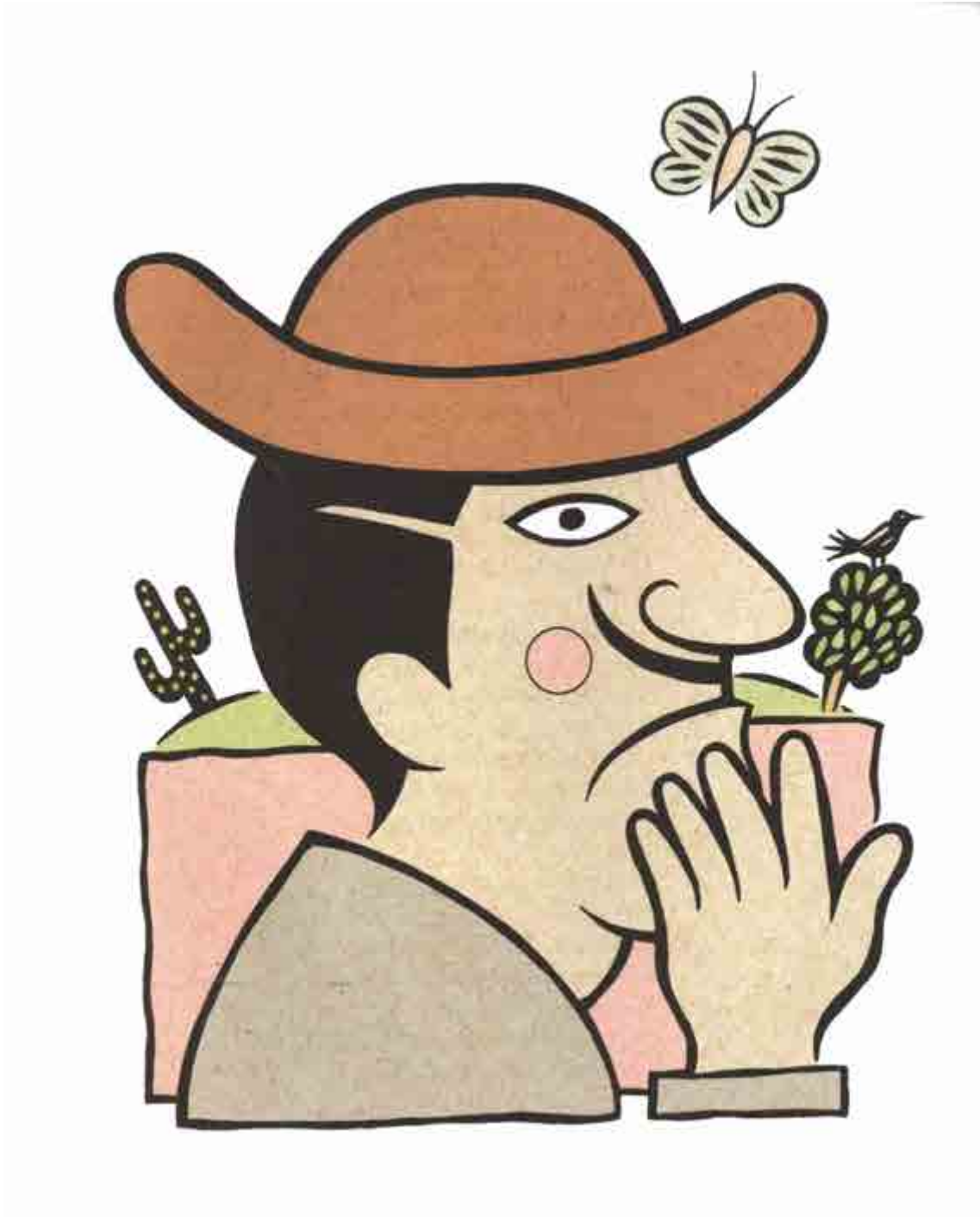
João quis sair na frente
Porque o outro era maior
O gigante consentiu:
– Você corre bem pior.
Disse o Grilo: – Eu saio já
Fique meia hora cá
E que vença o melhor.

Então nosso João Grilo
Partiu feito um bom vapor
Mais à frente ele vestiu
Suas roupas de pastor
Ficou ótimo disfarçado
E esperou ali sentado
O gigante corredor.

O gigante vinha vindo
Muito mais que a mil por hora
Perguntou para o “pastor”:
– Me responda sem demora
Qual caminho do João?
Quero sua direção
Vou pegá-lo bem agora.

O “pastor” disse então
Ao gigante apavorado:
– Você quer ver o João Grilo
O magrelo tão mirrado?
Meu gigante, essa história
É só coisa de memória,
Pois se deu lá no passado.







– Que passado coisa alguma!
 Eu conheço esse rapaz.
 Nós fizemos uma aposta
 Há só meia hora atrás
 Então disse o “pastor”:
 – Eu não disse pro senhor?
 Já diziam os meus pais.

... Que ouviram dos avós
 De uma outra geração
 João Grilo teve histórias
 Que causaram confusão
 Acho muito engraçado
 É o causo mais contado
 Do pião em seu calção.



– Porém como sabe disso
 Se esse fato foi recente?
 E João Grilo, disfarçado
 Disse ao grande calmamente:
 – De que tempo você fala?
 Isso é história que embala
 A memória dessa gente.

– Mas pastor, o que é isso?
 Não estou te entendendo!
 Eu conheço o João Grilo
 Eu o vi sair correndo...
 Quanto mais João falava
 Mais o grande se assustava
 Pois estava enlouquecendo.





– Meu gigante, e o porrete,
 Como meu papai dizia,
 E o buraco lá da árvore
 Que foi feito noutra dia
 São histórias bem contadas
 Pelas gerações passadas
 Que não perdem a magia.

O gigante teve um troço
 Sua vista esfumaçou
 Ficou com as pernas bambas
 O seu corpo tonteou
 E o mais cruel gigante
 Muito frágil num instante
 Logo, logo desmaiou,

Sem saber o que passou
 Caiu duro o tal gigante
 E os guardas o levaram
 Pra prisão horripilante
 O João ganhou mais uma
 Porque nunca se acostuma
 A perder nenhum instante.

Tendo sua missão cumprida
 Foi atrás do prometido
 Foi casar com a princesa
 Para ser o seu marido
 Mas o Rei voltou atrás:
 – Não a caso com rapaz
 Pobre, magro e bem falido.



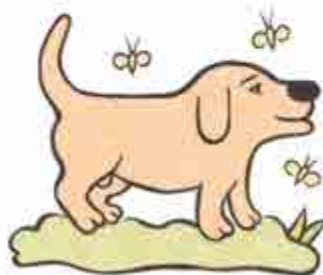


– Mas o Rei me prometeu!
 – Saia já do meu reinado
 Os gigantes estão presos
 Não estou mais preocupado.
 João foi bem lentamente
 Como quem cria repente
 Fez um verso improvisado:

– Vou embora do reinado
 Co'a princesa não casei
 Os gigantes tão selvagens
 Eu preendi para esse Rei
 Era só o que me faltava
 Mas ao menos tenho a fava
 Da qual não me separei.

Caminhando em silêncio
 Sem pensar mesmo em nada
 Veio a noite de mistérios
 É a preguiça bem danada
 Quando João tava dormindo
 À sua frente foi surgindo
 Uma linda e meiga fada.

Era bem misteriosa
 Sorridente e bonitinha
 Disse: – João Grilo, acorde
 Chega de cochiladinha
 Abandone esse seu sono
 Para quem perdeu o trono
 Vou fazer uma adivinha.



Acordando, João disse:
 Mas é disso que eu preciso!
 Disse a fada: – Atenção,
 Muita luz ao teu juízo
 A charada eu vou mandar
 Se você já acertar
 Dois desejos realizo.

... Eu vivia em prejuízo
 Você me deixou contente
 Andei muito com você
 Sempre estive tão presente
 Me responda bem pensado
 Já estive ao seu lado
 Hoje estou na sua frente.



João disse alegremente:
 – Eu já desatei seu nó
 A resposta é você
 É você, e quer ver só!
 E no bolso pôs a mão
 Nada viu nosso João
 Só apenas algum pó.

– Esse é o pó da minha fava
 Que agora eu compreendo
 Você é uma bela fada
 Que meus olhos estão vendo
 Ela disse: – Acertou!
 Dois pedidos já ganhou
 Peça logo que eu atendo.



– Bela fada, eu pretendo
Ver o Rei lá na prisão
Junto com os três gigantes
Pra dar muita confusão
O segundo bom pedido
Quero já ser atendido
É uma farta refeição.



O Rei foi para a prisão
Como fora desejado
Ficar com os três gigantes
Que danavam o reinado
Quando viu os gigantes
Ar faltou aos seus pulmões
Caiu duro, desmaiado.

O segundo foi assim
Uma mesa com fartura
Muitos doces e sementes
Torta, fruta e verdura
O João comeu demais
Que a barriga do rapaz
Mais um pouco quase fura.

Depois que a fada partiu
Cochilou lá no jardim
Os mosquitos foram vê-lo
Espantou todos assim
Porém isso é outra história
O João teve vitória
E esta história chega ao fim.



Mas vai terminar assim
Sem casar com a princesa?
Como é que você usa
Toda a sua esperteza?
Mão na frente e outra atrás
Isso é ser burro demais
Oh, João, tenha firmeza!

Este foi o narrador
Que falou para o João
Que só deu um sorrisinho
Com seu jeito tranquilão
Com sorriso no seu rosto
Com seu rosto bem disposto
E amor no coração.

– Eu nasci pra rodar mundo
Com amor e alegria
Não preciso de palácio
Nem princesa de valia
Hoje aqui já fiz meu treino
Vou partir pra um outro reino
Adeus, até outro dia!





Foram ver o João Grilo
 Que dormia na banquetta
 Mas o Rei vendo o magrelo
 Suspirou e fez careta:
 - Ele mal consegue andar...
 Mas preciso acreditar
 Não que diz sua plaqueta.
 [...]
 Num segundo já vestiram
 No João uma armadura
 Com aquele peso todo
 Ficou cheio de tontura
 Mas falou muito tranqüilo:
 - Chega, meu nome é João Grilo
 Não preciso de frescura!



1.2.20 *Carcará*, de Ivan Bichara

I

A FEIRA era uma festa. A cidade se animava: as ruas quietas se povoavam de transeuntes. O sábado era um dia diferente, vivo, cheio de promessas e novidades. O sol, absoluto, criava a agitação geral, iluminando os telhados, as fachadas dos prédios, as calçadas, as ruas, os toldos das barracas, as fisionomias rudes e bronzeadas dos sertanejos.

Saindo de suas tocas, na zona rural, madrugada, bem cedo, antes de os galos cantarem, convergia para a cidade gente de todos os cantos do município e das localidades vizinhas: moradores, vaqueiros, artesãos, pequenos proprietários, dependentes, mulheres, crianças, velhos, todos tocados pela magia de um novo dia.

Os homens, faróis ou sacos nos ombros, ou tanguendo animais de carga, vestiam calças de brim duro, alpercatas de rã-bicho, chapéu de palha ou de couro; a camisa de algodãozinho, fora das calças, escondia a face do ponta ou a peixeira, que tinha muitas serventias: as mulheres, a pé, mesmo quando o chefe de família vinha montado, arrastavam seus longos vestidos de chita; usavam um pano branco ou colorido, que descia da cabeça e lhes cobria o rosto grave; os chinelos de couro estalavam no chão duro; outras, descalças, com os sapatos na mão, os calçavam na entrada da rua. Uns vinham passear, como os meninos e as moças; outros, vender e comprar. Traziam dos sítios: esteiras de carnaúba, rapadura, garrafas de manteiga, queijos, alfinim, farinha, pimenta...

Havia diversas feiras: a de cereais, que era a mais extensa; a de frutas e legumes; a de barro: panelas, quartinhas, potes, jarras, tijelas, vasilhas de todos os tipos e tamanhos; a feira dos "mangaeiros", com predominância das mulheres, que espalhavam pelo chão os produtos mais variados: colher de pau, abano, cordas, payó de candeeiro, bolo de milho, pé-de-moleque feito com rapadura preta, doces de corte, tapioca, beiju, chouriço e ervas e raízes em profusão, tais como: alcecrim, gengibre, pimenta de cheiro e malagueta, jarrinha, umburana de cheiro, jalapa, jurubeba, quebra-pedra, pega-pinto, cabeça-de-negro, garrafadas para dores de mulher e desengano de velho; havia, ainda, num canto da cidade, a feira de animais: reses, cavalos, burros, jumentos, bodes, carneiros, onde apareciam, às vezes, e desapareciam, os ciganos, sem que ninguém soubesse sua procedência e seu destino...

Nos últimos tempos, com os constantes boatos de ameaça de invasão por parte dos cangaceiros, que rondavam, livres, nos municípios vizinhos do Ceará, a feira diminuía de tamanho e movimento. Nunca deixava, entretanto, de realizar-se, pois sem ela não se comercializavam os produtos da terra e do rudo artesanato rural; sem a feira, as casas comerciais paravam de vender, ou vendiam tão pouco que mal dava para pagar os impostos.

Chovesse ou fizesse sol, havia, sempre, para alegria da gente do mato e da cidade, a presença dos sanfoneiros, dos cantadores e violeiros. Por ali já tinham passado nomes conhecidos e respeitados como o Cego Sinfrônio, Preto Limão, Romano, Jacó Passarinho e outros, vindos do Teixeira, do Piancó e do Joazeiro do Padre Cícero Romão Batista, ponto de convergência de cangaceiros, de bestas e de cantadores, também, que iam pedir a bênção do Padrinho, cantar nas grandes feiras, comprar e trocar folhetos, e tentar imprimir, nas diversas oficinas ali existentes, os seus próprios versos.

Em Cajazeiras, na porta do Mercado, apareciam, além dos cantadores da terra, os de fora, precedidos pela fama do seu talento e pela força de suas violas e sanfonas.

Foi naquele recanto, no Mercado, que João Boanova ouviu o Cego Alexandre pela primeira vez. Sentado no banco tosco, os ombros e a cabeça levantados pela posição da rebeca, apoiada do lado esquerdo do peito, a voluta para baixo, o cantor era uma figura impressionante. Cabelos grisalhos abundantes, a tez bronzada, os olhos escuros, não mantinha uma atitude humilde ou piegas. Os lábios grossos, a boca amarga e dura, o ar resoluto e quase agressivo contrastavam com o apelo habitual dos violeiros cegos, que repetia na sua voz nasalada e rouca:

*Se eu tivesse a luz dos olhos,
Trabalhava, e não podia,
Filho de Nossa Senhora.*

Ficava horas, sem sentir, ouvindo as narrativas do Cego Alexandre: "A Imperatriz Porcina", "Roberto do Diabo", "A Donzela Teodora", "Alonso e Martins", "A História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França".

Conhecia alguns desses contos e novelas, divulgados pelos folhetos vendidos nas feiras. Surpreendeu-se, entretanto, com o tratamento novo dado às fábulas e às lendas, numa linguagem que era corrente, popular, mas não era rasteira; que obedecia ao roteiro tradicional, mas refletia, também, a inventiva ou imaginação do intérprete.

No Colégio Padre Rolim, para os seus companheiros do "curso de preparatórios" transmitia, emocionado, a impressão que lhe causara o cantor. Ninguém lhe deu a mínima atenção.

Com os professores foi mais decepcionante, ainda. O professor de português, Félix Pamplona, ex-seminarista, chegou a ser grosseiro na sua reação. Primeiro, defendeu a primazia e a exclusividade dos clássicos: Vieira, Bernardes, Herculano, Camões; e, por uma deferência de sua generosidade, Machado de Assis; segundo, desancou o pai na literatura oral ou na literatura de cordel pela sua ação deseducadora na formação literária do Nordeste.

Felizmente, só alguns poucos pensavam desse modo. Ainda no ano anterior, em palestra realizada no salão do fórum, o jornalista Leonardo Mota demonstrara, cabalmente, a poderosa in-

fluência dos cantadores e dos menestres na literatura de países como a França, Portugal, Espanha. Recitara alguns versos desses trovadores, mostrando, também, o sumo de graça e de beleza dos versos de Inácio da Catingueira, do Cego Sinfrônio, de Romano de Teixeira.

No começo do ano, no mesmo local, assistira à palestra do advogado e poeta Quintinho Cunha, do Ceará, também, que arrebatara o auditório com suas histórias e anedotas. Parte da conferência foi dedicada aos cantadores, violeiros e poetas populares do Nordeste, de que a Parahyba era fonte e matriz inesgotável. "É afetação, disse Quintinho Cunha, considerar desprezível a poesia dos nossos cantadores e repentistas por não obedecerem às regras da gramática e à metrificacão. Eles são poetas como o galo-de-campina é poeta; o galado, o pintassilgo, o concriz, a graúna, o canário da terra, todos fazem poesia. A poesia, alguém já afirmou, é como a graça: sopra onde quer."

No outro sábado, encamiuhou-se para a entrada do Mercado. No final das contas, talvez não tivesse fundamento seu entusiasmo pelo cego da rebeca. Deixara-se, talvez, ser levado por um impulso ou arrebatamento. Não valia a pena perder seu tempo com um cantor de feira.

O cego Alexandre já estava no seu canto, conversando numa roda de meninos. Um deles, de olhos castanhos, cabelo revoltado, pés no chão, com a boca toda suja da manga que chupava, fez um pedido ao cantor. Este levantou o rosto e olhou na direção do moleque:

— João Grilo de novo? Já não se cansaram das doideiras desse cabra safado? Vá lá!

Boanova começou a ouvir, interessadamente, as presepadas de João Grilo. Todos os meninos pobres do sertão se vingavam da sorte com as estripulias do moleque que parecia ter raça com o Capeta. As autoridades prepotentes, um comerciante mais ladrão do que os outros, um padre doído por dinheiro, um marido enganado, o sacerdote safado, o soldado malandro, todos eram chamados à cena na linguagem direta, maliciosa, chocante, rica, da sabedoria popular. Na voz hirta, pouco maleável, o cego

expressava a dor e o sofrimento da terra abandonada: as secas arrasadoras, as retiradas alongando os caminhos, a presença sinistra ora dos cangaceiros, ora das volantes que os perseguiam, bem parecidos nos traços, na arrogância, nas crueldades inímitas.

Via João Boanova, no canto triste do Cego, o drama pungente, repetido, costumeiro da terra do sol: homens com enxadas seu serrentia carregadas nos ombros; mulheres com filhas de crianças, fora a que levava nos braços e a que trazia no ventre incansável; velhos arrastando as últimas horas de vida, caminhando sem destino e olhando, sempre, para o céu, à procura da nuvem fugidia. Tudo isso era lembrado na voz rouca, mas incisiva, de seu Alexandre e de sua viola de quatro cordas.

Os meninos João Grilo, Cancão de Fogo ou Pedro Malasartes representavam, nos seus golpes, na sua astúcia, nas suas safadezas, o adormecido instinto de rebeldia da raça sofredora e aparentemente resignada.

Contavam-lhe que a língua solta e ferida do cantador era responsável pelas agressões que sofria. Mas ele não mudava. Nem mesmo quando lhe arranjavam um dia na cadeia, que ele chamava de hotel ruim do governo. Era doido, seu Alexandre? Nesse dia, João se dirigiu ao cantador, vencendo seu acanhamento:

— Sou Alexandre, bom-dia!

— Bom-dia, filho.

— Queria dizer ao senhor que gostei muito de sua canção.

— Como se chama?

— João Boanova.

— Que faz na vida para ter tempo de ouvir um cantador de feira?

— Sou estudante.

— Então está desaprendendo, pois sou um pobre violão.

— Não concordo, seu Alexandre. Acho que o senhor é um cantador fora do comum. Embora narre velhas histórias conhecidas, o senhor as renova, nelas introduz sua observação pessoal, seu modo de dizer. Entende o que quero dizer?

O velho sorria; sorriso, talvez, não expressasse bem o sentido dos lábios repuxados, num rictus nervoso, que tanto podia ser de vaidade, de alegria, como um trejeito de ironia.

— Engraçado. Quando falou, percebi que já estivera aqui, outras vezes; que era uma pessoa conhecida; não era um estranho. Entende?

— Entendo.

— Deve ter seus 18 anos.

— Está certo seu palpite. Vou fazer, breve, dezennove.

— Seu pai é comerciante?

— Meu pai, Agui Boanova, faleceu há uns quatro anos. Vivo com minha mãe. Temos uma propriedade no município.

— Já ouvi falar de você. Raimundo Anastácio repete, sempre, que deve muitos favores à senhora sua mãe.

Nasceu, assim, uma boa amizade entre o Cego Alexandre e João Boanova, apesar da reserva do primeiro. O tempo ia quebrando algumas resistências. Quando se aproximava da porta do Mercado, onde o cantador fazia ponto, este parecia adivinhar sua chegada:

— João?

— Tudo bem, seu Alexandre?

— Vou escapando, menino.

A vida de seu Alexandre estava cercada de mistério. Boanova formulava, para si mesmo, estas perguntas: de onde viera? Como chegara a Cajazeiras, cego? Ninguém sabia, ou quem sabia guardava o segredo. Seu interesse no caso não era pura curiosidade. Queria ajudar o cantador, entrando em contato com seus parentes, sua família, à fim de que o tirassem da vida amarga em que se tornara a sua vida. Tentou, certa feita, abordar seu Alexandre, perguntando-lhe onde nascera. O homem se irritou:

— Me faça um favor, João. Mude de assunto. Não tenho passado, origem, família, raízes. Sou como esses pés de xique-xique, que crescem nos telhados, sem terra, no ar. Pode me fazer esse favor?

Respondeu que sim, desculpando-se.

— Nada de pedir desculpas; é natural, rapaz.

Nunca mais voltou a tentar tal tipo de pergunta, embora continuasse indagando, entre as pessoas de sua confiança, qualquer informação sobre a vida do seu amigo. Conversou com Manoel Santana, David Casimiro; interrogou violeiros e cantadores que apareciam na feira dos sábados; chegou até a falar com Luíza, a empregada do Cego, mas o resultado dessas especulações era igual a zero. Luíza lhe deu um roteiro: duas pessoas sabiam alguma coisa sobre a vida do cantor: Raimundo Anastácio e Dimas Andriola, o escrivo. Despediu-se dele, na última vez que aparecera na casa, sabendo que seu Alexandre não estava, dizendo o seguinte:

— Ele mal fala comigo. É difícil viver com uma pessoa assim. Mas ele não é ruim; nunca chegou um pobre à sua porta para sair de mãos abanando. Uma vez, falando só (o remédio que toma às vezes não abafa as dores), se lamentou, em voz alta: "Por que não morri como tantos outros? Vi tanta gente cair, perto de mim; por que uma daquelas balas não acertou no meu peito ou na minha cabeça?"

Tentaria falar com as duas pessoas lembradas por Luíza.

João encontrara, mais de uma vez, a ouvir o Cego Alexandre, um rapaz magro, alvo, corado, de estatura média, o rosto cheio de sardas, os olhos amarellos de gato, cabelos ruivos, com um ar de permanente alegria. Era Chiquinho Andriola, pintor, músico, conversador e rico contador de boas anedotas. Resultante de comum admiração pelo cantor, surgiu, entre eles, boa camaradagem. Seu Alexandre lhe dissera que devia a Chiquinho, à insistência do rapaz, a inclusão das aventuras de João Grilo, Canção de Fogo e Pedro Malasartes no rol de suas cantorias. A linguagem solta, viva, irreverente desses contos casava bem com o espírito mordaz de seu Alexandre e o gosto em criticar a vaidade, a usura, a bestice, a hipocrisia de alguns habitantes da cidade. Chiquinho não admirava, unicamente, a inteligência e a memória do tocador de zabeca; tecla, também, louvor ao seu caráter. E dava um exemplo: quando havia criança por perto, não abordava os casos mais pesados. Gritava: "Tem algum me-

nino por perto?" Só prosseguia quando alguém de sua confiança assegurava a ausência de menores.

Foi Chiquinho quem primeiro lhe falou nas agressões e nas ameaças de toda sorte sofridas pelo cantor, sem que nada afetasse o tom cáustico de suas críticas. Mas o objeto maior do espanto dos moços era a memória prodigiosa do cantor, que guardava e repetia, sem vacilar, as longas histórias de imperadores, princesas e heróis, os versos, os desafios, os improvisos dos violeiros e poetas de sua predileção. Chiquinho lhe chamava a atenção para este detalhe: quando recitava versos de qualquer autor, pronunciava o nome deste, com realce. Exemplificava com a queda que seu Alexandre tinha por estes versos do Cego Sifrônio, que apareciam, ora no começo, ora no fim das cantorias, mas sempre invocados sob o nome do seu autor:

*Esta minha rabequinha
É meus pés e minhas mão,
Minha foices e meu machado,
É meu mio e meu feijão,
É minha planta de fumo,
Minha safra de algodão.*

Ainda se reportando a alguns maus tratos sofridos por seu Alexandre, Chiquinho observou:

— É um mistério a fonte das informações colhidas pelo nosso amigo, sempre inconvenientes, mas sempre verdadeiras. Ora é um comerciante que forjou falência; ora um conquistador barato a se gabar de um caso de adultério; ora um criminoso condenado que, em plena feira, desafia a moleza da polícia.

João ponderou:

— Ninguém lhe dá um conselho?

— Quem, João? O cego é brabo, e não admite palpites no seu ofício. Conselho lhe dou eu: não se meta nisso.

Uma noite acertaram uma visita a seu Alexandre. Lá, na casa do Alto do Cabellão, já estavam Manoel Santana, David Casimiro e Dimas Andriola, irmãos do Chiquinho.

Conversaram sobre os assuntos mais diversos: Lampião, Padre Cicero, o Delegado, o Prefeito, o Doutor Juiz de Direito. Este continuava, no meio de qualquer conversa, a mandar todo mundo para o inferno ("Vão pros infernos, viu?"). Já perto de sair, vencendo a timidez, João insinuou:

— Graças a Deus, seu Alexandre, o senhor não foi mais molestado por esses bandidos...

— É a lei da compensação, meu amigo: nunca mais mexi com alguém.

— Não é melhor assim?

O cego demorou a responder. Trincou os dentes, mastigou em seco, coçando os cabelos brancos. Quando falou, a voz estava contida:

— Compreendo sua preocupação, mas não houve progresso, nesse sentido. O que tem me faltado é assunto. Na minha idade não se muda mais. Torto até agora, torto até o fim.

Referindo-se à ameaça, à nova ameaça de Lampião em atacar a cidade, David perguntou ao cantador:

— O cangaceirismo, um dia, terá fim? Era a pobreza da região responsável pela existência do cangaço?

Luíza apareceu com uma bandeja e algumas xícaras de café. Dimas Andriola acendeu um cigarro para seu Alexandre, que se voltou na direção de David:

— De certo modo, sim. Mesmo no sul, na zona rural, ocorre o mesmo fenômeno. No Nordeste, pelo que me foi dado observar, o cangaço passou a ser, de uns tempos para cá, um meio de vida. Entra-se num bando como quem senta praça na Polícia. As secas prolongadas ou repetidas, além de destruírem os laços familiares, geram o desemprego em massa, as retiradas, os famintos, os doentes da fome, os revoltados. Desse meio saem os assaltantes das estradas e das fazendas e os bandos de cangaceiros.

João Boanova entrou no assunto:

— Onde houver ou quando houver fome, seca, miséria, há de aparecer o bandido?

— Com esse rigor, não. Além dessas causas próximas, visíveis, há outras, remotas, distantes, que ajudam a explicar a origem do cangaceiro. Na Paraíba, por exemplo, pode-se apontar,

nas milícias formadas pelos donos das sesmarias ou seus herdeiros, o aperecimento de chefes e bandoleiros, na medida em que tais milícias iam se extinguindo.

Deu uma boa tragada no cigarro de palha e continuou:

— Falei em causas remotas. Vocês sabem que a quase totalidade da população sertaneja é de origem índia. Guarda-se de geração para geração a marca do ressentimento, pois os antigos moradores destas terras foram delas desalojados a ferro e fogo. Os criadores de gado, além de massacrá-los, tomavam suas mulheres, seus filhos e a longa paz que conheciam.

David, com jeito, objetou:

— Mas os índios não se caracterizaram pelo nomadismo? Não paravam, não criavam raízes...

— Nem tanto assim. Onde existiam condições favoráveis, como no Cariri cearense, eles se fixavam de modo permanente. Voltando à praga do cangaceirismo, um dia desaparecerá. A estrada, a água represada, o governo sensível e responsável, todo junto poderá realizar esse milagre. Quem sabe se você, David, com sua engenharia, poderá ajudar nessa transformação...

• • •

João Boanova ensinava no Instituto São José matérias preparatórias para o Exame de Admissão ao Curso Secundário: Português e Geografia. A escola funcionava numa residência antiga, adaptada pelo Professor Terclio Pindorama, seu diretor e proprietário. Além do curso para o exame de admissão, havia os cursos de primeiras letras e o elementar. Leticia Soares, sobrinha do Diretor e Secretária do Instituto, por quem Boanova tinha uma certa queda, avisou-o que o Diretor queria falar com ele no "Gabinete". O Diretor ocupava uma pequena sala, que diminuía com o volume do homem, que mal cabia na cadeira de braços. O Professor Pindorama não era alto, mas o rosto redondo, corado, as sobrancelhas grossas saíndo acima da armação dos óculos, a cabeça grande, o pescoço forte, enchiam a diminuta sala. Ignorava João Boanova o motivo do chamado, o segundo ou terceiro durante os seis meses que ali ensinava.

— Bom-dia, Professor!

— Bom-dia, João. Sente-se por favor.

O Diretor levantou-se da cadeira com dificuldade, passou o trinco na porta, explicando:

— Vamos tratar de assunto delicado, confidencial. Não quero que nos interrompam.

Sentou-se, de novo, sob os gemidos da cadeira, cruzou as mãos em cima da mesa, e desfechou a primeira pergunta:

— Desde quando o senhor conhece o Cego Alexandre, o cantador da feira?

— Há cerca de três meses, se muito.

— Como se deu essa aproximação?

— Por acaso. Ia caminhando, pelo Mercado, em companhia de um amigo, Manoel Santana, quando este me convidou para ouvir o cantador, de quem muito gostava. Houve alguma coisa com ele?

— Não, senhor. Depois disso, passou a ser um dos seus ouvintes mais assíduos...

— É verdade; quando posso, nos sábados que não vou à fazenda, vou ouvir seu Alexandre. Há inconveniência nisso?

O Diretor soergueu os ombros e, com eles, a grande cabeça. Ajeitou os óculos, sorriu, contrafeito, e aproveitou a deixa:

— Foi bom o senhor perguntar; há inconveniência, sim, professor. Estou seguramente informado de que esse violino usa uma linguagem chula, grosseira; que as histórias que conta são livres, indecorosas, chocantes. Que é, em suma, um homem irreverente, agressivo, imoral.

João percebeu que a conversa estava descambando para um ponto desagradável. Procurou defender o amigo:

— Imoral, não, professor. A informação que lhe deram não é correta; agressivo, talvez, mas imoral, não. Pelo menos pelo que tenho ouvido ou presenciado.

O Diretor pigarreou; ajeitou os óculos pesados com as duas mãos e prosseguiu:

— O senhor é um moço de boa família, inteligente, de bom caráter; até conheço há uns seis meses e devo saber que o nosso estabelecimento se rege por sólidos princípios morais, fundamentados na doutrina cristã.

— Sei disso, professor, e tenho procurado respeitar esses princípios.

— O assunto é delicado e me parece que o senhor não percebeu sua gravidade. Não interessa ao Instituto seu relacionamento com esse cantador.

— Como assim?

— O cego Alexandre não respeita autoridades, instituições, costume, a própria santidade da Igreja, os sacerdotes.

— Não disse há pouco que o senhor tinha sido mal-informado? As histórias que conta, envolvendo padres pouco virtuosos, como a de João Grilo, por exemplo, são do século passado; ele não as inventou...

— Não me refiro a essas histórias que, para mim, são escabrosas e não-edificantes. Falo em casos concretos, ocorridos em nossa cidade, pois seu cantador não respeita o decoro familiar, a intimidade sagrada do lar. Será que o senhor nunca o escutou atacando a honra de uma mulher casada e o respectivo marido?

Noutra situação, Boanova teria tido pena do professor Pindorama, de sua visão estreita do assunto, de sua implacável intransigência. Nesse caso, não; o Diretor estava sendo intolerante, injusto. E, pelo que lhe parecia, estava a preparar o lançamento de um ultimato à sua amizade com o tocador de rabeca. Acontecesse o que acontecesse, não podia ficar calado.

— Para falar a verdade, eu mesmo nunca ouvi seu Alexandre falar em caso de adultério. Sei, entretanto, que já foi agredido, algumas vezes, pelo sedutor barato que vivia a gabar-se de sua conquista. É o que me têm dito alguns amigos meus.

— Parece, meu rapaz, que seu envolvimento com o cantador é mais profundo do que pensava. Ignora, porventura, que ele sustenta a doutrina de que os proprietários exploram o suor dos seus moradores, dando-lhes, pelo sistema de menção, migalhas pelo seu trabalho?

Esse era, realmente, um dos assuntos prediletos do cantador, particularmente o que ocorria com o plantador de algodão, que vendia seu produto na folha.

— Sabe o senhor — continuou o Diretor — que essas idéias são perigosas, subversivas, atentatórias ao direito de propriedade, que é base da ordem e do progresso?

— Ora, professor Pindorama, que influência pode exercer um cantador cego perdido nesse mundo do sertão?

— É o que você pensa. Fomos informados que numa das reuniões do Grêmio Artístico Cajazeirense esse assunto já foi discutido.

— O senhor me desculpe, professor, mas não vejo gravidade em discutir-se determinado problema, mesmo que ele atinja o interesse dos donos de terra.

— Como o senhor.

— Sim, como eu ou minha mãe, que é a dona da terra.

O professor Pindorama afastou-se um pouco da mesa, engrossou a voz e disse:

— Acho que já disse o que tinha a dizer. O senhor não aceitou minhas ponderações e meu conselho. Falei como amigo e, agora, quero falar como Diretor do Instituto: sua amizade com esse cantador afeta sua condição de professor e de orientador da juventude. Nossa missão, tenho dito sempre, não é só instruir: é principalmente educar. É inconciliável sua presença neste curso com a manutenção desse relacionamento.

— Está bem; o senhor é o Diretor. Manda quem pode.

Nessa altura, o professor Pindorama não olhava mais para João Boanova; olhava para as mãos, que entrelaçava, estalando os dedos. Finalizou a conversa:

— O senhor fica ensinando até o fim do mês, dando-me tempo para preparar sua substituição.

Boanova levantou-se. Percebeu um disfarçado sorriso nos lábios grossos do Diretor. Convenceu-se, naquele momento, estar diante de um estranho, de um desconhecido. E tomou esta decisão:

— Não, professor. Deixo hoje mesmo de ensinar.

— Mas, rapaz, pense no que está fazendo, na repercussão do seu ato, do afastamento brusco do Instituto.

— Já pensei. Não estou tomando nenhuma decisão precipitada. Não era isso que queria? O senhor falou clara e longamente, dando-me tempo para refletir. Digo-lhe uma coisa: o

senhor está cometendo uma injustiça contra um pobre violino cego. Adeus.

Levantou-se, abriu a porta e saiu para a rua. Vinha entrando na escola Letícia Soares. Fez que não viu a menina. Era difícil ser amável naquela hora. Que tinha, no entanto, a sobrinha do Diretor do Instituto com a ruindade do tio?

2

À NOITINHA, na hora da ceia, narrou, sem nada omitir, a conversa com o Professor Pindorama e seu afastamento do Instituto. A reação foi compreensiva, mas discreta, por parte de dona Adelina:

— Fez bem. Não lhe deixaram outra saída. Seria humilhante permanecer na escola diante da condição imposta.

Derramou leite quente no cuscut de milho, adoçou a mistura e prosseguiu:

— Compreenda o sentido de minha pergunta: não está se envolvendo demais com a vida e os problemas do seu amigo, o cantador? Por que essa prevenção do Diretor da escola para com seu Alexandre?

— Gosto muito do seu Alexandre, é verdade; mas não aprecio somente o violino e poeta: vejo nele a figura de um homem decente, íntegro. Foi exato no relato que lhe fiz. Deve ter impressionado à senhora a pecha de subversivo que lhe lançou o Diretor. É perigoso para o País reclamar contra a compra, a preço vil, do algodão em rama? O professor Pindorama foi tão virulento, tão implacável, que fico pensando na hipótese de ter sido seu nome citado na cantoria de seu Alexandre.

— Como, meu filho? O professor é um homem sério, cumpre todo domingo, reza treço em cima de treço...

— Talvez esses excessos escondam alguma coisa. Lembra-se do episódio do fariseu, exemplificado pelo Cristo? Seu Alexandre não perde a oportunidade de criticar um tipo desses

que do sabe que não é sincero, "Sepulcros caiados por fora" — é a expressão que repete, sabendo que ela vem do Evangelho.

Dona Adelina deu o assunto por encerrado:

— Aconteceu; você agiu certo; menos por orgulho ou vaidade do que por uma questão de honra, de dignidade. Seu pai teria aprovado sua decisão. Tenho certeza disso.

No dia seguinte, que era domingo, foi, cedo, à casa de Chiquinho Andriola. Este havia saído (ou dormido fora?), mas Dimas o recebeu com a alegria de sempre:

— Sente-se, João; vou mandar passar um cafezinho.

— Tomei café agora, Dimas. Obrigado.

— Diga-me uma coisa: você já provou o café de Donana?

— Não me lembro; acho que não.

— Então vai ver o que é café.

O café estava bom mesmo, e elogiou a habilidade de Donana, irmã dos rapazes. Depois que ela se retirou, contou a Dimas o episódio de sua exoneração. Dimas o escutou atentamente, sem interrompê-lo. Quando Boanova terminou de falar, indagou:

— Pensa, então, que seu Alexandre "mexeu" com o professor Pindorama? Pode ser. O cego, sabemos, é um homem decente, íntegro, mas, como todo bom cantor, tem sua veia moleque. A irreverência é um dos traços dos seus versos.

— É a única explicação que encontro para a prevenção doentia do professor Pindorama contra o cantor. Não quero julgar ninguém, nem tome como despeito o que vou dizer: o Diretor é o padrão perfeito para uma caricatura. Ele ostenta e proclama as suas virtudes; olha todo mundo de cima para baixo; anda na rua de cabeça erguida, superior, distante. É o modelo ideal para a mordacidade do nosso amigo.

— Pode ser, João. Não falta gente para soprar nos ouvidos de seu Alexandre a pose do professor, a exibição reiterada de suas virtudes morais, cívicas, religiosas. Já ouvi alguém dizer que parece uma concessão a Deus, de sua parte, seu comparecimento às missas, terços e novenas. Parece que é o safado do meu irmão quem diz isso. Mas, vamos mudar de assunto. Você gosta de passarinho?

— Gosto.

— Então venha ver minhas riquezas.

Começou por um canário amarelo forte e preto, o olho vivo e malicioso, que, mansamente, saía da gaiola e vinha cantar no dedo do seu dono. Havia, ainda, no alpendre dos fundos da casa, um grão, pretíssimo, enchendo o dia com seu canto forte; um galo de campina, na moda, estava capioço, sem graça, mas, em compensação, os canários da terra tornavam a manhã mais luminosa com seus trinaços e sua movimentação.

Depois da visita aos pássaros, Dimas convidou João Boanova para ir com ele pegar um canário valente e cantor, que, segundo informações, fazia ponto na Usina Santa Cecília, do Corral Matos. Dimas segurava uma gaiola, dentro da qual estava uma canária, a "chama" para a aventura. Anexo, um alcapão.

Foi uma grande manhã. Esqueceu o Instituto, o Diretor, os alunos, e só teve tempo para participar da sensação nova e gostosa de ver as manhas de um pássaro caquivo. A gaiola foi colocada na sombra de um pé de tucú. Dimas e ele procuraram uma sombra e se sentaram. Já havia, nas imediações, outros pegadores de canário, com seus alcapões armados, na espera, caídos. Passado algum tempo, Dimas apontou, com um gesto, dois pontos amarelos, nuíveis. Era o canário cor de ouro e sua companhia. Nunca mais iria esquecer a emoção de ver um canário bonito, arisco, cheio de fogo, bairar para a clareira onde estavam as gaiolas, com as "chamas" em movimentos elegantes, olhar as gaiolas, conversar com as canárias, pular de uma gaiola para outra, ver a comida dos alcapões e, depois, voltar para o ponto de partida; lá, na cumeeira da Usina, soltava, feliz, seu canto livre, claro, belo, solar. Demorava um pouco ao lado da companhia, que nunca se afastava, e voava, como uma flecha, para cima das gaiolas, fazendo que entrava, mas não entrava. Era uma beleza!

Boanova ficou torcendo, em silêncio, para que o canário tivesse juízo. Naquela manhã, pelo menos, os pegadores perderam a parada. O canarinho amarelo voou para a cumeeira e, de lá, para a liberdade.

Durante a longa espera para a captura do canário arisco, João Boanova disse a Andriola:

— Tenho seguido o conselho de vocês, deixando de me preocupar com o passado misterioso de seu Alexandre. Primeiro, por ser esse o seu desejo: cortar todas as amarras de sua vida anterior à chegada a esta cidade.

Dimas concordou com a resolução do rapaz, afirmando:

— Você está certo. Compreendo seu desejo em ajudá-lo, impressionado pela sua pobreza e solidão. Já passei por isso, também. Depois... Uma noite de chuva pesada, com os relâmpagos iluminando o céu e os trovões estalando, violentos, quebrando o mundo em pedaços, ele recitou, da porta de sua casa, um soneto de Antero de Quental. Contou-me, na ocasião, o desafio do poeta a Deus, em cima dos rochedos, numa noite de tempestade, intimando o Senhor a matá-lo com um rio, caso existisse ou tivesse força para tal. Sentí, no momento, que ele era capaz de fazer o mesmo.

Já se preparavam para voltar, quando Dimas, de surpresa, disse a Boanova o seguinte:

— Você provou que é amigo do Cego Alexandre, chegando a deixar, por causa dele, de ensinar no Instituto São José. Vou contar para você, pedindo toda reserva, a verdade: foi Raimundo Anastácio quem trouxe seu Alexandre para Cajazeiras.

Boanova tranquilizou o amigo:

— Pode ficar certo de que o assunto morrerá aqui.

Dimas, repetindo as palavras de Raimundo Anastácio, narrou o seguinte:

— No começo do ano, disse o "índio", no mês de fevereiro, fui a Piancó, de onde ia trazer vinte reses compradas pelo Coronel Galdino Pires. Os tempos estavam carregados. Só se falava nos estragos da Coluna Prestes. Dizia-se que os "revoltosos" matavam quem se atravessasse no seu caminho. Isso só era verdade com relação ao gado que "requisitavam", deixando um papel sem futuro nas mãos dos fazendeiros.

"O Coronel Galdino, rodando o molho de chaves, contratou os meus serviços. A fazenda para onde ia ficava entre a cidade de Piancó e a povoação de Coremas. Separado o gado, já me preparava para voltar, quando se soube que a Coluna Pres-

tes havia tomado Piancó. No dia seguinte, pessoas vindas daquela cidade davam notícia da invasão dos "revoltosos" e da morte do Padre Aristides e de todos os amigos que lutavam a seu lado. No dia seguinte viajei pela madrugada, seguindo comigo um vaqueiro da fazenda, pois era impossível tanger, sozinho, vinte reses. Não tinha três horas de viagem quando, numa curva da estrada, apesar da zoadá feita pelo gado, ouvi uns gemidos. Mandei que o vaqueiro prosseguisse com os animais, devagar, e tentei localizar o que me pareceu ser uma pessoa gemendo. E era. Todo ensanguentado, um homem que me pareceu de certa idade tinha sido jogado à margem da estrada. Seu rosto era uma pasta de sangue e areia. Procurei erguer sua cabeça e ele deixou de gemitir, articulando algumas palavras com um esforço extraordinário: "Tenho algum dinheiro na bolsa que está dentro das calças. Ajude-me que eu lhe dou uma recompensa." Depois, desmaiou. Ouvi, nesse instante, o som de uma carroça chiando na estrada. Retirei, depressa, a bolsa de couro que estava presa ao cinto grosso, por dentro. Quando a carroça chegou mais perto, percebi que era um grupo de ciganos. Fiz um sinal e eles pararam, desconfiados. Falei a eles do meu achado. "Não temos nada a ver com isso!" — gritou um deles. Os demais — eram cinco — concordaram com o que falou. Nisso, de dentro da carroça saiu uma mulher, que se aproximou de mim e perguntou: "Quem fez isso?" Eu lhe respondi: "Não sei, minha senhora. Vou levando um gado para Cajazeiras — vai ali adiante — quando ouvi os gemidos desse infeliz e parei. Logo depois voamínoça apartoeram." O cigano que falara antes entrou na conversa: "Vamos embora, Zaira. Isso só nos pode trazer encrenca. Estou vendo, pelo lenço que o ferido traz no pescoço, que ele é um revoltoso." Confesso que fiquei embatucado, pois ouvira, na fazenda, ainda há pouco falarem na "ruinidade" dos homens da Coluna. Assim mesmo, arrisquei: "Posso recompensar vocês pelo trabalho. Não podemos deixar esse homem para pasto dos urubus, que já estão voando em círculo." Depois de longa pausa, a mulher decidiu: "Ele vai na carroça, mas nós vamos parar em Sousa." Disse-lhe que de Sousa em diante eu me arranjaría. Victor, que parecia ser o marido da cigana, ficou mais brando depois que falei em recompensa. Co-

mentou: 'Devem ter sido os soldados.' Dona Zaira completou: 'Que ninguém me ouça, mas entre a Polícia e os revoltosos, fico com estes.' Ali mesmo, na estrada, fez os primeiros curativos, lavando as feridas, retirando sangue e terra da cara do homem, que perguntou, com a voz enfraquecida: 'Onde estou?' Quis levar a mão direita aos olhos, mas a cigana não deixou, dizendo, com firmeza: 'Estou lavando suas feridas; o senhor está entre amigos.'

Dimas fez uma pausa, vendo a evolução do vôo do canário rebelde. Prosseguiu com a narrativa: 'Me aproximei dele, contou seu Raimundo, dando meu nome e tranquilizando o ferido: 'Eu encontrei o senhor na estrada. Está tudo bem. Essas pessoas cuidarão bem do senhor. Vou levando um gado para Cajazeiras e, depois, venho buscar o senhor. Entendeu?' O ferido balançou de leve a cabeça. Arrumou-se o homem na carroça e, antes de partir, fez que ia atender a uma necessidade, atrás dumas pedras. Abriu a bolsa e retirou cinco notas de vinte mil-réis, que entregou à cigana. Ela fitou bem o dinheiro e me disse: 'Pode entregar a Victor, meu marido.' perto de Sousa, encontrei o vaqueiro que estava com as mules debaixo de dois juazeiros. Foi bom, pois confirmou o que havia dito. O Victor, menos hostil, ainda com o dinheiro na mão, me perguntou: 'Como podemos ter certeza de que o senhor vai voltar para levar o homem?' Os outros ciganos, sentindo o cheiro de dinheiro, se acercaram de nós. Falei, então, com toda franqueza, afirmando, em primeiro lugar, para o ponto doles, que já tinha vivido no cangaço, mas que hoje era um homem da minha casa e do meu trabalho. Era comerciante estabelecido e respeitado, em Cajazeiras, onde todo mundo me conhecia. Vi que minhas palavras não foram suficientes para tranquilizar os ciganos. O Victor me perguntou: 'Por que tanto interesse de sua parte por esse homem, que viu, hoje, como nós, entregando a gente essa importância para cuidarmos dele? O senhor é, por acaso, um revoltoso, também?' Sorri, desconfiado, procurando ganhar tempo. Soltei, então esta mentira: 'Ele me deu a entender que era padre. Como sou muito católico, não podia deixá-lo na estrada. Tenho certeza de que o Bispo vai me devolver o dinheiro que gastar nessa obra de misericórdia.' O Victor, que era um bocado ladino, e querendo, tal-

vez, arrancar mais dinheiro de minha parte, alegou que a situação piorara muito, pois os ciganos não queriam encrenca com os padres. Felizmente, com muito senio, a mulher veio, de novo, em meu auxílio. Falou com o marido: 'Temos a carma e o homem não pode viajar a cavalo.' Virou-se para mim e indagou: 'Podemos confiar no senhor, seu Raimundo?' Respondi a dona Zaira: 'Tem que confiar, minha senhora. Sou um homem pobre, mas de palavra. Estou levando um gado do Coronel Galdino Pires, que é dos Pires Ferreira, de Souza. Se não fosse um homem de confiança, iam me dar esse serviço?'

Dimas completou a história:

— Seu Raimundo viajou a Sousa quinze dias depois, conforme combinado. Encontrou seu Alexandre bem melhor, apesar de estar todo coberto de curativos. Quando ficaram sós, esclareceu ao homem que estava com o dinheiro contido na bolsa, perto de cinco-centos de réis. Foi nessa ocasião que seu Raimundo lhe perguntou: 'Como é o nome do amigo?' Ele respondeu: 'Alexandre.' Agradeceu ao "indio" o que fizera por ele. Falou, em voz baixa, na quantia que Raimundo dera a Victor e lhe disse: 'Dê mais duzentos mil réis. Eles me levaram ao médico, doutor Silva Mariz, parece, que teve, também, grande trabalho, pois me enfiou todo, devido a várias costelas quebradas. Acerte com o médico, também, as despesas relativas ao tratamento.' Não estava, ainda, em condições de viajar. Pediu que alugasse uma casa pequena, barata, mas limpa, afastada do centro. O resto, você sabe.

Boatova fez, ainda, esta indagação:

— Como seu Alexandre — será mesmo Alexandre o nome dele? — se transformou em cantador de feira? E um mistério menor, mas intrigante tanto quanto sua origem. Na conversa, é fácil perceber que ele é um homem do sul; na cantoria, entretanto, ninguém dirá que não seja um homem da região.

Dimas explicou:

— Ele temia que, quando o dinheiro acabasse, fosse obrigado a pedir caridade. Me disse que passou em revista o que poderia fazer, e nada descobria. Um dia, na feira, ouviu um cantador. Achou, então, que estava ali a explicação que procurava. Começou a comprar tudo o que era folheto de feira.

Eu mesmo mandei comprar alguns impressos em Campina Grande. Ainda hoje — sou eu o escrevinhador — mantêm correspondência com Pedro Batista, de Guarabira, com Leonardo Mota, de Fortaleza. Este último lhe enviou alguns livros como "O Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França", as histórias de "Mil e Uma Noites" e alguns mais. Gostava, particularmente, da vida de Don Quixote, sobre quem nunca versejou, mas cujas aventuras ouvia com deleite, na leitura que eu ou Chiquinho, meu irmão, fazíamos para ele. Um dia me confessou: "Não sei o que seria de minha vida se não tivesse inventado esse duro ofício de cantador. Teria enlouquecido, talvez."

Ao despedir-se de Manoel Santana (ia viajar para o Crato, no Ceará, com sua mãe), João Boanova pediu-lhe este favor:

— Sei que você gosta do Cego Alexandre. Torne mais constantes as visitas que lhe faz. David faz isso, habitualmente.

— Tá certo, João; mas por que o pedido?

— Nosso amigo está passando horas mais amargas do que as que tem vivido até hoje. Está desenganado. O doutor Otacílio Jurema lhe dá poucos meses de vida. Trata-se daquela doença de que não se diz o nome. Sabendo de minha amizade pelo velho, o médico me confiou o segredo.

Manoel Santana passou a visitar mais amigável o Cego Alexandre. Até a partida de David, iam os dois, noite sim, noite não, para a conversa que se prolongava, às vezes, pela madrugada. Quando David Casimiro viajou, Dimas Andriola passou a acompanhá-lo. Tinha receio de ficar só com o cantador: o silêncio é tão indiscreto como as palavras inoportunas. Uma noite, seu Alexandre quebrou o mistério em torno de sua doença:

— De há muito tenho percebido o esforço que realizam, tanto você, Dimas, como Manoel, para esconder o segredo do meu mal. Boanova e David assim procederam, também. A estes últimos devia ter confessado o que faço, agora, a vocês: estou conformado. Não é simples resignação diante da fatalidade: é a aceitação consciente do fim dos meus dias. A agressão desumana que sofri, culminando com a cegueira, encheu meu coração de fel. Mas a atitude, a bondade, a correção de uma pessoa fin-

daram-me reconciliando com a humanidade e, de certo modo, com o Senhor. Dimas sabe de quem se trata, e acho que você também. Manoel Sim, foi Raimundo Anastácio, ex-cangaceiro, esperto, astuto, manhoso como uma raposa, quem me arrancou do desespero. O povo tem razão quando proclama que a esperança é a última que morre... Vocês sabem do procedimento dele. Encontrou um homem semimorto, na beira da estrada, e lhe deu a mão com piedade e extrema correção. Entreguei-lhe, na ocasião, minha bolsa contendo cinco contos de réis, dinheiro que trazia desde que deixei a casa. Não houve testemunha do fato, a não ser o sol inocentemente. Além de me salvar o corpo, com a ajuda de um bando de ciganos, defendeu meu pobre dinheiro, e, penso eu, pode ter salvo minha alma desesperada.

Dimas pigarreou, como se fuisse interrompê-lo, mas levantou a mão direita à altura dos olhos e terminou:

— Não há mais nada a dizer. Quería que vocês transmitissem a Boanova e a David o que acabo de expressar. Só a eles, e a ninguém mais.

Quando João Boanova regressou a Cajazeiras, um mês depois do ataque dos cangaceiros, visitou seu Alexandre algumas vezes. A conversa passou a ser mais natural, sem o constrangimento do segredo. Disse no primeiro dia: "Dimas falou comigo." As palavras romperam a barreira que os isolava da verdade.

Recordaram os amigos distantes e os que tinham morrido. Durante esse tempo, o cantador lhe falou, com detalhes, sobre o ataque de Sabino a Cajazeiras e a resistência desesperada dos seus habitantes. João lhe disse:

— Por que não dita o que me tem contado a Dimas? Passaria a ser um momento desinteressante da história do cidade, pacata e rezadeira, que soube reagir, expulsando, depois de quatro horas de tiroteio, os cangaceiros de suas ruas.

Respondeu:

— Vamos deixar isso para os mais novos. Poderia criar nova onda de desafetos com algumas revelações indiscretas.

Mudou o tom da conversa, contando a Boanova que Raimundo Anastácio havia recebido carta de David Casimiro, pedindo

ao "índio", "conforme vocês o apelidam", para, se não puder, arranjar uma pessoa que o acompanhe na perseguição a Sabino, autor da morte de seu pai e do seu irmão. Sugeriu a João Boanova:

— Sei que está indo embora, mas quando David retornasse, e isso será breve, você não poderia fazer alguma coisa para mudar a resolução daquele amigo? O rapaz sofreu demais, mas a tarefa que tem em mira é irrealizável.

Boanova, depois de algum tempo, declarou:

— Fica muito difícil, para mim. Mas farei o que estiver ao meu alcance. Sei que aquele nosso amigo tem a cabeça dura, mas Irene pode ajudar. Não há nenhum compromisso formal entre os dois, mas a verdade é que se amam.

Avisando que ia viajar no dia seguinte, despediu-se do Cego Alexandra. Nem abraço, nem palavras formais. Um simples aperto de mão. Como se pudesse enxergar, veio até à porta, apoiado no seu bastão de madeira. Os cabelos brancos, agitados pela brisa vespertina, emolduravam o rosto forte queimado pelo sol do sertão. Uma ave solitária traçava, no céu sem nuvens do entardecer, um desenho ondulante e caprichoso.

O homem emagrecera muito nos últimos meses, mas o ânimo se espelhava no rosto tocado pela dor, que a ação do tempo vincara de rugas profundas, como cuninhos de lágrimas amargas.

1.2.21 *A adivinha do Amarelo*, de Câmara Cascudo

A ADIVINHA DO AMARELO

Um rei tinha uma filha tão inteligente que decifrava imediatamente todos os problemas que lhe davam. Ficou, com essa habilidade, muito orgulhosa e disse que casaria com o homem que lhe desse uma adivinhação que ela não descobrisse a explicação dentro de três dias. Vieram rapazes de toda parte e nenhum conseguiu vencer a princesa que mandou matar os candidatos vencidos.

Bem longe da cidade morava uma viúva com um filho amarelo e doente, parecendo mesmo amalucado. O amarelo teimou em vir ao palácio do rei apresentar uma adivinha à princesa, apesar de rogos de sua mãe que o via degolado como sucedera a tantos outros.

Saiu ele de casa trazendo em sua companhia uma cachorrinha chamada Pita e um bolo de carne, envenenado, que lhe dera sua própria mãe. Andou, andou, andou, até que desconfiando do

(134-a) No *Trinta estórias de Bibi* há uma versão com bibliografia, abrangendo variantes clássicas, o "Belfagor" de Maquiavel, etc.

bolo o den à Pita. Esta morreu logo. O amarelo, muito triste, jogou a cachorrinha no meio do campo e os urubus desceram para comê-la. Sete urubus morreram também. O amarelo, com fome, atirou com uma pedra a uma rolinha mas errou e matou uma "asa branca". Apanhou-a e sem deixar de andar ia pensando como podia comer sua caga quando avistou uma casinha. Era uma capela abandonada há muitos anos e cuidando do velha. O amarelo entrou e aproveitando a madeira do altar fez uma fogueira e assou o pássaro, almoçando muito bem. Ao sair, viu que descia na água do rio um burro morto, coberto de urubus. Estando com sede, encontrou um pé de gravatá, com água nas folhas e bebeu a fartar. Quase ao chegar à cidade preparou em um jumento que escavava o chão com insistência. O amarelo foi eavar também e descobriu uma panela cheia de moedas de ouro. Chegando à cidade, procurou o palácio do rei e disse que tinha uma adivinhação para a princesa. Marcaram o dia e o amarelo, diante de todos, disse:

Sai de casa com massa e Pita.
A Pita matou a massa e a massa matou a Pita
Que também a sete matou.
Atirei ao que vi
Fui matar o que não vi.
Foi com madeira santa
Que cozinei e comi.
Din morto vivos levava.
Bebi água, não do céu.
O que não sabia a gente
Sabia um simples jumento.
Decifre para seu tormento.

A princesa pediu os três dias para decifrar e o Amarelo ficou residindo no palácio, muito bem tratado. Pela noite, a princesa mandou uma sua criada, bem bonita, tentar o Amarelo para que lhe dissesse como era a adivinhação. O Amarelo compreendeu tudo e foi logo dizendo: — Só direi se você me der a sua camisa.

Vai a moça e deu a camisa ao Amarelo que contou muita história mas não explicou a adivinhação. A princesa, vendo que a criada nada conseguira, mandou a segunda e houve a mesma coisa, ficando o Amarelo com outra camisa. Na última noite a princesa procurou o Amarelo para saber o segredo. O rapaz pediu a camisa e a princesa não teve outro remédio senão a entregar. No outro dia, diante da Corte, a princesa explicou a adivinhação: — Massa era o bolo que a cachorra Pita matou porque morreu e foi morta pelo bolo, matando envenenados os sete urubus.

A rolinha escapara da pedrada mas a asa-branca morreu sem que o caçador a tivesse visto. Assou-a com madeira que guardara a Ilhéia Santa. Um cadáver de burro levava, rio abaixo, numa nuvem de urubus vivos. A água que se conserva entre as folhas do gravatá, matara a sede do Amarelo. O que não sabia a pove inteligente, sabia um jumento que cavava ouro enterrado ao pé de uma árvore.

Era tudo. Bateram muita palma mas o Amarelo disse logo: — O fim dessa adivinha é fácil e eu vou dizer logo antes que morra de gozado:

Quando neste palácio entrei
Três rolinhas encontrei;
Três pentelhos lhes tirei
E agora mostrarei!...

E foi puzando a camisa da primeira criada e mostrando. Foi o mesmo com a da segunda. Quando tirou a camisa da princesa, esta correu para ele, dizendo: — Não precisa mostrar a terceira pois! Eu disse a adivinhação porque você me enganou, e me casou porque é meu noivo...

Casaram e foram muito felizes.

Contada pelas velhas avós. Teófilo Braga registou "A princesa que adivinha," M do Contos Tradicionais do Foco Português, e Adolfo Coelho "As três Leões", XXXVIII do Contos Populares Portugueses. Emanuel Coelho traz uma versão lusitana, "La Princesse Et Les Trois Frères" e G. Pitré uma da Toscana, "Soldatino." Silvio Romero divulgou "O Matuto João," XXXV do Contos Populares do Brasil, versão de Pernambuco. No Porto-Rico Folk-Lore, Hiddler, de J. Abten Mason, há quatro variantes como Hiddler which involves short anecdotes or folk-tales, no. 752, e e 753 e 754. Journal of American Folk-Lore, vol. XXXIX, n. CXTV, 437, 1928. Aurelio M. Espinosa, Cuentos Populares Españoles, divulga outras quatro, no. 5, 6, 7 e 8. "El acertijo de Coyotea, Toledo, Granada e Alarcón, I, e no II, n. 180, "La camisa del día de la boda," para o final da versão brasileira que registei, aliás a conhecida na Europa. Na variante pernambucana de Silvio Romero não há o episódio das camisas.

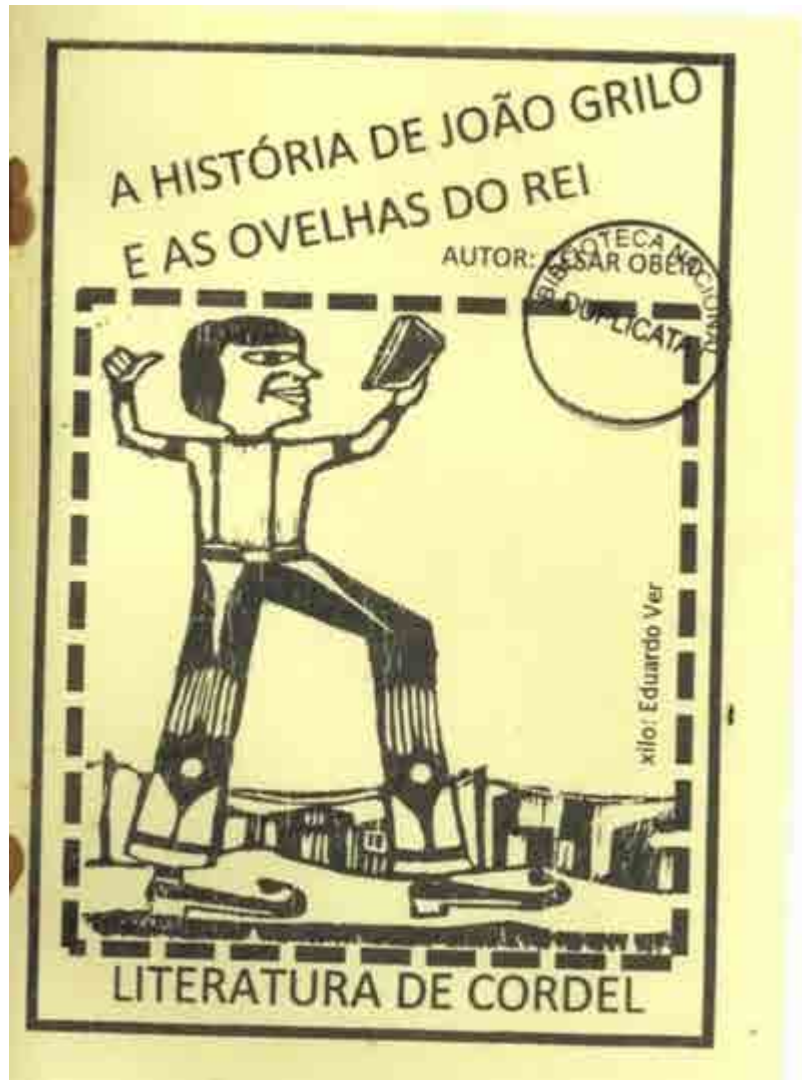
Rola é nome geóico para as pequenas Columbiformes. Asa-branca é a Columba picarora, Temm. Gravatá é denominação geral para diversas Bromeliaceas.

E o M-81 de Aarne-Thompson, "The Princess who Could Solve the Riddle."

O amarelo, tão vulgar entre os vendedores pelo anelôstoma, hipodermio comum noitoral e regiões parólicas, anteriores às reações anárquicas, substitui o filho-mais-moço, o terceiro-filho, sempre destinado ao papel simpático de vitorioso.

salvador e herói. James George Frazer, *Le Folklore dans l'Ancien Testament*, trad. E. Audra, Paris, 1924, estudou a última genitura, 153-180, indicando-lhe a extensão geográfica, formação e persistência social, no *Borough English* na Inglaterra, *Maineté* na França, e influência histórica na Ásia, África, visível na disputa de Esaú e Jacob. Esse elemento, o direito do último filho, do mais-moço, permanece, como entidade psicológica, na tradição popular através dos contos orais.

1.2.22 *A história de João Grilo e as ovelhas do rei*, de César Obeid



Vim rimar esta história
 Pra cumprir a minha lei
 Apresento com carinho
 Uma história que inventei:
 - A História de João Grilo
 E as ovelhas de um Rei.

É na forma de cordel
 Que a história eu vou contar
 Em sextilhas brasileiras
 Da cultura popular
 Com o astuto João Grilo
 Você vai se encantar.

O cordel, pra quem não sabe
 É um tipo de poesia
 São estrofes bem rimadas
 Que esbanjam simpatia
 Que relatam coisas sérias
 Ou então muita alegria.

O cordel que eu conto agora
O povo diz que é o folheto
Com as capas em gravura
Sem ter regras de soneto
São nas regras do nordeste
As quais eu me submeto.

O cordel é nordestino
Ou melhor, é do sertão
É o retrato de um povo
Que tem luz no coração
Eu espero que aproveitem
A história do João.

Afinal, o João Grilo
Já é muito conhecido
Muitos livros e folhetos
Retrataram esse querido
Personagem muito astuto
E também muito atrevido.

João Grilo hoje é famoso
Foi até lá no cinema
Encantando as plateias
Com bem mais de um problema
Porém hoje ele é contado
Com o mais puro poema.

Mas João Grilo está
Entre os grandes personagens
Até mesmo os indianos
Já contavam suas vantagens
Também árabes e europeus
Descreviam suas viagens.

Se o personagem é antigo
Essa história é muito nova
Inventada com carinho
E já está a toda prova
Com a rima encantada
Que da minha voz desova.

João Grilo, vocês sabem
 É um grande aventureiro
 Vive como um viajante
 Muito calmo e bem ligeiro
 Muito vivo e muito inquieto
 A estrada é seu roteiro.

Certo dia, João soube
 De um rei bastante estranho
 Que amava seu gigante
 E belíssimo rebanho
 João quis logo encontrá-lo
 Nem parou pra tomar banho.

Porque João Grilo é assim
 Sua ação é sempre breve
 Sempre chega assobiando
 Bem mansinho, passo leve
 O que os seus olhos já miram
 Sua mente logo escreve.

Ao chegar naquele reino
 Com a sua mente em paz
 Todo povo só falava
 Das ovelhas tão reais:
 - Nosso rei esquece o povo
 Cuida só dos animais!

- Sabe só cobrar impostos
 Taxas, multa e muito juro
 Ele não vê que a gente
 Só trabalha e dá duro
 O futuro, só pra ovelhas
 E a gente é sem futuro.

João Grilo vendo o povo
 Amplamente revoltado
 Com o rei que só deixava
 Seu rebanho tão mimado
 Logo foi ver o rebanho
 E ficou muito assustado:

O tamanho do rebanho
 Realmente impressionava
 E ali fazendo guarda
 Um pastor não vacilava
 Junto com três cães de guarda
 Sempre atento vigiava.

Disse o Grilo: - Eu não posso
 O meu plano já fazer
 Senão um dos três cachorros
 Pode logo me morder
 Se agora eu fico quieto
 Depois eu vou me mexer.

Esperou a noite vir
 Veio o frio, foi o calor
 Na maleta de disfarces
 Fuçou seu interior
 Disfarçou-se de mascate
 Foi falar com o pastor.

- Boa noite, meu pastor
 Quer comprar alguns tecidos?
 Porém mal João falou
 Começaram os latidos
 O pastor pensava ser
 Os cruéis e maus bandidos:

- Saia já, ou solto os cães!
 Gritou forte o tal pastor
 - Oh, pastor, fique calminho
 Sou um honesto vendedor
 Que só quer passar a noite
 Bem ao lado do senhor.

- Fique muito tranqüilo
 Não carece de suspeita
 Essa noite está terrível
 Pelo frio já foi eleita
 Tenho aqui um pouco de vinho
 Meu amigo então aceita?

O pastor desconfiado
 Relutou, mas disse:- Vinho?
 João Grilo insistiu:
 - Tome, beba um pouquinho
 Assim o frio dessa noite
 Vai sair devagarzinho.

A amizade do pastor
 João Grilo recebeu
 O pastor prendeu os cães
 E todo vinho bebeu
 Não passou nem um minuto
 Calu duro, que doeu.

É porque naquele vinho
 Um sonífero continha
 Pensou rápido João Grilo:
 - Vou tirar minha casquinha
 O pastor fica dormindo
 Esta noite será minha.

- Vou pintar essas ovelhas
 Com meu forte preparado
 Pro rebanho parecer
 Que está muito adoentado
 E escondo seis ovelhas
 Dentro do mato fechado.

Vejam só, caros leitores
 O que o Grilo foi armar
 Pintou as seis ovelhinhas
 Com uma tinta exemplar
 Que ele mesmo preparou
 Que não sai nem se lavar.

João longe foi dormir
 Com a mente relaxada
 Acordou cedo o pastor
 Com a cara amarrotada
 Assustado olhou tudo
 Mas não pôde entender nada:

- Vejo manchas nas ovelhas
Que não dá para eu tirar
O que foi que aconteceu?
Nada eu posso me lembrar
Também seis delas sumiram
E o rei vai me matar!

E não é que veio o rei
Dar bom dia ao seu rebanho:
- Um bom dia, meu pastor
Tu estás bastante estranho...
E que cara inchada é essa
Com o dobro do tamanho?

- Nada, nada, majestade
Só estou muito cansado...
Disse o rei: - O meu rebanho
Está por demais manchado!
Seis ovelhas já sumiram...
O que houve, seu danado?

O pastor quis explicar:
- Majestade, eu não sei
Num terrível pesadelo
Esta noite eu embarquei.
Sem ouvir explicações
Retrucou bravo seu rei:

- Mas tu sabes que eu amo
As ovelhas mais que tudo.
E se algo acontecer
Vou ficar mais carrancudo
Que não vou te perdoar
Seu pastor tão abelhudo.

- Quero um bom veterinário
Pra cuidar delas agora
E se algo acontecer
Sua vida não demora!
E partiu bem furioso
Como quem rompe a aurora.

O pastor amedrontado
 Na ressaca tão danada
 Viu sua vida doce e calma
 Amplamente revirada
 Nisso veio João Grilo
 Sem disfarce pela estrada:

- O meu nome é João Grilo
 E um bom dia ofereço.
 - Eu não sei puxar conversa
 Com alguém que não conheço.
 - Mas que homem emburrado
 Com a cara do avesso.

João Grilo então fingiu
 Conversar com uma ovelha
 E pertinho à boca dela
 Colocou a sua orelha
 O pastor pensou consigo:
 - Esse não é bom da telha.

Disse o Grilo:- É um dom que tenho
 Desse dom eu nunca escapo
 Eu converso com cavalo
 Com galinha, grilo e sapo
 Com qualquer bicho do mundo
 Eu consigo bater papo.

O pastor falou sorrindo:
 - Mas que louco de amarguras
 Pois alguém falar com bichos
 E manter as composturas...
 Eu não posso perder tempo
 Com desvios de loucuras.

- O pastor está achando
 Que minhas falas são compridas?
 Esta ovelha está dizendo
 Onde estão as seis perdidas.
 'Tão dormindo lá no mato
 Perto das árvores caídas.

- Porém como não acredita
 Vou partir com rapidez.
 O pastor disse:- Espere
 Como sabe que são seis?
 - Eu converso com os bichos
 Não te disse da outra vez?

O pastor acreditou:
 - Você pode encontrá-las?
 Disse João: - Espere um pouco
 Que agora eu vou buscá-las.
 Eu sei onde elas estão
 Nem preciso amarrá-las.

E assim fez João Grilo
 Trouxe os bichos que escondeu
 O pastor já bem mais calmo
 Ao João agradeceu:
 - Mas eu tenho outro problema...
 - Ô pastor, quê aconteceu?

- Além destas que sumiram
 Outro grupo está doente
 Meu rei quer veterinário
 Mas que seja competente
 Mas eu não posso sair
 Procurá-lo urgentemente.

João disse:- Meu pastor
 Nunca fui um sedentário
 Te ofereço minha ajuda
 Nem preciso de salário
 Fique calmo que eu conheço
 O melhor veterinário.

- Vai chamá-lo para mim?
 - Já estou indo tranquilo.
 - Eu sou muito agradecido!
 - Não é nada, é o meu estilo
 - Como é mesmo o seu nome?
 - O meu nome é João Grilo.

E assim partiu João Grilo
Com seu jeito invencível
Na maleta de disfarces
Usou um plano infalível
Vestiu a roupa de médico
E ficou irreconhecível.

E com esse seu disfarce
Voltou ao mesmo local
O pastor que aguardava
O doutor profissional
Nem notou que era João Grilo
Bem debaixo do avental.

- Sou o bom veterinário
E a cura é o meu produto
O remédio sempre certo
Dou em menos de um minuto
O que os bichos têm comido?
Fale, já pastor, que escuto.

O pastor disse ao "doutor":
- Só ração de vegetais
De excelente qualidade
De produtos naturais
Tudo de primeira linha
Para os bichos mais reais.

João Grilo anotava
Tudo em uma caderneta
E olhava uma ovelha
E fazia uma careta
E depois olhava outra:
- A situação é preta.

- Oh, doutor o que acontece?
Que o senhor me aconselha?
- Pastor, para esses bichos
Você dá carne vermelha?
- Mas, doutor, não posso dar
Carne para uma ovelha.

Foi então que João Grilo
 Disse sério pro pastor:
 - Será que eu ouvi "ovelha"
 Pela boca do senhor
 Eu não vi qualquer ovelha
 Neste pasto, por favor.

E João continuava:
 - São só cães que estou vendo!
 - Ora, ora, meu doutor
 Não estou te entendendo
 São ovelhas do meu rei
 Que há anos eu atendo.

- Mas, pastor, estou achando
 Que perdeste a lucidez
 Pois aqui só vejo cães
 Sem ovelhas dessa vez.
 - Nada disso, são ovelhas
 E de cães só temos três.

E João disse ao pastor:
 - Aqui tem só um doente
 Confundir cães com ovelhas
 É loucura da sua mente
 Acho que você precisa
 De tratar-se bem urgente.

O pastor gritou: - Cachorros!
 O doutor é muito louco
 Tome já o seu pagamento
 Não precisa me dar troco
 Saia já da minha frente
 Ou eu te darei um soco.

Foi-se embora o "doutor"
 Com o seu jeito mais tranquilo
 Escondeu o seu disfarce
 Embarcou em um cochilo
 Esperou dar meia hora
 Retornou como João Grilo:

- Como vai, caro pastor
 Porque torce a sobancelha?
 - É louco o veterinário
 Nem um pouco bom da telha
 Disse que meu rei tem cão
 No lugar de cada ovelha.

Disse João malicioso:
 - E o pastor acreditou?
 - Claro que não, não sou louco
 O doutor foi que pirou
 Confundir cães com ovelhas
 Creio que ele alucinou.

Disse o Grilo:- Que gozado
 Mas também só vejo cão
 Aqui não tem uma ovelha
 O doutor só tem razão
 O pastor 'tá precisando
 De qualquer medicação.

O pastor disse: - Também
 Só vê cães na sua frente?
 - Mas nem uma ovelha eu vejo
 Nem sadia, nem doente.
 O Pastor gritou:- João
 É também outro demente!

- Ou então enlouqueci
 Com ovelhas nos caminhos...
 - Au, au, au, minhas ovelhinhas
 Vamos, peguem os gatinhos
 Au, au, au, minhas ovelhinhas
 Que parecem cachorrinhos...

João Grilo aproveitou
 O estado do pastor
 Pra pintar outras ovelhas
 Cada qual de uma cor
 E escondeu mais seis no mato
 No seu plano de valor.

E no plano de João Grilo
 Tudo estava dando certo
 Escondido ele sacava
 O pastor louco e incerto
 Mas agora veio o rei
 De receio encoberto.

Que ao ver seu pastor maluco
 Teve falas agredidas:
 - Mais ovelhas 'tão manchadas
 Outras seis já são sumidas?
 Tu queres ser demitido?
 O que houve com as queridas?

- Mas, meu rei, está na hora
 Do senhor pedir socorro
 Pois aqui não tem ovelha
 Seu rebanho é de cachorro
 Nunca o rei teve uma ovelha
 E latindo agora eu corro...

O pastor nada falava
 Simplesmente ele latia
 Frente àquela cena doida
 O rei nada entendia:
 - O que houve co'as ovelhas
 Que pioram a cada dia?

- Meu pastor está latindo
 Meu rebanho, deplorável
 Mas que sina triste e dura
 Que destino lamentável
 Vou pedir para o meu santo
 Pro rebanho ser saudável.

E o rei ajoelhou-se
 Com amor, fé e energia:
 - Caro santo, me atenda
 Que meu peito é agonia
 Para ver bem o rebanho
 Qualquer coisa eu faria.

- João vendo o rei rezando
 Por demais emocionado
 Percebeu que era devoto
 De um santo consagrado
 Foi falar com a Majestade
 Sem ter passo apressado.

- O meu nome é João Grilo
 E boa tarde eu lhe ofereço.
 - Eu não sei puxar conversa
 Com alguém que não conheço.
 - Então fique emburrado
 Com a cara do avesso.

João Grilo então fingiu
 Conversar com uma ovelha
 E pertinho à boca dela
 Colocou a sua orelha
 E o rei pensou consigo:
 - Esse não é bom da telha.

Disse o Grilo:- É um dom que tenho
 Desse dom eu nunca escapo
 Eu converso com cavalo
 Com galinha, grilo e sapo
 Com qualquer bicho do mundo
 Eu consigo bater papo.

E o rei falou sorrindo:
 - Mas que louco de amarguras
 Pois alguém falar com bichos
 E manter as composturas...
 Eu não posso perder tempo
 Com desvios de loucuras.

- Mas se o rei está achando
 Que minhas falas são compridas?
 Esta ovelha está dizendo
 Onde estão as seis perdidas.
 'Tão dormindo lá no mato
 Perto das árvores caídas.

- Porém como não acredita
 Vou partir com rapidez.
 Mas o rei disse: - Espere
 Como sabe que são seis?
 - Eu converso com os bichos
 Não te disse da outra vez?

Cego o rei acreditou:
 - Você pode encontrá-las?
 Disse João: - Espere um pouco
 Que agora eu vou buscá-las
 Eu sei aonde elas estão
 Nem preciso amarrá-las.

O rei disse: - Acho esquisito
 O que pôde conversar
 Mas não tenho outra saída
 Eu preciso acreditar
 Se trazer minhas ovelhas
 Meu respeito vai ganhar.

E assim fez o João Grilo
 Do rei teve a confiança
 Trouxe os bichos já de volta
 E propôs uma aliança:
 - Quer parar com os sumiços
 Com doenças, quer mudança?

Disse o rei: - Para mudar
 Tudo isso eu tenho pressa
 Também quero que não sumam
 E melhorem bem depressa.
 - Majestade, a solução
 É fazer uma promessa.

- Que promessa, João, seria?
 - Majestade, qual espanto?
 - Mas promessa para quem?
 - Não rezava para um santo?
 - Eu rezava, mas por quê?
 - Me escute, eu garanto.

- A promessa ela só vale
 Se o rebanho melhorar
 O rei vende seu palácio
 E a quantia que ganhar
 Para o povo do seu reino
 O dinheiro vai doar.

- Mas que grande absurdo
 Que ouvi agora, rapaz!
 Nunca o rei faria isso
 O palácio vale mais.
 - Se o rebanho adoecer
 O que é que o rei faz?

Pensativo disse o rei:
 - Chorarei todo minuto...
 E o Grilo insistia:
 - Atenção a esse matuto
 Melhor pobre, com ovelhas
 Do que rico e de luto.

Disse o rei: - Tu tens razão
 Se o rebanho adoecer
 Vou ficar enlouquecido
 E depois entristecer
 Mas preciso estar certo
 Que tudo vai resolver.

Disse o Grilo: - O que é isso?
 No seu santo não confia?
 Disse o Rei: - Com mais certeza
 Que o gelo é água fria.
 - Então faça a promessa
 E não deixe pro outro dia.

João Grilo convenceu
 Com seu dom de conversar
 O rei a cumprir promessa
 Se o rebanho melhorar:
 - Vou vender o meu palácio
 E meu povo vai ganhar.

Nosso esperto João Grilo
 Parou com suas artimanhas
 Não pintava ou escondia
 As ovelhas nas montanhas
 Esperando a hora certa
 De propor outras barganhas.

Mas agora o rebanho
 Do rei não tem mais doença
 Porém o que prometeu
 O preocupa, é sua crença:
 - Com o santo eu não falho
 Será uma desavença.

- O rebanho está saudável
 Mas o rei tão preocupado
 Pois promessa não cumprida
 Deixa tudo azarado
 Já perdi o meu palácio
 Estou todo arruinado...

Aos astrólogos e filósofos
 Ele fez um grande apelo:
 - Salvem já o meu palácio
 Pois eu não posso perdê-lo
 Entregá-lo para o povo
 Me seria um pesadelo.

Depois de muito pensarem
 Responderam em confluências:
 - Deverás cumprir aquilo
 Sem impor as resistências
 Pois ninguém engana o santo
 Sem sofrer as conseqüências.

Nosso rei não vendo mais
 Qualquer luz em seu caminho!
 Foi pensar junto ao rebanho
 Ficar um pouco sozinho
 Nisso veio João Grilo:
 - Com licença, meu reizinho.

Disse o rei se lamentando:
 - Eu estou só o bagaço
 Dar o meu dinheiro ao povo
 João Grilo, o que eu faço?
 - Majestade, eu sei como
 Te livrar desse embaraço!

- Majestade, eu lhe dou
 A mais sábia solução
 Pra cumprir sua promessa
 Não ferir o santo, não
 Só fazer o que lhe fala
 Seu amigo, seu João.

-Por somente uma moeda
 Deixe seu palácio à venda
 Doe aos pobres a moeda
 Em sinal de oferenda
 Que na minha solução
 Salvará toda sua renda.

- Mas coloque uma ressalva
 Atenção ao meu assunto
 Diga- Só vendo o palácio
 Quem comprar o pastor junto
 Neste pede um milhão
 Entendeu o meu conjunto?

O Rei disse em espanto:
 - O maluco do pastor?
 - Neste pede um milhão
 De moedas sem temor
 Dá só uma para os pobres
 E se livra do terror.

O rei disse ao João Grilo:
 - Que o rei nunca se cale
 Um milhão é o valor
 Que o meu palácio vale
 Assim eu não perco nada
 Porque tudo se equivale.

- Ao querido João Grilo
Sou eternamente grato
Vou te dar a recompensa
Por ter sido bem sensato
Ganhará um belo emprego
De engraxate de sapato.

- Majestade, eu recuso
Seu emprego de valor
Já assine um documento
Que eu firmei com o senhor
Que eu fico co'a metade
De quanto vende'o pastor.

Disse o rei: - Mas a metade?
Nunca, nunca te darei.
Disse o Grilo: - Não se engane
A resposta eu te dei
Eu exijo minha metade.
E assine aqui, meu rei.

Depois de tudo assinado
João ficou bem garantido
Por somente uma moeda
O palácio foi vendido
E um milhão pelo pastor
Foi o preço recebido.

E somente uma moeda
Para o povo o rei deu
E com toda essa miséria
Todo povo entristeceu
E ao plano de João Grilo
O rei muito agradeceu.

Seu problema com o santo
O rei pôde resolver
Mesmo seu "melo-palácio"
Ele tendo que perder
E o pastor ficou maluco
Até hoje sem saber.

Com quinhentas mil moedas
 Ficou nosso João Grilo
 Que fará com seu dinheiro?
 Pensou ele bem tranqüilo:
 - Mas agora nada faço
 Vou dar um belo cochilo.

E depois do seu cochilo
 O seu corpo espreguiçado
 Saiu para rodar mundo
 Mas ficou logo cansado
 Pois o saco de moedas
 Era assim muito pesado:

- O que faço com tal peso?
 Porque não vou carregar...
 Para o povo do reinado
 As moedas eu vou dar
 Eu só quero a liberdade
 De tranqüilo caminhar.

E assim fez João Grilo
 Devolveu o que ganhou
 Jogou ouro para o alto
 Todo povo se alegrou
 João disse sem dinheiro:
 - Rodar mundo agora eu vou.

E saiu rodando mundo
 Sem ter no bolso um tostão
 E somente assobiava
 Calmamente o João
 E com esse assobio
 Construía uma canção.

Mas escutem, meus leitores
 Como João Grilo é capaz
 Com seus doces assobios
 As ovelhas vão atrás
 Todas seguem João Grilo
 Vão atrás desse rapaz.

Então ele caminhava
 Para fora do reinado
 As ovelhas iam seguindo
 O seu belo assobiado
 O rei quando viu aquilo
 Ficou muito amedrontado.

E mandou deter o Grilo:
 - O que tu estás fazendo?
 - Indo embora, majestade
 Nosso rei não está vendo?
 - Vou levá-las ao meu pasto
 Muito tempo estou perdendo.

O rei as chamava em vão
 Mas os bichos não seguiam
 E gritava e pulava
 Porém não obedeciam
 Era só João assobiar
 Todas elas logo iam.

João Grilo disse ao rei:
 - Não carece calafrio
 Adestrei suas ovelhas
 A seguir meu assobio
 - João, quanto quer por elas?
 Disse o rei suando frio.

- Se o rei quer ficar com elas
 Paro já de assobiar
 Elas voltam com o rei
 Eu daqui vou me mandar
 Basta dar todas moedas
 Às pessoas do lugar.

O rei muito a contra gosto
 Fez o que João falou
 Doou tudo para o povo
 João Grilo festejou
 - João Grilo é nosso rei!
 Todo povo alto gritou...

- Obrigado, meus amigos
Vou sair como cheguei
Acho muito trabalhoso
Estar no lugar de um rei
Vou andar por esse mundo
Por aqui já me cansei.

E João partiu do reino
Igualmente como veio
Nem mais magro, nem mais gordo
Nem mais belo, nem mais feio
Mas feliz por ter vivido
Aventuras e passeio.

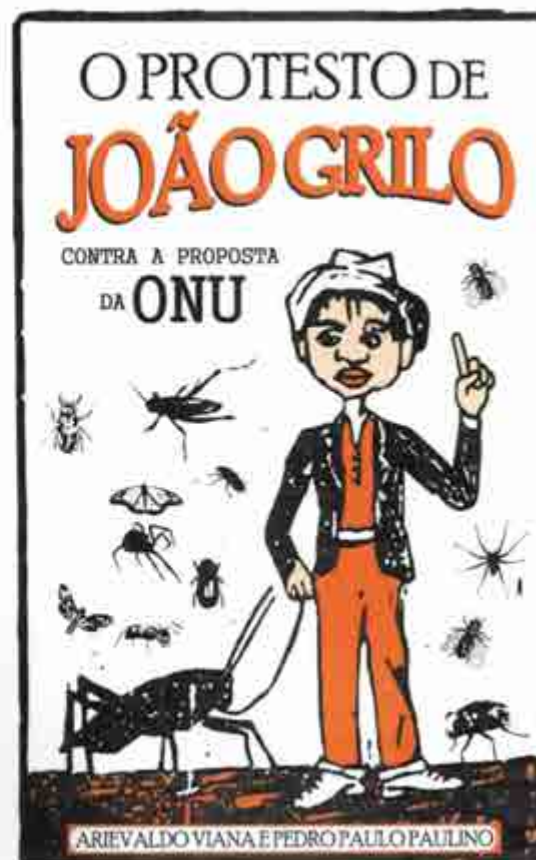
Saiu para rodar mundo
Com tremenda calma
Findo aqui esta história
Com amor e alegria
Deixo um verso tão tranquilo
Palmas para João Grilo
Adeus, até outro dia.

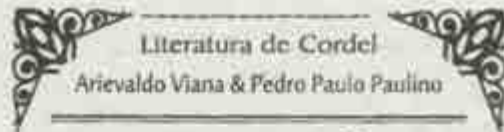
1.2.23 *O protesto de João Grilo contra a proposta da ONU*, de Arievaldo Viana Lima

O PROTESTO DE JOÃO GRILO

A FOME é um problema secular. Milenar, certamente. A ganância dos poderosos faz com que haja grande desperdício de alimentos na mesa de uns poucos privilegiados e falte o pão na mesa de muitos. A Bíblia se reporta a isso com frequência, na visão crítica e incisiva de seus profetas. A ONU, Organização das Nações Unidas, vem propondo, através da FAO o consumo de insetos para resolver definitivamente o problema da fome mundial. Gasta-se bilhões com guerras, armas químicas e nucleares, projetos espaciais, colônias em Marte, mas o alimento sagrado, o pão nosso de cada dia ainda é um problema para os nossos governantes. Indignados com essa 'indecente' proposta das Nações Unidas, os poetas Arievaldo Viana e Pedro Paulo Paulino imaginaram um bem humorado protesto, dando voz e vez ao irrequieto JOÃO GRILO, o pícaro por excelência, o anti-herói amarelinho mais querido do Brasil.

A capa é uma montagem em cima de uma xilogravura do grande artista Stênio Diniz, que por sua vez baseou-se no antigo clichê do editor João Martins de Athayde.





Literatura de Cordel

Arievaldo Viana & Pedro Paulo Paulino

O PROTESTO DE JOÃO GRILO CONTRA A PROPOSTA DA ONU

Todos sabem que João Grilo
É o quengo mais completo.
Há muito tempo que João
Andava bastante quieto.
Mas agora ele voltou,
Depois que a ONU mandou
O povo comer inseto.

Já sabemos que a ONU,
Um tribunal soberano
Cuja sede está plantada
Lá no solo americano,
A fim de matar a fome
Desse povo que não come,
Desenvolveu mais um plano.

No continente africano
A fome ainda campeia
Em muitas tribos, coitadas,
A situação é feia:
Têm brisa pra merendar,
Sobejos para almoçar,
Pastel de vento pra ceia.

Enquanto isso o Japão,
 Por escassez de alimento,
 E, também, de certo modo
 Falta de discernimento,
 De dinheiro fez aporte
 E quer que o Brasil exporte
 Carne de burro e jumento.

Até aí, nada novo,
 O povo estava tranqüilo.
 Porém, depois que a ONU
 Recomendou comer grilo,
 João Grilo ficou passado,
 Anda muito revoltado,
 Só se ouve o seu estrilo.

É que João Grilo cantava
 Tranqüilo dentro da mata,
 De repente ouve a notícia
 Que de raiva quase o mata:
 "A ONU anuncia, enfim,
 Que o povo coma cupim,
 Besouro, grilo e barata".

João ficou muito feroz
 Com esse ponto de vista.
 Com seu primo gafanhoto
 Teve uma longa entrevista,
 Pois este, por sua vez,
 Grande protesto já fez
 Contra São João Batista.

E ambos logo fizeram
 Grande mobilização,
 Convocaram as formigas,
 A taturana, o zangão,
 E outros parentes seus,
 borboleta, louva-a-deus,
 Para uma revolução.

Convocaram os carrapatos
 E as dez pragas do Egito,
 Lacraia, bicho-de-pé
 E outro inseto esquisito
 Que só vive no espelho,
 É o chato de pentelho
 Que é doído por "pirulito".

Pernilongo e mariposa
 Foram chamados na marra,
 Pois só querem vida boa
 De noite fazendo farra.
 Até mesmo o Olegário
 Se tornou um partidário
 Pra defender a cigarra.

Papa-fumo, rola-bosta,
 Borrachudo, muriçoca,
 Percevejo, vespa e mosca,
 O embuá, a minhoca,
 A tanajura também
 Que há muito tempo já vem
 Se transformando em paçoca.

Siriri e almirante,
Vatejeira e maruim,
Um inseto sem futuro
Conhecido por finfim.
Veio até mesmo o barbeiro
E um batalhão inteiro
Da família de cupim.

João Grilo jamais pensava
Conseguir tanta aliança.
Pra todos fez um discurso
Transmitindo confiança,
E todo inseto aplaudiu.
Foi então que ele sentiu
Seu poder de liderança.

João Grilo disse: "Colegas,
Precisa muito cuidado,
Pois a ONU quer fazer
Todo mundo de abestado,
Mandando comer inseto,
Em vez dum prato diletto
De porco, carneiro ou gado.

Não é conversa fiada
E também não é boato,
E como o povão é besta,
Vai nessa onda, de fato!
Conforme essa propaganda,
Fazendo o que a ONU manda
A gente é quem paga o pato.

- 04 -

Sendo assim, nós todos juntos
Formamos um batalhão,
Marimbondo é convocado
Pra formar um pelotão,
Junto com arapuá,
O besouro mangangá
E o cavalo-do-cão.

Vamos marchar pras cidades
Num movimento bem quente
Defendendo nossa espécie
E nosso meio ambiente.
Chamemos nosso vizinhos,
E para abrir os caminhos
Vagalume vai na frente!

Vamos buscar o apoio
Desses ambientalistas.
Também é muito importante
O apoio dos artistas
Para formar um escudo,
Dos quais, acima de tudo,
Os poetas cordelistas."

Muito mais falou João Grilo,
Com entusiasmo e tino.
Foram em busca dos poetas,
Num protesto peregrino.
Guiados por pirilampos,
Pararam na Vila Campos,
Do Pedro Paulo Paulino.

- 05 -

E dali logo seguiram
Fazendo fila indiana
No rumo da Capital,
Essa grande caravana,
Formando imenso comboio,
Para buscar o apoio
De Arivaldo Viana.

Passando por Canindé
João Grilo fez um estudo,
Convocou o Muriçoca,
Um cantor, ao qual saúdo,
E o convidou para sócio...
Ele só não quis negócio
Com o inseto bicudo.

Ainda atrás de poetas,
Ele passou pela feira,
Convidou Natan Marreiro
E o Gonzaga Vicira;
Jota Batista não quis,
Dizendo: "Aquele infeliz
Matou minha cabroeira".

De fato, o Jota Batista
É matador de mosquito.
João Grilo foi prestar queixa
Contra o terrível delito.
Se não me falha a memória,
Foi contar a sua história
Para o Renato Perito.

Trouxeram uísque do bom,
Ambos tomaram uma dose.
Perito disse: "João Grilo,
É melhor que se entrose
Com Kafka, grande escritor
Que já mostrou seu valor
No livro *A metamorfose*".

Mas a ONU quando soube
Da notícia aterradora,
Recrutou seus aviões,
Torpedo e metralhadora:
"Separem o trigo do joio
E vamos buscar apoio
Numa dedetizadora!"

João Grilo sabendo disso
Viu que não estava bem,
Convocou seus batalhões,
Fez igual Sadam Hussém,
Para escapar de morrer
Foram todos se esconder
Em um buraco, também.

Souberam de um tratado
Da ONU com o Japão
Pra deportarem João Grilo
E todo o seu batalhão
Ao país do Sol Nascente,
Porque lá, aquela gente,
Quer vê-los na refeição.

Já procuraram bastante
Pela Serra do Pindá,
Percorreram Canindé,
Aratuba e Quixadá,
Vasculharam meu sertão,
Porém o bando de João
Não tem quem saiba onde está.

E quem souber de João Grilo,
Seu endereço não diga.
Vamos poupar nosso herói
E salvá-lo nessa briga.
Sendo João Grilo sabido,
Talvez esteja escondido,
No Cancão, mais o Formiga.

Porque o Formiga é 'home'!
Esse não vai dar pra trás
Se entrar nessa questão
Briga até com Satanás.
Já ligou pro Iguaçú
Conclamando o tapuru
Pra proteger o rapaz.

Poeta tem liberdade
Pra mexer no que está quieto.
Mesmo sendo popular,
Nunca foi analfabeto...
Gado, peixe e caviar
Para a ONU vai ficar,
Pra nós só vão dar inseto.

FIM

1.2.24 *João Grilo, o amarelo que enganou a morte*, de Zeca Pereira



TUPA D'AGUIA EDITORA LESTREOP | 1ª Edição - Setembro, Julho de 2011



João Grilo, um personagem
Conhecido do leitor,
O amarelo franzino,
Quango fino de valor,
O seu nome é conhecido
No Brasil e exterior.

Quando Grilo veio ao mundo
Fez o povo admirar,
Pois nasceu aos sete meses
Já sabendo caminhar,
Com dez dias conversava
E aprendeu a fuxicar.

Aos nove meses, o Grilo
Revelou sua esperteza,
Sabia ler e escrever
Com empolgante clareza,
Causando grande fascínio
No povo da redondeza.

- 02 -

Aos dez meses, já sabia,
Decifrar uma charada,
Resolver qualquer questão,
Sem se embaraçar com nada,
Mesmo sem ir à escola,
Sua mente era avançada.

Saiu de casa pequeno
Pra poder ganhar o mundo,
E cresceu trapaceando,
Seu saber era profundo,
Enganou até a morte
Quando estava moribundo.

Mas agora eu vou falar
Em algumas artimanhas
Aprontadas pelo Grilo,
E, se as achares estranhas,
Com certeza não conheces
As espertezas tamanhas.

Uma vez, o Grilo estava
À procura dum abrigo
Na capital Salvador,
Onde ele não tinha amigo,
E, sem um tostão no bolso,
Como que fosse castigo.

Só carregava uma bolsa,
Nenhum real na carteira,
Procurou se hospedar
Em um hotel de primeira,
Era quase meia noite
Da amarga sexta-feira.

- 03 -

Tocando na campainha,
O porteiro apareceu,
Dando-lhe uma boa-noite,
O Grilo lhe respondeu:
— Preciso dum belo quarto,
Pois é grande o fardo meu.

João foi logo encaminhado
Pra um quarto luxuoso,
TV, ar condicionado,
Banho quente e bem gostoso,
Cama-boxe de primeira,
Perfeita pro preguiçoso.

Com refrigerante e suco
Expostos num frigobar,
Além de bombons e doces
Para o Grilo degustar,
Na mesinha um telefone,
Caso quisesse ligar.

Após tomar longo banho,
Lanchou e depois dormiu,
Às nove horas de manhã,
Nova roupa ele vestiu
E aparentando grã-fino,
Do quarto o Grilo saiu.

Os empregados olharam
João Grilo descer já pronto,
Estava muito bonito,
Mas não possuía um conto,
Aos olhos daquele povo
Ele sentiu marcar ponto.

- 04 -

Uns diziam: — É um prefeito,
Ou então um senador!
Qual a cidade natal,
De tão distinto senhor?
Certamente é um turista
Conhecendo Salvador.

Na recepção, o Grilo
Elogiou a hospedagem:
— O hotel é mesmo bom,
Tem uma linda paisagem.
Vou ficar por alguns dias,
Só planejando a viagem.

Nesse hotel era servido
Desde o café ao jantar,
João comia e bebia
Sem dinheiro pra pagar,
Enquanto a conta crescia
Dia e noite sem parar.

Como a conta se acertava:
Só na hora da saída,
Ele ficou a semana,
Só curtindo a boa vida,
Pois tinha um quengo já pronto:
Feito todo à sua medida.

Um dia sentiram a falta
De João Grilo, o amarelo,
Logo o gerente pensou:
"Pelo bom senso eu zelo,
Eu não acredito em quengo
Ou em algo paralelo".

- 05 -

Até porque ele deixou
No quarto a sua bagagem,
Mais cedo ou tarde ele volta
Por não ser grande vantagem
Deixar todos os pertences
E depois seguir viagem.

Porém, os dias passaram
E João não apareceu,
Esgotada a paciência,
Foram até o quarto seu.
Tudo que tinha na bolsa
O gerente remexeu.

Na bolsa só encontrou:
Roupas sujas e rasgadas,
Sapatos cheio de furos,
Duas meias remendadas
Com um chulé dos infernos
Que quase estavam coladas.

O homem chutou a bolsa,
Demonstrando desatino
Maldizendo enfurecido:
— Sôjeito do quengo fino,
Um dia lhe encontrarei,
Você me paga, ladino!

Grilo tinha viajado
Já há mais duma semana,
Havia feito trapeças
Conseguindo muita grana,
Deixando ali o gerente
Com a cara de banana.

- 06 -

Foi direto pra Brasília,
No Distrito Federal,
Lá com as suas trapaceas
Ganhou mais dólar e real,
Embarcou para São Paulo,
Onde quase se deu mal.

Ganhou bastante dinheiro
De uma velha vigarista.
Mas ela desconfiou
Por ser também uma artista.
Denunciou-o à polícia,
Que saiu em sua pista.

Ele, a par da tal denúncia,
Seguiu outra direção
Resmungando: — Aquela velha
Aprendeu nova lição,
Ao tentar me enganar
Passou o pé pela mão.

Foi para o Rio de Janeiro
E lá sentiu-se à vontade.
Trapaceou como quis,
Deu golpes pela cidade,
Depositando em seu bolso
Dinheiro em quantidade.

Ela estava numa praia
Na vida "pedida a Deus"
Quando ouviu um certo homem
Dizer aos amigos seus:
— O que odeio nessa praia
É avistar tantos plebeus.

- 07 -

O Grito se aproximou
Com grande sagacidade.
Começou ali chorando,
Dizendo: — Oh, infelicidade!
Como que posso ser rico,
Sem perder a eternidade?

O homem lhe perguntou:
— Mas do que estás falando?
E João Grito, bem matreiro,
Foi assim lhe explicando:
— Eu ganhei na mega-sena,
Por isso estou reclamando.

Ganhei uns vinte milhões.
Mas não posso resgatar,
Pois na Bíblia está escrito:
Mais fácil um camelo entrar
Pelo fundo duma agulha
Do que um rico se salvar.

O homem lhe perguntou:
— Por que joga em loteria,
Se não queria ganhar
Tão avultada quantia?
O João disse: — Era tão pouco
O dinheiro que eu queria.

Se acaso alguém quiser
O valor tão avultado,
Pagando-me cinco mil
No bilhete premiado,
Eu vendo agorinha mesmo,
Pois está aqui guardado.

- 08 -

O homem interessado
Falou: — Deixe-me olhar...
O Grilo tirou do bolso
Para ele verificar:
— Veja bem essas dezenas,
Causadoras desse azar.

Conferindo ali o jogo,
O homem logo tremeu,
Falou ao Grilo: — Colega,
O bilhete vai ser meu!
Vamos até minha casa,
Eu pago o bilhete seu.

Botou o Grilo no carro
E saiu muito apressado.
Ao chegar à sua casa,
Pagou logo o combinado.
O Grilo guardou a grana,
Dizendo: — Muito obrigado.

O rico feliz beijava
O "prêmio" da loteria,
Dizendo: — Ah! Se eu achasse
Gente besta todo dia,
Eu seria bem mais rico
E repleto de alegria.

Chegando ele no banco,
Com um gesto sorridente,
Procurou depressa a mesa
Aonde estava o gerente,
Dizendo: — Quero o dinheiro
Nessa minha conta, urgente.

- 09 -

Ao entregar o bilhete,
O outro deu uma olhada,
Depois lhe disse: — Senhor,
Não entendi a piada,
Você pode me explicar
Porque essa palhaçada?

— Qual a palhaçada, amigo?
Sendo eu o ganhador,
Não me tire a paciência,
Confira bem o valor,
Se há aqui um palhaço,
Só pode ser o senhor!

Disse o gerente: — Senhor,
Não entendi seu discurso,
Veja bem que não confere
Com o número do concurso.
Está querendo levar
O dinheiro sem recurso?

O rico disse assim:
— Deixe-me ver esse "bosta"!.
Ao conferir o concurso
Diferente da aposta,
Tremendo de tanta raiva,
Quase caiu de costas.

Deram água com açúcar
Para o rico se acalmar,
Mas o cabra enfurecido
Pegou e se lestimar:
— Como fui pagar a grana
Sem para o concurso olhar?

- 10 -

Pegou o carro e saiu
 A procura do ladrão,
 Subindo rua e descendo,
 Com o revólver na mão,
 Mas não achava o rastro
 Por onde andara o João.

Ficou dias sem comer,
 Sem beber e sem dormir...
 Às vezes que cochilava
 Sofria para encardir,
 Tinha sempre pesadelos
 Vendo João Grilo sorrir.

A essa altura o João Grilo
 Já estava bem distante,
 No Nordeste brasileiro,
 Esse seu berço importante,
 Gastando todo o dinheiro
 De maneira extravagante.

Antes de acabar a grana,
 Encontrava uma maneira
 De conseguir atrair
 Dinheiro para a carteira.
 Não deixava escapulir
 Um ricaoço de bobeira.

Num restaurante de luxo
 Ele entrou ao meio-dia,
 Comeu o tanto que quis;
 Depois, com sabedoria,
 Deixou a sua carteira
 Dizendo que voltaria.

- 11 -

O garçom, vendo a saída
 Com nada se importou,
 Pois em cima lá da mesa
 Sua carteira ficou.
 Pensou assim: "Ele volta..."
 Mas o Grilo não voltou.

Às cinco horas da tarde
 O garçom, impaciente,
 Disse: — O moço não voltou.
 E foi à carteira urgente,
 Quando descobriu o golpe
 De ódio ficou doente.

A carteira tinha estado
 Ali sobre aquela mesa,
 O pobre garçom abriu,
 Querendo toda despesa,
 Mas ao invés do dinheiro
 Teve uma triste surpresa.

Recheada de jornais
 Estava aquela carteira.
 O garçom, ao ver aquilo,
 Salu doido na carreira
 Na esperança de achá-lo
 Para sentar-lhe a madeira.

E isso às sete da noite,
 O garçom o procurava,
 Até quando desistiu
 Vendo que não encontrava.
 A sua raiva era tanta,
 Como um cachorro babava.

-12-

O Grilo pensava assim:
 "Eu acho que fiz o certo,
 Estava morto de fome,
 Tendo comida por perto.
 Agora estou saciado,
 "O mundo é do mais esperto!"

João Grilo, o trapaceiro,
 Nunca havia trabalhado.
 Vivia na mare marisa,
 Sem conhecer o pesado.
 Mas pensou em trabalhar —
 Vamos ver o resultado.

Pensou um dia consigo:
 "Eu sempre fui trapaceiro.
 Preciso da experiência,
 Ganhar honesto dinheiro
 E saber o quanto sofre
 Um cidadão brasileiro"

Assim saiu bem disposto
 A procura de trabalho
 Disse: — Será dessa vez
 Que vou dar duro no malho.
 Conheço bem essa vida
 E com nada me atrapalho.

De porta em porta batia
 Tendo o não como resposta.
 Ele estava desistindo
 Quando recebeu proposta
 Para trabalhar com vendas
 Com a comissão imposta.

-13-

Dez por cento a comissão,
 O valor oferecido,
 Era apenas guarda-chuva
 O produto a ser vendido.
 O Grilo disse: — Eu aceito,
 Pois não sou esmorecido.

Pegou boa quantidade,
 Assim saiu pra vender,
 Oferecendo aos passantes,
 Mas o povo sem querer...
 João pensou logo consigo:
 "Agora o que vou fazer?"

Remexeu os quatro cantos
 Existentes na cidade,
 Não vendeu uma só peça,
 Nem dando por caridade.
 Assim João Grilo sofria
 A dura realidade.

Quando oferecia a alguém,
 Escutava: — Não, senhor...
 O interesse era pouco,
 Mesmo com o baixo valor.
 João Grilo se lamentava:
 — Não nasci pra vendedor.

Naquilo, olhou no relógio:
 Passava do meio-dia.
 Sem um centavo no bolso,
 Aumentava a agonia,
 Pois a barriga roncava,
 Demonstrando estar vazia.

- 14 -

Avistou grande comércio:
Escrito em sua fachada:
Comercial Tem de Tudo,
O Grilo, dando uma olhada,
Disse: — Eu só quero é saber
Se ali não falta nada.

Não echando guarda-chuvas
No comércio pra vender,
Pensou logo: "O dono compra,
Na loja precise ter,
Vou logo falar com ele,
Com certeza vai querer."

Mas quando ele ofereceu,
O seu produto importante,
O homem disse: — Não quero!
Com gesto muito arrogante,
João Grilo não esperava
Isso do comerciante.

Saiu meio encabulado
Por cause da grosseria,
Porem disse: — Eu te ajito!
Com minha sabedoria
Vou fazer você comprar
Toda essa mercadoria.

Ficou lá sem almoçar
Por não possuir dinheiro,
E sentindo o quanto sofre
O cidadão brasileiro,
À tarde foi se vingar
Daquele cabra grosseiro.

- 15 -

E às três horas da tarde,
Vendo um garoto passar,
Pedi a ele que fosse
No comércio perguntar
Se havia guarda-chuvas,
Pois pretendia comprar.

O garoto foi depressa
Voltou e disse: — Não tem...
João Grilo lhe agradeceu,
Pedi uma moça também,
Assim passou toda tarde
Sempre a pedir para alguém.

O comércio aquela tarde
Foi bastante diferente.
Quando alguém lá saindo,
Vinha outro novamente
Procurando guarda-chuva,
Um atrás, outro na frente.

Assim o comerciante
Ficou muito pensativo,
Disse: — Ter o guarda-chuva
Pode ser bem lucrativo,
Embora haja procura
Sem aparentar motivo.

Ele pensava: — Ô azar!
Ah, se eu tivesse comprado
Os guarda-chuvas mais cedo
Na mão daquele abestado,
Teria vendido tudo
E bom dinheiro lucrado.

- 16 -

Se eu visse o amarelo,
 Compraria nessa hora...
 Nisso vai passando o Grilo,
 Quando ele olhou lá fora,
 Deu um grito: — Venha aqui
 Quero comprá-los agora.

João Grilo perguntou logo:
 — Quantos vai querer, senhor?
 — Me diga qual é o preço.
 O Grilo disse o valor:
 — Mas aumentou tudo isso?
 É uma coisa de horror!

O preço de hoje cedo
 Eu achei até barato,
 Agora o preço dobrou?
 João lhe respondeu: — Exato.
 A sua procura é grande;
 Isso é ou não um fato?

O homem falou: — Eu quero.
 Bote todos lá no canto,
 O Grilo disse: — Só esses?
 Vou buscar já outro tanto.
 Você vai vendê-los logo,
 Sou eu mesmo que garanto!

Com pouco, ele retornava
 Trazendo tal quantidade
 Que durante uns dez anos
 Não venderia a metade.
 Dizendo: — Esse estoque cobre
 A sua necessidade.

- 17 -

Botou a grana no bolso,
 E partiu muito contente.
 Chegando ao seu patrão,
 Disse a ele: — Infelizmente,
 Não nasci pra trabalhar
 Mas, sim, para enganar gente!

Contou toda o apurado
 Falou: — Eis a sua parte,
 Saiu dizendo: — Eu prefiro
 Só viver da minha arte
 Esse troço de trabalho
 Não será meu estandarte.

Chegando a uma cidade,
 Hospedou-se bem tranquilo,
 Mas havia um fofoqueiro.
 Esse conhecia o Grilo.
 Então das suas trapaças
 Ele não guardou sigilo.

Zé foi logo ao delegado
 Falando: — Senhor Roberto,
 Hoje chegou à cidade
 João Grilo, um cabra esperto.
 É interessante, senhor,
 Ficar com o olho aberto.

Por onde João Grilo passa,
 Muita gente sai lesada
 E quando procura provas,
 Prova alguma é encontrada.
 É como pisar no chão
 Sem deixar sua pegada.

- 18 -

O delegado falou:
—Mas eu vou ficar atento.
Na primeira pegarei
Esse amarelo nojento,
Depois jogo no xadrez,
Na madeira o arrebentol!

Como em cidade pequena
Boato corre ligeiro,
João foi depressa informado
Do que disse o fofoqueiro.
Então para se vingar
Preparou algo certo.

Na noite de sexta-feira,
O Zé sozinho voltava
Da casa de um amigo
E João Grilo o esperava
Bem próximo ao caminho
Por onde ele passava.

Seguia por um caminho
Muito escuro e esquisito.
Voltava duma visita
A outro falador perito.
Trazia na mente as novas
Que o amigo tinha dito.

E, naquela noite escura,
O Zé, muito receoso,
Sentia ali calafrios;
Revelando-se medroso,
Quando viu em sua frente
Algo bastante espantoso.

- 19 -

A caveira de uma vaca
Bem à beira da estrada
Estremeceu de repente,
Estalando sua ossada,
Abriu a boca e falou,
Com a voz bem arrastada:

— Boa-noite, meu amigo!
Ele perguntou: — Quem é?
Nisso a caveira falou:
— Não se assuste, seu José.
Quem fala é a caveira —
Acredite e tenha fé.

O Zé ficou assustado,
Mas acalmando em seguida,
Pensou: "A caveira fala?
Essa vai ser divertida,
Será a única verdade
Contada na minha vida."

João Grilo, atrás duma árvore,
Usando linhas puxava
As queixadas da caveira
Enquanto dialogava,
Passando assim a impressão
Que a caveira é quem falava.

Disse a caveira: — Seu Zé,
Não é preciso ter medo.
Só desejo o seu favor:
Quero que amanhã bem cedo
Chame aqui o delegado,
Vou revelar meu segredo.

- 20 -

Não posso contar ninguém,
Somente pro delegado;
Eu estou o esperando,
O local é esse mercado,
Preciso contar depressa
Tudo que tenho guardado.

Se ele não acreditar,
Você pode acompanhá-lo,
O meu segredo guardado,
Talvez consiga assustá-lo,
Não esqueça meu recado,
Pois estou a esperá-lo.

Zé, ouvindo, disse assim:
— Eu vou à delegacia
Amanhã logo cedinho,
Assim que raiar o dia,
Eu procuro o delegado,
Tem a minha garantia.

Disse ela: — Zé, obrigado!
Aquietou-se novamente
Como quem caiu no sono,
Dormindo profundamente,
Zé Fofoca se mandou
Com aquilo em sua mente.

Coitado do fofoqueiro,
Admirado com aquilo,
Jamais passou pela mente
Ser astúcias de João Grito,
Assim seguiu para casa
E não dormiu intranquilo.

- 21 -

O delegado, ao saber
Do convite da caveira,
Dando longa gargalhada
Perguntou dessa maneira:
— O senhor não tem vergonha
De vir me contar besteira?

O delegado ainda disse:
— A sua mentira é fraca,
Eu contando para o povo,
Muito pouco se destaca,
Quer mesmo Zé, que eu vá
Ver a caveira da vaca?

Preste atenção, seu José,
Tenho sido seu amigo,
Mas não aceito você
Fazer chacota comigo,
Saiba: eu sou autoridade
E posso dar-lhe um castigo.

José falou: — Dessa boca
Mentira nunca saiu,
Venho lhe dar o recado,
Conforme ela me pediu,
Como pode duvidar
Se o senhor ainda não viu?

A caveira até pediu
Para eu lhe acompanhar,
Mas como não acredita,
Vá sozinho averiguar,
Você sendo autoridade,
Tem dever de investigar.

- 22 -

Disse isso e foi embora
Sem esquecer o assunto.
Dizendo: — Se for mentira,
Agora eu me pergunto,
Se não teria chamado,
Até para eu seguir junto.

Roberto ficou pensando
— O Zé só fala mentira,
Porém por obrigação
Assunto a limpo se tira.
Vou lá ver essa caveira,
Mesmo morrendo de ira.

Quando o delegado foi,
Irado com a "macaca",
Chegando viu um bilhete
Dentro do olho da vaca,
Que dizia: Delegado,
Você é mesmo um babaca.

Como você foi dar crença
Em história de caveira?
Vou lhe dizer a verdade:
Foste bobo de primeira.
Por favor, não leve a mal
Essa minha brincadeira.

O delegado Roberto
Ficou muito enfurecido,
Soltou ele um palavrão,
De tamanho desmedido.
Enquanto o João Grilo ria
No matagal escondido.

- 23 -

O delegado pegou
Zé sem dó nem compaixão,
Deu-lhe uma surra daquelas,
Depois jogou na prisão,
Dizendo — Ainda foi pouco,
Seu cretino, fanfarrão!

Passou ali muitos meses
Jogado na enxovia,
Com pena o advogado
Tirou-o de delegacia.
Ele nunca mais mentiu
A partir daquele dia.

João Grilo saiu dali,
Foi viver noutra cidade.
Já havia se vingado:
Não tinha a necessidade
De continuar ali
Sem nenhuma novidade.

Completando oitenta anos
João encontrou a Morte.
Ela disse: — Grilo velho,
Não vejo você mais forte.
Arrume a sua bagagem
Está pronto seu transporte.

Você enganou a muitos
Mas agora é o seu fim
"Tudo quanto é vivo morre"
O Chicó dizia assim.
Como o seu dia chegou,
Não queira enganar a mim.

- 24 -

O Grilo falou pra Morte:
— Já me cansal de viver.
Pretendo é ir descansar,
Contudo quero fazer
Uma festança daquelas
Antes meamo de morrer.

Vou comprar muita cerveja,
Chamar a rapaziada,
Se concordares, será
Para a festa convidada.
Pra vir beber e dançar
Até alta madrugada.

A Morte disse: — Faz tempo
Que não danço numa festa.
Sempre vou é a trabalho.
João disse: — Ai não presta!
Você tem que farrear,
Veja bem: a hora é esta.

Ela perguntou: — Pra quando
Quer fazer a despedida?
Posso pensar em seu caso.
O Grilo disse em seguida:
— Meu próximo aniversário,
Se prolongar minha vida.

Vou fazer a despedida
Com uma grande festança.
Quero beber, farrear,
Ao povo deixar lembrança.
Toda a noite nós teremos
Cerveja, comida e dança.

- 25 -

Quando amanhecer o dia,
Vamos para o novo mundo
Onde eu possa descansar
Sem bancar o vagabundo.
Deixando só a saudade
Desse meu saber profundo.

A Morte pensou na festa,
Foi na conversa de João.
Deixe que ela não sabia
Qual seria a arrumação.
Assim caiu como boba,
Pensando na diversão.

Mas meio desconfiada
Disse: — Tu és estradeiro!
Assine aqui o contrato
Para o mês de fevereiro.
Assim fica combinado
O seu dia derredeiro.

No próximo aniversário
Fechará nosso contrato.
O Grilo assinou dizendo:
— Lembra-se que trato é trato.
A morte falou a João:
— Só venho no dia exato.

O Grilo disse: — Obrigado!
E a Morte foi embora.
Em casa ela pensou:
"Não vejo chegar a hora
De dançar naquela festa
Até o romper da aurora."

- 26 -

O João estava acamado,
Naquele morre-não-morre.
O povo dizia: — Grilo,
Somente Deus o socorre.
No outro dia levantou
Como estivesse de porre.

Levantou cambaleando,
Botou a cara na porta.
Alguém ao vê-lo falou:
— Já era para estar morta
Essa velha criatura
Que nem o diabo suporta!

Na rua João disse ao povo:
— Não se pode festejar
A morte do velho Grilo
Antes de o dia chegar.
Eu vou viver muitos anos
Ninguém pode duvidar!

No ano seguinte, a Morte
Pensou no aniversário.
Foi olhar qual era o dia
Por se achar necessário,
Mas tomou um grande susto
Quando viu o calendário.

Disse: — Ô Grilo bandido!
Enganou-me o trapaceiro.
Vou esperar mais três anos
Por não ter visto primeiro.
Pois o dia é vinte e nove
Mas o mês é fevereiro!

- 27 -

Por ser o ano bissexto,
Nada ela pôde fazer,
E João, bastante tranquilo,
Vivendo com mais prazer.
"Esse mundo é dos espertos",
Costumava ele dizer.

João Grilo, muito feliz
Por ter adiado a morte,
Falou: — Eu vou viajar
E curtir de sul a norte,
Enquanto não chega a hora
De me maldizer da sorte.

Conheceu muitos países,
Ferreu como podia.
Fez na vida certas coisas
As quais já não mais fazia
Até a data marcada
Daquele tristonho dia.

No dia chegou a Morte,
Viu o forró animado.
Acabando todo ódio,
Exclamou: — Grilo safado!
Vou perdoar pela festa...
Disse ele: — Muito obrigado!

A morte, toda contente,
Caiu logo no do forró,
Bebendo cerveja, uísque,
Dançou que levantou pó.
Dizendo: — Aqui nessa festa
Eu não posso ficar só.

- 28 -

Paquerou, beijou na boca,
 Bem no meio da folia,
 João Grilo gritava: — Viva!
 E o povo respondia,
 A festa assim prosseguiu,
 Até o raiar do dia.

Às cinco da madrugada,
 A Morte pediu arrego,
 Já estava embriagada,
 À procura de sossego,
 Deitou-se pra descansar
 Em cima de um pelego.

Todo povo foi embora
 E a morte lá findou,
 Só com três dias depois
 Foi que ela despertou,
 Perguntando para o Grilo:
 — Camarada, onde eu estou?

Nesta hora, o João Grilo,
 Com sua cara de "santo",
 Disse: — Esteja à vontade,
 O sossegado eu garanto,
 Aqui é a minha casa, —
 A morte teve um espanto.

Perguntou: — Há quanto tempo
 Eu estou aqui dormindo?
 — Faz apenas uns três dias —
 Ele respondeu sorrindo.
 Ela retrucou: — João Grilo,
 Acabaste me iludindo.

- 29 -

Enquanto você dormia
 Enfermos acharam cura,
 Ninguém mais suicidou-se,
 Encararam a vida dura,
 Nem coveiro precisou
 De cavar mais sepultura.

Pois enquanto a Morte dorme,
 O povo fica tranquilo,
 A felicidade impera,
 Até mesmo no asilo.
 Porém a Morte acordando
 Tira o sossego do Grilo.

Mas como a nossa data
 Esse ficou no passado,
 Estamos no mês de março,
 Não é esse o combinado,
 Só no outro aniversário
 Eu seguirei do seu lado.

A Morte lhe disse: — João,
 Isso foi um desacato,
 Eu deveria até levá-lo,
 Mas vou respeitar o trato,
 Aguarde a minha volta,
 Assine o novo contrato.

João assinou novamente,
 A Morte saiu zangada,
 No vencimento da data
 De novo foi enganada.
 Ela então pensou consigo:
 "Isso já virou piada."

- 30 -

Rasgou o novo contrato,
Disse: — A partir de agora,
Não volto para buscá-lo,
Você vai dizer a hora,
Tenho muito que fazer. —
E zangada foi se embora.

Assim, passou vários anos
Sem se importar com a morte,
Pois viveu o quanto quis,
Sem se maldizer da sorte.
E quando achou que devia
Ele pegou seu transporte.

Assim acaba a história
Do nosso Grilo sabido,
O qual enganou a tantos,
Sem nunca ser iludido.
Enganou até a Morte,
Não se dando por vencido.

FIM

1.2.25 *Amigo Grilo*, de Doralice Alcoforado e Maria del Rosário Albán

85. AMIGO GRILO

O homem era pobre, pobrezinho mesmo. Chamava-se Amigo Grilo. Chamava... o povo chamava ele Amigo Grilo. Então o Rei, o Rei em outra... morava em outro reinado. Então, robaram o tesouro do Rei. Aí o Rei disse que soubesse que quem panhou aquele tesouro, quem descobriu e adivinhasse quem panhou aquele tesouro, que ele partia no meio o tesouro. Partia o tesouro no meio. O Amigo Grilo estava... quando soube disso, disse:

– Mulé, – ele tinha mulher – e eu que vou adivinhar ... quem foi!

Ela disse:

– Cê é maluco? Vai adivinhar o quê, que você não é adivinhão? Vai adivinhar que tu vai morrer!

Ele disse:

– Eu vou, que eu quero ter dinheiro. Trabalho tanto, não tenho nada. Eu vou! – ele disse. – Eu vou!

Ele aí se arrumou, se arrumou e disse:

– Eu vou!

Na hora que ele saiu, se arrumou e saiu, a mulher disse:

– Vai, que tu hé¹ de adivinhar, hé de ter uma merda!

Mas ela gritou assim, porque com ódio, porque sabia que ele não ia adivinhar... E ele querendo ir pra adivinhar. Ele foi, mas sem saber nada, que ele não adivinhava nada. Quando chegou lá, o que roubou foram três empregado do Rei que roubou o tesouro. Ainda estava completo. Aí ele chegou, se compareceu, que veio pra adivinhar. Ele disse:

– Veí, veí adivinhar?

– Vim.

– Então...

Disse:

– Não. O senhor me dá o prazo de três dia, que eu... tem três dia pra eu pensar premeiro, então pra eu...

¹ Hé - variante de há (v. *haver*).

Ele tava ali tremendo de medo, que ele não sabia nada. Mas ele não compreendia nada, não sabia... não sabia quem foi que roubou nada. Ele aí disse:

– Me dê um cantinho, o senhor me dá um cantinho reselvado² pra eu ficar...

O Rei disse:

– Não, eu só quero que o senhor...

Pronto. Ele aí ficou lá no cantinho. Ficou: “Meu Deus! Como é que eu vou adivinhar quem foi que roubou este tesouro?” Quando foro na hora perto do almoço, vei um daqueles que tinha roubado trazer o almoço dele. Quando chegou, botou o almoço, ele almoçou com aquela tristeza... porque ele tinha... só era três dia! Se ele não adivinhasse, ia morrer. Porque se ele não adivinhasse quem foi que... ele ia morrer com três dia. Aí ele chegou, que quando ele acabou de almoçar, o empregado foi panhar... o escravo foi panhar o prato dele. Aí:

– Pegue agora não. Deixe eu primeiro rezar, porque lá na minha casa, quando eu almoço, premeiro me entrego a Deus, eu oro pra Deus premeiro pra poder, então, o prato sair da mesa.

Ele... o empregado aí ficou, afastou. Ele ficou:

– Ô meu Deus, queria mostrar quem foi que panhou este... este tesouro?

Ficou naquele... naquela tristeza. Aí quando o rapaz disse:

– Já pode pegar já o prato?

Ele:

– Pode. Graças a Deus! Eu já vi um! Eu já vi um, graças a Deus! Ô meu Deus! Eu já vi um! – mas ele querendo dizer que já tinha visto³ um dia.
– Farta dois!

Quer dizer: fartava dois dia, mas o empregado – que horror! – pensou que fosse com ele que ele tivesse falando. Ele chegou lá e disse:

– Ih, nós tamo perdido! O rapaz, o Amigo Grilo, é... é adivinhão mesmo. Ele conversou tudo e disse, ele disse: “Aí meu Deus, já vi um, graças a Deus! Já vi um, farta dois!”

² *Reselvado* - variante de *reservado*.

³ *Tinha visto* - usado em lugar de *tinha passado*.

Ele disse:

– Foi mesmo?

– Foi. Seriadamente.

– Então, amanhã quem quer levar sou eu, que eu quero ver.

Quando foi no outro dia, o outro foi levar a comida. Fez a mesma coisa. Que quando foi na hora que ele foi pegar, cabou de armoçar, que foro pegar a comida, ele disse:

– Não. Deixe aí. Premeiro eu oro, chamo por Deus, entrego a Deus, oro premeiro pra poder o prato sair da mesa.

Quando ele tava lá, pedindo a Deus, que ele não sabia nada, pra que ele foi pra lá, pra morrer, que ele... e ele falando baixo, né? Como é que ele foi pra lá, pra morrer. Aí ele disse:

– Pode panhar. Panhe. Pode panhar,

Aí ele chegou, disse:

– É meu Deus! Ó Deus, – ele tava ali com um medo danado de morrer! – ó Deus, já vi dois!... Já vi dois... farta um! Ai Deus, farta um!

Aí o homem foi, morto de medo. Chegou lá e disse ao outro:

– É certeza mesmo. Ele conhece, ele é adivinhão. Ele disse: "Ó meu Deus!" Orou, orou, cabou e disse: "Ó meu Deus, já vi dois, falta um! Ó meu Deus, falta um!"

– É, e, e... é mesmo? Então amanhã quem vai sou eu. Eu não acredito que ele é adivinhão. Aquele homem é adivinhão nada!

Disse:

– Ele adivinha sim!

Quando o outro foi no outro dia – que era o derradeiro dia, que ele ia morrer nos três dia –, que quando ele levou a comida, ele já tava comendo sem graça, porque sabia que ia morrer, que ele não adivinhava nada. Aí que, quando ele fez:

– Ó Deus, já vi todos três. Já vi todos três. Ó meu Deus!

Ele aí chegou, ficou assustado, arriou o prato, disse... ajoelhou nos pés dele:

– Ó Amigo Grilo, não diga que foi nós três não. Não diga que foi nós três que roubou o tesouro não, Dextá que nós dá,

– Ói, eu não quero... eu só quero que vocês me traga o tesouro na minha mão. Me traga o tesouro em minha mão.

– Dextá.

Viero todos três escondido, trazer o tesouro na mão dele. Quando foi na hora, o Rei tava avexado, que era esperando. Quando o Amigo Grilo chegou, ele mandou chamar, ele levou o tesouro, disse:

– Ei, Amigo Grilo... e quem foi?

Ele disse:

– É... Eu não... quem não panhou foi eu, que nem aqui eu moro. Mas vou lhe dizer, o senhor não mate os home. O senhor não está com seu tesouro? Não mate os home!

Foi, descobriu. Que ele não ia ficar com a culpa nas costas, né? Que ele podia ser que ele ia dizer que fosse ele mesmo, né? Então ele chegou. Cadê ele querer dividir? Com pena de dar, de partir o tesouro no meio. Disse:

– Ô Amigo Grilo...

Ele disse:

– Vou-me embora hoje. Que minha mulé está me esperando.

Ele disse:

– Ô Amigo Grilo, demore mais, vamo! De tarde nós vai passear aí na... na floresta, aí no jardim, vamo dar uma passeada no jardim com o pessoá, música e tudo... vamo, vamo!

Disse:

– Eu vou me embora.

O Amigo Grilo queria o dinheiro dele, que ele ia se embora. Ele aí foi. Quando chegou... ele botou o Amigo Grilo na frente e foi atrás. Foi atrás: música, a banda de música e tudo. Quando chegou, ele, na flor... na folha, encontrou um grilo. Ele aí bafou o grilo e apertou na mão. Aí ele gritou:

– Amigo Grilo, tu és adivinhão mermo? Adivinha o que está na minha mão? Não olha pra trás!

Mandou que ele não olhasse pra trás.

Ele disse:

– Aí Grilo, Grilo, Grilo, em que mão tu está metido?

Quer dizer: ele com medo de não morrer – ele chamava Grilo – disse: “Aí Grilo, Grilo, Grilo, em que mão tu está metido?” Quer dizer que estava metido na mão pra morrer. Ele disse:

– É um grilo mesmo, Amigo Grilo.

Aí sortou o grilo. Aí, quando ele voltou, ele aí disse:

– Vou me embora, Rei, meu senhor!

Ele... que não queria partir o... não queria partir o tesouro, com pena, aí disse:

– Ah, deixe pra amanhã, que a gente dá uma passeada por aí ainda.

Disse:

– Ô Rei, meu senhor, assim demoro muito.

– Não, amanhã...

Quando foi no outro dia, ele chegou e disse:

– Vamo dar uma passeada – a pé, não sabe? Passeando a pé.

Botou o Amigo Grilo na frente, e ele atrás. Nisso passou uma porca assim... Ele pegou no rabo da porca, pegou no rabo da porca e sortou. Aí disse:

– Grilo, adivinha o que está na minha mão?

Ele disse:

– Ô Rei, meu senhor, aí é que a porca torce o rabo! Que ela rabicha, ou não era?

Ele, querendo dizer que aí é que ele ia... pensar que não ia adivinhar o que era. Ele aí disse: "Aí é que a porca torce o rabo! Se era rabicha ou não era?"

Ele disse:

– É um rabo de uma porca mesmo, Amigo Grilo. Tu és adivinhão mesmo!

Ele vortou pra casa. Quando foi no outro dia, ele disse:

– Vou me embora.

– Não. Vamo, o derradeiro dia é hoje, vamo dar uma passeada na rua hoje. Hoje só é o derradeiro dia que você vai receber seu dinheiro, seu dinheirama é hoje!

Ele aí foi. Botou a música atrás e o Grilo na frente. Passando no caminho, ele encontra uma bosta de boi seca. Ele pegou, apertou na mão. Disse:

– Amigo Grilo, tu és adivinhão mesmo, que eu sei que tu és adivinhão, adivinhe o que está em minha mão?

Ele disse:

– Ai, meu senhor, quando eu saí, que vim pra cá, minha mulé me

disse: "Sai, que tu hé de adivinhar, hé de ser merda!" – disse. Minha mulê
bem me disse quando eu vim, que era de adivinhar era de ser merda!

Ele disse:

– É uma merda mermo, Amigo Grilo!

E era uma merda de boi. Aí ele não teve mais jeito a fazer, teve que
partir o tesouro no mei e ele ficou rico, e ele vortou e deu certo as adivinhações
dele.

Raimunda Salete Santos, Saubara, 08.10.88.

Recolhido por: Doralice Fernandes Xavier Alcoforado / Edil Silva Costa / Maria de
Fátima Pelegrino Silva / Maria del Rosario Suárez Albán

AT 1641

EBR-48.12(XIII/B)